

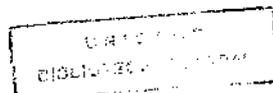
MARILZA DE OLIVEIRA

**RESPOSTAS ASSERTIVAS E SUA VARIAÇÃO NAS
LÍNGUAS ROMÂNICAS : o seu papel na aquisição**

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Mary Aizawa Kato

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP/1996**



UNIDADE:	BC
N.º CATEGORIA:	1000000
V.:	5. 41
TOMAS:	28077
PREC.:	667/96
C.:	D. X
PREÇO:	R\$ 11,00
S. N.º:	24107196
N.º C.F.O.	

CM-00090656-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

OL4r Oliveira, Marilza de
Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: o seu papel na aquisição / Marilza de Oliveira. -- Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Mary Aizawa Kato
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática gerativa. 2. Sociolinguística. 3. Aquisição da linguagem. 4.* Sujeito nulo. 5.* Frases assertivas. I. Kato, Mary Aizawa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mary Kato

Prof.^a Dr.^a Charlotte Galves

Prof.^a Dr.^a Claudia G. de Lemos

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Prof. Dr. Eduardo Paiva Raposo

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o reflexo dos cursos de sintaxe, histórica e aquisição da linguagem ministrados pela Prof.^a Mary Kato, tendo-se, justamente, originado com base em suas intuições a respeito do que poderia constituir o input lingüístico. O seu interesse e entusiasmo pela lingüística contaminou-me em todos os momentos da composição deste trabalho e os seus comentários foram de enorme valia para a interpretação dos fenômenos apurados.

A Charlotte Galves que contribuiu de forma decisiva, comentando o texto preliminar e permitindo que eu o melhorasse em vários pontos. Os cursos em gramática gerativa, de Pollock às barreiras e, posteriormente, ao minimalismo, foram essenciais para a minha formação no modelo teórico.

A Eugênia Duarte, que, por sua habilidade em lidar com os dados, pela perspicácia em encontrar exemplos para os vários fenômenos e pela sua prontidão, possibilitou-me levantar exemplos mais atinentes com a hipótese proposta.

A Cláudia Lemos e a Esther Scarpa por terem permitido o meu acesso ao banco de dados do projeto de aquisição da UNICAMP-IEL.

A Vicente Cerqueira, por ter me cedido uma cópia da transcrição de dados da criança Isadora, e por ter, junto com Antonio Máximo, participado entusiasticamente ao fim deste trabalho.

A Paola Benincà, da Università di Padova, a Monica Berretta, da Università di Bergamo, a Giuliano Bernini e Marina Chini, da Università di Pavia e a Donella Antelmi por terem me mostrado os caminhos para a obtenção dos dados de aquisição no italiano.

A Paola Cipriani e a A.Maria Chilosi do Istituto di Neuropsichiatria Infantile dell'Università di Pisa, pela gentileza com que me acolheram e por permitirem ter o acesso ao seu Grande Corpus de dados lingüísticos.

A Giuseppe Cappelli, do Istituto di Linguistica Computazionale do C.N.R. de Pisa, pelas informações, pela amostra de dados que me forneceu e pelo manual do sistema CHILDES.

A Virginia Volterra, Cristina Caselli e Elena Pizzuto, por terem permitido a consulta ao Corpus lingüístico do Istituto di Psicologia do C.N.R. de Roma.

AGRADEÇO AINDA:

Aos colegas de curso: Ruth Lopes, Emilio Pagoto e Sonia Cyrino, por terem me socorrido nos últimos momentos com o envio de textos.

A Cristina Figueiredo silva, Flaminia Ludovici, Ilza Ribeiro, Rosane Berlinck, M. Aparecida Torres Morais, M. Aparecida Rossi, Helena Britto, Nilmara e Evani pelo incentivo e freqüentes trocas de textos.

A Mariuccia Besesti e a Raffaella Petrilli que confirmaram as minhas intuições sobre o italiano. A Silvia Balzi, Mércia Justim e M. Cristina Martins pelos esclarecimentos e traduções de frases do espanhol, francês e latim.

A Marili Peres Junqueira, pela ajuda na transcrição das fitas do italiano e a todos os alunos da UNESP que responderam ao questionário-teste.

A Priscilla Marzullo, por ter me ajudado a montar o questionário-teste e a Patrícia Marzullo por ter acionado o CHILDES, junto à Politécnica da USP.

Ao Ailton Marzullo e Irene Marzullo pela arte-final, a Ligia Salgado e Iraci Kiyska por terem permitido que eu gravasse a fala de Armando e de Carolina.

A minha mãe, pelo incentivo constante.

À Carolina

Este trabalho foi parcialmente
financiado por uma bolsa
CNPq.

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO 1 - Questões Gerais

1.1	Introdução	1
1.2	O preenchimento do sujeito na língua italiana	10
1.3	A perda do sujeito nulo no PB	17
1.4	Concordância ilocucionária do ponto de vista funcional	
1.4.1	Os tipos de frases assertivas	20
1.4.2	O ato ilocucionário assertivo	22

CAPÍTULO 2 - Partículas assertivas nas línguas românicas

2.0	Introdução	26
2.1	Peculiaridades semânticas das partículas assertivas ou 'profrases'	26
2.2	Tipologia das profrases positivas	
2.2.1	Natureza e distribuição das profrases	29
2.2.2	As profrases afirmativas nas línguas românicas	35
2.2.3	As profrases afirmativas no PE	39
2.2.3.1	A confirmação de interrogativas com foco estreito	40
2.2.3.2	A confirmação de declarativas afirmativas precedentes	40
2.2.3.3	Assentimento a uma frase imperativa	41
2.2.3.4	Asseveração da interrogativa de foco largo	41
2.3	Respostas curtas X plenas	43
2.4	Elipse de VP e pronome demonstrativo nulo	50

CAPÍTULO 3 - Descrição do Fenômeno do Sujeito Nulo e Frases Assertivas no PB

3.0	Introdução	56
3.1	O sujeito pleno no italiano	
3.1.1	O sujeito deslocado	56
3.1.2	O italiano nas modalidades escrita e oral	
3.1.2.1	A composição do corpus e a descrição numérica dos dados	58
3.1.2.2	O sujeito pleno na modalidade oral	59
3.1.2.2.1	O sujeito pleno nas subordinadas	60
3.1.2.2.2	Estruturas subordinadas com sujeito pleno correferente	63
3.1.2.2.3	Sujeito pleno nas coordenadas	64
3.1.2.2.4	Sujeito pleno em contextos iniciais	64
3.1.2.3	O sujeito pleno na modalidade escrita	67
3.1.2.3.1	O sujeito pleno nas subordinadas	68
3.1.2.3.2	Estruturas subordinadas com sujeito pleno correferente	70
3.1.2.3.3	O sujeito pleno em contextos iniciais	71
3.1.2.4	O sujeito pleno nas imperativas	72
3.1.2.5	O sujeito pleno e os atos de fala	74

3.2 O sujeito nulo no PB: dois PBs?	76
3.2.1 O sujeito nulo e os advérbios	76
3.2.2 O sujeito nulo na frase declarativa	82
3.2.3 O sujeito nulo com interpretação contextual ou discursiva	83
3.3 Tipologia das frases assertivas no PB	
3.3.0 Introdução	86
3.3.1 Frases assertivas no PB do século XIX	86
3.3.1.1 Respostas a interrogativas de foco largo: 3ª pessoa	87
3.3.1.1.1 Respostas a interrogativas de foco largo: tratamento informal	88
3.3.1.1.2 Respostas a interrogativas de foco largo: tratamento formal	89
3.3.1.2 Assentimento a uma frase imperativa precedente	91
3.3.1.3 Respostas a interrogativas de foco estreito	92
3.3.1.4 Confirmação de uma frase declarativa	93
3.3.1.5 Considerações preliminares	99
3.3.2 Frases assertivas no PB da primeira metade do século XX	101
3.3.2.1 Assentimento a uma frase imperativa	102
3.3.2.2 Confirmação de uma frase declarativa	103
3.3.2.3 Respostas a interrogativas de foco estreito	106
3.3.2.4 Respostas a interrogativas de foco largo	107
3.3.2.4.1 O fator formalidade na resposta a interrogativas IP	108
3.3.3 Frases assertivas no PB da segunda metade do século XX	
3.3.3.1 Assentimento a uma frase imperativa	112
3.3.3.2 Confirmação de uma frase declarativa	113
3.3.3.3 Respostas a interrogativas de foco estreito	115
3.3.3.4 Respostas a interrogativas de foco largo	116
3.3.4 Considerações finais	118
3.3.5 Características do elemento assertivo <i>É</i>	122

CAPÍTULO 4 - Interpretação Teórica dos Fatos Descritos

4.1 Estudos sobre o sujeito nulo no PB	127
4.1.1 Concordância fraca: argumentos fonológicos e morfo-sintáticos	129
4.1.2 O contexto da proliferação dos pronomes	132
4.2 O valor-verdade na frase declarativa	132
4.3 Pronomes fracos e fortes: posição e função	141
4.4 Respostas curtas e sujeito pleno	145
4.5 Considerações finais	150

CAPÍTULO 5 - Respostas Curtas e Aquisição

5.1	Introdução	154
5.1.1	A teoria da aquisição: modelo de princípios e parâmetros	154
5.1.2	A experiência lingüística	158
5.1.3	A fala do adulto X a fala da criança	162
5.2	A questão dos elementos funcionais	164
5.3	Aquisição das respostas curtas afirmativas: PB	
5.3.1	Primeiros passos: Carolina	166
5.3.2	Respostas em três sujeitos	
5.3.2.1	A cópula <i>È</i>	171
5.3.2.2	As expressões de compromisso	172
5.3.2.3	Respostas a interrogativas IP	173
5.3.2.4	Frases declarativas	175
5.4	Aquisição das frases assertivas na língua italiana	179
5.4.1	A fala do adulto	179
5.4.2	A fala da criança	181
5.4.3	Considerações finais	182
5.4.3.1	Sujeito pleno na fala da criança italiana	184
6.0	Conclusão	187

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Gráfico 1.1	Ocorrência de sujeito nulo em PB através de sete períodos (%)	18
Quadro 2.1	Síntese das profrases nas línguas românicas	43
Tabela 3.1	Sujeito pleno (pronominal) X sujeito nulo nas modalidades escrita e oral	59
Gráfico 3.1	Sujeito pleno segundo o tipo de oração no italiano (%) Modalidade oral	60
Gráfico 3.2	Sujeito pleno segundo o tipo de oração no italiano (%) Modalidade escrita	68
Gráfico 3.3	Ocorrência de sujeitos plenos nas modalidades escrita e oral (%)	76
Quadro 3.1	Frases assertivas no século XIX	100
Quadro 3.2	Frases assertivas na primeira metade do século XX	111
Quadro 3.3	Frases assertivas na segunda metade do século XX	119
Quadro 3.4	Frases assertivas mais freqüentes através dos séculos	120
Quadro 3.5	Frases assertivas mais freqüentes no século XIX	121
Quadro 3.6	Frases assertivas mais freqüentes na primeira metade do Século XX	121
Quadro 3.7	Frases assertivas mais freqüentes na segunda metade do Século XX	121
Quadro 5.1	Respostas Curtas e Respones de crianças e adultos no PB e no italiano	183

CAPÍTULO 1

QUESTÕES GERAIS

"We are studying a real object, a human being, whose I-language happens to be integrated into performance systems that yield such actions as articulation, expression of beliefs and desires, referring, describing, and so on. For such reasons, our topic is the study of human language." (Chomsky, 1995:1)

1.1 Introdução

A presente pesquisa é dedicada ao estudo da aquisição do sujeito nulo/pleno e do desenvolvimento das respostas curtas e plenas em crianças expostas às línguas italiana e portuguesa (Português do Brasil/PB) como língua materna.

Tomarei como hipótese de trabalho a abordagem seletiva de aquisição da linguagem que é ancorada na suposição de que um indivíduo seleciona os estímulos relevantes para o desenvolvimento de suas capacidades lingüísticas a partir de uma informação codificada geneticamente, ou seja, de acordo com critérios que já estão internamente presentes no organismo. (Lightfoot, 1989)

O fundamento biológico de alguns princípios da teoria lingüística encontra respaldo no quadro teórico da teoria da Regência e Ligação (ou Teoria de Princípios e Parâmetros), que sustenta que todas as línguas compartilham o mesmo "núcleo" de princípios universais (Chomsky, 1981,1986).

Nesta teoria, a criança traria como bagagem genética princípios universais e um número de parâmetros (ou GU - gramática universal - constituída de valores abertos) que determinariam as possíveis variações entre as línguas, tendo em vista que estes constituem-se de uma série de propriedades que são definidas em seu valor (+ ou -) quando da exposição a uma determinada língua.

Dentre os parâmetros estudados, sobressai-se o parâmetro do sujeito nulo, nome emprestado de uma de suas propriedades: a de se omitir fonologicamente o sujeito sentencial. Por sujeito nulo¹ entende-se, portanto, a ausência do sujeito lexical, mas não estrutural como em:

- 1a Ela chegou às cinco da manhã.
- 1b ____ chegou às cinco da manhã.²

O parâmetro do sujeito nulo tem sido extensamente estudado também no âmbito da aquisição da linguagem a partir dos trabalhos de Hyams

¹ Embora não seja fonologicamente especificado, o sujeito tem uma referência definida que pode ser inferida do contexto.

² Para Rizzi 1988, cinco propriedades distinguem sistematicamente línguas de sujeito nulo como o italiano e o espanhol de línguas que não permitem o sujeito nulo como o francês e o inglês: a presença de um elemento fonologicamente nulo na posição de sujeito; o fato de o sujeito de uma sentença passiva permanecer na posição canônica do objeto; a inversão do sujeito; a extração do sujeito de uma oração subordinada e a realização nula do sujeito de um verbo atmosférico. As propriedades elencadas por Rizzi, no entanto, não formam um corpo homogêneo: a associação entre sujeito não-nulo e pronome expletivo, um pronome não-referencial, é descaracterizada tão logo se verifica que no alemão o sujeito temático é obrigatoriamente preenchido ao passo que o sujeito expletivo é obrigatoriamente vazio. (Jaeggli & Safir 1989)

(1986,1987,1988). Tomando por base Rizzi (1982), que descreve a língua italiana como sendo uma língua de sujeito nulo em contraposição à língua inglesa, Hyams (1986) sugere que a omissão do sujeito lexical é uma característica das línguas de sujeito nulo até mesmo nos primeiríssimos estágios de aquisição.

Com base na constatação de que a criança italiana produz sujeitos nulos nos primeiros estágios (assim como a criança de língua inglesa) e com base no fato de que a língua-alvo³ - a língua italiana - é de sujeito nulo, Hyams propõe que o valor assumido para a língua italiana constitui a marcação inicial do parâmetro. A criança de língua inglesa deveria remarcar o parâmetro a partir das evidências de que esta língua requer o preenchimento do sujeito.

Embora a autora tenha revisto, ao longo dos anos, a questão dos elementos desencadeadores da remarcação do parâmetro pela criança de língua inglesa e da própria remarcação do parâmetro (Hyams, 1993,1994), a hipótese de que a criança inicialmente marca o parâmetro como sendo de sujeito nulo permanece uma constante nos seus trabalhos.

Uma hipótese alternativa é fornecida por Radford (1988,1992), que não contempla a necessidade de considerar a marcação paramétrica do italiano como valor inicial para a sintaxe emergente. Radford sugere que algumas propriedades aparentemente desconectadas na linguagem da criança de até 22 meses de idade (como, por exemplo, a ausência de complementizadores, da presença de auxiliares, do elemento infinitival *to* e do verbo com marcação de tempo e concordância) são a manifestação de uma propriedade mais geral: a ausência das categorias funcionais.

A não realização fonológica do sujeito nos primeiros estágios de aquisição seria um corolário da inexistência da categoria funcional (*Inflection* (= tempo e concordância): não havendo *I*, não haveria a posição estrutural de sujeito (Spec de IP), por conseguinte, este deve ser considerado ausente e não omissos.⁴

A proposta de Radford implica que não se pode falar em marcação de parâmetro enquanto não houver uma posição estrutural de sujeito, ou melhor, enquanto as categorias funcionais não forem ativadas pela maturação da criança.

³ O termo *língua-alvo* está sendo usado como sinônimo de 'língua a que a criança está exposta'.

⁴ Quando lexicalmente presente, o sujeito pode ser considerado um tópico (Gruber, 1967) ou o sujeito de uma Small Clause (Radford, 1988,1990). O termo Small Clause, ou mini-orção, é empregado para designar estruturas que projetam um núcleo lexical. Apesar de não apresentarem a morfologia de tempo/aspecto ou a presença de auxiliares, estabelecem uma relação de predicação semântica entre o sujeito e o predicado:

Eu acho [o João inteligente]. (Stowell, 1981,1983)

Bottari et alii (1992) advogam a tese de que a aprendizagem sintática é desvinculada da aprendizagem lexical. As categorias funcionais emergem mais cedo do que se tem proposto e são acompanhadas pelas propriedades sintáticas e não meramente fonéticas. Isso quer dizer, por exemplo, que a posição do determinante é adquirida antes mesmo do aparecimento dos itens morfológicos específicos que realizam tal categoria:⁵

- | | | |
|---|----------------|-------------|
| 2 | [a] bimba | (a menina) |
| 3 | [e] bavagliolo | (o babador) |

Também o segmento vocálico ou proto-morfema pré-verbal mostra que a criança engendra o morfema de concordância verbal, estabelecendo uma concordância linear entre o segmento vocálico e o verbo:

- | | | |
|---|-------------------------|-----------------|
| 4 | [a] gira 21.19 | (vira) |
| 5 | [a] lava i piatto 31.20 | (lava os prato) |

Bottari et alii interpretam o elemento vocálico pré-verbal como sendo um clítico. Admitem, no entanto, que tal interpretação não dá conta dos casos em que o verbo é intransitivo:

- | | | |
|---|-------------------------------|---------------------|
| 6 | [e] piove 27.01 | (chove) |
| 7 | [e] viene qui Pinocchio 29.13 | (vem aqui Pinóquio) |
| 8 | [e] tonna Giulio 29.15 | (volta Júlio) |

A assunção de que a língua italiana do adulto é caracterizada por permitir realização fonológica nula do sujeito e a constatação de frases como (7/8) em que o sujeito acha-se já lexicalmente presente na frase compelem os autores a declinar a possibilidade de se atribuir ao proto-morfema a função de sujeito.

Os fatos acima descritos instigaram-me a examinar os dados de crianças de língua italiana. Verifiquei nos dados de uma criança de língua italiana colhidos por Ferrari (1992) o aparecimento maciço dos pronomes pessoais do caso reto⁶ em uma determinada fase e o seu posterior apagamento (de Oliveira, 1994). Tal notação é confirmada por Antelmi (1993) que também verificou a presença maciça de pronomes em seu sujeito cuja língua materna é o italiano.

A presença do segmento vocálico diante do verbo apontada por Bottari et alii como uma espécie de concordância⁷ e a evidência do aparecimento de

⁵ Vide Santos (1995) para a análise dos preenchedores na aquisição do PB.

⁶ Kato (1993) verifica também na fala da criança de língua portuguesa (PB) a presença dos pronomes pessoais, interpretando-a como um caso de “spell out” da concordância.

sujeitos pronominais em uma determinada fase com posterior apagamento nos dados de crianças de língua italiana (uma língua de sujeito nulo) levam-me a adotar a hipótese da competência gramatical plena⁸ da criança (Wexler, 1992; Hyams, 1993; Kato, 1995a).

Uma pergunta que surge a este respeito é: Por que nas línguas como o italiano a criança generaliza o preenchimento do sujeito para depois restringi-lo a determinados contextos?

Poderíamos responder a esta questão nos seguintes termos: a criança de língua italiana, com base na evidência positiva de que o italiano é uma língua de sujeito nulo, ativaria o princípio do *Avoid pronoun* (Chomsky, 1981), apagando-o sempre que possível; a criança de língua inglesa, ao receber evidência negativa indireta de que a sua língua não possui a propriedade do sujeito nulo, passaria a ter o princípio *Avoid pronoun* degenerado.⁹

O problema é que mesmo uma língua de sujeito nulo admite a pronominalização fonológica, i.e., o sujeito não é 100% lexicalmente vazio. A criança, portanto, está exposta a sentenças com sujeito pleno e com sujeito omissos. Como a criança italiana poderia, então, descobrir que a língua do adulto italiano é de sujeito possível, mas não obrigatório? A solução parece residir no contexto lingüístico.

Adotando a hipótese do grau-0 da aprendizagem lançada por Lightfoot (1989), Kato (1994) pressagia as respostas curtas como experiência provocadora para a fixação dos parâmetros. A autora constata que as respostas curtas a perguntas polares da criança são constituídas de um elemento focal extraído da fala do adulto: (C = criança; A = adulto)

- 9 M - Tirô *tudo*?
C - *Tudo*.
- 10 M - Cê quer por o microfone *embaixo* do gavador?
C - *Bassu*.
- 11 M - Cê quer fazer *sozinha*?
C - *Sozinha*.

⁷ Nos termos do Programa Minimalista, a concordância linear entre o proto-morfema e o nome ou o verbo poderia ser interpretada como uma relação de checagem de traços. Deixo a questão em aberto porque não pretendo proceder ao exame dos proto-morfemas neste trabalho.

⁸ Estou assumindo a terminologia 'competência gramatical plena' de Wexler (1992), no entanto, devo ressaltar que com este termo estou me referindo ao sistema computacional da faculdade da linguagem, i.e. à Língua-I, e não ao sistema morfo-sintático da Língua-E, ou seja, ao conjunto de enunciados definidos de modo extensional.

⁹ Em contextos muito restritos, o inglês também permite sujeito nulo. Ver Haegeman e seu estudo de sujeito nulo em diários.

- 12 M - Chega. Já *limpou*?
C - *Pô*.
- 13 M - *Vamos* ver se a gente acha a cabeça?
C - *Vão*. (R. 1;8.25)

Um estudo translingüístico acerca das respostas curtas elaborado por Kato & Tarallo (1992) mostra que, ao invés da partícula assertiva *sim*, o PB privilegia os seguintes elementos como concordância ilocutória:

a. o auxiliar

- 14 A - O João *está* correndo?
B - *Está*.

b. o verbo

- 15 A - O João *correu*?
B - *Correu*.

c. o advérbio aspectual-resultativo

- 16 A - Você *já* foi à Bahia?
B - *Já*.

d. o advérbio aspectual-freqüentativo:

- 17 A - Você *sempre* vê filmes de terror?
B - *Sempre*.¹⁰

e. o quantificador (Kato, 1994)

- 18 A - Você *comeu tudo*?
B - *Tudo*.

A recuperação do elemento focal contido na interrogativa não é prerrogativa da fala da criança. Ao contrário, pertence à gramática do adulto de língua portuguesa, língua a que a criança, de quem se tomou os dados acima, está exposta. Confirmando o estudo de Kato & Tarallo, a análise das respostas curtas no italiano mostra que a resposta se faz sempre com a partícula assertiva, qualquer que seja o elemento focal: um advérbio aspectual (19), um quantificador (20) ou um focalizador (21):

¹⁰ O advérbio sentencial não pode ocorrer na resposta curta. O assunto será tratado no capítulo 2.

- 19 _ Fra poco a colazione. (Daqui a pouco à refeição)
 _ A colazione? **Di già?** (À refeição? Já?)
 _ **Si.** (Dario Fo, 1991:23) (Sim.)
- 20 _ Hai inventato **tutto**? (Você inventou tudo?)
 _ **Si.** (Dario Fo, 1991:32) (Sim)
- 21 _ **Anche** i cugini? (Os primos também?)
 _ **Si.** (Dario Fo, 1991:163) (Sim)

A criança de língua italiana também responde apenas com a partícula assertiva: (C = criança; A = Adulto)

- 22 A - È pronta la bimba? (A menina está pronta?)
 C - *Si.* (M. 1;8) (Sim)
- 23 A - Me lo dai il caffè? (Me+o dá o café?)
 C - *Si.* (M. 1;8.17) (Sim)
- 24 A - Hai fatto fare un salto alla bambola? (Fizeste fazer (=dar)um pulo à boneca?)
 C - *Si, io!* (R 1;10.20) (Sim)
- 25 A - Questo è Paolo? (Este é Paulo?)
 C - *Si.* (R 1;11.25) (Sim)
- 26 A - Hai visto l'elefante? (Vistes o elefante?)
 C - *Si.* (D 1;11.07) (Sim)

A eleição de *si* como resposta afirmativa generalizada para as interrogativas polares na língua italiana poderia levar a conjecturar que a sua aquisição, excluídas as condições de felicidade, está atrelada ao fator frequência. De fato, a partícula *si* é utilizada como resposta a interrogativas, como confirmação de uma asserção anterior e como expressão de compromisso diante de um ato de solicitação.

No entanto, a diversidade dos tipos possíveis (14-18) de respostas curtas a interrogativas totais no PB¹¹ faz presumir que o fator frequência não parece constituir o ponto de partida para que uma dada construção seja 'apercebida' pela criança. Do ponto de vista da produção da criança, não vejo a possibilidade de se apelar para a dificuldade de processamento para dar conta das respostas proferidas pela criança. Este fator poderia explicar os exemplos 9/11/12 em que a resposta da criança se faz com a última palavra

¹¹ Duas outras construções parecem complicar a questão da aquisição da frase assertiva no PB: a confirmação de uma asserção anterior é efetuada com o emprego da cópula *È* e o compromisso com um ato ilocucionário de solicitação é efetuada com a estrutura Suj+Verbo. (Ver cap. 05)

contida na interrogativa anterior, mas não 10/13, uma vez que os elementos focais podem ocupar outras posições, tais como a posição inicial do constituinte frasal em (13) e a posição de núcleo do complemento circunstancial do verbo *pôr* em (10).

Acredito que a percepção e a conseqüente produção de uma dada estrutura pela criança seja 'guiada' no contexto dialógico, como sugerem os exemplos a seguir:

- 27 C - Tilô.
A - tirô *tudo*?
C - *tudo*.
A - *tudo*? (R. 1;8.00)
- 28 A - Vem, Luciano, você vai
C - i
A - *brincar*?
C - *cá*.
A - *é*? (L. 1;8.00)
- 29 C - Fefê.. ó manhê! (f) efê!
A - ah, *tomá café*?
C - *é*.
A - *é para tomá café, eu*?
C - *é*.
A - *É*? (L. 1;8.00)
- 30 C - *quetta +... mamma*
A - *eh*?
C - *mamma*
A - *sì, mamma* (M. 1;7.18)
- 31 A - Massimo andava a sciare?
C - *sì*.
A - *sì, come faceva*? (R 1;10.20)
- 32 A - What's that?
C - *letters*.
A - *letters, Yes*. (N.23;9, in Howe,C. 1981)
- 33 A - What's that?
C - *dumplings*.
A - *dumplings, Yes, Lovely*.
C - *duck*.
A - *duck, Yes*. (K. 20;21, in Howe, C. 1981)

A repetição da produção da criança (C) pelo adulto (A) em (24), a repetição precedida ou seguida de um elemento que expressa confirmação (27/29/30) ou o emprego só do elemento assertivo pelo adulto (25/26/28)

parece assegurar à criança de que a forma lingüística que ela produziu é correta, instaurando-se uma espécie de atividade metalingüística¹², o que reforça a hipótese do processo de especularidade tida como a incorporação recíproca de partes do diálogo pela criança e pelo adulto. (Lemos, 1981)

Ao propor que a construção dialógica entre criança-adulto é regulada pelo processo¹³ de especularidade, Lemos afirma:

... o processo de especularidade dá conta não só dos enunciados da criança mas também dos enunciados do adulto uma vez que ambos assumem os seus turnos no diálogo, um incorporando pelo menos uma parte do enunciado precedente do outro e criando, nesta incorporação recíproca, coesão e prosseguimento do próprio diálogo. (Lemos, 1981:66; minha tradução)

A experiência provocadora centrada na resposta curta (Kato, 1995b) vem de encontro à hipótese construtivista de que é das instanciações dialógicas que a criança extrai fragmentos do discurso do adulto para a organização de sua gramática.

A exploração do desenvolvimento das respostas curtas X plenas e da ausência X presença do sujeito lexical na gramática da criança que pretendo realizar será, portanto, centrada nas relações entre os enunciados do adulto e da criança. A hipótese que aqui se toma como ponto de partida é a de que os processos dialógicos entre adulto e criança, para além de ganharem “eficácia cognitiva e comunicativa” (Lemos 1986:244), instauram uma atividade de descoberta paramétrica, i.e., a criança se apóia em atos interativos para fixar a sua gramática-alvo.

A interpretação lingüística que a criança faz dos elementos de confirmação produzidos pelo adulto levaria a criança não só a atribuir-lhes o estatuto sintático de marcador de ato de concordância ilocucional, mas também o seu estatuto categorial, no nível de estrutura da língua-I, entendida como representação mental.

Descobrir o que constitui este conhecimento lingüístico e os caminhos que levam à sua aquisição é a questão central do programa de pesquisa da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986). Esta teoria assume que boa parte deste conhecimento - a Gramática Universal, i.e., o conjunto de princípios

¹² A afirmação com a partícula *sim* tem dois usos: descritivo e metalingüístico. É metalingüístico, uma vez que tem a função de confirmar a validade de uma asserção anterior.

¹³ Três são os processos identificados na construção do diálogo: a *especularidade*, a *complementariedade* e a *reciprocidade*. Lemos (1981) subjulga os processos da complementariedade e da reciprocidade ao processo da *especularidade*. Este é uma re-interpretação que Lemos (1981) faz da proposta de Scollon (1979) de que é a partir das *construções verticais* obtidas por meio da extração de fragmentos do diálogo adulto-criança que se dá a emergência das *construções sintáticas horizontais*. Remeto aos artigos de Lemos (1981,1986a, 1986b) para a caracterização de cada um dos processos.

invariantes - está arraigado na faculdade da linguagem. O estágio inicial do conhecimento lingüístico não é, portanto, vazio. Portanto, se se considera com Chomsky (1993) que a Língua-I é o sistema computacional da faculdade da linguagem, então a tarefa dos que decidem investir na aquisição da linguagem depende de uma “precise characterization of the system that is acquired” (Rizzi, 1988:1).

Nesta pesquisa tenciono, justamente, analisar e confrontar alguns dos fenômenos eleitos como atinentes à propriedade do sujeito nulo vs não-nulo. Não busco investigar exaustivamente todos os fenômenos que têm sido até o momento inventariados (ver nota 2). Detenho-me apenas naqueles que possam servir-me como um exercício para o escrutínio dos fatores que estariam correlacionados com o sujeito pleno no italiano e no PB. O exercício será tanto mais satisfatório se eu conseguir individuar alguns critérios operativos, que possam dar conta, de maneira menos precária, do fenômeno do sujeito nulo X pleno como input para as crianças expostas à gramática do italiano e do PB.

Esta tese será composta de 05 capítulos. O primeiro capítulo, de que esta introdução faz parte, consta ainda de 03 seções que visam traçar um esboço da questão do preenchimento do sujeito no italiano; da perda do sujeito nulo no PB e da concordância ilocucionária do ponto de vista funcional.

No segundo capítulo, faço uma descrição das respostas curtas X plenas das línguas românicas de sujeito nulo e da língua inglesa, exemplar de língua de sujeito não-nulo. A hipótese é a de que nas respostas curtas do inglês e do português estão inseridos elementos que determinam a característica da estrutura sentencial (Kato, 1995b): presença de sujeito, objeto nulo no PB, VP nulo, subida do auxiliar ou do verbo no português e subida só do auxiliar no inglês.

No capítulo 3, será retomada a questão da perda do sujeito nulo no PB atrelando-a à perda do movimento do verbo, e a questão do preenchimento do sujeito no italiano, com função de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo. Faço uma descrição diacrônica e sincrônica das respostas curtas X plenas no PB. Será mostrada uma mudança em curso no PB: a substituição do elemento profrástico *sim* pela cópula (*É*) nas frases assertivas que confirmam o valor verdade da asserção proposicional anterior. Basta verificar o elemento de confirmação usado pelo adulto no mini-diálogo (25-26) acima.

No capítulo 4, analiso as respostas curtas X plenas segundo a ótica das hipóteses de Laka (1990) e Martins (1994), que propõem a projeção de um núcleo Sigma, onde são alocados os elementos de confirmação e respostas curtas afirmativas e negativas.

Finalmente, no capítulo 5, serão interpretados os dados dos corpora de aquisição de língua italiana e portuguesa (PB), à luz da descrição e análise

das respostas curtas X plenas (Cap. 2, 3 e 4). Será mostrado que a aquisição das respostas curtas, que se dá pouco antes do sujeito lexical, é crucial para a fixação do tipo da gramática-alvo.

1.2 O preenchimento do sujeito na língua italiana

Salvi e Vanelli (1992), Calabrese (1986) afirmam que na língua italiana o sujeito é preenchido quando ele indica "um referente "inesperado", i.e., quando o referente do pronome for introduzido como elemento "novo" (do ponto de vista informacional).

Citam três fatores pragmáticos que condicionam o preenchimento do sujeito na fala do adulto de língua italiana:

A focalização (assinalada em *itálico*):

- | | | |
|----|-----------------------------------|----------------------|
| 34 | Ha viaggiato <i>anche lui</i> . | (Também ele viajou.) |
| 35 | Ha viaggiato <i>solo lui</i> . | (Só ele que viajou.) |
| 36 | Ha viaggiato <i>perfino lui</i> . | (Até ele viajou.) |

O contraste:

- | | | |
|----|---------------------------|-------------------|
| 37 | <i>Lui</i> ha viaggiato. | (Ele que viajou.) |
| 38 | Ha viaggiato <i>lui</i> . | (Ele que viajou.) |

A contraposição:

- 39 Lui ha viaggiato e lei è rimasta a lavorare.
(Ele viajou e ela ficou trabalhando.)

No que diz respeito aos fatores sintáticos, nota Calabrese que o pronome tônico em contextos onde o referente é esperado é obrigatoriamente correferencial com o argumento interno (*Carlo, Carla*, respectivamente em 40 e 41): (pro = sujeito pronominal nulo)

- | | |
|----|--|
| 40 | Quando Mario ha salutato Carlo _i , <i>lui</i> _i / *pro _i era ubriaco.
(Quando Mário cumprimentou Carlos, ele estava bêbado.) |
| 41 | Maria picchiò Carla _i e <i>lei</i> _i / *pro _i scappò via.
(Maria bateu em Carla e ela fugiu.) ¹⁴ |

mas não com o sujeito¹⁵:

¹⁴ De acordo com a proposta de Calabrese, não se pode usar pronomes plenos para fazer referência ao referente do sujeito da principal, pois este referente é esperado. No capítulo 03, veremos que é possível usar o pronome pleno como correferente com o sujeito da principal.

- 42 Quando Mario_i ha salutato Carlo, *lui_i / pro_i era ubriaco.
(Quando Mário cumprimentou Carlos, estava bêbado.)
- 43 Maria_i picchiò Carla e *lei_i / pro_i scappò via.
(Maria bateu em Carla e fugiu.)

O autor mostra que o sujeito posposto não pode estabelecer correferencialidade nem com pronome nulo nem com o pronome tônico:

- 44 *Quando è arrivato Carlo_i, pro_i / lui_i ha parlato.
(Quando chegou Carlos, pro/ele falou.)

ao passo que quando o sujeito é anteposto, este pode ser correferencial com o pronome nulo, mas não com o pronome tônico:

- 45 Appena Carlo_i è entrato, pro_i / *lui_i ha cominciato a urlare.
(Assim que o Carlos entrou, pro/ele começou a gritar.)

As frases acima mostram que o pronome pode ser nulo quando é correferencial com um sujeito, desde que este anteceda o verbo. Calabrese lança mão da noção de predicação para explicar esta restrição: o pronome nulo tem como antecedente o tema de uma predicação primária; o pronome tônico é correferencial com o sujeito de uma predicação secundária, ou mini-oração¹⁶:

- 46 Mentre il dottore visitava [Maria_i incinta], *pro_i / lei_i canticchiava.
(Enquanto o doutor consultava [Maria grávida], pro/ela cantava.)

Calabrese não explica a possibilidade de o *pronome tônico* ser correferencial ao tema da predicação primária, como em:

- 47 Mentre il dottore_i visitava Maria incinta, pro_i / lui_i canticchiava.
(Enquanto o doutor consultava Maria grávida, cantava / ele cantava.)

que é similar a (45).¹⁷ A diferença de traços de gênero entre o pronome tônico *lui* (= masculino) e o sujeito da predicação secundária, *Maria* (= feminino) em (47) permite que o *pronome tônico* encontre seu antecedente no tema da predicação primária.¹⁸

¹⁵ A relação de c-comando não explica a coindexação de *pro* com o sujeito nas frases 42/43. O NP não c-comanda o que está em PP, logo não cabe dentro do princípio B e C, que se baseiam na noção de c-comando.

¹⁶ Para o conceito de Small Clause, ou predicação secundária, ver nota 04.

¹⁷ No capítulo 03, veremos a possibilidade de estruturas subordinadas com sujeito correferente, ao contrário do que propõe Calabrese para a frase (42).

A correferencialidade obrigatória do pronome tônico com o argumento interno (não-tema), quando da identidade de traços *phi* (pessoa, número e caso), como em (40/41) parece estar correlacionada com o fato de este pronome ter a forma acusativa na língua italiana.¹⁹

No italiano contemporâneo, verifica-se a neutralização dos traços [caso, animado] dos pronomes tônicos acusativos *lui/lei*, que passam a substituir os pronomes tônicos nominativos *egli/ella* com traço [+ animado] e *esso/essa* com traço [- animado] (Berretta, 1993; Salvi & Vanelli, 1992). O pronome tônico nominativo *egli*, que está perdendo terreno para a forma tônica acusativa, não pode aparecer nos seguintes contextos:

Em resposta isolada a interrogativas WH-

- 48 A - Chi ti ha dato quel libro? (Quem te deu aquele livro?)
B - **Egli* / *Lui*. (Ele.)

Em coordenação com outros NPs

- 49 **Egli* e Maria sono partiti ieri.
Lui e Maria sono partiti ieri. (Ele e Maria partiram ontem.)

Em posição pós-verbal

- 50 *È stato *egli*.
È stato *lui*. (Foi ele.)

Com elementos focalizadores

- 51 *Proprio/Anche/Solo *egli* mi ha tradito.
Proprio/Anche/Solo *lui* mi ha tradito. (Justamente/também/só ele me traiu.)

A perda de oposição entre as formas nominativas e acusativas também atinge a segunda pessoa singular na variedade coloquial da camada social baixa da região Centro-Setentrional.²⁰

- 52 Al massimo telefoni *te*. (Berretta, 1993:223)
(No pior dos casos você telefona.)

e na variedade romana de pessoas cultas:

¹⁸ Embora o sujeito nulo seja aqui preferido, fatores pragmáticos (Ver capítulo 03) podem acionar o preenchimento do sujeito.

¹⁹ Embora tenha sido empregado como sujeito desde o século XV, os gramáticos têm rejeitado a função de sujeito para o pronome tônico acusativo. (Migliorini-Baldelli 1985).

²⁰ O emprego do pronome acusativo *me* como sujeito é marginal no italiano. (Berretta, 1993)

- 53 Questo lo usi solo *te*. (Duranti-Ochs, 1979:410, apud Berretta, 1993)
(Isto/Este só você que usa.)

A posição pós-verbal do sujeito e os elementos focalizadores favorecem o emprego do pronome tônico de forma acusativa. Ou seja, o pronome acusativo tônico emerge exatamente nos mesmos contextos em que os fatores pragmáticos (*focalização, contraste e contraposição*) exigem o preenchimento do sujeito.

Em termos de condicionadores sintáticos cumpre ressaltar que o preenchimento do sujeito, livre em correferência, é obrigatório em apenas um contexto: a 2ª pessoa do singular dos tempos presente e imperfeito do subjuntivo, em orações subordinadas substantivas:

- 54a È necessario che *tu* parta subito. (É necessário que você parta logo.)
54b Era necessario che *tu* partissi subito. (Era necessário que você partisse logo.)

Em um estudo sobre o emprego do sujeito pronominal em algumas variedades românicas, Renzi & Vanelli (1983) verificaram que o único pronome sempre presente em todas as variedades é o da 2ªsg. De um lado, os autores afirmam que o surgimento dos pronomes não se explica pela necessidade de desambiguar a flexão onde as desinências são idênticas; por outro, afirmam que isto não significa que não exista uma relação entre pronomes e morfemas flexionais no verbo.

No entanto, os autores afirmam, em nota de rodapé, que a obrigatoriedade do sujeito nas frases (54a/b) tem uma função específica: resolver a ambigüidade provocada pela identidade de desinências verbais em algumas pessoas do discurso.²¹ Na ausência do pronome, as frases seriam interpretadas como tendo um referente de 3ª pessoa do singular:

- 54c È necessário que *ele* parta logo.

Observamos porém que há outros contextos em que o verbo se acha no subjuntivo, como os elencados em (a/b) a seguir, em que se tem a possibilidade de sujeito nulo. Portanto, o sujeito pleno não estaria correlacionado com o paradigma 'fraco' da flexão do verbo no modo subjuntivo:

- a. para exprimir ordem ou desejo: (Salvi & Vanelli, 1992)

²¹ As desinências das formas singulares das três pessoas do discurso no presente do subjuntivo e das duas primeiras pessoas no imperfeito do subjuntivo são idênticas: Verbo cantare (= cantar)

Presente : (io) canti	Imperfeito : (io) cantassi
(tu) canti	(tu) cantassi
(lui) canti	(lui) cantasse

55 ___ vada via e non torni più! (Vá embora e não volte mais!)

b. nas subordinadas adverbiais condicionais:

56a Se ___ mi lavassi la macchina ti darei cinquemila lire.
(Se você lavasse o meu carro, eu te daria cinco mil liras.)

56b Se ___ mi avessi lavato la macchina, ti avrei dato cinquemila lire.
(Se você tivesse lavado o meu carro, eu teria te dado cinco mil liras.)

Nas frases (56a/b), o sujeito nulo é interpretado como sendo de 2ª pessoa singular. Esta interpretação parece ser decorrente do fato de que na matriz há um clítico de segunda pessoa singular, *ti*, que permite interpretar a desinência morfológica como sendo de 2ªsg e não de 1ªsg. (Ver nota 17)

A flexão morfológica do modo subjuntivo em (55) poderia ser associada às três pessoas do discurso (*eut/ule/ele*), no entanto, o ato ilocucionário ‘ordem’ ou ‘desejo’ leva à interpretação da marca morfológica do subjuntivo como modo imperativo. Como ato ilocucionário ‘ordem’ ou ‘desejo’, o verbo em (55) parece não poder ter suas marcas morfológicas associadas à 1ª e 3ª pessoa singular, mas à 2ªsg, que neste caso é uma pessoa formal: *lei* (= senhor). Em outras palavras, se existe um processo de ‘desambiguação’ das desinências verbais, este parece ser feito em (55) por meio do ato ilocucional. Veja a este propósito a frase exclamativa (57), em que se tem o subjuntivo:

57 ___ vedessi che lusso! (Se você visse o luxo!)

A desinência verbal do subjuntivo imperfeito em (57) poderia ser interpretada como sendo de 1ª ou de 2ªsg. No entanto, é o ato ilocucionário, que exprime um julgamento afetivo por meio da frase exclamativa, que leva a interpretar a flexão do verbo em (57) como sendo de 2ªsg.

Mais interessante ainda é o caso de (58) abaixo. Ao contrário de (56), não há nenhum elemento na matriz que possa auxiliar na interpretação referencial do verbo no subjuntivo da subordinada condicional:

58a Se ___ avessi lasciato la macchina nel box, nessuno l'avrebbe toccata.
(Se tivesse deixado o carro na garagem, ninguém teria mexido nele.)

58b Se ___ lasciassi la macchina nel box, non la toccherebbe nessuno.
(Se deixasse o carro na garagem, ninguém mexeria nele.)

Duas são as interpretações possíveis: Se *eu* tivesse deixado/deixasse; Se *você* tivesse deixado/deixasse. A interpretação das frases (58a/b) parece depender exclusivamente da pressuposição feita pelo locutor e/ou interlocutor. Em outras palavras, se locutor e interlocutor sabem individualizar qual deles deixou o

carro fora da garagem (58a) e qual deles pretende deixar o carro fora da garagem (58b) então são capazes de identificar a referência da marca morfológica do verbo no mais-que-imperfeito e no imperfeito do subjuntivo.

Voltando às frases (54a/b) que retomo para comodidade de leitura:

54a È necessario che **tu** parta subito. (É necessário que você parta logo.)

54b Era necessario che **tu** partissi subito. (Era necessário que você partisse logo.)

a obrigatoriedade do preenchimento do sujeito sugere que o fator pressuposição parece não dar conta da identificação referencial do sujeito: a pressuposição por parte do locutor e do interlocutor de que alguém deve partir, seja este o locutor, o interlocutor ou uma terceira pessoa, não parece ser condição suficiente para interpretar o sujeito nulo na língua italiana nas completivas.

Rohlf's (1969) assinala que nas línguas balcânicas (grego, albanês e búlgaro), no romeno²² e nos dialetos italianos meridionais as completivas são introduzidas por meio de uma dupla série de conjunções segundo o caráter do ato ilocucionário do verbo da matriz. Se o verbo da matriz exprimir vontade ou intenção, tem-se a conjunção *sã* no romeno e *chi* no dialeto siciliano e *chò* no dialeto napolitano:

59a Voiu **sã** vinã. (romeno) (Quero que ele venha.)

59b Vògghiu **chi** mmanciassi. (siciliano) (Quero que coma.)²³

59c Vògliò **chò** mmanga. (napolitano) (Quero que coma.)

Se a matriz for constituída de verbos declarativos, a conjunção integrante tem as formas: *cã* no romeno, *ca* no dialeto siciliano e napolitano:

60a Cred **cã** va veni. (romeno) (Acho que vai vir.)

60b Pensu **ca** vèni. (siciliano) (Acho que vem.)

60c Pènsò **cò** vèna. (napolitano) (Acho que vem.)

²² Das línguas românicas só o romeno manteve a distinção nas frases entre valor final e valor declarativo que se verificava no latim: (Rohlf's, 1969: 190)

volò *ut* venias (valor final)

scio *quod/quia* mortuus est (valor declarativo)

²³ O autor não traduz as frases dos dialetos italianos meridionais. Considerando que o autor trata os dialetos italianos meridionais aproximando-os das línguas balcânicas, é de se supor que o sujeito da encaixada tenha a 3ª pessoa do singular como na tradução feita para o romeno.

As considerações que Rohlfs tece sobre a associação entre conjunção integrante e conteúdo informativo do verbo da matriz levam-me a presumir que a presença obrigatória do sujeito lexical no caso das frases completivas esteja vinculada ao ato ilocucional de ordem indireta instaurado pelo verbo da matriz. Assim, o preenchimento do sujeito com o pronome de segunda pessoa estaria correlacionado com o conteúdo volitivo do verbo; ao passo que a interpretação de terceira pessoa atribuída ao sujeito nulo estaria vinculada ao conteúdo declarativo do verbo da matriz.

A diferença entre a frase imperativa com sujeito nulo (55) e as frases (54a/b)²⁴ em que se tem a obrigatoriedade do preenchimento do sujeito, se este for interpretável como sendo de 2^asg, parece residir no fato de que no primeiro caso tem-se um ato ilocucionário ‘ordem’ ou ‘desejo’, i.e., um proferimento que tem força de ‘ordem’ ou ‘desejo’, ao passo que no segundo caso tem-se um ato ilocucionário modalizado que levaria à reação do interlocutor.²⁵

As considerações que acabo de alinhar são, a meu ver, uma contra-evidência para a hipótese de que o preenchimento do sujeito deva ser correlacionado com a morfologia verbal, ou, pelo menos, que deva ser correlacionado exclusivamente ao paradigma flexional dos verbos. Fatores pragmáticos como pressuposição ou função do uso dos verbos parece terem um papel fundamental na identificação referencial do sujeito nulo e no preenchimento do sujeito lexical na língua italiana.

Em suma, com exceção do condicionamento sintático (40-46) em que o sujeito pronominal é exigido se correferente com o argumento interno, todos os contextos até aqui elencados apontam, no que diz respeito à obrigatoriedade do sujeito, para os fatores pragmáticos: *focalização, contraste e contraposição*.

Neste capítulo, tratamos dos casos em que se tem a obrigatoriedade do sujeito na língua italiana. No capítulo 02, apresento alguns casos em que o pronome é empregado com a função de dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo. Há de se salientar que nestes casos, o preenchimento do sujeito não é obrigatório na língua italiana.

²⁴ Há de se salientar, no entanto, que o Português manifesta o morfema de concordância, ao contrário do italiano, e o sujeito nulo é perfeitamente possível.

²⁵ Na esteira de Ross, Barbara (1975) afirma que as diferenças de significado acarretadas por variações nos fenômenos suprasegmentais que acompanham a emissão de uma frase imperativa estão correlacionadas com o valor dos diferentes verbos que se encontram na matriz (*eu ordenoleu peçoleu imploroleu sugiro*) e não a características das orações encaixadas substantivas. Conclui que a frase imperativa é o resultado da omissão da frase matriz. Ou seja, a frase imperativa é uma frase truncada: [Eu ordeno que você] vá embora.

1.3 A perda do sujeito nulo no PB

A análise que se reputa como convencional do fenômeno do sujeito nulo defende que a categoria vazia em posição de sujeito, *pro*, tem os traços [+ pronominal, - anafórico] e deve satisfazer duas exigências (Rizzi, 1986):

1. *pro* deve ser *legitimado formalmente* (= deve estar em relação com uma categoria de nível zero, X^0 , um membro da classe de legitimadores da língua em questão);
2. *pro* deve ser *identificado* no que concerne ao seu conteúdo (= deve receber sua referência a partir do conjunto de traços de X^0 com o qual está coindexado).

Para dar conta da legitimação de *pro* no PB, Figueiredo Silva (1994) retoma a tipologia da classe dos argumentos apurados por Chomsky (1981)²⁶ e sugere que o sujeito não-temático (seja ele não-argumental ou quasi-argumental) tem a propriedade de ser sistematicamente nulo no PB:

61 **Isso*/**ele* parece que o José passou por aqui.

62 _____ parece que o José passou por aqui

63 **Isso*/**Ele* choveu a noite inteira.

64 _____ choveu a noite inteira.

Se, por um lado, o sujeito não-argumental ou quasi-argumental, respectivamente exemplificados acima, são obrigatoriamente nulos no PB, por outro lado, o sujeito argumental parece demandar a presença de um pronome lexical para adquirir interpretação referencial. Como salienta Figueiredo Silva, o sujeito temático assume interpretação não-definida (arbitrária ou genérica) se tiver uma realização fonologicamente nula:

65 _____ não (se) usa mais chapéu. (NURC-SP, Vol.II)²⁷

Esta tese se contrapõe à posição de Searle, segundo o qual a frase imperativa não resulta do apagamento da primeira oração do tipo: [Eu digo que você] vá embora.

Assim, a frase [Eu afirmo]: está chovendo, mas não acredito nisso.

não pode ser bloqueada do ponto de vista sintático, mas pode ser bloqueada do ponto de vista pragmático. Portanto, ao invés de considerar um processo de apagamento, Searle prefere considerá-lo um processo de expansão, pois existe uma convenção de ordem pragmática que diz que eu afirmo aquilo que eu acredito.

²⁶ Chomsky (1981) divide os argumentos em argumentos verdadeiros, quasi-argumentos e não-argumentos. Os argumentos verdadeiros são definidos como argumentos que têm potencialmente um papel temático a receber; os quasi-argumentos são aqueles que não têm papel temático referencial; os não-argumentos referem-se aos sujeitos alçados.

²⁷ Figueiredo Silva faz notar que a interpretação definida de *Não usa mais chapéu* só é possível com a inserção de um tópico na mesma frase ou no discurso imediatamente precedente. Para mim, a interpretação de (65) é um problema de foco:

Não usa mais chapéu. (+arbitrário)

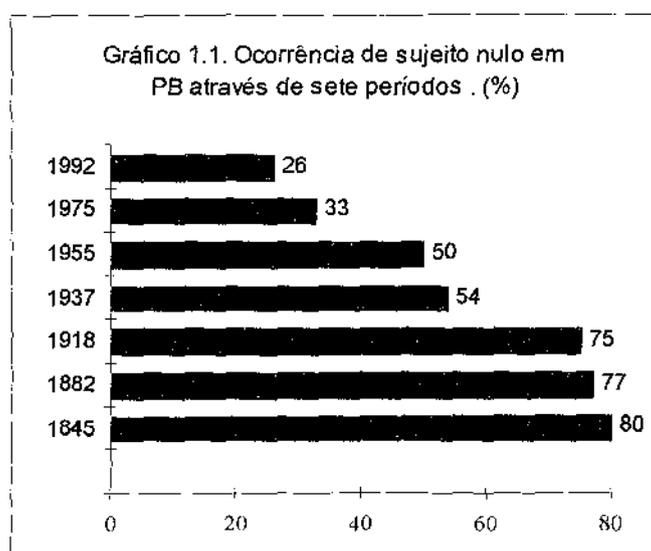
Não usa **mais chapéu**. (+referencial)

Assumindo Rizzi (1986), segundo o qual a identificação da categoria vazia depende exclusivamente do traço [+ pessoa] ²⁸ do conjunto de traços de concordância, Figueiredo Silva salienta que os traços “neutros” da 3ª pessoa singular parecem ser suficientes para a interpretação não-referencial e para o sujeito temático com interpretação não-definida.

Em contrapartida, o sujeito com interpretação referencial escapa à submissão do critério de identificação da categoria vazia sugerido por Rizzi. A degeneração do critério de identificação do sujeito nulo no PB baseado no conjunto de traços de concordância estaria, para Duarte (1995), atrelada à perda do princípio “Avoid pronoun”:

“A perda do Princípio “Evite Pronome” tem como causa última a redução do paradigma pronominal, com a conseqüente simplificação do paradigma flexional, a partir da perda, em quase todo o território nacional, da segunda pessoa “direta”, representada pelos pronomes *tu* e *vós*, e sua substituição pela segunda pessoa “indireta”, que usa as formas verbais de terceira pessoa, como causa principal da perda do sujeito nulo; o paulatino desaparecimento do pronome *nós*, substituído pela expressão *a gente*, que usa igualmente a forma verbal de terceira pessoa do singular, só veio contribuir para que a mudança se acelerasse.” (Duarte, 1995:32)

O gráfico a seguir, extraído de Duarte (1995:19), é bastante eloqüente no que diz respeito à progressiva perda do sujeito nulo no PB, hipótese lançada em outros estudos sobre o PB (Tarallo, 1986) e que estamos aqui adotando, diante das evidências que nos dá Duarte:



²⁸ Se *pro* tem apenas a especificação de número é um não-referencial.

A baixa porcentagem de sujeitos nulos (26%) no PB moderno atestada por Duarte (1995) sugere que no PB o preenchimento do sujeito não tem as mesmas motivações do italiano. No italiano, o fator que condiciona o preenchimento do sujeito é, no mais das vezes, de caráter pragmático. No PB, o preenchimento do sujeito é motivado por um condicionamento morfo-sintático, que, para Duarte, tem efeito na perda do princípio “Evite pronome”. (Ver análise alternativa no Cap.04).

Uma análise preliminar dos corpora de aquisição do PB por duas crianças brasileiras levou-me a constatar que, para além da presença dos sujeitos nulos categóricos (quando o sujeito é não-argumental ou quasi-argumental), há um agravamento adicional para a criança, no que diz respeito às evidências de que esta língua está em curso de mudança: a criança é exposta a, e também reproduz, estruturas com sujeito nulo categórico nas respostas curtas a interrogativas polares (estruturas excluídas da análise de Duarte (1995)):

(C = Criança; A = Adulto)

- 66 C₁ - *Agola eu vou dá banho.*
A - *Cê vai dar banho nela?*
C₂ - *Vou.* (R. 2;00.05)

O fato de o adulto e a criança sistematicamente responderem a uma pergunta polar com o emprego exclusivo do verbo levou-me a hipotetizar que o preenchimento do sujeito é derivado da necessidade de se distinguir entre a asserção contida na resposta curta a uma interrogativa polar, como se verifica na fala da criança (C₂), e a asserção de uma proposição que está sendo introduzida no discurso, como na fala da criança em (C₁), diferença também apontada por Kato (1993,1995b).

Do ponto de vista da aquisição, a criança brasileira teria que aprender que o emprego exclusivo do verbo (i.e., a construção com sujeito nulo)²⁹ tem uma função determinada: exprimir anuência com uma interrogativa anterior. Nos demais contextos, haveria a necessidade de preencher lexicalmente a posição de sujeito.

Não me detenho aqui na exposição dos fatos sintáticos relacionados à distinção entre os dois tipos de asserção (uma declarativa e uma resposta curta), pois lhes serão dedicados dois capítulos (o de número 03 e o de número 05).

Na próxima seção, faço a distinção dos dois tipos de asserção acima do ponto de vista funcional. No capítulo 04, o assunto será retomado do ponto de

²⁹ Não entrarei na questão do objeto nulo neste trabalho.

vista da gramática gerativa, após uma descrição diacrônica das respostas curtas no PB, a ser realizada no capítulo 03.

1.4 Concordância ilocucionária do ponto de vista funcional

1.4.1 Os tipos de frases assertivas

A não realização fonológica do sujeito nas respostas curtas de tipo verbal e a obrigatoriedade do seu preenchimento nas respostas plenas do PB induzem a fazer, em primeiro lugar, uma distinção do ponto de vista funcional entre:

1. a confirmação do conteúdo de uma frase **declarativa** anterior;
2. a confirmação do conteúdo de uma frase **interrogativa** anterior;
3. a expressão de compromisso com o conteúdo do ato ilocucionário '**ordem**' anterior;
4. a asseveração em uma frase **declarativa** que está sendo introduzida no discurso.

Ao discutir a diferença entre 'orações asseverativas' e 'orações não-asseverativas' do ponto de vista sintático (presença de tempo nas primeiras, mas não nas últimas), Barbara (1975) define as frases interrogativas e as frases declarativas como sendo asseverativas, uma vez que a elas pode-se atribuir o valor verdadeiro ou falso, distinguindo-as das frases imperativas que são classificadas como não-asseverativas: não podem ser determinadas como verdadeiras ou falsas.³⁰

Por outro lado, as frases interrogativas e imperativas diferenciam-se das frases declarativas, no que diz respeito à distinção semântica 'asserção'. As primeiras são não-assertivas, ao invés, as frases declarativas são assertivas.³¹ Chega-se, assim, ao seguinte quadro sintético das frases imperativas, interrogativas e declarativas:

³⁰ Barbara atribui o traço semântico 'asseveração' às interrogativas e declarativas, pois as mesmas contêm tempo; as imperativas são consideradas 'não-asseverativas' uma vez que não são constituídas por tempo.

³¹ A classificação não-assertiva das frases interrogativas é justificada enquanto se tem o questionamento da verdade de uma asserção. O que se tem "é a vontade do falante em determinar se a asserção contida na interrogação é verdadeira ou falsa, ou então, a vontade do falante em determinar se o ouvinte sabe se a asserção é verdadeira ou falsa". Conclui que uma interrogativa polar "não é uma asserção, apesar de conter uma asserção cujo valor de verdade o falante deseja determinar ou ver determinado. O elemento que lhe tira o caráter asseverativo é a interrogação". (Barbara, 1975:64)

Neste trabalho, assumo as distinções feitas pela autora. Não tenho interesse em contestar qualquer noção pragmática. Sirvo-me apenas das noções pragmáticas para rotular e diferenciar as frases que estou analisando. Utilizarei apenas o termo frase, mesmo quando estiver lidando com aspectos puramente sintáticos.

frases imperativas	frases interrogativas	frases declarativas
[- <i>asserção</i>]	[- <i>asserção</i>]	[+ <i>asserção</i>]
[- <i>asseveração</i>]	[+ <i>asseveração</i>]	[+ <i>asseveração</i>]

A necessidade de distinguir entre respostas e ‘response’ aos proferimentos dos três tipos de frases acima, leva-me a adotar os seguintes termos:

1. **assentimento**, que passo a empregar toda vez em que se tem um ‘response’³² de compromisso em relação ao proferimento de frases imperativas como:³³

67 _ Abre a janela!
 _ Depois.

68 _ (Cê) abre a janela?³⁴
 _ Tá.

2. **confirmação**, empregado toda vez que houver um proferimento de anuência com a validade de uma frase declarativa anterior do tipo:

69 _ É um martírio trafegar pelas ruas na época do Natal.
 _ É mesmo.

3. **frase assertiva reativa**, termo empregado para a resposta afirmativa a uma interrogativa anterior, do tipo:

70 _ Você encontrou o disco que queria?
 _ Encontrei.

4. **asserção proposicional**, termo usado toda vez que uma frase declarativa for introduzida no discurso,³⁵ i.e., quando não constituir um ‘response’ ou uma ‘resposta’ a um proferimento anterior. É a própria frase (69) acima.

Na seção seguinte, trato do ato ilocucionário que caracteriza as confirmações e as frases assertivas reativas, do emprego da cópula *É* no PB como expressão de confirmação e do seu avanço como frase assertiva reativa.

³² ‘Response’ é a reação que o interlocutor tem em relação a uma frase imperativa e a uma frase declarativa.

³³ Uma vez que a frase imperativa é não-assertiva e não-asseverativa, o ‘response’ não pode ser assertivo ou asseverativo, daí o emprego do termo ‘assentimento’ para indicar anuência com o conteúdo da frase imperativa.

³⁴ O *response* é uma resposta, mas também uma reação ao pedido.

³⁵ O termo também será empregado genericamente, i.e., quando referir à asserção contida em interrogativas e declarativas, sem distinguir uma frase da outra.

1.4.2 O ato ilocucionário assertivo

Além da distinção das frases que podem constituir uma ‘resposta’ curta, é necessário distinguir a proposição de sua asserção, dado que assertar é um ato ilocucional e a “proposição é o que é assertado no ato de asserção, o que é afirmado no ato de afirmação. Ou, dizendo de outra forma, uma asserção é um compromisso (de um tipo bastante especial) com a verdade da proposição”. (Searle, 1981:42)

Os atos ilocucionais são expressos pelo marcador de força ilocucional (ordem de palavras, acento tônico, entoação, pontuação, modo do verbo e verbos performativos) responsável pelo modo com que uma proposição é considerada no momento em que é proferida.³⁶ Da mesma maneira que é possível distinguir entre proposição e asserção, Searle afirma que existem dois tipos de negação: a negação proposicional e a negação ilocucional.

Rajagopalan (1982) contesta a distinção entre as expressões negação proposicional e negação ilocucional. Para ele, a negação ilocucional não existe:

“...there is no illocutionary negation in the sense of negating the illocutionary force of an utterance: a negative force is not obtained by negating a positive force - in the same way as a negative proposition is obtained by negating a positive proposition, which in turn may be recovered intact by a further repetition of the very same operation of negation.” (Rajagopalan, 1982:12)

Advoga que o ato ilocucionário é caracterizado por um conjunto de forças positivas e negativas e não da negação da força positiva. Assim, da mesma maneira que as forças positivas caracterizam os atos de *asseverar*, *ordenar* e *aprovar*, a classe de forças negativas caracteriza o ato ilocucionário como *denegação*, *proibição*, *repressão*. Isto significa que o elemento negativo pode ser *inerente* à força do enunciado (dada a existência de forças positivas e negativas) ou pode estar presente no nível do conteúdo da proposição.

Ao se proferir a frase

71 *I didn't see him yesterday*

no ato de asserção de uma proposição, o marcador negativo será analisado no nível do conteúdo da proposição, i.e, dentro do escopo da semântica, mas se a

³⁶ Embora Searle mencione a existência de marcadores proposicionais, não oferece nenhum exemplo ou explicação do que estes poderiam ser.

frase for proferida no ato de denegação, o elemento negativo estará no domínio da pragmática, i.e., inteiramente fora do escopo das condições semânticas de verdade. As proposições podem ser consideradas verdadeiras ou falsas, ao passo que os atos são considerados felizes ou não, segundo a satisfação ou não das condições de felicidade.

O ato de *denegar* é realizado em um enunciado-resposta, i.e., não pode ocorrer *in vacuo*: a denegação só pode ocorrer se a proposição a ser denegada tiver sido asseverada no contexto imediatamente anterior ao ato de denegação. Obtém-se que o ato de denegar, definido como a contestação da verdade ou validade de uma asserção proposicional anterior, é uma atividade metalingüística (Ducrot, 1977).

A análise pragmática do ato de denegar mostra, segundo Rajagopalan, que a proposição expressa no ato de denegação não precisa ser negativa. Assim, uma asserção proposicional positiva pode ser negada com uma expressão negativa e uma asserção proposicional negativa pode ser negada com uma expressão positiva:

- 72 A - You didn't do the work all by yourself.
B - **Yes, I did.**

A resposta B é um ato de denegação, embora não haja marcador sintático explícito de denegação.

Considerando que a condição necessária para um ato de denegação reside na antonímia à asserção proposicional imediatamente anterior, o autor identifica nas respostas B, a seguir, uma estrutura de denegação:

- 73 A - John isn't happy.
B - **No | He is.**

- 74 A - John isn't happy.
B - **Yes, he is.**

O autor salienta que embora *Yes* seja uma palavra afirmativa, tem, na resposta (74b) acima, a função de denegar a asseveração de A. A possibilidade de se ter o emprego da palavra negativa *No* para expressar anuência com o valor verdade de uma asserção proposicional negativa em

- 75 A - John isn't happy.
B - **No, he isn't.**

(dado que o conteúdo proposicional do enunciado de B não contrasta com o conteúdo asseverativo de A) induz o autor a concluir que as palavras *Yes* e *No* de (74/75) não constituem atos ilocucionários separados.

Ao contrário do que acontece com a partícula *Yes* da língua inglesa (74) e *Sì* da língua italiana (76), no PB, a partícula asseverativa *É* (como em 77) não pode ter a função de denegar:

- 76 A - Giovanni non è felice.
B - **Sì che è felice.**
- 77 A - O João não é feliz.
B - **É. Ele não é.** (= confirmação)
C - ***É. Ele é.** (= denegação)
D - **Ele é (feliz sim).** (= denegação)

A cópula *É* como marcador de polaridade positiva expressa apenas anuência com o conteúdo asseverativo de uma frase negativa ou positiva:

- 78 A - O João está feliz.
B - **É. Ele está feliz.**
- 79 A - O João não está feliz.
B - **É. Ele não está feliz.**

Se considerarmos que a condição necessária para o estabelecimento da denegação está no contraste com o valor verdade da asserção proposicional anteposta, podemos inferir que a cópula *É* no PB não é usada como denegação. Em outras palavras, o 'response' *É* no PB tem a função única de **confirmar** a verdade ou validade de uma frase anterior.

Tomando a hipótese de Rajagopalan pelo seu reverso, a função única de manifestar anuência com o conteúdo asseverativo de uma frase negativa ou positiva anterior leva-me a conferir à cópula *É* no PB o estatuto de um ato ilocucionário único: o de confirmação.³⁷

Vale lembrar que a asseveração é um ato ilocucional que pode estar presente seja na confirmação de uma frase positiva ou negativa anteposta, seja na asserção proposicional que está sendo introduzida no discurso, i.e., um 'ato de afirmação proposicional'.

Algumas línguas distinguem formalmente os dois tipos de asseveração. No inglês, por exemplo, tem-se a introdução do elemento enfático - do-support - na 'afirmação reativa' (80a) mas não na 'afirmação proposicional', que está sendo introduzida no discurso (80b):

³⁷ Ao passo que, na re-organização das frases assertivas, o pronome pessoal do caso reto nominativo teria passado a assumir a função de denegação:

A - O João não está feliz.
B - *Ele* está.

Teríamos, portanto, o emprego da cópula para a confirmação e o emprego do pronome nominativo para a denegação.

- 80a I **did** see him yesterday.
80b I saw him yesterday.

e no PB:

- 81a Eu vi (ontem) **sim**.
81b Eu vi (ontem).

No caso da 'afirmação reativa' contida nas respostas curtas às interrogativas polares, verifica-se apenas a presença do auxiliar:

- 82 A - Have you seen him?
B - Yes, I have.

ao passo que na 'afirmação proposicional' contida nas respostas plenas reaparecem o verbo principal e o complemento:

- 83 A - Have you seen him?
B - Yes, I saw him yesterday. / I have seen him every single day.

Com base nas diferenças formais dos dois atos asseverativos verificadas na língua inglesa, avento a hipótese de que o preenchimento do sujeito no PB tenha, em um primeiro plano, a função de diferenciar a estrutura da afirmação proposicional (84b') da estrutura da frase afirmativa reativa (84b) em que se tem apenas o emprego do verbo:

- 84 A - Você viu o Roberto?
B - Vi.
B' - Eu vi (ele) ontem. / Eu vejo (ele) todo santo dia.

Por outro lado, no PB verificou-se a especialização da cópula *É* como um ato ilocucionário asseverativo (78-79) e está em curso o seu emprego para 'cobrir' as respostas de tipo verbal a interrogativas polares (ver cap. 03). A análise destas mudanças permitirá avaliar o preenchimento do sujeito no PB do ponto de vista formal.

Para finalizar, podemos dizer que o fato de as línguas românicas ocidentais não manifestarem, à primeira vista e inter-linguisticamente falando, nenhuma diferença categorial no que diz respeito às **respostas negativas curtas** não facilita ao lingüista estabelecer relações entre resposta curta e estrutura sentencial. Por outro lado, as diversas realizações da **resposta afirmativa** (Ver Cap 02) levam a crer que estas sejam reveladoras e estejam alicerçadas na estrutura sentencial de cada língua. Por este exato motivo, este trabalho detém-se nas respostas curtas vs plenas *afirmativas*.

CAPÍTULO 2

PARTÍCULAS ASSERTIVAS NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

del bel paese là dove 'l s'è suona. (Dante)
(do belo país lá onde o sim soa) (in Zingarelli, 1985:1799)

2.0 Introdução

Neste capítulo, faço um passeio pelas partículas assertivas das línguas românicas modernas, com o fim de determinar as suas características semânticas, a sua natureza e a sua distribuição, dado a escasso espaço que a literatura tem atribuído a estas partículas.

A descrição das respostas curtas no latim vulgar aponta para o caráter conservador das respostas curtas de tipo verbal no português. A presença do pronome demonstrativo neutro *hoc* nas respostas do latim e do francês antigo leva-me a conjecturar que este pronome está na base da construção elíptica de VP e, conseqüentemente, nas respostas curtas de tipo verbal (Martins, 1994).

O pronome demonstrativo neutro que ocupa a posição de início de frase denota um evento específico proeminente no discurso, ou seja, na interrogativa polar precedente. Inspirando-me em Rothstein (1995), analiso o pronome demonstrativo neutro das respostas curtas como sendo correspondente ao pronome referencial *it* em estruturas como: *They confirm it that...*, que estariam na base das construções de elipse de VP, razão pela qual o inglês apresenta respostas curtas como no português (Kato & Tarallo, 1992).

2.1 Peculiaridades semânticas das partículas assertivas ou ‘profrases’

Nas línguas naturais, as perguntas polares são normalmente respondidas por meio de ‘profrases’, ou seja, por meio de partículas assertivas¹ do tipo *sim*, ou negativas do tipo *não*, usadas no lugar de frases inteiras:

Uma profrase repete o conteúdo de um enunciado presente no contexto imediatamente precedente (uma pergunta, por exemplo) em sentido afirmativo (*sim*) ou negativo (*não*), com eventuais ajustes nos indicadores dêiticos, devidos à alternância dos falantes na conversação. (minha tradução de Salvi & Vanelli 1992:192)

¹ Uso os termos ‘partículas assertivas’ e ‘profrases’ indiferentemente. Mais à frente, quando trato do francês e do português, opto pelo termo ‘partículas assertivas’ devido ao uso mais restrito das mesmas nestas línguas.

A profrase positiva apresenta, na língua italiana, duas características semânticas básicas: pode ser usada com a *função fática* ou *anafórica* (Turco 1979). A profrase *fática* não tem nem a função de exprimir assentimento a um ato ilocutivo de ‘comando’, nem de confirmar o valor verdade contido na afirmação ou pergunta do interlocutor. Tem apenas o efeito pragmático de facilitar o andamento do discurso sem interrompê-lo.²

- 1 A - Dovresti farmi un piacere... (Você tem que me fazer um favor...)
B - Sì. (=estou ouvindo).³

De acordo com a autora, com o uso *anafórico* da profrase pode-se estabelecer a oposição entre o assentimento com um ato ilocutivo (comando, solicitação, sugestão) e a asseveração. A expressão de *assentimento* (2/3) pode indicar uma simples intenção de fazer o que foi solicitado:

- 2 A - Mi batteresti questi appunti? (Você bate estas anotações pra mim?)
B - Sì. (= eu me comprometo a...)

ou, se o objeto da solicitação for um verbo performativo, pode-se ter um ato performativo:

- 3 A - Mi prometti di farlo per giovedì? (Você promete que faz prá quinta?)
B - Sì. (= prometo)

A asseveração pode recair sobre uma asserção proposicional anterior (4) ou sobre uma pergunta do interlocutor (5):

- 4 A - Penso anche che possa interessarti... (Acho que pode te interessar...)
B - Sì. (= é verdade)
- 5 A - Non è di storia che ti occupi? (Não é com história que você trabalha?)
B - Sì. (= é verdade)

No primeiro caso, tem-se um ‘response’ de confirmação; no segundo, uma frase assertiva reativa. (Ver cap.01)

É ainda digno de nota, para os nossos propósitos, o uso da profrase nos contextos seguintes:

a. para exprimir desapontamento:

- 6 E sì che l’avevamo avvisata. (Zingarelli, 1985:1799)
(E *sim* (= *Bem*) que nós a tínhamos avisado.)

² Segundo Kato & Tarallo (1992), *sim* anteposto ao verbo em PB tem apenas valor discursivo.

³ Em português, pode-se usar *Sim* para ‘autorizar’ o interlocutor a dar continuidade ao seu discurso.

b. com valor enfático:

- 7 Questa **si** è giustizia. (Zingarelli, 1985:1799) (Esta *sim* é justiça.)⁴
- 8a Sono contenta che A. ti abbia fatto una buona impressione; è **si** carina e sempre disponibile. (carta)
(Estou (=fico) contente que A. te tenha causado uma boa impressão; é *sim* gentil (= é gentil *sim*) e sempre disponível.)
- 8b All'inizio motivi comuni a B e a R sono **si** costanti, ma non essenziali, essi provengono dallo sfondo e dai margini della tematica...(M.Corti, *Principi della Comunicazione letteraria* 1990:167)
(No início, os motivos comuns a B e a R são [**sim**] constantes, mas não essenciais, eles provêm do fundo e das margens da temática...)⁵

c. como denegação de uma asserção proposicional negativa anterior:

- 9 A - O Edir não roubou ninguém.
B - Roubou **sim**. (português)
B - **Si che** ha rubato. / Ha RUBATO, **si**. (italiano)
B - **Si que** ha robado. (espanhol)
B - Mais **si**, il a volê. (francês)

Na seção seguinte, apresento a tipologia das profrases nas línguas românicas. Detenho-me na descrição da função anafórica da profrase positiva.

⁴ Note-se que o significado da frase italiana

Questa *si* è giustizia.

parece ser: Justiça é *sim* esta [que vocês estão vendo].

com a focalização de *giustizia*: tem-se uma interpretação contrastiva. Ao passo que no PB, a frase

Isto *sim* que é justiça.

parece ter o valor de: Isto [que vocês estão vendo] (é que) é justiça.

com focalização de *isto*, podendo ser contrastivo e traduzir a frase (7) e não-contrastivo e traduzir a frase:

Questa è *si* giustizia.

⁵ Note-se que a tradução da frase (8a) no PB incorpora o elemento afirmativo *sim*, pois é uma confirmação de uma asserção anterior: é gentil *sim*. Em (8b), a tradução não incorpora a partícula *sim*, pois aqui esta não tem valor de denegação ou de confirmação na frase. A autora, uma filóloga italiana, criou um contexto de ambigüidade semântica em torno deste elemento, que pode ser: a. um advérbio de modo (= assim), b. um advérbio de intensidade (= tão) e um advérbio de afirmação (= sim). A tradução em PB que mais se aproxima da frase italiana é a que recorre à reduplicação do sujeito:

No início, *os motivos comuns a B e a R eles são constantes*, mas não essenciais, eles provêm do fundo e das margens da temática...

2.2. Tipologia das profrases positivas

2.2.1. Natureza e distribuição das profrases

O fato de a profrase negativa ser, em muitas línguas, formalmente distinta do elemento negativo que antecede o verbo parece ter aguçado o interesse dos estudiosos pelas expressões negativas, em detrimento das expressões positivas, que pouca ou nenhuma atenção têm recebido por parte dos gramáticos históricos e dos lingüistas.

O escasso interesse pelas profrases positivas é ulteriormente agravado pelo fato de que, nas línguas românicas ocidentais e no inglês, não se tem um marcador explícito de asseveração nas frases declarativas afirmativas (Tekavcic, 1980), ao contrário do que se verifica nas frases negativas:

partícula assertiva:	<i>sì (sim)</i>	<i>no (não)</i>
asseveração:	—	<i>non (não)</i>

*Frase declarativa negativa:*⁶

10 Paolo **non** mi ha telefonato stamattina. (O Paulo não me telefonou hoje de manhã.)

Frase declarativa afirmativa:

11 Paulo ___ mi ha telefonato stamattina. (O Paulo me telefonou hoje de manhã.)

Profrase negativa:

12 A - Ha telefonato Paulo? (O Paulo telefonou?)
B - **No.** (Não)

Profrase positiva:

13 A - Ha telefonato Paulo? (O Paulo telefonou?)
B - **Si.** (Sim)

A profrase positiva pode aparecer na frase declarativa afirmativa no contexto anafórico ou como proposição nuclear:

a. contexto anafórico (substituto de VP)

14 O João não fala inglês, mas a Maria **sim**.

⁶ Tomo o italiano como modelo.

A profrase anafórica é um substituto do VP (sintagma verbal) e aparece em todas as línguas românicas ocidentais.

b. proposição nuclear

15 Acho que **sim**.

Também aqui tem-se o emprego da profrase em todas as línguas românicas ocidentais.⁷

A profrase, no entanto, não é empregada uniformemente com a função de proposições subordinadas depois de um *se* hipotético. Só a língua italiana parece admitir o emprego da profrase neste contexto:

16 Fammi sapere se c'è un treno di notte, e, se **sì** (= c'è un treno di notte), a che ora parte da Milano. (italiano) (Salvi & Vanelli, 1992:193)
(Faça-me saber (=avisa-me) se tem um trem de noite, e, se **sim** (=se tiver um trem de noite), que horas parte de Milão)

17 Pensaci e se **sì**, telefona. (Zingarelli, 1985:1799)
(Pensa a respeito e se a **resposta for afirmativa**, telefona.)

As demais línguas românicas ocidentais têm respostas diferenciadas. Espanhol e francês requerem a presença do clítico, mas só o francês exige o sujeito lexicalizado. No português, nem o sujeito nem o clítico são lexicalizados:

18 Avisame si hay un tren por la noche e si **lo hay**, a qué hora sale de Milán.

19 Sais-moi savoir s'il y a un train de nuit, e, s'il y **en** a un, à quelle heur parte-il de Milan.

20 Avisa-me se tem um trem noturno, e, se **tiver**, que horas parte de Milão.

No PB, as profrases⁸ mantêm a função de proposições nucleares depois do complementizador *que* como em (15), mas perderam terreno quanto à

⁷ Laka (1990:154-167) mostra que *yes* e *no*, no inglês, exibem propriedades diferentes de *si* e *no*, no espanhol. *Yes* e *no* seriam núcleos de CP, ao passo que *si* e *no* seriam núcleos de Σ P [Σ = sigma], o sintagma "speech acts", dado que *yes* e *no* não aparecem depois de um complementizador:

*I think [CP that [CP yes/no]]
pro creo [CP que [Σ P si/no]].

Para Martins (1994, nota 6), o fato de o português permitir a presença de *sim* em *pro acho que sim/não*

mostra que *sim* não é núcleo de CP. No entanto, a autora afirma que *sim* no PE não é núcleo de Σ P pois constitui uma resposta não-marcada, ao contrário do espanhol. Para Martins, *sim* é um elemento de caráter adverbial que ocupa uma posição de adjunção a Σ P.

Em inglês, são as frases-resposta a interrogativas totais com *do-suporte* que envolvem Σ P. A expressão de Σ pode ser *not* ou um morfema abstrato em respostas negativas e afirmativas respectivamente. No PB, a cópula *É* não aparece depois do complementizador, portanto, não é núcleo de Σ P. A cópula *É* aproxima-se de *Yes* neste caso, e ao mesmo tempo diferencia-se de *Yes* por não introduzir uma denegação.

função de proposições subordinativas depois de um *se* hipotético. Ao invés da profrase *sim*, tal função é desenvolvida pelo verbo, conforme a tradução da frase (20) acima.

A profrase *sim* também não aparece após a conjunção integrante *se*:

- 21 * Mas eu não sei **se sim**.
22 * Eu me pergunto **se sim**.

Nem mesmo no italiano, a língua em que a profrase *sì* tem o maior número de funções, é possível o emprego de *sì* como proposição nuclear após a conjunção integrante *se*:

- 23 *Ma io non so **se sì**. (Mas eu não sei se sim)
24 *Mi domando **se sì**. (Me pergunto se sim)

Nas construções enfáticas do PB, do italiano e do espanhol, a profrase positiva pode aparecer à direita do verbo, entre pausas:⁹

- 25a Mantengo, **sí**, mi primera opinión.
25b Mantenho, **sim**, a minha primeira opinião.
25c La SOSTENGO. **Sì**, la mia prima opinione.

ou, de preferência, em uma sentença clivada (no espanhol e no italiano):

- 26a **Sí** que mantengo mi primera opinión.
26b **Sì** che sostengo la mia prima opinione.

No francês, parece ser possível apenas a construção com o elemento afirmativo em primeira posição:

- 27 **Oui**, je soutiens mon opinion.

Para Llorach (1970), o encaixamento da frase (26a) obtido com a inserção de *que* em (28a) leva a considerar a frase (26a) como o resultado da elipse do núcleo lexical constituído pelo verbo *ser*, em um processo de clivagem invertida (Kato, com. pessoal):

⁸ Restrinjo-me ao uso da profrase no eixo Rio-São Paulo.

⁹ A frase (25) parece ser empregada como asseveração de uma pergunta 'tag':
Você mantém a sua primeira opinião ou não?
A profrase aparecerá após o complemento, se constituir uma denegação como:
A - Você não mantém a sua primeira opinião.
B - Mantenho a minha primeira opinião **sim**.

- 28a **Sí es** que mantengo mi primera opinión.¹⁰
 28b **Es sí** que mantengo mi primera opinión.

A profrase em (28a/b) funcionaria como um ‘atributo oracional’ e poderia ser substituída por sintagmas de função adjetiva (29a/b):

- 29a **Cierto es** que mantengo mi primera opinión.
 29b **Es cierto** que mantengo mi primera opinión.

Da análise de Llorach, deduz-se que conquanto a profrase positiva possa assinalar a asseveração do verbo, nunca aparece em uma posição adjacente a este, a menos que se trate de uma construção clivada.¹¹

Llorach estabelece uma correlação de conteúdo (faz alusão a uma correlação de função) entre a forma tônica *sí* de caráter adverbial que constitui a profrase positiva e a forma átona *si* usada nas seqüências:

- 30 ? **Si** valdrá la pena?
 31 Nos preguntó **si** vendría pronto.
 32 **Si** llegase hoy, no habría problemas.

Em (30), tem-se um advérbio interrogativo resultante da elipse do verbo *preguntar* da matriz.¹² Equivale a:

- 33 Me pregunto **si** valdrá la pena.¹³

Em (31), *si* introduz uma frase com função de complemento de *preguntar* e é derivada da fusão de duas frases em uma só estrutura:

- 34 Nos preguntó: Vendrá pronto?

¹⁰ Para Kato & Raposo (1994), na estrutura clivada abaixo, a cópula é apagada depois do alçamento do sujeito:

(É) a María que o Paulo ama.

Na clivagem invertida, a cópula é apagada (ou não inserida)

A María (é) que o Paulo ama.

¹¹ O italiano apresenta um contra-exemplo: *è sì* carina. (frase 8a, p.28). Os advérbios ‘proclisadores’ (*bem, sempre, só, até*, etc.), com esvaziamento semântico (Martins, 1994) e os pronomes pessoais (hipótese que assumo neste trabalho) podem ocorrer junto ao verbo para marcar a sua asseveração. (Ver cap.04)

¹² Como vimos, para Barbara (1975), a frase imperativa é também uma frase truncada, resultante do apagamento da frase matriz (*ordeno, peço, imploro, sugiro*).

¹³ A frase (34) seria a contraparte interrogativa das orações introduzidas pela conjunção *que*:

Nos dijo: Vendrá pronto.

Nos dijo *que* vendría pronto.

No entanto, para o autor, não há uma relação de conteúdo entre o *si* integrante e o *sí* profrástico, dado que a forma átona é compatível com o conteúdo negativo de *no* em (36) derivada de (35):

- 35 ? No vendrá pronto?
36 Nos preguntó **si no** vendría pronto.¹⁴

No caso da frase (32), tem-se a conjunção condicional. Neste caso, é admissível o modo subjuntivo, com perspectiva de passado, mas não de presente:

- 37 ***Si** venga.
38 **Si** viniese...

A identidade de conteúdo entre a conjunção condicional e a profrase é apontada por Bello (1928) (cfr. Llorach), ao analisar as relações entre (39) em que a forma tônica *sí* é atributo oracional e enfático do verbo *bebería* e (40) em que a forma átona *si* tem a função de fundir “el aditamento e la oración inicial” (Llorach 1970:249):

- 39 Ojalá tuviese ocasión, **sí** bebería.¹⁵
40 **Si** tuviese ocasión, bebería.

¹⁴ A meu ver, pode-se estabelecer uma relação entre as duas séries, átona e tônica: na frase (36) acima, a forma átona incide sobre o conteúdo proposicional da pergunta. *No* é uma negação proposicional, ao passo que *si* é a reanálise da profrase em conjunção integrante. Porém, o fato de *si* ser incompatível com o subjuntivo na subordinada parece sugerir que *si* como integrante retém traços da proforma *sí*:

*Pregunta *sí* venga.

*Preguntó *sí* viniese.

A retenção dos traços de asseveração da profrase na conjunção integrante parece também estar presente no inglês, que opta pela conjunção *whether* (Kato, com. pessoal) no lugar da conjunção *if* em

I wonder whether (or not) John is coming.

Bates & Macwhinney (1979) relatam a respeito de um estudo sobre o crioulo inglês neomelanésio (ou Tok Pisin) realizado por Sankoff & Brown (1976, apud Bates & Macwhinney) que “a conventionalized particle *ia* has emerged to mark the opening and closing of a relative clause. Interestingly, this seemingly arbitrary particle can be directly traced to a prior conversational device *ya?* (as in “yes”) which was used in the pidgin code to mark an interruption to check for listener feedback somewhere in the middle of an utterance.” (Bates & Macwhinney 1979:174)

Tarallo (1987:137) relata que Sankoff (1980, apud Tarallo) interpreta a partícula *ia* como sendo derivada do advérbio locativo *here*. Ainda Tarallo (1987:132) mostra que o crioulo português da Guiné-Bissau usa partículas especiais pospostas ao verbo para expressar ‘a ênfase do verbo’:

i ka’la-**yem** = ‘ele guardou um silêncio total’.

No crioulo português do Senegal, o prefixo verbal *ta-* pode indicar que:

a. a ação expressa pelo verbo se passa habitualmente:

i ta-bi’bi = ‘ele bebe’ (= ele tem o hábito de beber)

b. o sujeito da ação expressa pelo verbo tem a capacidade de realizar esta ação:

i ta-kan’ta ‘dritu = ‘ele canta bem’ (= ele tem a capacidade de cantar bem) (Tarallo 1987:133)

¹⁵ Devoto (1983:123) atribui a origem da conjunção condicional a contextos como:

Quiesce *si* sapis. (XII Tavole, Most., 1173)

Em (39), dada a presença da interjeição *ojalá* enfatizando o verbo contido na prótase, a apódose pode vir acompanhada do elemento positivo tônico. Na ausência da interjeição como ênfase (40), tem-se o emprego da forma átona como marcador de asseveração na prótase: se a condição é verdadeira, também o é a consequência.¹⁶

A interpretação das conjunções como sendo a contraparte átona da profrase positiva é importante para os nossos propósitos porque, se se considera que o sujeito lexical pode assumir a função de asseverar, a encaixada introduzida por um destes elementos, dada a sua ‘atonicidade’, deve ser um contexto que favorece o preenchimento do sujeito.¹⁷

Há ainda a conjunção adversativa “*sino*” oriunda da fusão do *si* condicional com a negação *no*, com a perda de seus conteúdos de origem:

- 41 No quiere **sino** dormir (= si no quiere dormir, es que no quiere nada)
42 Non vino Juan, **sino** Pedro.¹⁸

em que *si* é, primeiramente, interpretado como advérbio de modo:

Sta quieto, *così* sei furbo. (Fique quieto, assim és esperto)

e, posteriormente, adquire a interpretação hipotética:

Sta quieto, *se* hai testa. (Fique quieto, se tens cabeça)

¹⁶ As considerações de Llorach e a possibilidade da construção de uma subordinada condicional sem a presença da conjunção *se* no italiano

(Se) faceste il vostro dovere, non ci sarebbero problemi. (Rizzi 1982:84)

Se fizésseis o vosso dever, não haveria problemas.

levam-me a hipotetizar, na linha de Llorach, que a frase

Se tivesse ocasião, beberia.

pode ter sido originada de: Tivesse ocasião, beberia *sim*.

com a profrase posposta ao verbo. A apódose em início de frase teria sido o contexto para a reanálise da profrase em conjunção condicional: Beberia *sim* tivesse ocasião.

A perda da tonicidade de *sim* teria levado à sua reanálise em:

Beberia *se* tivesse ocasião.

A apódose teria se desenvolvido ou a partir de uma frase denegativa (B)

A - Você não beberia. B - Beberia *sim*.

ou a partir da resposta enfática a uma pergunta com foco estreito: A - Você beberia isso? B - Beberia *sim*.

ou dos dois tipos de construção. Neste caso, a prótase seria um comentário acrescentado à denegação ou à resposta à pergunta com foco estreito: Beberia *sim*. Tivesse a ocasião!

¹⁷ Voltando à frase de Rizzi:

(Se) faceste il vostro dovere, non ci sarebbero problemi.

o autor salienta que na omissão da conjunção a frase torna-se agramatical, se o sujeito é lexicalmente presente:

* Voi faceste il vostro dovere, non ci sarebbero problemi.

O sujeito lexical exige a presença da conjunção. O sujeito nulo não implica obrigatoriedade ou não da conjunção.

A propósito da correlação entre sujeito e conjunção condicional, é interessante assinalar que em alguns dialetos do sul da Itália a conjunção *se* afixou-se ao pronome *illu*, como é o caso do siciliano abaixo:

illu como complemento:

Siddu voli Diu. (Monforte, 67, apud Rohlfs 1969:184)

Se ele quiser Deus. (= Se Deus quiser.)

illu como sujeito:

Siddu nun è veru, ti ammazzamu. (Pitré 3,9, apud Rohlfs 1969:184).

Se ele não for verdade, te matamos. (= Se não for verdade, nós te matamos).

A expressão *sino* tem a função de conectar frases com polaridades opostas, omitindo em uma delas os elementos análogos expressos na outra, nesse caso o verbo.¹⁹

A asseveração introduzida com a forma átona da conjunção *se* parece incidir na matriz tanto no caso da conjunção integrante (36) quanto no caso da conjunção condicional (40). É de se supor, portanto, que a sua contraparte tônica incida também na estrutura sintática da frase declarativa, i.e., a perda do *sim* leva à re-estruturação da frase declarativa. (Ver cap.04)

2.2.2 As profrases afirmativas nas línguas românicas

Se as línguas se comportam similarmente no aspecto de a profrase ocupar a primeira posição na frase²⁰, CP no inglês e Σ P nas línguas românicas (ver nota 6), elas se distanciam quanto ao tipo de classe morfológica que constitui a profrase.

Segundo Rohlf's (1969), Mancarella (1978), Turco (1979) e Tekavcic (1980), no latim, a resposta a uma interrogativa era normalmente dada com a repetição do verbo acompanhado ou não de um advérbio de modo (*sic/ita*) ou de um pronome neutro (*hoc*), de modo que à pergunta *Veniesne?* podia-se ter a resposta:

43 A - Veniam.²¹ (Rohlf's, 1969:301)

Uma rápida sondagem das profrases afirmativas nas comédias de Terenzio e de Plauto mostrou que a resposta de tipo verbal no latim vulgar²² parece restringir-se a alguns poucos verbos como: *saber, ver, vir*.

¹⁸ O elemento negativo de *si(no)* parece negar a asserção negativa do verbo na matriz, em uma espécie de equação como [- + - = +], como em:

A - Ele não quer passear? B - Não. Ele quer. (= denegação)

ao passo que o elemento positivo de *(si)no* parece ter a função de asseverar o conteúdo do verbo elíptico na encaixada.

¹⁹ De agora em diante, deixo de lado as partículas átonas e passo a lidar apenas com as proformas tônicas, o tema da tese.

²⁰ Até no romeno, língua em que os determinantes ocupam posição sufixal, a profrase aparece destacada em primeira posição: (Dobrinescu, 1978)

_ Merem la Magazinul Central? (= Vamos à loja central?)

_ Da, designur. Are de toate. (= Vamos, lógico. Tem de tudo)

²¹ À pergunta *Jam dedit argentum?* tem-se como resposta negativa *Non dedit* (Plauto, *Asin.*, 638 in Rohlf's 1969:301). A construção da resposta curta afirmativa seria, portanto, simétrica à resposta curta negativa no latim: *hoc venit / non venit*.

- 44 _ Scin Cratini huius ditis aedis? (Sabes a casa daquele rico, o Cratino?)
 _ **Scio.** (Terenzio, Adelphoe) (Sei)
- 45 _ Viden coagmenta in foribus? (Vês a comissura dos batentes?)
 _ **Video.** (Terenzio, Mostellaria) (Vejo)
- 46 _ Convenitne eam? (Veio encontrar ela?)
 _ **Convenit.** (Plauto, Miles Gloriosus) (Veio)

O verbo é substituído pelas partículas assertivas nas respostas curtas:

- 47 _ Sicine est sententia? (Decidistes mesmo?)
 _ **Sic.** (Terenzio, Heautontimomenosi) (Sim)
- 48 _ Itane vis? (É assim que queres?)
 _ **Ita.** (Terenzio, Heautontimomenosi) (Sim)

Turco (1979) salienta que as formas absolutas *Ita* e *Sic* eram formas reduzidas de respostas como *Ita est* e *Sic est*, mas não de respostas *Ita facio* e *Ita volo*. Não sendo reduções de formas verbais, os elementos não têm a capacidade, segundo a autora, de asseverar, mas de apenas confirmar a verdade ou validade da asserção proposicional precedente.²³

As respostas à interrogativa com foco estreito (49) e à exclamativa parecem confirmar a hipótese de Turco; a partícula *ita* precede a cópula *est* ou a expressão *vero*:

- 49 _ Virginem ut secum avebat? (Para conduzir consigo a menina?)
 _ **Sic est.** (Terenzio, Adelphoe) (Sim (assim) é.)
- 50 _ Quod bonum atque fortunatum mihi sit. (Que a boa sorte me ajude)
 _ **Ita vero,** et mihi. (Plauto, Casina) (Assim verdade, e também a mim)

O assentimento é expresso com o verbo *volo* (*querer*):

- 51 _ Iamne abeo? (Devo ir, então?)
 _ **Volo.** (Plauto, Casina) (Quero)

²² Tagliavini (1982) e Devoto (1983) salientam que Plauto e Terenzio pertencem, do ponto de vista lingüístico, à época arcaica do latim e o termo latim vulgar atribuído aos seus textos (como o faz Mancarella (1978), de onde extrai grande parte das informações a respeito das frases assertivas no latim) deve ser substituído por latim falado, não só pelo gênero dialogado, mas pelo fato de que não tinham se fixados os modelos que mais tarde passariam a ser seguidos.

²³ No PB, a cópula *É* como elemento profrástico surge exatamente no contexto de confirmação de uma frase declarativa e não no contexto de asseveração do conteúdo de uma pergunta (=Respostas curtas). Remeto ao cap. 3 para a descrição diacrônica deste elemento no PB.

- 52 _ Dixi ego istuc; nisi quidi aliud vis... (Disse eu a ele; se não precisas mais...)
 _ **Volo.** (Plauto, Casina) (Quero)

A confirmação enfática é feita por meio do emprego do nome Hércules seguido da expressão *vero*:

- 53 _ Negas? (Negas?)
 _ **Nego hercle vero.** (Plauto, Miles Gloriosus) (Nego hércules verdadeiro (=Nego sim))

ou seja, as respostas assertivas são feitas com o emprego de expedientes discursivos.

O esvaziamento, já nas línguas românicas, do significado da partícula associado à queda da forma verbal na resposta mínima contribuem para a extensão do emprego da partícula nas respostas afirmativas. Tanto as respostas afirmativas quanto as negativas passam a ter apenas a representação, nas línguas românicas ocidentais, com exceção do francês, do elemento morfêmico que acompanhava o verbo, ou seja, *Sim / Não*.²⁴ Italiano, espanhol e português optaram pela profrase da *identidade modal* (assim [como dizes]), transformada em elemento assertivo: *Sì, Sí, Sim*, respectivamente. (Tekavcic, 1980).

Segundo Le Bidois & Le Bidois (1968), o francês antigo (55) extrai o seu elemento assertivo do **pronome demonstrativo** *hoc* (54) seguido do **pronome pessoal**:

- 54 A - Dicitne hoc ille?
 B - **Hoc ille.**
- 55 A - L'aveir Charlon est il apareillez?
 B - **Ouil**, sire, asez bien. (Rol. 643-44, apud Le Bidois & Le Bidois, 1968)

de onde se tem: *o je; o il*.²⁵, formas abandonadas depois do século XIV. No norte da França, generalizou-se a construção com a terceira pessoa *o il* como resposta afirmativa a interrogativas também positivas, de modo que *oil > oĩ > oui*.²⁶, resultado que se tem no francês moderno:

²⁴ O romeno toma do eslavo o elemento *da*, empregado na resposta afirmativa, e o elemento *ba*, responsável pela marcação negativa da resposta. (Mancarella, 1978)

²⁵ Paralelamente, na resposta negativa, tinha-se *non* seguido dos pronomes pessoais, mantendo a mesma simetria encontrada no latim (nota 18):

fr. ant.: non je > naje.
 non il > nenil > neni. (Mancarella, 1978)

²⁶ A construção da frase assertiva do francês assemelha-se à grega, em que se retoma as mesmas palavras da pergunta ou se emprega o pronome pessoal: *C'est moi*. (Le Bidois & Le Bidois, 1968)

- 56 A - Elle vous a parlé? (Ela vos falou?)
 B - **Oui**, madame. (Sim, madame) (in Le Bidois & Le Bidois, 1968)

A confirmação de uma frase declarativa afirmativa também requer o emprego da partícula assertiva ²⁷ *oui* posposto à partícula *que*:

- 57 A - “Que voulez-vous, les temps sont durs. (O que quereis vós, os tempos são duros.)
 B - **Que oui**, qu’i sont durs...” (Que sim, que eles são duros. (= É, eles são difíceis.))
 (Maupass. *La bête à Maît* Belh, apud Le Bidois & Le Bidois, 1968)

resultado do apagamento do verbo epistêmico da principal:

- 58 Je crois **que ouie**. (Eu acho que sim.)

Por outro lado, se a interrogativa contiver um elemento negativo, tem-se o emprego do advérbio modal *si*:

“Si la question contient une négation et qu’on veuille affirmer le contraire de ce qui vient d’être dit, on se sert de *si*, qui nie la négation, en même temps qu’il affirme la validité sémantique du reste de la phrase.” (Le Bidois & Le Bidois, 1968: 111)

- 59 “_ Vous ne vous en souvenez pas, sans doute? (Vós não vos lembrais disso, sem dúvida?)
 _ **Si**, dit-elle. Continuez.” (Sim, diz ela. Continuai.)
 (Flaub. *Bov.* III, ch. 1, apud Le Bidois & Le Bidois, 1968)
- 60 _ Vous ne me questionnez plus? (Vós não me perguntais mais?)
 _ **Si**...Mais j’hésite... (Sim...Mas eu hesito...)
 (Chaudonne *Clair* 120, apud Le Bidois & Le Bidois, 1968)

Como nas interrogativas, a confirmação de uma declarativa *negativa* é expressa pelo advérbio *si* precedido pela partícula *que*:

- 61 A - “Tu avais beau ne pas savoir ce que tu disais...
 (Era melhor que não soubesses o que dizias...)
 B - Oh! **que si!**” (Oh! sim!)
 (J. Renard, *Poil de Car.*, sc. 9, apud Le Bidois & Le Bidois 1968)²⁸

²⁷ Uso o termo ‘partícula assertiva’ e não ‘profrase’ para o francês porque *oui* só pode ocorrer como proposição nuclear e não como substituto de um constituinte frasal ou de um sintagma VP. (Agradeço a Charlotte Galves por ter me alertado para a caracterização nuclear de *oui*.)

²⁸ O autor salienta que no registro familiar tem-se a repetição, neste caso, da partícula *oui*.

No que diz respeito ao Português Europeu (PE) e ao Português Brasileiro (PB), tem-se a conservação, junto com a profrase afirmativa, da construção latina de tipo verbal.²⁹

A seguir, descrevo os tipos de respostas possíveis no PE, para emitir assentimento, confirmação/denegação e asseveração.³⁰

2.2.3. As profrases afirmativas no PE

Da análise de profrases encontradas em peças de teatro português³¹ a partir do século XVII, observa-se, através dos séculos, o emprego constante de *sim* como *confirmação* de uma interrogativa de foco estreito³² e de uma declarativa afirmativa e como *assentimento* com uma frase imperativa. No entanto, no século XX *sim*, que até o século XIX alternava com o verbo, deixa de ser empregado como frase assertiva reativa, ou seja como asseveração de uma frase interrogativa com foco largo. Ao invés, mantém-se o uso do verbo contido na interrogativa precedente.

²⁹ Embora PE e PB se assemelhem no que diz respeito ao emprego do verbo como resposta curta, o PB apresenta algumas características que sugerem uma mudança em curso: o emprego da cópula *É*. Dedico, portanto, ao PB um capítulo em separado, dado que estas mudanças parecem estar afetando a realização fonológica do sujeito da frase declarativa afirmativa.

³⁰ Lembre-se que estou adotando os termos

- a. assentimento, como response a uma frase imperativa;
- b. confirmação/denegação, como response a uma frase declarativa;
- c. asseveração ou frase assertiva reativa, como resposta a uma pergunta anterior.

É necessário ressaltar que as respostas às interrogativas de foco largo são tratadas como frases assertivas reativas; ao passo que as respostas às interrogativas de foco estreito recaem no domínio da confirmação. (Ver nota 28 para a classificação das interrogativas quanto ao foco.)

³¹ As amostras utilizadas foram extraídas das seguintes peças teatrais portuguesas:

- Século XVII: D.F. Manuel de Melo, *O Fidalgo Aprendiz*, 1648, Livraria Clássica ed., Lisboa 1943.
- Século XVIII: A.J. da Silva, o Judeu, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, 1734, Coleção Prestígio, s/d.
- Século XIX: C. Castelo Branco, *O Morgado de Fafe em Lisboa*, Parceria A.M.Pereira, Lisboa 1861.
- Século XX: J. Rodrigues Miguéis, *O Passageiro do Expresso*, Estúdios Cor, 1960.
P. Lemos, *E a campineira não deu flores*, Ed. Panorama, Lisboa 1964.
R. Brandão, *Teatro de Raul Brandão*, Atlântida Editora, Coimbra 1970.

³² Estou usando o termo *foco estreito* para as interrogativas formadas por NP = A Maria? PP = Com o pai? VP = Abraçar? CP = Que vem? e *foco largo* para as interrogativas formadas de IP:

A Maria vem?

2.2.3.1 A confirmação de interrogativas com foco estreito

A resposta à interrogativa de foco estreito é feita com a partícula *sim*:

- 62 A - Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro (com a mão no peito) uma coisa que me incomoda.
B - O coração?!
- A - **Sim**: este músculo que é o aleijão que o Criador podia dar ao homem.
(C.B., 1861)
- 63 A - Por que não a mandaste entrar?
B - Para aqui?
A - **Sim**, enquanto vou buscar a toalha. (P.L., 1964)
- 64 A - Tu compreendes isto que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe? Eu sempre soube tudo.
B - Que ele era ladrão?
A - **Sim**. (R.B., 1970)
- 65 B - Que foi ele que roubou?
A - **Sim**. (R.B., 1970)

2.2.3.2 A confirmação de declarativas afirmativas precedentes

A confirmação da frase declarativa precedente faz-se com o emprego da partícula assertiva *sim*³³:

- 66 A - Semicúprio, nem sempre o Diabo há de estar atrás da porta.
B - **Sim**, porque entrará para dentro de casa. (Silva, 1737)
- 67 A - Na escola deixavas-me sempre copiar os teus problemas. Foste sempre um estudante aplicado, meticoloso. Depois, deste tu em copiar as assinaturas dos outros!
B - **Sim**, fui sempre um bom estudante. (J.R.M., 1960)
- 68 A - Ah, e tu ainda aí estás!
B - Pois. Não te queixavas tu da solidão? Aqui me tens.
A - **Sim**, mas estar contigo é pior do que estar só. (J.R.M., 1960)
- 69 A - Se cada um, dos que aqui estamos, fizesse as mortes em que cisma, por ódio, por ambição, por interesse, o mundo seria uma hecatombe.
B - **Sim**. (R.B., 1970)

³³ O emprego residual de *sim* nas respostas a interrogativas no PE (ver nota 1) e no PB (ver cap.03) e o fato de estas partículas não ocorrerem como substituto frasal após uma conjunção condicional levam-me a adotar o termo partícula assertiva para estas duas línguas.

2.2.3.3 Assentimento com uma frase imperativa precedente

A partícula *sim* mantém-se no PE, expressando compromisso com a solicitação contida na frase imperativa anterior:

- 70 A - Vai descansada, que eu chamarei o médico.
B - **Sim**, com muito gosto. (Silva, 1737)
- 71 A - Diz-lhe que vou telefonar.
B - **Sim**, senhora. (P.L., 1964)
- 72 A - Não precisas de dizer que estou cá sem te perguntarem, hem?
B - **Sim**, senhor. (P.L., 1964)

2.2.3.4 Asseveração da interrogativa de foco largo: frase assertiva reativa

No que diz respeito às interrogativas de foco largo, tem-se a perda de *sim* e a especialização da resposta de tipo verbal no PE do século XX.

Elenco em primeiro plano as respostas com a partícula assertiva:

- 73 A - Falta algum?
B - **Sim**: Mestre Jaques. (Manuel de Melo, 1648)
- 74 A - Admitireis os repetidos sacrificios de meu amor?
B - **Sim**, se for amor constante. (Silva, 1737)
- 75 A - Já sarou o homem, Sevadilha?
B - **Sim**, senhor. (Silva, 1737)
- 76 A - A cabrinha comeu?
B - **Sim**, minha senhora. (Castelo Branco, 1861)

As respostas de tipo verbal no PE são detectadas a partir dos textos do século XVII:

- 77 A - Sabeis alguma ao divino?
B - **Sei**. (Manuel de Melo, 1648)
- 78 A - Vindes?
B - **Venho**. (Manuel de Melo, 1648)
- 79 A - V. Ex.a, ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?
B - **Sou**. (Castelo Branco, 1861)

- 80 A - ... E a senhora sabe falar francês?
B - **Sei**, e falava sempre francês com meu marido. (Castelo Branco, 1861)

Mas é no século XX que as respostas de tipo verbal são generalizadas no PE:

- 81 A - Adeus, Felícia. Também vais de véspera?
B - **Vou** sim, minha madrinha. (P.L, 1964)
- 82 A - Então entraste em casa do correspondente...
B - Entrei..
A - E ele leu-te a carta do nosso filho?
B - **Leu**. (R.B., 1970)
- 83 A - Gosta? É uma marcha lindíssima, piu...piu.
B - **Gosto**. (R.B., 1970)
- 84 A - Ela chora?
B - **Chora**. (R.B., 1970)

Identifiquei um único caso de *sim* com função de asseveração (frase assertiva reativa) em textos portugueses do século XX: a partícula aparece postposta a um pronome demonstrativo:

- 85 A - Tu achas que a tua governanta me ouviu entrar?
B - **Isso sim**. (J.R.M., 1960)

Elementos como advérbios e quantificadores como respostas curtas são encontrados já no século XVII:

- 86 A - São eles todos perfeitos?
B - **Todos**, mas um falta. (Manuel de Melo, 1648)
- 87 A - Vêde-lo bem?
B - **Bem**. (Manuel de Melo, 1648)
- 88 A - Já saiu?
B - **Já**. (Castelo Branco, 1861)
- 89 A - Tens tudo arranjado?
B - **Tudo**. (R.B., 1970)

Os exemplos acima sugerem que no PE as respostas curtas a perguntas polares são de duas ordens: tem-se a resposta verbal se a interrogativa for constituída de foco largo³⁴; tem-se a resposta *sim* se a interrogativa for

³⁴ O PE permite o emprego de *sim* nas repostas a interrogativas que focalizam o verbo flexionado (= foco largo). No entanto, o uso da profrase traduz “uma afirmação hesitante, irónica ou enfadada” (Martins 1994, nota 5, pag. 490).

constituída de foco estreito, i.e., se focalizar um NP, um PP ou um CP. Além disso, *sim* pode expressar a confirmação de uma frase declarativa anterior e o assentimento com uma frase imperativa anterior.

O PB assemelha-se ao PE no que concerne às interrogativas de foco largo: tem-se a resposta verbal. A diferença entre as duas línguas está, em princípio, na confirmação de interrogativas de foco estreito e de declarativas afirmativas, de um lado, e no assentimento com uma frase imperativa, de outro. No caso das interrogativas, a partícula *sim* é abandonada no PB em favor do uso do verbo e da cópula *È* (ver cap.03). No caso do ‘response’ à frase imperativa, tem-se uma estrutura frasal, constituída de Sujeito + verbo (ver cap.05).

Quadro 2.1 Síntese das profrases nas línguas românicas

	Imperativa	I/estr.	Declarativa		I/largo	
			Decl+	Decl-	Int+	Int-
ITALIANO	SÌ	sì	sì	sì	sì	sì
ESPAÑHOL	SÍ	sí	YA	sí ³⁵	sí	sí
PORTUGUÊS EUROPEU	SIM	SIM	SIM	SIM	VERBO	VERBO
FRANCÊS	OUI	OUI	OUI	SI	OUI	SI

Imperativa = frase imperativa

I/estr. = interrogativa de foco estreito

I/largo = interrogativa de foco largo (+) positiva e negativa (-)

Declarativa = frase declarativa positiva (+) e negativa (-)

2.3 Respostas curtas X plenas

A formulação de respostas curtas a interrogativas IP por meio de advérbios pré-verbais do tipo aspectual resultativo e aspectual freqüentativo, mas não de advérbios sentenciais, leva Kato e Tarallo (1992) a hipotetizarem

³⁵ Para Silvia Balzi, falante nativa do espanhol, *Ya* (=já), proveniente de *Ya lo sé* (= Já o sei), é usado como anuência/confirmação de uma declarativa afirmativa ou negativa. Para frases como :

Os fiéis conhecem o bispo de sua igreja.

Os fiéis não conhecem o bispo de sua igreja.

tem-se a resposta: *Ya* (= é verdade).

O emprego de *sí* no caso da anuência com a asserção positiva é possível se for reduplicado: *Sí sí*, claro.

No caso da denegação ou desconfirmação de uma declarativa negativa, tem-se o emprego de *si*:

Os fiéis não conhecem o bispo de sua igreja.

Sí. (= eles conhecem).

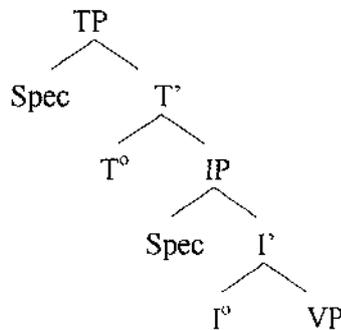
Na língua italiana, também é possível o emprego do advérbio *già* (=já), precedido pela cópula *È*, nos mesmos contextos do espanhol: *È già*. (= é verdade)

que a diferença entre os potenciais elementos assertivos no PB (90/91) e o elemento não assertivo (92) parece residir na posição que tais elementos ocupam na frase:

- 90 A - Você já esteve aqui?
B - **Já**.³⁶
- 91 A - Você sempre vê filmes de terror?
B - **Sempre**.
- 92 A - Você ontem foi ao cinema?
B - ***Ontem**.

A hipótese da posição dos elementos assertivos é alicerçada no trabalho de Pollock (1989) em que se tem a proposta da articulação do nóculo INFL (= inflection) em dois ramos: *IP* (= *AGRP*), nóculo de flexão responsável pelo estabelecimento de concordância entre seu núcleo INFL e o elemento que ocupa a posição de *SpecIP* e *TP*, nóculo de tempo (=tense) responsável pela atribuição de caso:

Configuração 1:



Tomando como premissa que os advérbios são elementos fixos, no sentido de que não se subordinam à regra *move- α* , Pollock sugere que os advérbios de tempo são externos a *VP* e que o advérbio de tipo aspectual ocupa o especificador do *V*.

A propósito do emprego do advérbio *già* esvaziado do valor temporal, Rohlfs afirma que no toscano e no milanês, este advérbio serve apenas para reforçar o conteúdo expresso pelo verbo:

toscano: non è già così (= não é assim de jeito nenhum)

milanês: ça savì molto ben (= mas vós sabeis muito bem) (in Rohlfs 1969:277)

Salienta que a partícula *Ya lo sé* do espanhol e *Ya la bés* (= 'tu la vois') no gascão é encontrada no dialeto lugodoresse (Sardenha) em: *già vazzo* (= io faccio/= eu faço); *già intendo* (= io sento/= eu sinto); *già dd'isko* (=lo so /= sei-o).

³⁶ K&T mostram que não há comportamento homogêneo entre as línguas no que diz respeito à resposta de tipo adverbial. O francês não admite os freqüentativos *sempre*, *munca*, ao contrário do inglês.

Como hipótese geral, propõe que os verbos saem do núcleo de VP em direção ao núcleo de IP para que se efetuem as operações sintáticas de atribuição de caso e concordância. Pollock coteja os verbos do francês e do inglês e mostra que, dada a peculiaridade de o verbo francês ter concordância [Agr] “rica”, o verbo e o auxiliar efetuam a operação de subida para INFL. No inglês, o verbo tem Agr “fraco”, razão pela qual o verbo não sobe para INFL.

A “riqueza” de Agr para Pollock está associada à noção de “transparência” e “opacidade” na atribuição de papel temático. Agr é rico se for transparente para a atribuição de papel temático, isto é, se não interferir na propriedade de o verbo, movido para esta posição, assinalar papel temático. Agr é pobre se o verbo movido para esta posição estiver impossibilitado, por opacidade de Agr, de atribuir papel temático.

Ao contrário dos verbos, os auxiliares do inglês efetuam a subida para INFL, malgrado a opacidade de Agr, porque eles não possuem uma grade temática para ser assinalada.

K&T recuperam a proposta de Pollock e tentam aplicá-la às respostas curtas ilustradas abaixo:

93 A - Have you seen the kids?
B - **Yes, I have.**

94 A - Do you see the kids?
B - **Yes, I do.**
B' - ***Yes, I see.**

95 A - As-tu vu les enfants?
B - ***Oui, j'ai.**

96 A - Vois-tu les enfants?
B - **Oui, je les vois.**
B' - ***Oui, je vois.**

K&T atentam para o fato de que a hipótese de Pollock dá conta dos fatos no inglês, mas não no francês. No inglês, o emprego do auxiliar nas respostas curtas é gramatical (93b e 94b), pois só o auxiliar sobe para INFL; o emprego do verbo (94b') neste ambiente é agramatical pois no inglês o verbo não tem a propriedade de subir para INFL.

No francês, o verbo e o auxiliar se comportam de maneira uniforme, i.e., ambos operam a subida para INFL, de acordo com a hipótese de Pollock. No entanto, (95b) não é uma resposta possível. O fato de a inclusão do verbo principal tornar (95b) possível induz K&T a atribuírem à agramaticalidade de (95b) uma explicação de ordem fonológica: o INFL no francês não tem

autonomia fonológica. Este necessita da presença do verbo principal para dar-lhe o estatuto de palavra acentuada (p. 265).

No entanto, se a explicação da agramaticalidade de (95b) se faz por meio de um fator fonológico, como explicar (96b') em que se tem, não já um auxiliar, mas um verbo principal? O contraste entre (96b) e (96b') sugere que a presença do clítico é essencial para tornar a resposta com o verbo gramatical.

Se inglês e francês se assemelham quanto à obrigatoriedade da presença lexical visível do sujeito em todas as respostas curtas acima, diferenciam-se quanto à presença do argumento interno. No inglês, este pode ser nulo; no francês, o clítico deve aparecer em INFL junto com o verbo.

No italiano, a presença do clítico e do verbo principal é categórica, como no francês:

- 97 A - Hai visto i bambini?
 B - Sì, li ho visti.
 B' - *Sì, ho visto.
 B'' - *Sì, ho.

K&T sugerem que o parâmetro do objeto nulo dá conta de (94b'), (96b') e de (97b'): Inglês, francês e italiano são línguas que não admitem objeto nulo. No entanto, verificamos que o parâmetro do objeto nulo não explica o contraste entre (94b) de um lado e de (95b) e (97b'') de outro. Para tanto, K&T fazem a seguinte observação: em "línguas com clíticos, a *pro*-forma de VP não pode se reduzir ao verbo porque seus argumentos aparecem a ele cliticizados" (p. 266).

Parece-me possível inferir da observação feita por K&T que, sendo uma língua negativamente marcada quanto à presença de clíticos, o inglês permite a subida livre do elemento portador de flexão para INFL nas respostas curtas, ao passo que nas línguas com clíticos, o elemento portador de flexão sobe para INFL apenas se acompanhado de clíticos.³⁷ A retomada do verbo contido na interrogativa deveria, de acordo com a generalização de K&T, requerer a presença do clítico no PE:

- 98 **Vi-o.**³⁸

No entanto, esta hipótese é inviabilizada porque os clíticos não aparecem necessariamente nas respostas curtas do PE (João Peres, comunicação pessoal, Martins (1994), seção 2.2.3 deste capítulo). As frases abaixo sugerem que o Português e o Espanhol, duas línguas de clíticos, diferem no

³⁷ Veremos, mais adiante, que o PE é um contra-exemplo.

³⁸ Os autores afirmam em nota de rodapé que no PE sujeito e objeto parecem ser elididos como no PB. (K&T 1992:260)

que diz respeito à presença destes nas respostas curtas de tipo alargadas, i.e., com a inclusão do verbo: (de Martins 1994:366)

99 A - A Maria deu o livro ao Pedro?

B - ? **Sim, deu-lho.**

B' - **Sim, deu.**

100 A - María le dio el libro a Pedro?

B - **Sí, (SÍ) se lo dio.**

B' - ***Sí, (SÍ) dio.**

A este propósito, a autora afirma:

"A diferença entre o espanhol e o português manifesta-se, neste caso, na necessária presença, em espanhol, de clíticos representando os argumentos do V, em oposição à sua preferencial elisão no Português" (Martins, 1994:366).

No PB, as respostas que Martins classifica como alargadas, i.e., as respostas verbais com a retomada dos argumentos contidos na interrogativa não recuperam o argumento interno, dado o enfraquecimento e progressiva perda dos clíticos (Cyrino, 1994), mas tornam lexicalmente visível o sujeito, como nota Tarallo (1993:51):

101 A - Você viu o Luiz?

B - **Vi.** (=resposta curta)

B' - **Eu vi.** (=resposta alargada)³⁹

Se, por um lado, a presença ou ausência de clíticos parece não incidir na resposta curta de tipo verbal, por outro, a possibilidade de se ter elipse de VP parece ter um peso não insignificante no estabelecimento deste tipo de resposta (Kato & Tarallo, 1992; Martins, 1994). Espanhol, italiano e francês não admitem a elipse de VP, logo não permitem a resposta de tipo verbal:

102 *Juan no vio a Marta pero Pedro vio_ . (Martins, 1994:367)

103 *Giovanni non ha visto Marta ma Piero ha visto_ .

104 *Jean non a vu Marta mais Pierre a vu_ .

105 O João não viu a Marta mas o Pedro viu_ .⁴⁰

³⁹ A resposta alargada negativa tem construção similar à resposta alargada afirmativa:

A - E você já sabia quem era NAPOLEÃO?

B - Eu não! (Novela *História de Amor*, 29/12/1995)

⁴⁰ Segundo Martins (1994:367), o PE apresenta elipse de VP, como no PB.

Parece possível presumir que línguas que admitem elipse de VP também permitem a construção ‘tag’, em que o verbo da pergunta é retomado com uma polaridade diferente:

106 John didn’t come, **did he?**

107 John is here, **isn’t he?**

106a O João não veio, **veio?**

107a O João está aqui, **não está?**

Note-se que no italiano tem-se apenas a partícula negativa e não o verbo:

106b Giovanni non è venuto, **no?**

107b Giovanni è qui, **no?**

O que se pode deduzir dos fatos acima expostos é que a língua portuguesa⁴¹ possui uma estrutura sintática, a elipse de VP⁴², ausente nas demais línguas românicas ocidentais. Ora, se respostas curtas mínimas (a presença única do verbo) estão correlacionadas com a estrutura elíptica de VP e esta é ausente, infere-se que as línguas românicas ocidentais (exceto a língua portuguesa) não apresentam respostas curtas constituídas de V + T (=tense).

No que diz respeito às respostas alargadas, que Martins ilustra com a frase (100b), estas estão mais próximas de (108b’), em que se tem a manifestação lexical dos argumentos do verbo, do que de (108b), em que só o sujeito e o auxiliar aparecem na resposta:

108 A - Have you seen the boys in the garden?

B - **Yes, I have.**

B’ - **Yes, I have seen them.**

B’’ - ***Yes, I have them.**

A diferença entre (108b’) e (108b’’) mostra que a realização fonológica do complemento pronominal só é possível na sentença em que há um verbo:⁴³ neste caso, tem-se a asserção proposicional.

⁴¹ Quando não especifico a variedade da língua portuguesa (se brasileira ou europeia) estou me referindo às duas.

⁴² Trata-se de elipse de VP visível. Se os clíticos sobem para INFL em italiano e espanhol, o VP só tem vestígios. Logo, estes se apagam na FF.

⁴³ Não poderia deixar de assim o ser, visto que, de acordo com a primeira versão do Programa Minimalista, o caso acusativo é checado em uma relação de concordância entre o elemento no SpecAgrO (no caso, o complemento pronominal) e o verbo na posição de núcleo de AgrO. No caso de (108b’’), o pronome *them* não tem como receber caso, pois INFL atribui o caso nominativo ao elemento no SpecAgrS (I) e nada há para checar o acusativo.

A respeito da diferença entre as frases curtas e alargadas, K&T afirmam:

“O que varia qualitativamente é a manifestação lexical de seus argumentos.” (K&T, 1992:260)

A variação qualitativa, apontada por K&T, entre os dois tipos de respostas leva-me a interpretar as ‘respostas alargadas’ como uma frase declarativa introduzida como comentário após a resposta afirmativa *Yes*, como se obtém na confirmação (109b’, no PB; 109b’’, no espanhol e 109b’’’ no italiano) a seguir:

- 109 A - Os fiéis conhecem o bispo de sua igreja.
B’ - **É, eles conhecem.**
B’’ - **Si si, lo conochem.**
B’’’ - **Sì, lo conoscono.**

A frase declarativa como comentário contida na resposta afirmativa a uma interrogativa IP assemelha-se à frase declarativa como comentário em (111) introduzida pelo mesmo locutor de (110): (Duarte, 1986:30)

- 110 Eu fui ganhar a chave de casa quando eu tinha 19 anos.
111 **Eu conto (e) prá todo mundo.** (PB)
110a Me dieron la llave de casa quando cumpli 19 anos.
111a **Se lo cuento** a todo el mundo. (espanhol)⁴⁴
110b Ho avuto la chiave di casa a soli 19 anni.
111b **Lo racconto** a tutti. (italiano)
110c On m’a donné la clé de la maison quand j’avais 19 ans.
111c **Je le dis** à tout le monde. (francês)

A meu ver, pode-se, portanto, estabelecer uma correlação entre (108b) e (101b) e uma correlação entre (108b’) e (101b’). No primeiro grupo, tem-se a asseveração da asserção anterior contida na interrogativa IP, trata-se de uma frase assertiva reativa; no segundo grupo, tem-se uma confirmação ‘longa’ da validade do conteúdo da asserção anterior contida na frase declarativa; trata-se de uma frase declarativa.

Portanto, temos no PB, no PE e restritamente no inglês uma frase assertiva reativa. Nas demais línguas românicas, a função de asseverar o

⁴⁴ Submeti as frases em espanhol e italiano aos meus informantes nativos que fizeram algumas modificações às frases encontradas em Duarte (1986).

conteúdo da asserção de uma interrogativa precedente é realizada exclusivamente pela partícula assertiva (*sí, sì, oui*).

Esta diferenciação parece residir no fato de estas línguas não exibirem a estrutura de elipse de VP, razão pela qual a retomada do verbo nas respostas às interrogativas IP aciona o aparecimento de seus argumentos. A retomada dos argumentos ou a lexicalização visível do sujeito (no PB) tem estruturas idênticas de uma frase declarativa-comentário (III), razão pela qual considero as respostas alargadas como asserções proposicionais.

A questão que aqui se coloca é: por que o PE admite elipse de VP, ao contrário das demais línguas românicas? Na seção seguinte, tento responder a esta pergunta vinculando elipse de VP a pronome demonstrativo neutro.

2.4 Elipse de VP e pronome demonstrativo neutro

Vimos na seção precedente que a língua portuguesa assemelha-se à língua inglesa por possuir respostas curtas de tipo verbal (malgrado a diferença entre as duas, dada a obrigatoriedade do sujeito no inglês), distinguindo-se, portanto, das demais línguas românicas ocidentais. Nestas, a função da resposta curta fica restrita às partículas assertivas: *sí, sì, oui*, respectivamente no espanhol, italiano e francês.

Vimos também que as respostas curtas parecem ser relacionadas com a possibilidade da elipse de VP, estrutura inexistente nas demais línguas românicas. Qual o fator, então, que licenciaria a estrutura elíptica no português e não nas demais línguas românicas?

A meu ver, a elipse de VP está, no português, vinculada à subida do pronome demonstrativo neutro para frente do V(erbo).

A perscrutação das expressões que configuram as frases de confirmação de uma asserção anterior e as respostas de tipo verbal no PB desde o século XIX desvelou, em alguns casos, a presença do pronome demonstrativo neutro preposto ao verbo, restritamente nos textos do século XIX. À guisa de ilustração, apresento os exemplos:

- 112 A - Seu Lopes, você já viu a Mimi Bilontra?
B - **Isso** vi, mas a Mimi Bilontra não é mulata. (A.A., 1897)
- 113 A - Passa as noites na rua?
B - **Isso não**, nunca chega depois das seis horas da tarde. (A.G., 1925)
- 114 A - Dizem que é o inglês mais rico do Rio de Janeiro.
B - **Isto sei eu**. (F.J., 1833)

- 115 A - Está em casa com toda certeza; mas negou-se...
B - **Isto sei eu**; e por isso é que entrei. (F.J., 1883)
- 116 A - Então, o que é isto? Pensava que já estava longe daqui!
B - Não senhor, ainda não fui.
A - **Isso vejo eu**. (M.P., 1843)
- 117 A - Há, efetivamente, senhoras casadas que se esquecem do decoro que devem a si e à sociedade!
B - **Isso há**,... (A.A., 1897)

A presença de um demonstrativo neutro nas expressões de confirmação e nas respostas curtas não é uma inovação da língua portuguesa. Pelo contrário, esta é uma característica conservadora, uma herança do pronome neutro *hoc* do latim. Veja-se a resposta *ouil* do francês antigo (seção 2.2.2 deste capítulo).

Estas considerações levam-me a hipotetizar que a estrutura das expressões de confirmação e das respostas curtas de tipo verbal é formada por um pronome demonstrativo neutro nulo e pelo verbo contido na interrogativa IP. Este pronome neutro tem a função de retomar um sintagma nominal ou frasal, em um padrão, por muitos tratados como V2 (Benincà, 1991; Ribeiro, 1995 e outros). A possibilidade de o demonstrativo neutro ocorrer no início da estrutura frasal no PE dá conta do fato de que nas respostas curtas os clíticos não aparecem no PE, apesar de esta língua exibir o sistema de clíticos. Frases como (112) são exemplos de elipse de VP, resíduo de “scrambling”.

Por não apresentarem a possibilidade de o demonstrativo neutro ocorrer na primeira posição, as demais línguas românicas não permitem a elipse de VP, logo, não manifestam a opção da resposta curta de tipo verbal.⁴⁵

Há que se salientar ainda que, enquanto as demais línguas românicas ocidentais desenvolveram o sistema pronominal ‘fraco’ ou ‘átomo’ como argumentos internos, o português parece ter admitido a coexistência do sistema pronominal ‘fraco’ e ‘forte’. Galves salienta que

“o pronome tônico em posição objeto não é exclusivo do português brasileiro, uma vez que se encontra em fases arcaicas da língua” (1993:405, nota 3)

⁴⁵ O pronome demonstrativo neutro existe também no espanhol: *eso*. Assumo que a existência do pronome demonstrativo é obrigatória para que se tenha a resposta curta, mas não é uma garantia de que a língua que o exibe desenvolva a resposta curta (de fato, no dialeto uruguaio, a resposta curta é possível em alguns contextos (Mirta Groppi, com. pessoal)). Para que ocorra a resposta curta o pronome demonstrativo neutro deve mover-se para a frente do verbo.

O português teria, portanto, desenvolvido ao lado do pronome átono, o clítico sentencial, o pronome tônico. A sua presença é marcante nos textos medievais de caráter narrativo:

- 118 “E todos aqueles que **esto** viron maravilharon-se muito... (*Diálogos S. Gregório*, XIII)
- 119 “E o padre santo Equicio depois que **isto** ouvio, com gram desdenho, começou a sorrir e disse aos monges que estavam ante ele...” (*Diálogos de S. Gregório*, XII)
- 120 “Quando **esto** ouvio o privado, entendeo que tinha tempo de castigar elrei...” (*Quais sejam os verdadeiros bens*, XIV)

A presença marcante do pronome demonstrativo neutro e a existência de “scrambling” no português leva-me a conjecturar que as respostas curtas devam estar correlacionadas com este tipo de pronome, dando continuidade à construção latina de resposta de tipo verbal.

Poder-se-ia, à simples vista, contestar a conexão entre a elipse de VP e a anteposição do pronome demonstrativo neutro ao verbo nas frases asseverativas e confirmativas, tomando por base a construção elíptica na língua inglesa e a inexistência de pronomes demonstrativos neutros nesta língua. No entanto, Kato (com. pessoal) chamou-me a atenção para a existência de frases como: (Rothstein, 1995:521)

- 121 They confirmed **it** that you had passed the entrance exam.
122 He resented **it** that his friends worked so hard.

Inspirando-se em Bolinger (1977), Rothstein⁴⁶ assume

“that *it* refers to something already broached - an event already mentioned or for other reasons contextually prominent” (Rothstein, 1995:519).⁴⁷

⁴⁶ As interpretações a respeito da função sintática do pronome *it* no contexto das frases (121-122) têm sido bastante controvertidas: sujeito da encaixada (Postal & Pullum (1988), apud Stroik); objeto da matriz (Stroik (1990); Rothstein (1995)). Ainda, para P&P e Stroik, *it* é um pronome expletivo. Para Rothstein, *it* é um pronome referencial.

⁴⁷ A autora distingue *it* pleonástico ou expletivo de *it* referencial. O primeiro ocorre na estrutura
I consider **it obvious that** you should have done that.
neste caso, *it* não é objeto da matriz, mas sujeito de um predicado adjetival e é theta marcado pelo predicado [consider obvious] e não pelo verbo da matriz. No caso de
They confirm **it that** you had passed the entrance exam.
it é um pronome referencial, um argumento theta marcado pelo verbo da matriz. É um objeto pronominal. Se *it* não está presente, o CP é o complemento da matriz. Quando *it* está presente, *it* é o sujeito de CP. (Para o licenciamento de CP, remeto ao trabalho de Rothstein.)

O pronome *it* anteposto ao complementizador, portanto, denota um evento específico proeminente no discurso. A função do CP é, segundo a autora, identificar explicitamente o evento denotado pelo pronome:

123a John and Mary have announced that they got married.

123b John and Mary have announced it that they got married.

Assim, em (123a) tem-se apenas o relato que John e Mary anunciaram o seu casamento, informação nova para o interlocutor. Em (123b), o locutor relata que John e Mary anunciaram publicamente o casamento, mas assinala também que o interlocutor já sabia que tinha ocorrido o evento.

Vale a pena mostrar mais um exemplo do emprego do pronome *it* para denotar um evento no discurso:

124a I regret that I am falling asleep.

124b I regret it that I am falling asleep.

Em (124a), o locutor simplesmente lamenta ‘estar caindo de sono’. Em (124b), o locutor não lamenta o fato de ‘estar caindo de sono’, mas lamenta ‘estar caindo de sono’ durante um jantar em que está presente. Ou seja, o pronome denota um evento maior do que o simples fato de ‘estar caindo de sono’:

“by predicating the CP of *it*, the sentence asserts that the event expressed by the CP is part of the bigger one. The speaker regrets the general situation of which ‘I am falling asleep’ is a (relevant) part.” (Rothstein, 1995:521).

Rothstein faz uma predição: a construção *it* + CP só é possível se o verbo denotar um evento. Assim, o verbo é factivo apenas se o pronome *it* estiver presente, como é o caso de (125a), mas não de (125b):⁴⁸

125a They had suspected it that she would be arrested.

125b They has suspected that she’d be arrested, and were relieved when she wasn’t.

⁴⁸ Rothstein salienta que no francês não há a construção *it* + CP, a menos que se tenha uma pausa entoacional:

Nous l’exigeons de nos employés, qu’ils portent une cravate.

Nous exigeons ça de nos employés, qu’ils portent une cravate.

Segundo Le Bidois & Le Bidois, o pronome demonstrativo anteposto a *que* é um galicismo, “il énonce alors une protestation ironique ou une vive dénégation: “Avec ça que le Ministre va lui raconter ses affaires!” (Dumas, Fils natur.IV,4, in Le Bidois & Le Bidois, 1968:111)

Embora não tenha encontrado nos dados construção semelhante, a expressão ‘com isso que’ ocorre no português moderno como denegação a uma asserção anterior: ‘Com isso que o Ministro vai contar os seus negócios!’

Retomo a frase do PE (64), em que o pronome demonstrativo neutro ocorre exatamente no contexto de *it* das frases (121/122/123b/124b/125a):

- 64 Tu compreendes **isto** que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe?
(R.B., 1970)

Se adotarmos a hipótese de Rothstein segundo a qual o pronome *it* anteposto ao complementizador é um objeto pronominal da matriz e o sujeito de CP, podemos inferir que o demonstrativo neutro *isto* em (64) tem esta dupla função: objeto do verbo *compreendes* contido na matriz, referindo um evento já mencionado ou contextualizado e sujeito de um predicado ‘que eu preciso de confessar’.

No PB moderno, o pronome demonstrativo neutro é também comum para a retomada da frase anterior:

- 126 A - Você acha que a aceitação da Porcina pelo público expressa alguma liberdade maior do brasileiro em relação à sexualidade?
B - Nunca refleti muito sobre **isso**. (Regina Duarte, entrevista a “Interview”, 88, 1986, in Duarte, 1986:17)⁴⁹
- 127 No cinema a ação vai e volta. No teatro você não pode fazer **isso**.
(SP, 85-40-1515, in Duarte, 1986:16)
- 128 Você usou essa menina pra sabotar a minha administração. Você vai confirmar **isso** agora. (Novela, in Duarte, 1986:17)
- 129 É um senador da República, mas é estrangeiro: não vota em Presidente da República. Nós não podemos fazer **isso** no Brasil. (Entrevista, in Duarte, 1986:17)

As frases acima sugerem que o pronome demonstrativo no PB ocupa um posição ‘baixa’, i.e., dentro de VP:

- 130 A Maria comeu o chocolate.
A Maria comeu **isso**.

ao passo que o NP A Maria pode receber foco marcado. No PE o pronome demonstrativo parece poder ocupar uma posição mais alta:

- 131 O chocolate comeu a Maria.
Isso comeu a Maria.

⁴⁹ A tradução italiana para a frase (126b) seria:

Non ci avevo mai pensato/riflettuto.

em que *ci* é um clítico sentencial empregado como complemento preposicional selecionado pelo verbo.

uma vez que nesta língua o NP posposto ao verbo é um foco não-marcado, ao contrário do PB que não tem foco não-marcado na posição mais encaixada da estrutura de frase (Kato & Raposo, no prelo). Estas considerações fazem presumir que a resposta curta do PB e do PE devem ter configurações distintas. Tratarei da representação destas formas no capítulo 04.

A dupla função do pronome demonstrativo neutro (na esteira de Rothstein, op.cit.) permite, a meu ver, o seu emprego como objeto nas respostas curtas do PE e do PB, quando da retomada do verbo contido na frase interrogativa, mas permite também o seu emprego como sujeito nas respostas curtas do PB formadas pela cópula *É*. De fato, deve-se salientar que, no PB, o pronome demonstrativo está também presente nas frases afirmativas constituídas pela cópula *É*. A sua presença na posição inicial da frase, como veremos no capítulo 03, parece indicar uma ordem contrária àquela que se tem verificado até o momento: *Suj-Verbo*.

Em suma, nas respostas em que se tem a retomada do verbo contido na interrogativa, verifica-se a presença do pronome demonstrativo com função de objeto na posição inicial; nas respostas com *É*, tem-se a presença do demonstrativo como sujeito na posição inicial da estrutura de frase.

Se considerarmos os resultados dos trabalhos de Berlinck (1989) e de Duarte (1992) a respeito da fixação da ordem SVO nas afirmativas e nas interrogativas, respectivamente, podemos presumir que um dos fatores que pode estar favorecendo o emprego de *É* nas respostas curtas do PB está diretamente correlacionado com o fenômeno da ordem no PB. A ordem (O)VS presente nas respostas curtas com a retomada do verbo dá lugar à ordem SVO obtida por meio da cópula *É*:

132a (Isso) *sei* (eu).

132b (Isso) *é* (verdade).

As considerações cotejadas nesta seção permitem inferir que as respostas curtas de tipo verbal são constituídas de um pronome demonstrativo neutro nulo e da retomada do verbo contido na interrogativa IP anterior. A descrição das respostas curtas no PB será feita no próximo capítulo após a análise do preenchimento do sujeito no italiano e do sujeito no PB.

CAPÍTULO 3

O FENÔMENO DO SUJEITO NULO x PLENO E AS FRASES ASSERTIVAS NO PB

“Io speriamo che me la cavi”.
(redação escolar, in Benincà, 1993:263)

- “_ Deu alguma explicação?
- _ Deixou um bilhete.
- _ Pra quem?
- _ Pra ninguém. Pra todos nós. Uma palavra só.
- _ Que palavra?
- _ “É!...”
- _ O quê?
- _ Uma palavra só, eu disse: “É!...”
- _ Pelo menos foi breve. O que é que ele quis dizer com isso?
- _ Sei lá. A vida, eu acho. Tudo. Nada. Não sei. Quem vai saber? “

(É... Millôr Fernandes, 1994:136)

3.0 Introdução

Este capítulo divide-se em duas partes. Na primeira, faço a descrição da língua italiana no que tange o preenchimento do sujeito e apresento os contextos em que se tem a predileção de sujeitos nulos no PB. Pretendo mostrar que o preenchimento do sujeito na língua italiana está vinculado à ênfase da realização do evento expresso pelo verbo (no primeiro capítulo, vimos o preenchimento do sujeito em função da focalização do sujeito) e que o sujeito nulo no PB está restrito às frases que contém um advérbio em IP. Avento a hipótese que a perda do *sim* levou ao preenchimento do sujeito, responsável pela ênfase do valor-verdade do verbo. O *sim* residual, posposto ao verbo, tem a função de enfatizar ou denegar uma asserção anterior.

Na segunda parte deste capítulo, faço a descrição das respostas assertivas no PB, a partir do século XIX. Verifica-se a perda da partícula *sim* e a emergência da cópula *È*. Embora o PB manifeste respostas de tipo verbal, percebe-se o avanço da cópula *È* para cobrir esta função.

3.1 O sujeito pleno no italiano

3.1.1 O sujeito deslocado

A frase-epígrafe italiana deste capítulo,

1 Io speriamo che me la cavo. (Eu, tomara que eu me saia bem.)

extraída de uma redação escolar¹, é analisada por Benincà (1993) como sendo um exemplo de deslocamento à esquerda.² A frase (1) é uma variante da frase (2) com a anteposição do tema da frase (= *quanto a mim*):

2 Speriamo che (io) me la cavi. (Tomara que eu me saia bem.)

Benincà salienta que a frase (1) poderia ser parafraseada com (3)

3 Spero di cavarmela. (Espero me sair bem.)

¹ A frase 'Io speriamo che me la cavo' extraída de uma redação escolar proveniente da Itália Meridional foi retomada como título de um livro e como nome de um filme, dada a sugestiva relação entre a degradação econômico-social e linguística, sugere Benincà.

² Benincà apresenta um outro exemplo semelhante extraído de Decameron (2,10) de Boccaccio:
Tu non pare che mi riconoschi. (Você não parece que me reconheça).

com perda de uma parte que lhe dá uma conotação emotiva: o verbo *sperare* na primeira pessoa do plural (Benincà, 1993:265).

Pondo de lado a conotação emotiva que Benincà atribui ao verbo *sperare* na primeira pessoa do plural, a frase (1), característica do italiano popular ou do italiano normal de modalidade oral, parece ‘chocar’ pelo fato de apresentar um sujeito deslocado do tipo pronominal. De fato, frases como (4-5) são perfeitamente naturais:

- 4 Mario, speriamo che se la cavi/cava. (Mario, tomara que se saia bem.)
5 Giorgio, mi sembra che non voglia venire. (Giorgio, me parece que não quer vir.)

ao passo que a contraparte pronominal ‘soa’ estranha como (1):

- 6 Lui, speriamo che se la cavi/cava. (Ele, tomara que se saia bem)
7 Lui, mi sembra che non voglia venire. (Ele, me parece que não quer vir.)

Assim como o deslocamento à esquerda de um complemento direto requer a presença de um clítico que retoma o elemento deslocado³,

- 8a Piero, non lo vedo mai. (Piero, eu nunca vejo ele.)
8b *Piero, non vedo mai. (Piero, eu nunca vejo.)

no caso do sujeito lexical deslocado, a frase é perfeitamente aceitável com a retomada do sujeito por um pronome⁴:

- 4a Mario, speriamo che lui se la cavi. (Mario, tomara que ele se saia bem.)
5a Giorgio, mi sembra che lui non voglia venire.
(Giorgio, me parece que ele não queira vir)

ao passo que a retomada do sujeito pronominal é completamente agramatical:

- 6a *Lui, speriamo che lui se la cavi. (Ele, tomara que ele se dê bem.)
7a *Lui, mi sembra che lui non voglia venire. (Ele, me parece que ele não queira vir)

Não é prerrogativa do pronome tônico de forma acusativa não permitir a retomada do sujeito pronominal deslocado. A forma nominativa também não o permite:

³ Segundo Salvi & Vanelli (1992), o objeto direto deslocado for um nome sem artigo, tem-se a sua retomada com *ne*
(Di) pane, qui non ne portano. ((De) pão, aqui não trazem isso.)

O mesmo é válido para o sujeito dos verbos inacusativos:

(Di) turistí, ne vengono da tutto il mondo. ((De) turistas, eles vêm do mundo inteiro.)

No caso do objeto indireto deslocado, a sua retomada por um clítico não é obrigatória

Alla mamma, non (le) ha regalato niente. (Pra mamãe, não (lhe) deu nada.)

assim como não se tem a retomada de um PP introduzido por *de*:

Di Piero, conosciamo le virtù. (De Pedro, conhecemos as virtudes.)

Note-se que nestes dois últimos casos tem-se um sintagma deslocado ‘pesado’, i.e., introduzido por uma preposição.

⁴ Embora seja preferível a frase sem a retomada do sujeito.

8a * Tu, mi sembra che tu non voglia venire. (Você, me parece que você não quer vir.)

Os fatos acima induzem a pensar que o sujeito pronominal tônico tem uma função específica junto ao verbo: dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo. Daí a agramaticalidade de sua reduplicação (6a-8a) e o 'estranhamento' de seu deslocamento para longe do verbo (1).

Nas seções seguintes, apresento algumas evidências do emprego do sujeito pronominal na língua italiana com a função de acentuar a veracidade da realização do evento expresso pelo verbo.

3.1.2 O italiano nas modalidades escrita X oral

3.1.2.1 A composição do *corpus* e a descrição numérica dos dados

Com a finalidade de avaliar a intensidade e as condições que regulam o preenchimento do sujeito em uma língua prototípica de sujeito nulo, compus um *corpus* que pudesse colocar em evidência os fatores pragmáticos.⁵

Selecionei 20 cartas de cinco italianos da região Norte da Itália, dos quais três mulheres (B., 63 anos, com quem morei 4,5 anos; L., 28 anos.; A., 23 anos)⁶ e dois homens (M., 40 anos; G., 50 anos, que me enviou algumas cartas trocadas entre ele e outros italianos, cujo teor era de acusação e defesa). A amostra escrita foi completada com o texto de uma comédia de Dario Fo, escritor vêneta.⁷

A amostra oral é composta da transcrição da gravação de três diálogos ocorridos em um programa televisivo, *Forum* (jan/1993), em que se tem ao vivo o julgamento de causas menores. Os querelantes provinham da região centro-norte: Roma e Belluno.

Das 2867 sentenças computadas nas três amostras, verificou-se um total de 83,18% de sujeitos nulos contra 16,81% de sujeitos plenos pronominais, exatamente o oposto do que notificou Duarte (1995) para o PB: 26% de sujeitos nulos X 74% de sujeitos plenos. A diferença em termos percentuais entre as duas línguas é uma evidência a favor da hipótese da

⁵ Os fatores sintáticos foram levantados no cap.01.

⁶ Utilizei as cartas recebidas até 4 anos após a minha volta ao Brasil, com o intuito de avaliar o fator *emocional* no preenchimento do sujeito. De fato, no caso de B., com quem morei 4,5 anos há um maior número de sujeitos plenos nas primeiras cartas. Após 2-3 anos, o sujeito pleno decresce em números de ocorrência. Quanto às duas outras mulheres, foi possível verificar que o fator *intimidade* também favorece o preenchimento do sujeito.

⁷ *Coppia Aperta, quasi spalancata*, de Dario Fo e Franca Rame, Einaudi, Torino 1991.

progressiva perda do sujeito nulo no PB (Duarte 1995). As duas línguas parecem ter um comportamento diametralmente oposto em relação ao preenchimento do sujeito.

A tabela a seguir mostra o total de sujeitos pronominais plenos e nulos, com exclusão dos sujeitos lexicais.

Tabela 3.1 Sujeito pleno (pronominal) X sujeito nulo nas modalidades escrita e oral

Amostra:	CARTAS				TEATRO				QUERELA			
	Nulo		Pleno		Nulo		Pleno		Nulo		Pleno	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Principal	657	(89,50)	77	(10,49)	733	(86,33)	116	(13,66)	157	(63,05)	92	(36,94)
Relativa	86	(87,75)	12	(12,24)	25	(86,20)	4	(13,79)	13	(65,00)	7	(35,00)
Coordenada	233	(93,20)	17	(06,80)	64	(83,11)	13	(16,88)	30	(62,50)	18	(37,50)
Adverbial	236	(90,42)	25	(09,57)	31	(72,09)	12	(27,90)	18	(51,42)	17	(48,57)
Completiva	83	(62,40)	50	(37,59)	32	(76,19)	10	(23,80)	5	(29,41)	12	(70,58)
Total	1295	(88,94)	181	(12,26)	885	(85,09)	155	(14,90)	223	(60,43)	146	(39,56)

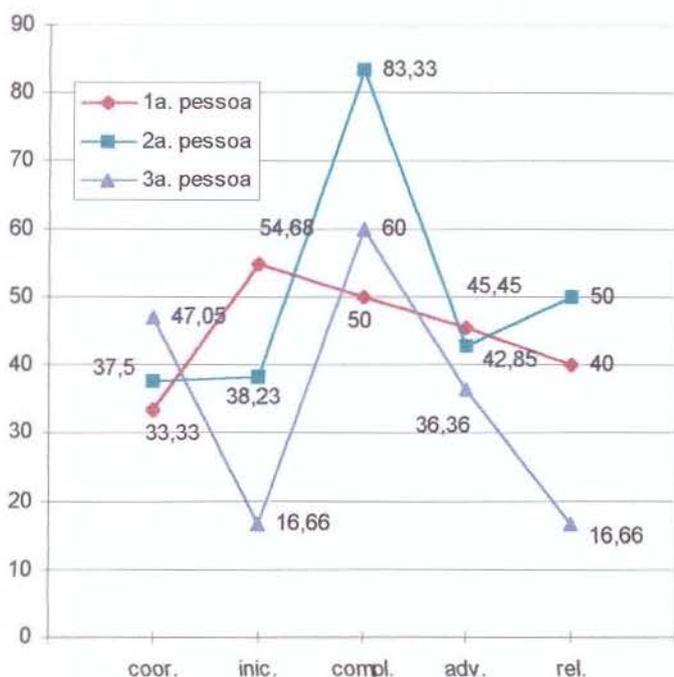
Conquanto os índices numéricos de sujeito nulo sejam superiores aos índices de sujeito pleno nas duas modalidades, preenche-se mais o sujeito na modalidade oral. Compare-se: 12,26% (cartas), 14,90% (teatro) e 39,56% (querela).

A seguir, passo à análise da amostra oral, dado que estou interessada no preenchimento do sujeito. Na seção seguinte, considero a amostra escrita. Antes, porém, importa salientar que não se verificou nenhuma ocorrência de pronomes para sujeitos inanimados em nenhuma das modalidades tomadas em exame.

3.1.2.2 O sujeito pleno na modalidade oral

O tipo sintático parece afetar o preenchimento do sujeito, conforme indica o gráfico a seguir:

Gráfico 3.1 - Sujeito pleno segundo o tipo de oração no italiano (%) - Modalidade oral.



Nas completivas, atinge-se a marca de 50%, 83,33% e 60% para as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente. Nas iniciais, tem-se 54,68% de sujeito pronominal de 1ª pessoa do singular. A terceira pessoa apresenta maior preenchimento nas coordenadas: 47,05%.

A seguir, passo a descrever cada tipo de oração em função do preenchimento do sujeito. Começo pelas adverbiais dada a quase equiparação em porcentagem de sujeitos plenos nas duas pessoas do discurso: 45,45% e 42,85% para a primeira e segunda pessoas respectivamente.

3.1.2.2.1 O sujeito pleno nas subordinadas

NAS ADVERBIAIS

Importa analisar as adverbiais para averiguar se o preenchimento do sujeito se dá apenas quando o verbo se encontra no subjuntivo, dado que neste modo há identidade de formas flexionais na primeira e segunda pessoas do tempo imperfeito ou mais-que-perfeito. Verifica-se que o preenchimento se dá em formas flexionais idênticas e diferenciadas:

CONDIZIONAL

- 9 A - Ora con ci sarebbe nessun problema, perché... (Não haveria nenhum problema...)
B - **Se tu non fumassi** Maurizio. (Se tu não fumasses Maurizio)
- 10 Per me, tu sei molto più carina più magra. Ti ho dato un consiglio... allora **se tu non l'hai voluto seguire**...
(Para mim, tu és muito mais bonitinha mais magra. Te dei um conselho... se tu não quiseste seguir)
- 11 Il dietologo mi ha prescritto la dieta che ho qui, **se lei vuole consultare**...
(O endocrinologista me prescreveu a dieta que tenho aqui, se o senhor quiser consultar...)
- 12 Non certo questa, perché questa, **se vuole vedere lei**, sono delle ricette difficilissime...
(Não certamente esta, porque esta, se o senhor quiser ver, são algumas receitas difíceis...)

as frases acima distinguem-se da frase (13) em que se tem a contraposição (*lui/lo*) em que é focalizado o sujeito:

- 13 **Se lui non mi avesse detto** delle cose, io non mi sarei ancora ravvisata.
(Se ele não tivesse me dito algumas coisas, eu ainda não teria percebido.)

Tem-se o preenchimento do sujeito na 2ªsg direta do imperfeito do subjuntivo (9), em que a 1ª e 2ª pessoas têm morfema flexional idêntico, mas também tem-se o preenchimento no caso de os morfemas flexionais serem diferenciados como: 2ªsg direta no passado composto do indicativo (10) e da 2ªsg indireta com o verbo no presente do indicativo (11/12). Além dos casos da segunda pessoa, direta e indireta, tem-se a presença do sujeito na 3ªsg do mais-que-perfeito composto do modo subjuntivo (13).

O sujeito pleno também foi individuado nas subordinadas adverbiais causal (1ªsg e 3ªsg), conformativa e temporal (2ªsg indireta):

CAUSAL

- 14 Me li metto, **perché io sono amica**, Gisela.
(Me+os coloco, porque eu sou amiga, Gisela.)
- 15 Be', non mi sembra giusto farlo pagare **perché io gli ho detto** semplicemente: ti ospito.
(Bom, não me parece correto fazê-lo pagar porque eu lhe disse simplesmente: te hospedo.)
- 16 Il... il pagamento dell'affitto, Gisela, spesso volentieri l'ha effettuato non in denaro ma, **siccome lei è sarta**, ha ben pensato ogni tanto di invece di pagarmi, di...farmi dei piccoli lavori di sartoria.
(O...o pagamento do aluguel, Gisela várias vezes de bom grado efetuou não em dinheiro mas, como ela é sarta, pensou justamente em, de vez em quando, em vez de me pagar em dinheiro, fazer algumas pequenas costuras pra mim.)

- 17 ...e lascio a lei quantificare l'ammontare di questi...uh...di questo danno, **perché io veramente non lo saprei quantificare.**
(...e deixo ao senhor quantificar o valor destes...uh...deste dano, porque eu realmente não o saberia quantificar.)

CONFORMATIVA

- 18 Sono sicura di aver fumato un fumo passivo che, **come lei sa**, è molto più pericoloso.
(Tenho certeza de ter fumado um fumo passivo que, como o senhor sabe, é muito mais perigoso.)

TEMPORAL

- 19 **Quando lei è venuto** in possesso di questa...di questo volume qua con la dieta, perché non gliel'ha restituita subito?
(Quando o senhor pegou esta...este volume aqui com a dieta, porque o senhor não devolveu logo pra ela?)
- 20 _ Me l'ha sottratto a tutti gli effetti. (Me+o roubou de qualquer maneira.)
_ **Cioè, mentre lei dormiva?** (Isto é, enquanto a senhora dormia?)

Em síntese, verifica-se o preenchimento na 1^a e 3^a pessoas e na segunda pessoa indireta, esteja o verbo no modo subjuntivo ou no modo indicativo.

NAS COMPLETIVAS

À guisa de ilustração, apresento alguns exemplos em que se verifica o sujeito pleno de 1^asg, 2^asg e 3^apl seguidas de um verbo no modo subjuntivo e o sujeito pleno de 3^a sg diante de um verbo no indicativo:

- 21 Io non capisco **perché io non possa appellare** il mio diritto di non fumo.
(Eu não entendo porque eu não possa apelar para o meu direito de não fumo.)
- 22 Ogni volta che vado in bagno, devo accertarmi **che tu non ci sia, che tu non sia** in bagno.
(Cada vez que vou ao banheiro, tenho que me certificar que você não esteja lá, que você não esteja no banheiro.)
- 23 E chi dice, signor Giudice, che l'affitto **che loro non abbiano accordi...**
(E quem diz, senhor Juiz, que o aluguel que eles não tenham acordos.)
- 24 Io so **che lui ha ottenuto** i risultati grazie alla mia dieta.
(Eu sei que ele obteve os resultados graças à minha dieta.)
- 25 Io sono tornata, ho trovato **che lui si era trasferito.**
(Eu voltei, vi que ele tinha se transferido.)

As frases acima mostram que o preenchimento do sujeito na língua italiana não está necessariamente correlacionado com a morfologia flexional,

uma vez que a 3ª plural do subjuntivo (23) é diferenciada das demais pessoas assim como acontece com a 3ª sg do indicativo em (24/25).

NAS RELATIVAS

No PB, as relativas configuram o contexto sintático em que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito está mais avançada. Duarte salienta que este é o contexto em que se deve ter iniciado o processo de preenchimento do sujeito no PB (Duarte, 1995:60). Observa ainda que no PE a relativa é a única estrutura que favorece o preenchimento do sujeito. No italiano, tem-se o preenchimento do sujeito, mas não ultrapassa a marca dos 35%:

- 26 Non certo questa, perché questa, se vuole vedere lei, sono delle ricette difficilissime **che io, da solo, non mi sarebbe...non le saprei preparare.**
(Não certamente esta, porque esta, se o senhor quiser ver, são receitas difíceis que eu, sozinho, não me seria...não as saberia preparar.)
- 27 Il mio danno principale è il danno economico. Cioè, 400.000 lire **che io le voglio da lui.**
(O meu dano principal é o dano econômico. Isto é, 400.000 liras que eu as quero dele.)
- 28 No, non lo credo...perché poi tante volte, allora, questi vestiti costavano molto di più di quello **che tu vai a pagare a un negozio.**
(Não, não acredito nisso...porque no fim, tantas vezes, então, estes vestidos custavam muito mais do que você vai pagar em uma loja.)

3.1.2.2 Estruturas subordinadas com sujeito pleno correferente

As estruturas com sujeitos correferentes têm sido consideradas um dos contextos de preservação de sujeitos nulos em línguas como o italiano, o espanhol e o português europeu, i.e., deveriam ser consideradas contextos de sujeito nulo obrigatório. No entanto, as frases a seguir mostram que é possível ter, pelo menos no que concerne a língua italiana, o preenchimento do sujeito nas subordinadas com sujeito correferente:

- 28 **Io non capisco perché io non possa appellare il mio diritto di non fumo.**
(Eu não entendo porque eu não possa apelar para o meu direito de não fumo.)
- 29 **Che danno? Io ho innanzitutto avuto un danno morale perché io mi sentivo bene.**
(Que dano? Eu antes de mais nada tive um dano moral porque eu me sentia bem.)
- 30 ...fatto sì è che ogni volta **in cui io entro in bagno adesso, (e) mi trovo il fumo del signor Panfilo e signora.**
(...o fato é que toda vez que eu entro no banheiro agora, (e) me embato com o fumo do senhor Panfilo e senhora.)

- 31 ...**(e)** lascio a lei quantificare l'ammontare di questo uh...di questo danno, **perché io veramente non lo saprei quantificare.**
(...**(e)** deixo ao senhor quantificar o valor deste uh...deste dano, porque eu realmente não o saberia quantificar.)

Apesar de 'frustrarem' a expectativa de não encontrar apenas sujeitos nulos nas subordinadas com sujeito correferencial, os exemplos acima são todos de primeira pessoa do singular, ao contrário do PB, em que se tem o sujeito correferencial nas três pessoas.

3.1.2.2.3 Sujeito pleno nas coordenadas

Tem-se o preenchimento das três pessoas nas coordenadas. Nem sempre, como se observa com as frases (32-33), o emprego do pronome está correlacionado com a mudança de tópico discursivo, contrariando as expectativas para uma língua de sujeito nulo:

- 32 **(e) ho la famiglia** che vive a Brussels **e io sono venuta** in Italia a Roma, a fare l'università.
(**(e)** tenho a família que vive em Bruxelas e eu vim à Itália a Roma, para fazer a universidade.)
- 33 - Certo! C'ho il contratto per 4 anni **e io non me ne vado.**
(Lógico! eu tenho o contrato por 4 anos e eu não vou embora)
- 34 Io...siamo amici, ci confidiamo di tutto. Ogni... in ogni cosa, ogni storiella, ogni confidenza. **E lui se l'è presa.**
(Eu...somos amigos, nos confiamos tudo (= trocamos confidências). Cada...em cada coisa, cada estória, cada confidência. E ele se + a pegou (=pegou-a para si).
- 35 A - Non li metterebbe nessuno. (Não os colocaria ninguém.)
B - **Però tu te li metti.** Te li metti? (Porém você os coloca. Te + os coloca?)

3.1.2.2.4 Sujeito pleno em contextos iniciais

NAS PRINCIPAIS DE COMPLETIVAS

O sujeito pleno pode aparecer nas principais de completivas que exprimem declaração hipotética ou volitiva:

- 36 **Io pretendo** che Gisela invece stia subaffittando questo appartamento a un'altra persona.
(Eu suponho que Gisela ao invés esteja subalocando este apartamento a uma outra pessoa.)
- 37 **Io chiedo** che Gisela...eh...lasci, ah...abbandonino l'appartamento lei e la persona che vive con lei.
(Eu peço que Gisela...eh...deixe, ah...abandonem o apartamento ela e a pessoa que vive com ela.)

- 38 **Io insisto** che il contratto venga dichiarato risoluto.
(Eu insisto que o contrato seja declarado dissoluto.)
- 39 Cristianna, **lei insiste** che venga dichiarato risoluto il contratto?
(Cristianna, a senhora insiste que venha declarado dissoluto o contrato?)

Note-se que a presença do vocativo na frase (39) não inibe o preenchimento do sujeito.

NAS INDEPENDENTES

Ao contrário do que se prevê para uma língua de sujeito nulo, os exemplos a seguir mostram que o preenchimento do sujeito é possível nos casos em que se tem um tópico discursivo bem delineado:

- 40 Cioè, riguardo alla dieta, **io l'ho fatta**, secondo le mie esigenze.
(Isto é, em relação à dieta, eu a fiz, segundo as minhas exigências.)
- 41 Noi siamo amici, ci confidiamo sempre tutto. Una volta consideravo... cioè **tu ti impossessi** della mia dieta, la metti in un cassetto e basta, cioè...
(Nós somos amigos, nos confiamos sempre tudo (=trocamos condifências). Uma vez (eu) considerava isto é, tu te apoderas da minha dieta, coloca-a em uma gaveta e basta, isto é...)
- 42 Il mio bagno, signor Giudice, è una vera camera a gas. **Io non so** come non facciamo a rendersi conto, questi signori.
(meu banheiro, senhor Juiz, é uma verdadeira câmara a gas. Eu não sei como não se dão conta, estes senhores.)

O sujeito é preenchido em seqüências de frases independentes, um outro contexto que, nas línguas de sujeito nulo, deveria tornar o sujeito não visível do ponto de vista lexical. Neste caso, individuei um exemplo com a segunda pessoa do singular (44). No entanto, é na primeira pessoa que geralmente se tem o preenchimento do sujeito:

- 43 E **io in effetti mi sono trovata** solo a sborsare i soldi. **Io ho sborsato** 400.000 lire dal dietologo.
(E eu na realidade me achei só a desembolsar o dinheiro (=acabei só desembolsando o dinheiro). Eu desembolsei 400.000 liras no endocrinologista.)
- 44 ...la mia corporatura è diversa dalla tua. **Tu sei una ragazza. Tu sei una donna.**
(...a minha corporatura é diferente da tua. Tu és uma moça. Tu és uma mulher.)
- 45 **(e) sono andata** li a pesarmi sulla bilancia. E **io procuro** la bilancia. Dove **(e) vado** a trovarla?
((e) fui lá para me pesar na balança. E eu procuro a balança. Onde (e) vou encontrá-la?)

Há também correferencialidade entre o sujeito da independente e o sujeito da matriz:

- 46 ...in alternativa, **io chiedo** che installi a sue spese un aspiratore più forte, più potente. In ogni caso, **io ho dei danni morali**.
(...em alternativa, eu peço que instale às suas custas um aspirador mais forte, mais potente. De qualquer maneira, eu tenho danos morais.)
- 47 **Io non c'ho colpa** che colui si è trovato in questa situazione. **Io lo ospitavo** a casa mia, basta!
(Eu não tenho culpa que ele se achou nesta situação. Eu o hospedava em minha casa, basta!)
- 48 **Io non potevo seguire** perché lei ha esigenze caroliche diverse dalle mie. **Io sono un ragazzo**.
(Eu não podia seguir porque ela tem exigências calóricas diferentes da minhas. Eu sou um rapaz.)

Há correferencialidade entre o sujeito da matriz e o sujeito das coordenadas:

- 49 **(e) l'ho fotocopiata** anche, però non **(e) l'ho seguita**. **Io non potevo seguire** perché lei ha esigenze caloriche diverse dalle mie.
((e) a fotocopiei também, mas não (e) a segui. Eu não podia seguir porque ela tem exigências calóricas diferentes das minhas..)

Além dos casos de seqüências de independentes acima, convém notificar o emprego do pronome em construções que repetem o pensamento expresso por uma frase precedente. Aqui também o preenchimento do sujeito é possível com a segunda pessoa do singular:

- 50 Ogni volta che vado in bagno, devo accertarmi **che tu non ci sia, che tu non sia in bagno**.
(Cada vez que vou ao banheiro, tenho que me certificar que tu não estejas lá, que tu não estejas no banheiro.)
- 51 **Io torno...io torno** all'improvviso...
(Eu volto...eu volto de repente...)
- 52 **Io, signor Giudice, non sapevo niente. Io non sapevo niente, io... io so...va tutto bene...al limite, al limite...**
(Eu, senhor Juiz, não sabia nada. Eu não sabia nada, eu... eu sei... está tudo bem... no pior das hipóteses, no pior das hipóteses....)
- 53 No, non è subaffitto, ora **io a te ti pago** regolarmente, **io ti pago**.
(Não, não é subalocação, agora eu a ti te pago regularmente, eu te pago.)

Particularmente interessante, típico da língua italiana coloquial, é o exemplo (53) em que a repetição parece sintetizar o conteúdo expresso na frase precedente:⁸ o sujeito pleno estaria dando ênfase à realização do evento expresso pelo verbo de modo a marcar a sua veracidade.

⁸ Que é a repetição e não a presença do sujeito que tem a função de sintetizar o conteúdo expresso na frase anterior é comprovado pela frase a seguir:

Dovrebbero darti un buono abbuono su... da quanto fumi tu e tua moglie, dovrebbero dare.

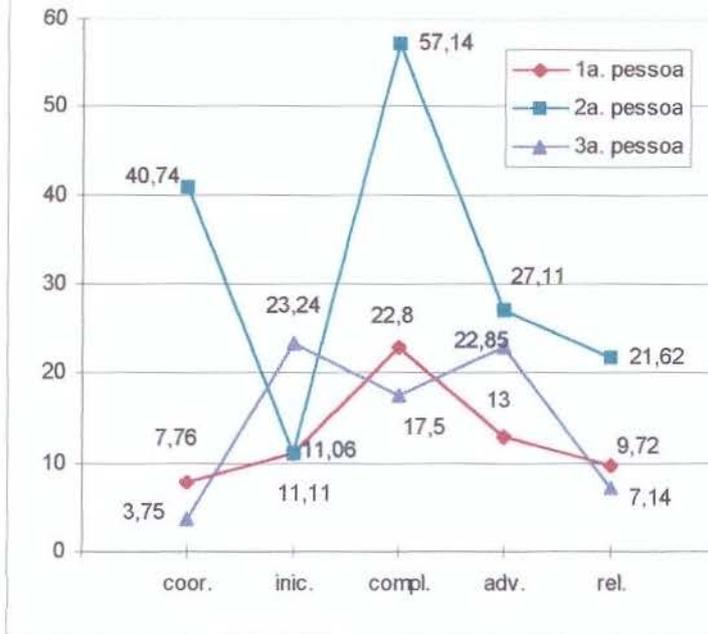
Embora as frases seguintes não configurem contextos sintáticos de uma pretensa ‘obrigatoriedade’ de sujeito nulo, elas constituem exemplos significativos do emprego do sujeito pronominal com a função de dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo. Nas frases (54/55) coloca-se em questão o conteúdo expresso pelo verbo *ospedar*, em (56) faz-se uma crítica às viagens do interlocutor, em (57/58) o locutor, dada a presença do sintagma verbal *é vero*, é levado a admitir ter realizado o evento expresso pelo verbo e em (59) a expressão *entrar em apnéia* requer o preenchimento do sujeito para delinear o estado crônico do locutor ao entrar no banheiro cheio de fumaça de cigarro do vizinho:

- 54 - **Tu stai ospitando** una persona?!!
(Você está hospedando uma pessoa?!!)
- 55 - **To', io non sto ospitando...**
(Tá, eu não estou hospedando... [o que eu estaria fazendo?])
- 56 - **Tu ti metti in viaggio**, perché... lei è una donna in carriera, lei qua... lei là.
(Você se põe a viajar, porque... ela é uma mulher de carreira, ela aqui... ela ali)
- 57 - **Io le ho fatto** dei piccoli lavori, è vero, però perché a lei le conveniva.
(Eu fiz algumas costuras pequenas pra ela, é verdade, mas porque lhe convinha.)
- 58 - ... è vero, **io ho installato** un aspiratore elettrico per favorire il disperdersi del fumo.
(... é verdade, eu instalei um aspirador elétrico para facilitar o dispersar da fumaça.)
- 59 - **Io entro in apnea** nel mio di bagno.
(Eu entro em apnéia no meu banheiro)

3.1.2.3 O sujeito pleno na modalidade escrita

Exatamente como se verificou na modalidade oral, embora com menor frequência, tem-se o preenchimento do sujeito em todos os tipos de orações:

Gráfico 3.2 - Sujeito pleno segundo o tipo de oração no italiano (%) - Modalidade escrita.



Verifica-se aqui também que o tipo de oração afeta o preenchimento do sujeito. Nas completivas, há maior preenchimento do sujeito pronominal de 2ª e 1ª pessoas do singular: 57,14% e 22,80%, respectivamente. Nas coordenadas, tem-se o maior preenchimento da 2ª pessoa do singular: 40,74%.

Apresento a seguir alguns exemplos para cada tipo de oração. Descarto apenas as coordenadas devido ao escasso preenchimento do sujeito que apresentam.

3.1.2.3.1 O sujeito pleno nas subordinadas

NAS ADVERBIAIS

O sujeito pleno pode aparecer na adverbial causal (60/61), na condicional (62) e na conformativa (63/64):

- 60 Tra l'altro, la sua presenza ha maggiormente aumentato la mia crisi, visto che **io ho sempre avuto** un debole per lui. (carta)
(Entre outras coisas, a sua presença aumentou ainda mais a minha crise, visto que eu sempre tive uma queda por ele.)
- 61 Con il tedesco, una storia senza sboco, senza futuro, **dato che lui è** una persona irrazionale... (carta)
(Com o alemão, uma história sem saída, sem futuro, dado que ele é uma pessoa irracional...)

- 62 Se **tu fossi rimasta** qui, forse avrei cercato di insegnarti qualche cosa della vita (che pretesa!). (carta)
(Se tu tivesses ficado aqui, eu teria talvez tentado te ensinar alguma coisa da vida (que pretensão!))
- 63 Io non conosco comunque la lettera del G. che non fu scritta a nome mio, **come tu erroneamente scrivi** .
(Eu de qualquer forma não conheço a carta do G. que não foi escrita em meu nome, como tu erroneamente escreves.)
- 64 Io non mi sono mai occupato di “un caso che non mi riguarda (**come tu dici giustamente**) nel senso che non ho mai fatto pressioni... (carta)
(Eu nunca me ocupei de “um caso que não me diz respeito (como tu justamente dizes) no sentido de que nunca fiz pressões...)

Vê-se das frases acima que o preenchimento do sujeito não está restrito ao verbo no subjuntivo em (62), em que as duas pessoas do discurso são idênticas, mas ocorre também no indicativo.

NAS COMPLETIVAS

Tem-se o preenchimento tanto da primeira (65) quanto da segunda pessoa do singular (66-70). O sujeito pronominal antecede o verbo no indicativo (65/66) e no subjuntivo (67-70):

- 65 Ma ti rendi conto **che io ti volevo ammazzare**... capisci? (teatro)
(Dás-te conta que eu queria te matar... hein?)
- 66 Spero **che tu avrai** qualche minuto libero per incontrare il vecchio M. (carta)
(Eu espero que tu terás um minuto livre para encontrar o velho M.)
- 67 ... preferisco andare sul sicuro e cioè **che tu mi dica** bene che colore che lunghezza che modello... (carta)
(... prefiro ir no seguro (=ter certeza) e isto é que tu me digas bem que cor que cumprimento que modelo...)
- 68 ... io spero **che tu abbia ritrovato** gli amici che avevi e se non ci sono più che **tu ne trovi** di nuovi. (carta)
(... eu espero que tu tenhas reencontrado os amigos que tinha e se não existem mais que tu encontres novos (=outros).)
- 69 Te l’ho proposto unicamente per aiutarti a migliorare il tuo già ottimo italiano, spero vivamente **che tu abbia capito** questo... (carta)
(Te+o propus só para te ajudar a melhorar o teu italiano que já é ótimo, espero sinceramente que tu tenhas entendido isso.)
- 70 ... anche se vorrei **che tu ti ricordassi** che ti penso sempre con grande affetto. (carta)
(... embora gostaria que tu te lembrasses que eu penso em ti com grande afeição.)

Note-se que este é um contexto de preenchimento obrigatório do sujeito, caso o verbo esteja no modo subjuntivo (Renzi & Vanelli, 1983). No entanto, verifica-se que o preenchimento do sujeito é possível mesmo que o verbo esteja no modo indicativo como em (65/66).

NAS RELATIVAS

Embora seja pouco freqüente, ao contrário do que se verifica no PB (Duarte, 1995), o sujeito pronominal também é possível nas relativas:

- 71 La sua domanda doveva essere inoltrata con un giudizio sulla qualità del suo lavoro, atto dovuto del direttore, **che io formulai** in termini positivi. (carta)
(O seu requerimento devia ser enviado com uma avaliação sobre a qualidade do seu trabalho, ato de responsabilidade do diretor, que eu formulei em termos positivos.)
- 72 Guarda che per affogarsi nella mia vasca da bagno, piccola com'è, ci vuole una forza di volontà **che tu non hai**. (Teatro)
(Olha que para se afogar na minha banheira, pequena do jeito que é, precisa de uma força de vontade que tu não tens.)
- 73 ... e come lo stesso G. (**che tu dici di stimare** pur avendolo attaccato duramente in passato). (carta)
(...e como o próprio G. (que tu dizes estimar apesar de o ter atacado duramente no passado).)

3.1.2.3.2 Estruturas subordinadas com sujeito pleno correferente

Também na modalidade escrita é possível encontrar sujeitos plenos nas subordinadas com correferência com o sujeito da principal, contrariando as previsões para uma língua de sujeito nulo:

- 74 **Io non ho fatto** mai nessun intervento in suo favore presso il Ministero, assolutamente, e questo **non perché io sia egoista o vigliacco**, ma... (carta)
(Eu nunca fiz nenhuma intervenção a seu favor junto ao Ministério, absolutamente, e isto não porque eu seja egoista ou covarde, mas...)
- 75 ...anche perché non (**e_i**) sono così vanaglorioso da ritenere **che io, possa influire** sulle decisioni dell'Amministrazione.
(...mesmo porque não sou tão vanglorioso ao ponto de considerar que eu possa influenciar nas decisões da Administração.)
- 76 **Marina_i**, per la prima volta in questa settimana mi ha parlato di Guido e (**e_i**) mi ha chiesto che cosa succedrebbe se lei_i si sposasse. (carta)
(Marina pela primeira vez nesta semana me falou de Guido e me perguntou o que aconteceria se ela se casasse.)
- 77 A - **Io ho bisogno** che tu mi dimostri. (Eu preciso que você me demonstre)
B - Che ti dimostri cosa? (Que te demonstre o quê?)
A - **Che io valgo** ancora qualcosa per te. (teatro) (Que eu valho ainda alguma coisa para ti)

Vê-se que, conquanto se tenha maior preenchimento quando da primeira pessoa, é possível o preenchimento com o pronome de 3^a sg, como em (76).

O preenchimento do sujeito nas encaixadas com sujeito correferente deveria ser restrito a línguas de sujeito não-nulo, no entanto, como se verifica com as frases (74-77) o preenchimento do sujeito é também possível em uma língua de sujeito nulo.

3.1.2.3.3 O sujeito pleno em contextos iniciais

As frases a seguir mostram que o sujeito pode ser preenchido inclusive na terceira pessoa (78-81), mesmo quando esta pessoa é o tópico discursivo (78/79), ao contrário do que se tem previsto para línguas de sujeito nulo como o italiano:

- 78 Quando ero ad Affi, (e_i) dice che era diverso, i chilometri erano meno e poi con la macchina (e_i) sapeva che con un paio d'ora lo avrei raggiunto! **Comunque ora lui sta proprio benino.** (carta)
(Quando (eu) estava em Affi, diz que era diferente, os quilômetros eram menos e depois com o carro sabia que em duas horas o teria alcançado! De qualquer forma agora ele está realmente bem.)
- 79 L'ho cacciato, povero ragazzo.. Come (e_i) era triste! **Lui non si è rassegnato.** (teatro)
(Eu) o pus para fora, coitado do rapaz... Como (ele) estava triste! Ele não se resignou.)
- 80 Per questo, quando si seppe che il L. era licenziato, **lui ha chiesto** ad alcuni amici di interessarsi per vedere se era possibile aiutarlo... (carta)
(Por isso, quando se soube que L. tinha sido demitido, ele pediu a alguns amigos para se interessar para ver se era possível ajudá-lo...)
- 81 Sì certo, io ci faccio attenzione, ma quando lei va con gli altri ragazzi io mica ci posso stare appresso a controllare... **lei non vuole!**
(Sim certamente, eu (ci = a isso) faço atenção, mas quando ela vai com outros rapazes eu não (ci = a ela) posso ficar junto para controlar... ela não quer!)
- 82 Malgrado la scarsa stima che io ho per me stesso, specialmente in questo periodo, **io non mi ritengo** egoista... (carta)
(Apesar da baixa estima que eu tenho por mim mesmo, especialmente neste período, eu não me considero egoista.)

Embora não atinja a marca dos 20%, o preenchimento do sujeito na modalidade escrita, além de aparecer com a função pragmática de focalizar o sujeito, ou por contraste ou por contraposição, surge também com a função de dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo:

- 83 **Guarda che io considero il mio no solo temporaneo, perché avrei proprio intenzione di venire in Brasile...** (carta)
(Olha que eu considero o meu não só temporário, porque teria (eu tenho) mesmo intenção de vir (= ir) ao Brasil.)
- 84 **Io ho risposto al L., naturalmente, accludendo alla mia lettera una dichiarazione di G.** (carta)
(Eu respondi ao L., naturalmente, anexando à minha carta uma declaração do G.)
- 85 **Io non oso pensare di poter venire a Natale (anche se te l'avevo promesso).** (carta)
(Eu nem ousou pensar de vir (= ir) no Natal (apesar de eu ter prometido).)

O sujeito pleno aparece nas seqüências de independentes:

- 86 - **No! Io me ne sbatto, io mi butto!** (teatro)
(Não! eu não me importo (=num tô nem aí), eu vou me jogar!)
- 87 **Io te lo dimostro... Io ti apro un casino... davanti al posto dove lavori.** (teatro)
(Eu to mostro...Eu te abro um bordel... na frente do local onde trabalhas.)

Note-se ainda o preenchimento do sujeito na coordenada sindética adversativa:

- 88 **Io non ho fatto** mai nessun intervento in suo favore presso il Ministero, assolutamente, e questo non perché **io sia** egoista o vigliacco, ma perché sarebbe stato scorretto e disonesto (oltreché inutile) interessarmi di cose che non mi riguardano. **Però io ho** un senso etico e posso avere il diritto di esprimere il mio parere. (carta)
(Eu nunca fiz nenhuma intervenção a seu favor junto ao Ministério, absolutamente, e isto não porque eu seja egoísta ou covarde, mas porque teria sido deselegante e desonesto (além de inútil) interessar-me por coisas que não me dizem respeito. Porém eu tenho um senso ético e posso ter o direito de exprimir o meu parecer.)

Em síntese, nada obsta a que o sujeito seja lexicalmente visível em contextos onde se tem previsto a 'obrigatoriedade' do sujeito nulo em línguas como o italiano: subordinadas com sujeitos correferenciais e seqüências de frases independentes. O sujeito pleno, nos contextos acima, pode aparecer tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que os textos analisados ressentem particularmente de um teor de acusação e de defesa que, a meu ver, leva ao preenchimento do sujeito. Na seção seguinte, mostro que a realização lexical do sujeito é possível também diante de verbos no modo imperativo.

3.1.2.4 O sujeito pleno nas imperativas

A caracterização da língua italiana como sendo de sujeito nulo não impede a realização fonológica do sujeito nem mesmo nas frases em que se

tem o modo imperativo. O sujeito pode aparecer anteposto ou posposto ao verbo. A sua posição confere à frase forças ilocucionais diferenciadas. A frase com sujeito posposto ao verbo no imperativo recebe a interpretação de ‘concessão’, ‘permissão’ ou ‘exortação’, como é o caso de (89/90) a seguir:

- 89 Però forse è meglio accennare prima qualcosa a A., dicendole pure che non la vuoi coinvolgere e **scrivi tu** prendendo lo spunto che lo hai conosciuto a Milano. **Vedi tu.** (carta)
(Talvez seja melhor aludir alguma coisa à A., dizendo-lhe mesmo que não a queres envolver e escreve tu tomando o pretexto que o conhecestes em Milão. Vê tu.)
- 90 Ho preso i primi due fascicoli che ti mando a parte. **Giudica tu** se ti possono servire per i tuoi allievi. (carta)
(Comprei os dois primeiros fascículos que te mando à parte. Julga tu se podem servir para os teus alunos.)

Se se considera que o referente do verbo no imperativo encontra-se no enunciado anterior (nos três casos acima), obtém-se que a posposição do pronome *tu* não tem a função de focalizar o sujeito, mas de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo,⁹ i.e. a faculdade de *scrivere* (=escrever,) de *vedere* (= ver/decidir) e de *giudicare* (=julgar). As frases acima deveriam ser interpretadas como:

Scrivi tu = o ato de escrever fica a teu critério.

Vedi tu = a decisão de procurar Fulano fica a teu critério.

Giudica tu = a avaliação dos fascículos fica a teu cargo.

A anteposição do pronome ao verbo no imperativo parece focalizar o sujeito, atenuando a força ilocucionária ‘ordem’ contida na frase imperativa:

- 91 Ora chiudo perché sta diventando la mia lettera un romanzo (**tu scrivi pure** appena puoi e a lungo più che puoi)... (carta)
(Agora encerro porque está se tornando a minha carta um romance. (tu escreve à vontade assim que puder e o mais longamente que puder)...)
- 92 **Tu cerca di portare** un po’ di pazienza... (carta)
(Tu procura ter um pouco de paciência.)
- 93 Fai pure... Ammazziati. E no, ti ammazzi veramente. Non puoi fare questa figura davanti a tutti. Hanno pagato il biglietto... **tu adesso muori!** (teatro)
(Pode fazer... Mata-te. Ah não, matas-te realmente. Não podes fazer este papel na frente de todo mundo. Eles pagaram o ingresso... tu agora morres!)
- 94 Sono stata con un tipo (... **tu pensa**, un architetto!!) fino a circa una settimana fa.
(Estive com um cara (... tu imaginas, um arquiteto!!) até mais ou menos uma semana atrás.)

⁹ O sujeito posposto nas frases imperativas tem função diferente de : lo faccio io (= faço-o eu) , ci penso io (= a isto penso eu), em que se tem a focalização do sujeito.

Em síntese, a presença do sujeito posposto ao verbo precisa a *força* do proferimento aqui manifestada pelo modo. A posição do sujeito, no caso do modo imperativo, é relevante, uma vez que o imperativo não tem tempo e, portanto, não tem a capacidade de asseverar (cfr. Barbara, 1975, Kato, 1995a). Se o pronome estiver anteposto ao verbo, tem-se a focalização do sujeito e a atenuação da força ilocucionária ‘ordem’ da frase imperativa. Se o pronome estiver posposto ao verbo, o sujeito precisa a força do proferimento.¹⁰

3.1.2.5 O sujeito pleno e os atos de fala

A focalização do sujeito e a ênfase à força do proferimento que a posição do sujeito na frase imperativa instaura faz presumir que o preenchimento obrigatório do sujeito pronominal de segunda pessoa quando anteposto a um verbo no modo subjuntivo de uma completiva esteja correlacionado com os atos de fala. Assim, a presença obrigatória do pronome *tu* diante de um verbo no presente ou imperfeito do subjuntivo de uma completiva não se justificaria pela ambigüidade referencial (*io/tu/lui canti; io/tu cantassi, lui cantasse*), mas pela necessidade de distinguir o ato ilocucional primário do ato ilocucional indireto.

Assim, uma oração encaixada com o verbo na 3ªsg do indicativo regido por um verbo declarativo

- 95 So che *viene*.
96 Penso che *viene*.

= declaro saber/pensar que ele/ela vem.

não requer a presença do sujeito pronominal devido ao fato de a frase encaixada constituir um proferimento declarativo. O mesmo pode-se dizer do verbo na 3ªsg do subjuntivo, quando este for regido por um verbo que explicita a força de um proferimento declarativo hipotético (97) ou declarativo desiderativo (98-99):

- 97 Dubito che venga. (Duvido que venha)
98 Temo che venga. (Temo que venha)
99 Voglio che venga. (Quero que venha)

= declaro duvidar/temer/querer que ele/ela vem

¹⁰ Lembro a este propósito o emprego de particulas para dar ênfase ao verbo nas línguas crioulas. Ver nota 12/cap.02.

No que diz respeito à 2ªsg, a presença do sujeito se faz obrigatória se o verbo estiver no modo subjuntivo (100), mas não no modo indicativo (101):

- | | | |
|-----|-------------------------------------|------------------------------------|
| 100 | Dubito/temo/voglio che *(tu) venga. | (Duvido/temo/quero que você venha) |
| 101 | So che (tu) vieni. | (Eu sei que você vem.) |

O verbo *so* (*sei*) tem somente a função de explicitar o proferimento declarativo do 'meu saber'. Não tem a força de uma ameaça, de uma ordem, de um compromisso, de uma insinuação, etc... e não produz efeitos no interlocutor como intimidação, persuasão, convencimento, etc... Daí ser desnecessário o preenchimento do sujeito junto ao verbo da encaixada. O acréscimo do pronome *tu* explicitaria apenas um ato ilocucional de comando ou uma confirmação como em:

- 102 Eu sei que você vem, não vem? Vem sim.

Ao contrário, os verbos *dubito/spero/voglio/temo* explicitam uma declaração modalizada e, para além de apresentarem em alguns casos o ato ilocucional de um *desejo*, de uma *ordem*, de um *desafio* etc., contêm a possibilidade de uma reação por parte do interlocutor, i.e. podem levar o interlocutor a denegar o conteúdo proposicional do enunciado anterior:

- 103 _ Eu duvido que você venha.
_ Pois eu venho.

ou a exprimir anuência com o conteúdo proposicional do enunciado anterior:

- 104 _ Quero que você venha.
_ Tá bom, então eu venho.

Estes efeitos não podem recair na 3ªsg, daí o não preenchimento do sujeito em (97-99), mas têm efeitos no interlocutor, o que justifica a obrigatoriedade do sujeito em (100).

No caso das adverbiais condicionais, não se tem a obrigatoriedade do pronome:

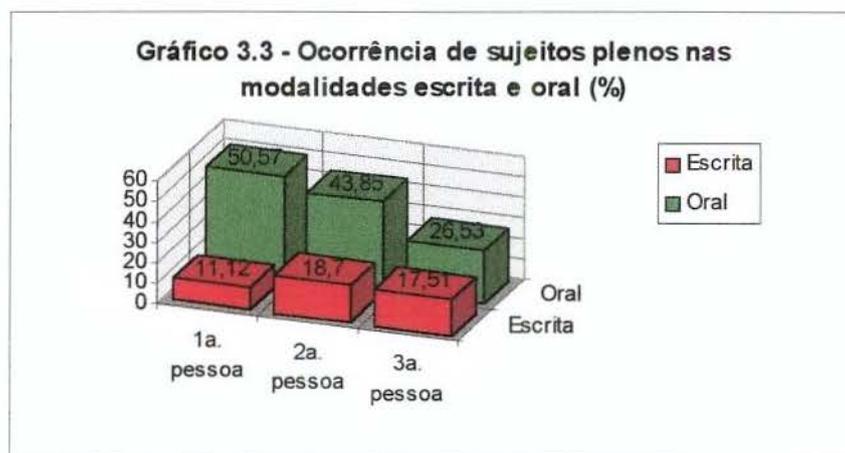
- | | | |
|-----|------------------------------------|---------------------------------------|
| 105 | Se (tu) vieni, avvertimi. | (Se tu vens, avisa-me) |
| 106 | Se (tu) avessi soldi, viaggeresti. | (Se tu tivesses dinheiro, viajarías.) |

apesar de ser mais frequente o preenchimento do sujeito quando o verbo estiver na segunda pessoa do singular do modo subjuntivo, como em (106). Esta diferença parece estar correlacionada com o ato indireto de crítica sobre a segunda pessoa 'você devia ter dinheiro' em (106), ausente em (105).

Em síntese, o preenchimento do sujeito na língua italiana é, nos casos de preenchimento facultativo, um mecanismo utilizado para focalizar sujeito

(cap.01) e para dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo, conforme tivemos oportunidade de verificar neste capítulo.

Quanto exposto neste capítulo leva a presumir que no italiano o preenchimento do sujeito não é condicionado por fatores estritamente sintáticos, mas por fatores de ordem pragmática, o que explicaria a significativa diferença da porcentagem de sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoas entre a modalidade escrita e oral, e a aproximação em termos percentuais do preenchimento da terceira pessoa entre estas duas modalidades, como indica o gráfico a seguir:



3.2 O sujeito nulo no PB: dois PBs?

Conquanto os trabalhos variacionistas tenham dado fartas evidências da progressiva perda da propriedade do sujeito nulo no PB (Duarte 1993,1995), há de se ter em conta que o sujeito nulo é ainda possível (Nicolau, 1995, Negrão & Muller, apud Duarte, 1995) tanto nas orações principais como nas encaixadas. Vai daí que embora seja favorável à hipótese da perda do sujeito nulo, não posso me eximir de apresentar alguns contextos em que o sujeito nulo é perfeitamente aceitável no PB, pois os mesmos servirão para refutar a tese do empobrecimento do paradigma flexional do verbo no PB. (A propósito da hipótese do empobrecimento do paradigma flexional, ver cap.04)

3.2.1 O sujeito nulo e os advérbios

A gramaticalidade da frase (107) proposta por Figueiredo Silva (1994) parece estar condicionada a fatores de contorno entoacional:

107 pro comprei um carro ontem.

Se o complemento for focalizado, a frase é aceitável; ao passo que se o foco recair no advérbio, a frase é inaceitável,¹¹ como mostra a frase (108) a seguir:

108 ?? ONTEM pro comprei um carro.

Por outro lado, as frases (109-110) são perfeitamente naturais:

109 pro comprei um carro.

110 Ontem comprei um automóvel, um barco, uma casa.

como resposta a

110a O que você comprou ontem?

ou como frase declarativa, introduzida no discurso. Em (109), o foco recai no complemento e em (110) a interpretação de lista mostra que o foco também recai no complemento. Da análise das frases (108/110) é possível inferir que quando o foco é marcado, o sujeito nulo não é possível, com exceção dos casos em que o próprio sujeito vai para a posição de foco (Kato & Raposo, no prelo):

111 A MARIA, pro viu o Pedro.

112 * O PEDRO, pro vi (mas não o João).

113 O PEDRO, eu vi.

A frase (112) teria uma estrutura clivada reduzida, em que é difícil o não-preenchimento do sujeito:

114 ??? Foi A MARIA que pro vi.

Das observações acima é possível inferir que a focalização do advérbio temporal se dá externamente a ΣP ou a FP (Kato & Raposo). Pode ser um tipo de clivada reduzida:

115a (Foi) ONTEM (que) eu comprei o carro.

115b ???(Foi) ONTEM (que) pro comprei o carro.

Ao contrário do que acontece nas frases com advérbios temporais, o sujeito nulo pode aparecer nas frases em que se tem a presença de advérbios que se encontram dentro de IP:

¹¹ Acho que a noção de gramaticalidade não se aplica para o tratamento do sujeito nulo/pleno no PB. Opto pela noção de aceitabilidade, que me parece menos restritiva, para dar conta de frases que 'soam melhor' se o juízo recair na presença ou não do sujeito pronominal.

ADVÉRBIOS À DIREITA DE VP:

- 116 _ deixou cozinhar *demais*.
117 _ falou *bem*, você não acha?

ADVÉRBIOS BAIXOS: POSIÇÃO INICIAL VP (Belletti 1990)

- 118a _ *sempre* namorei homens mais velhos.
118b _ namorei *sempre* homens mais velhos.

119a _ *raramente* me telefona.
119b _ me telefona *raramente*.

ADVÉRBIOS ALTOS: [Suj Adv V] ou [Aux Adv V] (Belletti 1990)

- 120a _ *quase* perdi o avião.
120b _ estava *quase* conseguindo!
121 _ *já* ia me esquecendo

ADVÉRBIOS NEGATIVOS: TP NegP AgrP (Pollock, 1989) AgrP NegP TP (Belletti, 1990)

- 122 _ não posso mais ficar aqui a tarde toda, não. (Duarte, 1993)
123 _ não quero saber mais de 'sujeito nulo'.

Nas frases acima (116-123) o fato de o foco recair no próprio advérbio ou no advérbio e verbo não impede a realização nula do sujeito, ao contrário do que se verifica com o advérbio temporal.

No capítulo 02, mostrei que o advérbio temporal, ao contrário dos advérbios aspectual-resultativo e aspectual-frequentativo, não pode constituir uma resposta curta a uma interrogativa polar (Kato & Tarallo 1993). Se considerarmos que estes advérbios correspondem aos advérbios altos e baixos, respectivamente, então é possível estabelecer uma correlação entre sujeito nulo e advérbios no domínio de INFL ou T. Os advérbios no domínio de INFL parecem permitir o sujeito nulo e resposta curta ao passo que os advérbios temporais que se acham fora do domínio de INFL parecem exigir o preenchimento do sujeito, além de não aparecerem como resposta curta.

Martins (1994) salienta a dupla função dos advérbios internos ou periféricos a VP:

a. podem atuar como marcadores de foco, i.e. como 'atribuidores de ênfase à frase'. É o caso dos advérbios *também*, *só*, *sempre*, *até*, etc., que passaram por um processo de esvaziamento semântico:

- 124 _ Disseste que não querias ir ao jantar hoje à noite...
_ Mas *sempre* quero!

b. ou como elementos focalizados, i.e. como ‘retentores’ de ênfase. Comportam-se como elementos focalizados os advérbios nas frases (118a-120a, 121-123), em que o verbo permanece *in situ*. Estas frases transformadas em perguntas recebem o próprio advérbio como resposta.

Em relação aos advérbios como ‘operadores de ênfase’, Martins sugere que estes são alocados na periferia à esquerda da frase, mais especificamente em [Spec FP], e reforçam o seu valor asseverativo. (Martins, 1994:479) Estes advérbios parecem ser residuais no PB do século XX. Verifiquei nos textos em exame que, no século XIX, estes advérbios apresentavam-se tanto nas frases declarativas quanto nas frases que confirmavam o conteúdo asseverativo de asserções precedentes:

ADVÉRBIO BEM

- 125 Mas aonde há-de êle ficar? **Bem sabes** que não temos cadeias. (M.P., 1843)
- 126 A - Não é de tua conta.
B - **Bem o sei**. (M.P., 1873)
- 127 A - Fora o negro! É fósforo.
B - **Eu bem o conheço**. É o escravo do major. (F.J., 1882)
- 128 A - **Bem sei** que a carta é minha... O que quero é que ela leia para mim. (A.A., 1897)
- 129 O primeiro que vi, quando cheguei à janela, parado no canto, foi aquêle tenente dos Permanentes, que **tu bem sabes**. (M.P., 1873)¹²

ADVÉRBIO ASSIM

- 130 A - Há na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais duzentos, não querem dizer nada.
B - **Assim pensei eu** ou me fizeram pensar. (M.P., 1873)
- 131 A - Veja; está perfeitíssima.
B - **Assim é**. (M.P., 1873)

ADVÉRBIO SEMPRE

- 132 Ora! **isto sempre deve** sê mió que aquela vida enjoada lá da roça! (A.A., 1897)

¹² No manuscrito, tem-se a exclusão do advérbio: *que tu sabes*.

ADVÉRBIO JÁ

- 133 A - O cavalo rabão.
B - Ah!
B - **Já te não mostrei** aquêlo moço que anda sempre muito à moda, montado em um cavalo rabão, e que tôdas as vêzes que passa cumprimenta com ar risonho e esporeia o cavalo?¹³ (M.P., 1873)
- 134 **Já vejo** que há de ser muito difícil fazer alguma coisa de ti! (A.A., 1897)
- 135 A - Ai, que comida! **Já não posso!** Oh, parece-me que por cá ainda dura o mêdo.
B - Que é lá isso? Espera lá! **Já não tem** mêdo de mim? (M.P., 1873)
- 136 **Já lhe posso falar?** (M.P., 1873)

ADVÉRBIO LÁ / CÁ

- 137 O que é **lá isso?**¹⁴ (M.P., 1843)
- 138 Tua mana é...Enfim, **eu cá sei** o que eia é, e basta. (M.P., 1873)
- 139 A - Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério
B - **Lá isso é verdade.** (F.J., 1883)

Na primeira metade do século XX, tem-se ainda a presença dos advérbios *lá* e *sempre* como operadores de ênfase:

- 140 A - O seu mestre tem os olhos fechados e não vê o que se faz por cá.
B - **Lá isso é verdade.** (G.T., 1935)
- 141 **Appareceu sempre** o homem? (A.G., 1922)

Na segunda metade do século XX, não aparece mais nos textos analisados nenhum dos advérbios acima. No entanto, eles ainda existem, mesmo que de maneira residual no PB, especialmente no que diz respeito ao advérbio *bem*. A frase (142) poderia resultar de uma estrutura clivada:

- 142 Bem que eu vi o Paulo saindo de mansinho.
(É) [Bem]_i [que [eu vi t_i o Paulo...

¹³ No manuscrito, tem-se a troca da expressão adverbial por: *não te tenho mostrado*.

¹⁴ No manuscrito, tem-se a exclusão do advérbio: *o que é isso*.

ou de uma clivagem invertida:

[Bem]_i (é) [que [eu vi t_i o Paulo...

assim como a frase (143) abaixo, resultado da subida do sujeito:

143 Eu bem que vi o Paulo saindo de mansinho.
Eu_i [(é) bem [que [IP t_i vi o Paulo....

Note-se que o sujeito pronominal e o advérbio como operador de ênfase não são excludentes (143), portanto, seria problemático associar a perda do advérbio com a proliferação do sujeito pronominal. Entretanto, uma vez que na clivada tem-se o preenchimento do sujeito, e este é o contexto em que o advérbio *bem*, como ‘operador de ênfase’, é residual no PB, é provável que a proliferação do sujeito pronominal esteja, em parte, relacionada com a diminuição destes advérbios e, em parte, relacionada com a perda da partícula *sim* e com o avanço do emprego da cópula *É*.¹⁵

No capítulo 2, vimos que no latim vulgar eram residuais as respostas com os verbos *saber*, *ver*, *vir*. No italiano, é possível a resposta verbal com *ver* (_ *Vedi?* _ *Vedo*) e com *vir* (_ *Vieni?* _ *Vengo*), no tempo presente. Com exceção do advérbio *bem* que aparece em estrutura clivada reduzida, os advérbios operadores de ênfase aparecem com os verbos *saber*, *ir*, *vir* e *ver* no PB:

- 144 **Já vi** que não vai dar em nada!
145 **Lá foi ele contar** prá todo mundo!
146 **Lá vem ele** com as reclamações dele!
147 **Eu bem sei** o que que ele quer!

Em síntese, o sujeito nulo nas frases (116-123) parece estar associado à possibilidade de se ter a resposta de tipo verbal ou adverbial no PB. A impossibilidade de se ter uma resposta com o advérbio temporal (cap.02) parece correlacionar-se com o preenchimento do sujeito nas frases em que este advérbio está presente como elemento focalizado.

¹⁵ Em outras palavras, haveria, no PB, um sistema instável composto de: sujeito nulo, resposta curta verbal e resposta adverbial. De outro lado, pode-se entrever um sistema em andamento constituído de: sujeito lexical, resposta com a cópula *É* e a impossibilidade de determinados advérbios (*assim*, *pois*) como resposta.

3.2.2 O sujeito nulo na frase declarativa

Se traçarmos um paralelo entre a frase formulada por Figueiredo Silva:

148 *A Maria disse que pro canto bem.¹⁶

e a tradução no italiano, uma língua de sujeito nulo:

149 Maria ha detto che pro canto bene.

podemos, em um primeiro momento, hipotetizar que sujeitos nas sentenças encaixadas de tipo não-variável podem ser nulos no italiano, ao contrário do PB. Poderíamos inferir, a partir do contraste acima, que, em relação à matriz, o contexto da encaixada é peremptório para o preenchimento do sujeito. No entanto, as frases (150-153) abaixo mostram que o sujeito encaixado de tipo não-variável pode ter uma realização fonologicamente nula também no PB:

150 A Maria pediu para que *eles* / pro esperassem.

151 A Maria perguntou se *nós* / pro viemos sozinhos.

152 A Maria quer saber se *elas* / pro já chegaram.

153 A Maria disse que assim que *eles* / pro chegassem era pra mandar entrar.

Poder-se-ia argumentar que os verbos da encaixada têm uma flexão rica,¹⁷ razão pela qual o sujeito pode aparecer nulo. Como poderíamos, então, justificar a gramaticalidade de (154)

154 A Maria_i insistiu que pro / eu / você / ele / ela*_i j sentasse.

em que o verbo *sentasse* tem uma marca flexional "fraca" (pode se referir à primeira, à segunda ou à terceira pessoa do singular)?

A meu ver, a frase (148)¹⁸ sugerida por Figueiredo Silva comporta uma ambigüidade e o juízo de aceitabilidade, ou não, parece ser dependente da interpretação que a ela se dê.

¹⁶ O juízo de agramaticalidade desta frase é de Figueiredo Silva.

¹⁷ O argumento da riqueza/empobrecimento da flexão empregado por Figueiredo Silva (1994) e por Duarte (1993/1995) será contestado no cap.04.

¹⁸ O juízo de agramaticalidade é de Figueiredo Silva. Para mim, a frase é aceitável. A maior ou menor aceitabilidade parece depender da interpretação.

Vejamos duas situações:

Situação I

Estou cantando ao lado de Luisa. A Maria, do outro lado, me diz: _ *Nossa, como você canta bem!* Luisa me pergunta o que a Maria me disse. Eu respondo:

155 _ A Maria disse que *eu* / pro canto bem.

Situação II

Luisa me diz: _ *Nossa, como você canta mal!* Eu replico:

156 _ Eu acho que *eu* / ? pro canto bem!

Na situação I, tem-se um verbo *dicendi* que introduz uma asserção proposicional: tem-se, no meu juízo, sujeito nulo. Na situação II, tem-se um verbo *epistêmico*, que introduz uma denegação: tem-se a predileção pelo sujeito pronominal visível. Portanto, o sujeito nulo parece ser menos resistente no contexto de denegação.

3.2.3 O sujeito nulo com interpretação contextual ou discursiva

O emprego do sujeito nulo na encaixada de um verbo epistêmico é aceitável se a sua interpretação for efetuada contextualmente, como em:

157 Abre a porta aí. Acho que já pro chegaram. (expressa após ter ouvido o rumor de alguém chegando)

158 A - Acabou o bolo?

B - Acho que pro comeu tudo. (acompanhado de um acenar de olhos para a pessoa que comeu o bolo).

A identificação referencial do sujeito nulo é obtida fazendo-se apelo ao contexto situacional em que a sentença é enunciada, mas é também obtida através de um elemento introduzido no discurso:

159 A - A Maria telefonou?

B - Ele disse / acho que pro telefonou.

Kato (1993,1994), ao analisar o status da categoria vazia do PB em posição de objeto, salienta a tendência das línguas ocidentais em reduzir pronomes dêiticos e não-dêiticos a uma única representação (nota 5, p.127). Assinala que no japonês, há uma classe de pronomes dêiticos do tipo *kare*

que têm a referência sempre livre, como os demonstrativos e os nomes, e que, portanto, estão subordinados ao princípio C da Teoria da Ligação. São, desta forma, diferentes dos pronomes não-dêiticos que se subordinam ao princípio B da Teoria da Ligação:

- 160 Segura __ aqui!
161 Eu pego __ lá para você.

A proposta de Kato em distinguir os pronomes dêiticos dos não-dêiticos parece-me bastante oportuna para aclarar o fato de que o sujeito nulo da frase (162) tenha qualquer uma das interpretações da frase (163): o sujeito nulo em (162) tem o status de um pronome dêitico (ou *exopro*, Kato 1993,1994) e deve, por conseguinte, receber uma interpretação situacional.

- 162 A Maria falou pra pro esperar.
163 A Maria falou pra *eu / você / a gente* esperar.

Esta característica dos verbos de “controle” nos leva a uma outra construção que favorece a contestação da hipótese do empobrecimento da morfologia verbal no PB como causa do preenchimento do sujeito: as respostas curtas às interrogativas polares. No Português europeu e no PB, este tipo de resposta é constituído apenas do verbo contido na interrogativa que tem alterada apenas a sua pessoa, no caso das expressões dêiticas. Se o sistema flexional do PB apresentasse deficiência quanto à concordância de pessoa, a interpretação da resposta à pergunta seguinte só seria possível com a lexicalização do sujeito:

- 164 Eu te machuquei?
pro machucou.

como acontece no inglês

- 165 __ Did I hurt you?
__ You did.

No entanto, o sujeito nulo nesta resposta é perfeitamente interpretável como sendo referencial à segunda pessoa do singular (não já à terceira pessoa do singular ou à primeira pessoa do plural). A dispensabilidade do pronome também não é de ordem pragmática, uma vez que no inglês (165) tem-se o pronome lexicalmente visível.

Estes dados sugerem que se a morfologia verbal no PB fosse de fato empobrecida, o sujeito das frases acima e das respostas curtas só seriam interpretáveis se lexicalmente preenchidos.

Posto isto, passo a considerar de agora em diante apenas as respostas curtas, bastante frequentes na gramática da criança, e as orações absolutas,

pois assumo com Lightfoot (1991) a hipótese do grau-0 de aprendizagem, segundo a qual nem tudo o que a criança ouve constitui uma "experiência provocadora" no processo de aquisição da linguagem. A criança não usa todas as informações a que tem acesso. Para Lightfoot, as crianças atentam apenas para as 'estruturas simples'. Estas constituem input suficiente para que a criança possa acionar as propriedades da língua-alvo e são responsáveis pela otimização da aquisição da linguagem:

"If children set their parameters on the basis of simple unembedded data, this must follow from the learning strategies available to them: children may "learn" only from simple structures"(Lightfoot 1991:41).

A restrição da análise às respostas curtas e às orações absolutas permitirá levantar hipóteses a respeito da função do preenchimento do sujeito e à causa profunda que subjaz a esta mudança que vem sendo operada no PB desde o século passado (Tarallo 1986).

No capítulo seguinte passo a analisar as respostas curtas no PB na tentativa de estabelecer um contraste sintático entre as respostas curtas e as frases declarativas, uma vez que as duas construções constituem o input no qual a criança se baseia para a marcação do parâmetro da língua à qual está exposta e porque ambas apresentam visivelmente uma diferença fundamental: as respostas curtas apresentam o fenômeno do sujeito nulo; as frases declarativas exibem, majoritariamente, o preenchimento do sujeito.

3.3 TIPOLOGIA DAS FRASES ASSERTIVAS NO PB

3.3.0 Introdução:

Como adiantamos no final do capítulo anterior, o PB apresenta uma forma peculiar para as respostas às interrogativas com foco estreito: emprega-se a cópula *É*, ao contrário do PE que mantém a profrase positiva *sim* para estes contextos. A profrase começa a ser substituída pela cópula *É* ainda no século XIX, mas a mudança está sendo implementada no século XX.

Avento a hipótese de que a reorganização das frases assertivas tem efeitos na sintaxe, uma vez que a perda do *sim* como resposta curta e como núcleo de uma frase afirmativa coincide com o período em que se verifica a perda da segunda pessoa direta e o progressivo preenchimento do sujeito (Duarte, 1995). Além disso, há de se relevar que a construção da denegação pode ser feita com a profrase (único contexto em que a profrase resiste no PB) ou com o pronome nominativo: Fiz *sim* | *Eu* fiz.

A seguir, passo a descrever os tipos de respostas encontrados no PB desde o início do século XIX¹⁹ com o intuito de flagrar que outros fatores estariam vinculados à troca de profrase.

3.3.1 Frases assertivas no PB do século XIX

A apuração das respostas curtas em peças teatrais de quatro diferentes escritores²⁰ mostra que a resposta curta no PB do século XIX é fortemente subordinada à marca de formalidade. A necessidade de se distinguir entre as respostas dirigidas a uma pessoa cujo tratamento é feito, de um lado, por *tu* e *você* e, de outro, por *senhor* faz com que, no primeiro caso, se empregue o verbo e no último a partícula assertiva.

Recorro aos fatores empregados para o PE para descrever a frase assertiva no PB do século XIX: resposta a interrogativa que focaliza o verbo flexionado (= foco largo); resposta a interrogativa que focaliza NP, PP e CP

¹⁹ O trabalho centra-se na composição da profrase assertiva desenvolvida no eixo São Paulo-Rio.

²⁰ O corpus para a análise da profrase no século XIX é formado pelas peças teatrais seguintes: Martins Pena, *O Juiz de Paz da Roça* (1843) in *Comédias de Martins Pena*, edição crítica de Darcy Damasceno com a colaboração de Maria Filgueiras, Edições de Ouro, 1966. Com as variantes do manuscrito de 1837. Martins Pena, *Judas no Sábado de Aleluia* (1873), in Darcy Damasceno (op.cit.), com as variantes do manuscrito de 1844. França Junior, *Como se Fazia um Deputado* (1882) in *Teatro de França Junior*, tomo II. Funarte e Serviço Nacional do Teatro, 1980. França Junior, *Cahio o ministerio* (1883), in *Teatro de França Junior* (op.cit.). Arthur Azevedo, *A Capital Federal* (1897), Ed. original da Casa Mont'Alverne, RJ. Ed. Letras e Artes 1965.

(= foco estreito); expressões que emitem assentimento a um ato de comando e expressões que confirmam um enunciado assertivo precedente.

3.3.1.2 Respostas a interrogativas de foco largo: 3ª pessoa

Nas respostas a interrogativas em que não se tem a marca das pessoas do discurso predomina o emprego do verbo contido na interrogativa:

- 1 A - Há muitos macacos lá?
B - **Há**. E macacas também. (M.P., 1843)
- 2 A - O leitão ficou no chiqueiro?
B - **Ficou**, sim senhor. (M.P., 1843)

Em (2), (A) é o juiz e (B) é um lavrador. A presença de *sim* na resposta de (B) parece estar atrelada à formalidade no tratamento. Pode-se afirmar o mesmo para (3): (B) trata (A), capitão, por *Senhor*:

- 3 A - E é também por minha causa que procura o gato?
B - **É**, sim. (M.P., 1873)²¹
- 4 A - E o sujeito votou ou não votou?
B - **Votou**; mas eu não queria estar-lhe na pele. (A.A., 1882)

Embora este estudo não entre no mérito das denegações, é interessante mostrar que o elemento assertivo *sim* foi substituído pelo verbo também nestas estruturas:

- 5 A - E não lhe deram outra indicação?
B - **Deram**. Cá está. (A.A., 1897)
- 6 A - O Félix não corre?
B - **Corre**. (A.A., 1897)

Encontrei a ocorrência de apenas uma profrase afirmativa *sim* na resposta à interrogativa de foco largo de 3ª pessoa:

²¹ Note-se que além do traço de formalidade, a profrase *sim* parece introduzir uma resposta enfática. De fato, a contextualização da frase (3) mostra que a pergunta encerra *espanto*, o que leva a crer que a resposta tenha um elemento que reforça o seu valor-verdade:

- _ Por sua causa é que eu estou nestes sustos.
- _ Por minha causa?
- _ Sim.
- _ E é por minha causa que procura o gato?
- _ **É**, sim. (M.P., 1873)

- 7 A - São minhas essas flores?
B - **Sim**... eu não me atrevia... (A.A., 1897)

Nela está implícita a formalidade (é o primeiro encontro entre os dois personagens) que se obtém com o emprego do pronome de tratamento *Senhor*, dado que este é o tratamento que (B) usa em relação a (A).

3.3.1.2.1 Respostas a interrogativas de foco largo: tratamento informal

A seguir, faço o inventário das respostas, em que está implicado o pronome pessoal *tu* e o pronome de tratamento *você /vosmecê*:

- 8 A - ...vais hoje jantar comigo, sim?
B - **Vou**, contanto que saia cedo. (A.A., 1897)
- 9 A - Que vieste fazer aqui? Não te disse que ficasses lá embaixo?
B - **Disse**, sim, mas é que está aí um matuto, pelos modos fazendeiro, que deseja falar a você. (A.A., 1897)

O emprego de *sim* em (9) tem simplesmente a função de denegar a matriz da interrogativa, uma vez que entre (B) e (A) intercorre o tratamento informal realizado por *você*.

- 10 A - A propósito de sonho...foste ver na vitrine do Luís de Rezende o tal broche com que eu sonhei?
B - **Fui**... sabe quanto custa? (A.A., 1897)
- 11 A - Nhãnhã arreparou naquele home que ia descendo pra baixo quando a gente vinha vindo pra cima?
B - Não. Que homem?
A - Aquele que mora lá ho hoté em que a gente mora.
B - Olha mamãe!
A - Já está dormindo. Nhãnhã arreparou?
B - **Reparei**, sim. (A.A., 1897)

O *sim* contido na resposta de (B) é emitido pela filha do patrão à criada (A), portanto, não há aí a leitura de formalidade, mas de confirmação enfática, dada a denegação contida na primeira resposta de (B).

- 12 A - Ora diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pai lhe deixou?
B - **Concluí**. (M.P., 1843)
- 13 A - Posso entrar?
B - Quem é? Ah, **pode**. (M.P., 1873)

- 14 A - Continua então a ser um grande apreciador de mulatas?
B - **Continuo**. (A.A., 1897)
- 15 A - O que pedirás tu que eu não deva fazer?
B - Veja bem; promete?
A - **Prometo e até juro**. (F.J., 1882)
- 16 A - Seu Lopes, você já viu a Mimi Bilontra?
B - **Isso vi**, mas a Mimi Bilontra não é mulata. (A.A., 1897)
- 17 A - Você sabe o que é lançar mulheres?
B - **Sei, sei**. (A.A., 1897)

A repetição do verbo parece ter a função de enfatizar a veracidade da resposta dada, como se verifica no italiano moderno: *sì sì* .

3.3.1.2.2 Respostas a interrogativas de foco largo: tratamento formal

O emprego explícito ou implícito do pronome *Senhor* favorece a resposta com a partícula assertiva *sim* acompanhada ou não do epíteto *Senhor*. A seguir, inventário as respostas obtidas no contexto em que o pronome *Senhor* é referido:

- 18 A - Vossa Senhoria vai amanhã à cidade?
B - **Vou, sim**. (M.P., 1843)
B' - **Sim**, vou. (manuscrito de 1837)²²

O diálogo é entre o escrivão (A) e o juiz (B). Entre os dois intercorre o tratamento formal, realizado por meio do pronome de tratamento *Senhor*. Este tratamento justifica a resposta profrástica encontrada no manuscrito. A resposta de tipo verbal que aparece na edição de 1843 pode ser um indicativo de que o traço formalidade era de tal forma marcado que o editor, ou o próprio autor, optou pela resposta verbal (B) para assinalar uma barreira social com o subalterno (A) (= o escrivão).

- 19 A - Vossa Senhoria está só?
B - **Estou sim**; abra. (M.P., 1873)
B - **Estou só**. (manuscrito)²³

O diálogo é entre o Sr. Pimenta (A) e o Capitão (B) que o trata por *Senhor*. O título honorífico de 'capitão' autoriza este último a empregar a resposta de

²² Comparei as variantes da edição de 1843 com o manuscrito de 1837.

²³ Comparei as variantes da edição de 1873 com o manuscrito de 1844.

tipo verbal em relação ao seu interlocutor (A), por achar-se em um grau social mais elevado.

- 20 A - Vossa Senhoria está hoje de serviço?
B - **Estou de dia** (ed.1873)
B - **Sim senhor**, estou. (manuscrito)

Aqui também (A) é o Sr. Pimenta e (B) o Capitão. A resposta formal 'Sim senhor, estou' é substituída por uma resposta alargada 'Estou de dia'. Estas variantes de autor parecem refletir a real variação lingüística por que estavam passando as respostas curtas entre dois interlocutores que se tratavam formalmente.

- 21 A - Faz-me muito favor. Tome o leitão e bote no chiqueiro quando passar. Sabe aonde é?
B - **Sim senhor**. (M.P., 1843)
- 22 A - Quer ser meu rival?
B - **Sim senhor**, Sr. Capitão. (M.P., O Judas...1873)
- 23 A - Console-se commigo, que ando pretendendo um lugar ha cinco annos, e ainda não m'ò derão.
B - Ha cinco annos?!
A - **Sim, senhor**. (F.J, 1883)
- 24 A - Estás pronta a acompanhar-me?
B - **Sim, sinhô**, mas eu quero sabê se é verdade o que o sinhô disse na sua carta... (A.A., 1897)
- 25 A - Em Santa Teresa. Toma-se aqui o bonde elétrico.
B - O tá que vai pro cima do arco?
A - **Sim, senhora**. (A.A., 1897)
- 26 A - Não acreditas na influênciã dos olhos?
B - **Sim**, mas não creio na efficacia daquellas orações. (F.J., 1883)
- 27 A - O senhor está doido?
B - **Sim**, doido, minha senhora, doido varrido. (F.J., 1883)
- 28 A - Ah! A senhora gosta dele?
B - Se gosto dele? **Gosto, sim senhor!** Gosto, e hei de gostar, pelo menos enquanto der a primeira dúzia. (A.A, 1897)

Aqui, tem-se o emprego do verbo como resposta inicial porque a personagem retoma a sua própria pergunta.

3.3.1.3 Assentimento a uma frase imperativa precedente

A partícula afirmativa é usada para emitir assentimento às expressões de comando e é quase sempre seguida do pronome de tratamento *Senhor*:

- 29 A - Quando acabares de jantar, pega um samborá e vai colhêr o café que está à roda da casa.
B - **Sim senhor.** (M.P., 1843)
- 30 A - Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro!
B - **Sim senhor.** (M.P., 1843)
- 31 A - Deixe-o no quartel do Campo de Santana e vá levar esta parte ao general.
B - **Sim senhor.** (M.P., 1843)
- 32 A - Não me saia de lá enquanto ele não tiver votado.
B - **Sim, sinhô.** (F.J., 1882)
- 33 A - Vamos! Anda um bocadinho até ali! quero ver se aprendeste alguma coisa!
B - **Sim, sinhô.** (A.A., 1897)
- 34 A - De caminho compre carne.
B - **Sim.** Adeus, minha gente, adeus. (M.P., 1843)
- 35 A - Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.
B - **Sim.** (F.J., 1883)

Individuei um único ‘response’ de assentimento em que, ao invés da partícula *sim*, tem-se o emprego da cópula *É*:

- 36 A - Bem! Num quarto de hora eu despacho êsse matuto. Faze-o entrar.
B - **É já.**²⁴ (A.A., 1897)

Suponho que o ‘response’ acima seja equivalente à expressão de assentimento do PB atual *É prá já* e que também neste caso verifica-se um pronome demonstrativo nulo em posição inicial: *Isso é prá já*.

O assentimento é também expresso com a repetição do verbo (uma única ocorrência) contido no ato de comando anteposto pelo sujeito pronominal:

- 37 A - Pois bem; fique aí e não me conte mais histórias.
B - **Eu fico,** mas não falo com ele. (F.J., 1882)

²⁴ No italiano e no espanhol, a expressão é *già* e *ya*, respectivamente, são empregadas na confirmação de uma asserção precedente. (ver cap.02)

e pela cópula *está*, uma resposta do tipo “fórmulas”:

- 38 A - Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me.
B - **Está bem.** (F.J., 1882)

3.3.1.4 Resposta a interrogativa de foco estreito

As interrogativas que focalizam constituintes diferentes do verbo flexionado recebem como resposta afirmativa a partícula *sim*, exatamente como ocorre no PE contemporâneo, conforme tivemos oportunidade de registrar no capítulo precedente. A seguir, forneço alguns exemplos:

- 39 A - Aninha fugiu com êle.
B - Aninha?!
A - **Sim.** (M.P., 1843)
- 40 A - Eu é que me deveria queixar...
B - Tu?
A - Eu, **sim!** (M.P., 1873)
- 41 A - O Brandão. Para a Guerra entrou o Felício; para a agricultura o barão de Botafogo...
B - O barão de Botafogo?
A - **Sim**, pois não o conheces! É o Ladisláo Medeiros. (F.J., 1883)
- 42 A - Meu pai, aqui está o meu marido.
B - Teu marido?!
A - **Sim senhor**, meu marido. (M.P., 1843)
- 43 A - Aquela mulher é a minha desgraça.
B - Quem?... A filha?
A - **Ella sim!** (F.J., 1883)
- 44 A - Fale-me de uma trigueira...bem trigueira, bem cangada...
B - Uma mulata?
A - Uma mulata, **sim!** (A.A., 1897)
- 45 A - Vossa senhoria não se aflija, êste homem está casado.
B - Casado?!
A - **Sim** senhor, e com minha filha. (M.P., 1843)
- 46 A - Por sua causa é que eu estou nestes sustos.
B - Por minha causa?
A - **Sim.** (M.P., 1873)

- 47 A - Ministro da Fazenda, o barão do Bico do Papagaio.
B - Para a Fazenda?
A - **Sim**, senhor. (F.J., 1883)
- 48 A - O Eloy é cachorro? (=pelo cachorro?)
B - **Sim**, senhora. (F.J., 1883)
- 49 A - E a propósito: hei de arranjar-te um nome de guerra.
B - De guerra? Vê!...
A - **Sim**, um nome de guerra. (A.A., 1897)

Individuei apenas uma ocorrência de cada uma das séries a seguir de resposta a interrogativa de foco estreito:

emprego do pronome demonstrativo:

- 50 A - O pai da Beatriz de Brito?
B - **Isso mesmo**. (F.J., 1883)

emprego do predicado *é verdade*:

- 51 A - És também pretendente?
B - Não; sou repórter.
A - Repórter?
B - **É verdade**. (F.J., 1883)

emprego da cópula *É*:

- 52 A - Bicicleta?
B - **É**.
A - Diz qué bom pra desenvolvê os músquios!
B - Desenvolvê a vadiação, é que é! (A.A., 1897)

3.3.1.5 Confirmação de uma frase declarativa

No que diz respeito às expressões de confirmação de uma frase declarativa precedente, o PB do século XIX aproxima-se do PE contemporâneo: as expressões de confirmação são constituídas, principalmente, da profrase afirmativa *sim*. Além da profrase, são utilizados outros expedientes: o emprego do demonstrativo neutro seguido de verbo e a cópula *É*.

CONFIRMAÇÃO COM A PARTÍCULA *SIM*

A partícula *sim* pode vir acompanhada ou não do pronome de tratamento:

- 53 A - Eu já tenho pensado nisto; mas nós somos pobres, e quem é pobre não casa.
B - **Sim** senhora, mas uma pessoa já me deu a entender que logo quer puder abocar três ou quatro meias-caras dêstes que se dão, me havia de falar nisso... (M.P., 1843)
- 54 A - Todos se recusam do mesmo modo, e o serviço no entanto há-de se fazer.
B - **Sim**, os pobres é que o pagam. (M.P., 1843)

A partícula *sim* é também empregada para confirmar uma frase exclamativa:

- 55 A...A minha sala já está cheia de convidados.
B - Ah! por isso que é que quando eu entrei subia uns mascarado.
A - **Sim**; é um baile à fantasia. (A.A., 1897)
- 56 A - Vejo que as coisas têm te corrido às mil maravilhas!
B - **Sim**...deixei de ser caixeiro... (A.A., 1897)
- 57 A - Compreendo: o senhor vem pedir a liberdade de seu futuro genro!
B - **Sim**, madame. (A.A., 1897)
- 58 A - Devia ser preso!
B - Deportado!
A - **Sim**, deportado...para a Costa da África! (A.A., 1897)

CONFIRMAÇÃO COM POIS SIM

A partícula pode ser precedida pelo advérbio *pois*. Neste caso, tem-se a expressão de assentimento e não de confirmação. Equivale à expressão *Tá* ou *Está certo* do PB atual:

- 59 A - Você compreende que isto não tem lugar.
B - **Pois sim**, mas... (A.A., 1897)
- 60 A - O seu nome será escrito no registro dos hóspedes.
B - **Pois sim**, sinhô, mas ouça. (A.A., 1897)
- 61 A - O vigário está pronto para qualquer hora.
B - Então, amanhã de manhã.
A - **Pois sim**. (M.P., 1843)
- 62 A - Se queres, vou procurá-lo ao Braço de Ouro.
B - **Pois sim**, faze-me êsse favor. (A.A., 1897)

ou pode indicar desconfirmação ou incredulidade:

- 63 A - Dinheiro nunca lhe dei, nem ela o aceitaria.
B - **Pois sim!** (A.A., 1897)

CONFIRMAÇÃO COM ASSIM

O advérbio *assim* precede a cópula *É* ou o verbo seguido de pronome:

- 64 A - Precisamos de gente pronta.
B - **Assim é**, senhor Capitão. (M.P., 1873)
- 65 A - Há falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.
B - **Assim é**, Senhor Capitão, e mesmo é preciso. (M.P., 1873)
- 66 A - Há na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais duzentos, não querem dizer nada.
B - **Assim pensei eu** ou me fizeram pensar. (M.P., 1873)

CONFIRMAÇÃO COM O PREDICADO ESTÁ BOM

Tem-se também o emprego do predicativo *Está bom* para expressar confirmação. Em todos os casos encontrados, tem-se a leitura de uma confirmação modalizada: expressa impaciência.

- 67 A - Mana, veja o judas como está bonito! Logo quando aparecer a Aleluia, havemos de puxá-lo para a rua.
B - **Está bom**; vão para dentro e logo venham. (M.P., 1873)
- 68 A - Veja, meu tio, como está aquele horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e púrpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flores, convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.
B - **Está bom, está bom**. Esquece estes sonhos de amor... (F.J., 1882)
- 69 A - Porém o que mais me mortifica e até faz-me chorar, é ver teu pai, o mais honrado cabo de esquadra, prestar o seu apoio a essas tiranias constitucionais.
B - **Está bom**, deixe-se disso; já é maçada. (M.P., 1873)
- 70 A - Estou desmoralizado.
B - **Está bom**, já sei. (F.J., 1883)

CONFIRMAÇÃO COM O VERBO

Há apenas um caso de confirmação de uma frase declarativa realizada por meio do verbo, seguido da partícula *sim*:²⁵

- 71 A - É um homem muito inteligente. tem um grande tino administrativo.
B - **Tem, sim, senhor**; mas era melhor que ele tivesse um paletó na razão direita da inteligência. (F.J., 1883)

CONFIRMAÇÃO COM O DEMONSTRATIVO + VERBO

Detectei os seguintes casos de confirmação em que é empregado o verbo, seguido do pronome demonstrativo neutro: *isto / isso*. São eles:

- 72 A - Então, o que é isto? Pensava que já estava longe daqui!
B - Não senhor, ainda não fui.
A - **Isso vejo eu**. (M.P., 1843)
- 73 A - Isto já eu sabia.
B - **Isto sei eu**. (F.J., 1883)
- 74 A - Não duvida, senhora, e creê que feitiza não estar muito longe daqui.
B - **Isto já eu sabia**. (F.J., 1883)
- 75 A - Está em casa com toda certeza, mas negou-se...
B - **Isto sei eu**; e por isso é que entrei. (F.J., 1883)
- 76 A - Há, efetivamente, senhoras casadas que se esquecem do decoro que devem a si e à sociedade!
B - **Isso há**. (com convicção) (A.A., 1897)

CONFIRMAÇÃO COM A EXPRESSÃO *É ISSO MESMO*:

A ocorrência de um único response com a expressão *é isso mesmo* torna difícil identificar a sua estrutura em:

- 77 A - Quando a vi pela primeira vez foi nos *Castelões*...
B - Comia uma empada, comia uma empada...
A - **É isso mesmo**. (F.J., 1883)

²⁵ Note-se o emprego da partícula *sim* posposta ao verbo e anteposta ao pronome de tratamento. É possível que o emprego enfático da partícula assertiva tenha sido gramaticalizada a partir de construções como esta, sem a inserção do pronome de tratamento.

CONFIRMAÇÃO COM O PREDICADO *É VERDADE*:

O predicado *é verdade* é empregado para confirmar a veracidade da frase declarativa precedente:

- 78 A - Meu pai quando principia um trabalho não gosta de o largar e minha mãe sabe que êle tem só a Agostinho.
B - **É verdade.** (M.P., 1843)
- 79 A - O Soares partiu ontem com a família para Teresópolis.
B - **É verdade,** porém disseram-me que ontem mesmo recebeu o telegrama e que desce hoje. (F.J., 1883)
- 80 A - E as cortinas estão assorti com a mobília, mas este tapete é um escarro.
B - **É verdade.** (F.J., 1883)
- 81 A - ...ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi comendador naquela ocasião.
B - **É verdade,** não o nego; mudei de idéias por altas conveniências sociais. (F.J., 1882)
- 82 A - Ainda bem, porque sábado de aleluia faço anos...
B - **É verdade...**fazes anos no sábado de aleluia. (A.A., 1897)

O predicado é precedido pelo pronome demonstrativo neutro *isso* e pelo advérbio locativo *lá*:

- 83 A - Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério
B - **Lá isso é verdade.**
A - Imagine agora... (F.J., 1883)

O predicado *é verdade* é também empregado para confirmar o conteúdo asseverativo de uma frase exclamativa:

- 84 A - Muito se sofre!
B - **É verdade.** (F.J., 1883)
- 85 A - Oh! que bonito par vem entrando!
B - **É verdade!** (A.A., 1897)
- 86 A - Parece impossível!
B - **É verdade!** Parece. (A.A., 1897)

CONFIRMAÇÃO COM A CÓPULA *É*:

Além da presença da cópula no predicado *é verdade* (77-86) e no predicado *é isso mesmo* (76) na expressão de confirmação de uma asserção anterior, constatei o emprego da cópula *É* desacompanhada de qualquer

predicativo na formulação de acordo com um NP previamente mencionado (87/88):

- 87 A - Deixe, que o pequeno não se perde... Está lá no tal Belodromo, aprendendo a andá naquela coisa...Cumo chama?
B - Bicicleta.
A - **É**. (A.A., 1897)
- 88 A - E como é chapéu, madame?
B - Sombbrero.
A - E guarda-chuva?
B - Paraguas.
A - **É!** Parece quase a mesma coisa!... (A.A., 1897)

e na confirmação modalizada (= impaciência) de (89) a seguir:

- 89 A - Agora vou jogar no 25...Não pode falhar, porque a sepultura dela tem o número 525.
B - **É...é isso...** vá comprar, vá. (A.A., 1897)

Este expediente, i.e., o emprego da cópula *É*, é parcamente documentado nos textos analisados e está restrito, quando não constitui um response modalizado como em (89), às expressões nominais. Não individuei nenhuma ocorrência da cópula *É* nas respostas a interrogativas polares do século XIX.

CONFIRMAÇÃO COM O ADVÉRBIO *BEM* + *SEI*

A confirmação de uma frase declarativa modalizada é realizada por meio do advérbio *bem* seguido do verbo *saber*:

- 90 A - Maricota, ainda te não cansou essa janela?
B - Não é de tua conta.
A - **Bem o sei**. (M.P., 1873)
- 91 A - Que vieste fazer? Não te disse que não me procurasses aqui? Êste hotel...
B - **Bem sei**: Não admite senhoras que não estejam acompanhadas... (A.A., 1897)
- 92 A - Casas por 5 mil-réis? Barata feira!
B - Perdão; indica por 5 mil-réis.
A - **Bem sei**, e é isso justamente o que aqui me traz. (A.A., 1897)

A frase (90) distingue-se das frases (91/92) por apresentar visivelmente lexicalizado o clítico sentencial. As frases acima constituem, a meu ver, uma confirmação 'alargada' dada a presença do advérbio. Tem-se um outro tipo de confirmação 'alargada' na frase (93) abaixo, em que no lugar do advérbio *bem* tem-se o pronome nominativo *eu*:

- 93 A - Tá aprendendo a andá no...n... nesses carro de duas roda, uma atrás outra adiante, que a gente trepa em cima e tem um nome esquisito...
B - **Eu sei.** (A.A., 1897)

Estas são as únicas ocorrências do verbo *saber* como confirmação de uma frase declarativa anterior. Parecem corresponder a estruturas como:

- 91a Eu sei (isso) que esse hotel não admite senhoras casadas.
92a Eu sei (isso) que a casa custa 5 mil-réis.
93a Eu sei (isso) que o carro tem duas rodas e tem um nome esquisito.

em que o pronome demonstrativo, objeto pronominal da matriz e sujeito de CP (Rothstein, 1995), denota um evento específico proeminente no discurso.

3.3.1.6 Considerações preliminares

Os fatos descritos nesta seção sugerem que no PB do século XIX, o emprego da partícula afirmativa *sim* estava associado ao emprego do pronome de tratamento *Senhor*. O emprego do pronome de tratamento *você* e de *vosmecê* levava a descartar a partícula *sim* como resposta, isto é, favorecia a resposta de tipo verbal assim como acontecia quando o pronome pessoal *tu* era invocado ou quando a pergunta recaía em uma terceira pessoa.

O fato de a resposta ser verbal quando do emprego dos pronomes *você* e *tu*, ao contrário do pronome *senhor*, leva-me a tecer as seguintes considerações:

- a. o emprego da partícula é restrito às sentenças em que está implícito o pronome de tratamento *senhor*. É, portanto, uma marca de formalidade;
- b. no que diz respeito à resposta curta, parece não haver distinção entre *você* e *tu* do ponto de vista de formalidade: em ambos os casos tem-se o emprego do verbo na resposta. Isto faz pressupor que o pronome de tratamento *você* estaria já assumindo a função de pronome pessoal para substituir de vez o pronome pessoal *tu* no século XX (Duarte 1995), confirmando a tese de Pagotto (1994) e de Duarte (1995) de que no PB verificou-se a re-organização do sistema pronominal.

As considerações que acabei de compor fazem inferir que conquanto se tenha a quebra da distinção [+/- formalidade] entre o pronome de tratamento *você* e o pronome pessoal *tu*, a distinção [+/- formalidade] é ainda extremamente rija entre os pronomes *tu* e *você* de um lado e o pronome de tratamento *senhor* de outro, rigidez esta fixada no tipo de resposta dada a uma pergunta polar.

A necessidade de marcar, com o emprego da partícula assertiva ou do simples verbo, a diferença de formalidade existente entre as respostas em que estão envolvidos os pronomes de tratamento teria levado, à primeira vista, ao

preenchimento do sujeito, dado que *você*, pronome de tratamento [- formal], e *senhor*, pronome de tratamento [+ formal], requerem o verbo na terceira pessoa do singular. No entanto, como veremos na seção seguinte, no PB do século XX verifica-se a perda do traço [+/- formalidade] nas respostas curtas, o que leva a inferir que, conquanto os pronomes *você* e *senhor* requeiram o verbo na 3a. pessoa, o fator formalidade não incide na realização fonológica destes pronomes.

No século XIX, a formulação de confirmação de uma asserção proposicional anteriormente enunciada era construída com a partícula *sim*. Identifiquei o emprego da cópula *É* para emitir respostas a interrogativas de foco estreito e para confirmar um NP. Este artifício é ausente nas respostas às interrogativas de foco largo (= interrogativas polares).

O surgimento da cópula parece estar associado a duas estruturas: *isso é verdade / é isso mesmo*. Apesar da escassez verificada na ocorrência destas estruturas, em que o pronome demonstrativo está presente, o paralelismo com as estruturas *isso* + verbo + sujeito em (72-75) (por ex. *Isto sei eu*) na confirmação de uma frase declarativa faz presumir que a expressão da confirmação contém um pronome demonstrativo neutro. (Ver cap.02 para a presença do demonstrativo nas respostas verbais a perguntas polares)

Verifica-se a presença de advérbios na primeira posição das expressões *pois sim, bem o sei, assim é, lá isso é verdade* e a presença do pronome demonstrativo neutro *isto*. Estes elementos iniciais desaparecem (com exceção do advérbio *lá*) das respostas curtas no século XX. Verifica-se também a presença do advérbio *bem* e dos adjetivos *bom, mesmo* pospostos à cópula. Estes elementos reaparecem no século XX. A seguir, apresento o quadro dos tipos de frases assertivas encontrados no século XIX:

Quadro 3.1 Frases assertivas no século XIX

	CONFIRMAÇÃO	RESP./FOCO LARGO	RESP./FOCO ESTREITO	ASSENTIMENTO
SIM (Sr.)	X	X	X	X
VERBO		X		
SIM (Sr.) VERBO		X		
VERBO SIM (Sr.)	X	X		
VERBO VERBO		X		
ISTO VERBO (SUJ)	X	X		
SUJ VERBO				X
POIS SIM	X			
ESTÁ BOM	X			
ESTÁ BEM				X
BEM O SEI	X			
EU SEI	X			
É ISSO MESMO	X			
ISSO MESMO			X	
ASSIM É	X			
É JÁ				X
LÁ ISSO É VERDADE	X			
É VERDADE	X		X	
É	X		X	

O quadro acima mostra ainda que a partícula *sim* é usada para todos os tipos de respostas, mas não mostra o traço formalidade correlacionado com a partícula no caso das respostas a interrogativas de foco largo. Demonstrativo neutro e Verbo são usados para confirmação de frases declarativas e respostas a interrogativas de foco largo, ao passo que sujeito e verbo são usados como assentimento.

Na próxima seção, descrevo as respostas curtas no PB do século XX, tomando como base os fatores empregados no exame das respostas do PB do século XIX, tendo agora em mira a questão da formalidade na resposta a uma pessoa que é tratada por *você* e a uma pessoa que é tratada por *senhor*.

3.3.2 Frases assertivas curtas no PB: primeira metade XX

A primeira metade do século XX²⁶ caracteriza-se por introduzir duas inovações no sistema de respostas mínimas a interrogativas polares: de um lado, tem-se, na resposta, a perda do traço formalidade no tratamento do interlocutor; de outro, tem-se o avanço do emprego da cópula *É* para expressar confirmação de frases declarativas precedentes e para emitir respostas a interrogativas formadas por IP (= foco largo) e por constituintes diferentes de IP (= foco estreito).

Conforme acabei de expor, a partícula *sim* deixa de ser marca de formalidade na emissão de uma resposta. Esta é empregada apenas em contextos onde estão em jogo fatores pragmáticos como dúvida, hesitação e dramaticidade. No que tange as respostas a interrogativas IP, tem-se, no PB da primeira metade do século XX, a generalização da resposta de tipo verbal.

O assentimento ao conteúdo de uma frase imperativa parece ser o contexto lingüístico que mais retém o emprego da partícula *sim*, ao passo que a confirmação de uma frase declarativa constitui o contexto lingüístico que mais favorece o desuso da partícula *sim* e a sua substituição pela cópula *É*.

No que concerne o emprego da cópula *É* nas respostas curtas, as interrogativas constituídas de foco largo correm paralelas com as interrogativas de foco estreito, i.e., em ambos os casos a ocorrência da cópula *É* é bastante restrita em confronto com as outras possibilidades de respostas:

²⁶ Para a análise da frase assertiva neste período, utilizei-me das seguintes peças teatrais:

Gastão Tojeiro, *O Simpático Jeremias*, in *Revista de Teatro*, Mar/Abr 1958, n.302, representada em 1932.

Armando Gonzaga (1922) *A Flôr dos Maridos*, in *Comédias*, Livraria Teixeira, Vieira Pontes Elia, São Paulo, ierepresentada em 1922.

Armando Gonzaga (1923) *Cala a bocca. Eielvina*, in *Comédias*, Livraria Teixeira, Vieira Pontes Elia, São Paulo, representada em 1925.

Joracy Camargo (1932) *Deus lhe pague*, in *Revista de Teatro*, Mar/Abr 1958, n.302, representada em 1932,

tem-se o verbo contido na própria interrogativa e a partícula *sim*, respectivamente.

3.3.2.1 Assentimento a uma frase imperativa

Os enunciados com função intencional antecedidos de uma frase imperativa constituem o contexto lingüístico que mais retém a partícula afirmativa *sim*. Não há nenhum outro elemento assertivo neste contexto, a menos que a resposta seja do tipo ‘alargada’ (99-101):

- 94 A - Manda-o cá falar comigo.
B - **Sim**, senhora. (G.T., 1918)
- 95 A - Dê-lhe um avental e indique-lhe o quarto em que há de ficar.
B - **Sim**, minha senhora. (G.T., 1918)
- 96 A - Pois então trata de levar-lhe o café e esquecer o que se passou.
B - **Sim**, eu vou... (G.T., 1918)
- 97 A - Lê o resto!
B - **Sim**. (G.T., 1918)
- 98 A - E não lhe diga que já voltei, *sim*?
B - **Sim**, senhora. (G.T., 1918)

Nos casos das expressões ‘alargadas’ de assentimento, tem-se o emprego do verbo acompanhado de um advérbio:

- 99 A - Vá lá dentro!
B - **Vou mesmo**; mas para dizer a todos quem você é. (A.G., 1922)
- 100 A - Venha de uma vez!
B - **Vou já**. (G.T., 1935)
- 101 A - Não perde tempo com diálogos! Vem.
B - **Lá vou eu para o castigo!** (G.T., 1935)

Há apenas dois casos de emprego da cópula *É* como ‘response’ a uma frase imperativa. Em um dos responses a cópula é seguida do advérbio *assim*. Trata-se de uma imperativa indireta:

- 102 A - Não seria melhor leval-o lá para dentro?
B - **É assim**. Vamos, Narciso? (A.G., 1922)

e no outro response, verifica-se que se trata de um ‘falso’ assentimento:

- 103 A - Manda fazer outra perna e troca por essa.
B - **É**, troce à vontade. (G.T., 1935)

e pode ser interpretada como:

- 104 É isso (= fazer troça) que você quer.

onde se tem não o assentimento ao proferimento contido na frase imperativa, mas a interpretação crítica deste proferimento.

3.3.2.2 Confirmação de uma frase declarativa

A expressão de confirmação de uma frase declarativa já enunciada pode ser realizada com a partícula afirmativa *sim*, embora em número bem mais reduzido de ocorrências em relação ao emprego da cópula *É* no período em exame. Esta, que no século XIX era limitada a expressões de confirmação de sintagmas nominais, aparece neste início de século como expressão de confirmação de frases declarativas.

CONFIRMAÇÃO COM A PARTÍCULA *SIM*

Os mini-diálogos 105-107 apresentam a partícula *sim* como confirmação da frase declarativa anterior:

- 105 A - Anda sempre a fugir dela...
B - **Sim**, evito encontrá-la. (G.T., 1918)
- 106 A - Pelo que vejo, já está curado. Anda bem.
B - **Sim**, tenho experimentado sensíveis melhoras. (G.T., 1918)
- 107 A - Garantidos pela polícia, pelas classes armadas...
B - **Sim**. Garantidos pelos que também não são donos de nada... (J.C., 1932)

CONFIRMAÇÃO COM O PREDICADO *É VERDADE*

A confirmação de uma frase declarativa precedente pode ser feita com o predicado *É verdade* (108-110), que pode ser antecedido pelo pronome demonstrativo neutro como *Isso é verdade* (111-112) e pelo advérbio *lá* (113-114):

- 108 A - Este nosso noivado já está ficando xarope. Há mais de dois anos que você me pediu, até hoje, nada.
B - **É verdade**. (A.G., 1925)

- 109 A - Ainda ha quem diga que não se morre de fome...
B - **É verdade.** (A.G., 1925)
- 110 A - Entretanto pensa que entende de medicina e chega a querer receitar!
B - **É verdade.** (J.C., 1932)
- 111 A - Todos nós temos observado que o senhor já não é o mesmo depois que chegou aqui.
B - **Isso é verdade.** (A.G., 1925)
- 112 A - O sofrimento para eles é coisa mesquinha, que preferem sofrer calados a ter de confessar a própria miséria, para um dia a deixar de sofrer.
B - **Isso é verdade.** (J.C., 1932)
- 113 A - Dá! Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: Experiência.
B - **Lá isso é verdade.** (J.C., 1932)
- 114 A - O seu mestre tem os olhos fechados e não vê o que se faz por cá.
B - **Lá isso é verdade.** (G.T., 1935)

CONFIRMAÇÃO COM A EXPRESSÃO É ISSO

A confirmação da frase declarativa com a expressão *é isso* (116-117) parece ter estrutura semelhante à resposta alargada (115): *grosseirão é isso que lhe digo* :

- 115 A - Grosseirão!
B - **É isso que lhe digo.** (G.T., 1935)
- 116 A - No escandalo que vae dar si Zulmira persistir na sua insensatez.
B - **É isso.** Para o homem, si a mulher não se porta bem, impõe-se-lhe até o dever de honra de matal-a. (A.G., 1925)
- 117 A - Meu Deus!... Como elle está mudado! Que tem o senhor?
B - **É isso.** Ponha-se lá fóra! (A.G., 1925)

A confirmação da frase (118) a seguir é semelhante às que acabamos de analisar: *Poético lá é isso (que) é*:

- 118 A - É muito mais poético.
B - **Lé isso é,** mas o que eu queria era estar perto de você. (A.G., 1925)

No caso das frases (119-121), em que se tem o adjetivo *mesmo*, parece possível admitir uma estrutura como *Verdade é isso mesmo que o Nestor tem juízo....*

- 119 A - Ella está dizendo que o Nestor tem bastante juízo para não ir tomar banho em lugar que não dê pé...
B - **É isso mesmo.** O Nestor é um moço ajuizado. (A.G., 1925)
- 120 A - É a mulher que desaparece, tenho absoluta certeza.
B - **É isso mesmo.** (A.G., 1925)
- 121 A - Não pensa. O senhor pensa que pensa.
B - **É isso mesmo.** (J.C., 1932)

assim como as frases que apresentam elipse do demonstrativo neutro:

- 122 A - É como se tivesse conseguido reconciliar dois inimigos irreconciliáveis: a mulher e a velhice!
B - **É mesmo.** (A.G., 1922)
- 123 A - Viver é só respirar, comer, beber e dormir. E a própria natureza nos dá tudo.
B - **É mesmo.** Até agora não tinha pensado nisso. (J.C., 1932)

CONFIRMAÇÃO COM A CÓPULA *É*

A confirmação com a cópula *É* tem uma presença marcante nesta primeira metade do século XX e, ao contrário, do que se verificou para o século XIX, a cópula *É* ocorre como confirmação de frases declarativas e não só de sintagmas nominais:

- 124 A - Seu filho ser uma perfeita “gentleman”.
B - **É...lá isso é...** (G.T., 1918)
- 125 A - Ah! Foi Mme. Brochado que mandou para Judith.
B - **É, sim, senhor.** (A.G., 1922)
- 126 A - Vou aproveitar a tragédia para ir para casa.
B - **É, vá fazer companhia a mamãe.** (A.G., 1922)
- 127 A - Sei que tenho de ir para casa e já é tarde.
B - **É, Valério, vá fazer companhia a Margarida.** (A.G., 1922)
- 128 A - O Adelino e D. Etelvina também estão tomando banho de mar.
B - **É... mas justamente agora eu ia suspender os banhos a conselho médico.** (A.G., 1925)
- 129 A - Não é tanto assim. Onde comem dois, comem perfeitamente três.
B - **É, mas onde não ha, não come nem meio.** (A.G., 1925)
- 130 A - E depois, graças a Deus! O senhor está ainda muito forte.
B - **É, mas ha 10 mezes eu andei arranhando a sepultura.** (A.G., 1925)

- 131 A - O pae, no entanto, parece um homem de certa educação.
B - **É**, mas está-se vendo que elle se esqueceu de transmittil-a á filha. (A.G., 1925)

A cópula é também empregada para confirmar o conteúdo de uma frase exclamativa:

- 132 A - Mas veja só como é bonita!
B - **É**... é muito bonita, mas não lhe pertence. (A.G., 1925)
- 133 A - Que coisa horrível!
B - **É**, mas agunte agora você, porque eu já não posso mais. (A.G., 1925)

É possível que a confirmação formada unicamente pela cópula *É* seja resultado da confluência de mais de uma estrutura de que fazem parte o pronome demonstrativo neutro e a cópula. Individuamos as expressões *Isso é verdade*; (*Verdade*) *é isso que*; *é (isso) mesmo*.

3.3.2.3 Respostas a interrogativas de foco estreito

Conforme salientamos no início desta seção, a cópula *É* tem seu emprego estendido para as respostas a interrogativas polares. As respostas a interrogativas de foco estreito são de duas ordens: podem ser constituídas pela partícula *sim* (134-139) ou pela cópula *É* (140-145). A partícula *sim* ainda supera a cópula *É* em número de ocorrências:

- 134 A - Nada...Ou por outra, tenho uma triste noticia a lhe dar...
B - Uma triste noticia?
A - **Sim**. (A.G., 1925)
- 135 A - Eu sou este que aqui está... Aquele que está lá fora é outro.
B - Aquele que está lá fora?
A - **Sim**. Este mesmo que está aqui, lá fora é outro. (J.C., 1932)
- 136 A - Prometo ficar.
B - Para sempre?
A - **Sim**. (J.C., 1932)
- 137 A - Abotoar-lhe o corpete?
B - **Sim**, é favor. (G.T., 1918)
- 138 A - Foi preso agora mesmo, porque pretendeu assaltar-me para roubar, quando entrava no meu carro.
B - Preso?!
A - **Sim!** E será processado como ladrão! (J.C., 1932)

- 139 A - Egoísmo. Luta entre êles! Miséria!... Pior do que a nossa!
 B - Do que a minha?!
 A - **Sim**, porque a minha faria inveja ao homem mais rico do mundo. (J.C., 1932)
- 140 A - Vá buscar a sua “toilette” mais rica.
 B - Aquela de pedras preciosas?
 A - **É**... (J.C., 1932)
- 141 A - Os homens só têm medo daquilo que não vêem...
 B - Medo de Deus?
 A - **É**. (J.C., 1932)
- 142 A - Tudo isso, se êle brigar comigo?
 B - **É**... E muito mais ainda! (J.C., 1932)
- 143 A - Que vestido é esse?
 B - É um presente do tio do Adelino.
 A - Do tal que é fazendeiro?
 A - **É**. (A.G., 1925)
- 144 A - E o senhor dá sua palavra de honra?
 B - De que sou honrado?
 A - **É**. (J.C., 1932)
- 145 A - Onde está o homem? Olá, poeta, você também por aqui?
 B - **É**...(A.G., 1922)

3.3.2.4 Respostas a interrogativas de foco largo

Nas respostas a interrogativas IP em que não se tem a marca da pessoa discursiva, o emprego da partícula *sim* foi completamente abolido em favor do emprego do verbo que se encontra já manifestado na própria interrogativa. Já no exame dos dados do século XIX, havíamos observado que, neste contexto, tinha-se unicamente o emprego do verbo, um processo conservador que remonta ao latim: (Ver capítulo 02)

- 146 A - Êsse moço é seu filho?
 B - **É**. (G.T., 1918)
- 147 A - Gosta de comer bem?
 B - **Gosta**, sobretudo, de ver os outros comerem. (A.G., 1925)
- 148 A - Mas ha um preferido?
 B - **Ha**. (A.G., 1922)

- 149 A - Então, a felicidade mandou-me lembranças, depois de receber uma fortuna das mãos da ilusão?
B - **Mandou.** (J.C., 1932)
- 150 A - Mas não há sempre um interesse?
B - **Há.** (J.C., 1932)
- 151 A - Chegou o Valerio?
B - **Chegou.** (A.G., 1922)

3.3.2.4.1 O fator formalidade nas respostas a interrogativas IP

Nesta primeira metade do século XX, a inovação ocorrida nas respostas curtas a interrogativas IP fica por conta da quebra da distinção formalidade X informalidade: respostas emitidas a interlocutores tratados por *tu/você* ou pelo pronome de tratamento mais formal *senhor* são generalizadas com o emprego exclusivo do verbo contido na interrogativa.

Os interlocutores das respostas (152-155) recebem tratamento informal, *tu* ou *você*; os interlocutores das repostas (156-158) recebem tratamento formal: *senhor*.

- 152 A - Ah! És secretário dêste americano que está aqui hospedado?
B - **Sou.** (G.T., 1918)
- 153 A - Também o senhor me acha simpático?
B - **Acho.** Você tem qualidades raras. (G.T., 1918)
- 154 A - Então, foi em casa?
B - **Fui.** (A.G., 1925)
- 155 A - Interrompi alguma coisa?
B - **Interrompeu.** (J.C., 1932)
- 156 A - Você sabe lidar com crianças?
B - **Sei, sim, senhor...** (A.G., 1922)
- 157 A - O senhor é tão sympathico...
B - Você acha?
A - **Acho, sim, senhor.** (A.G., 1922)
- 158 A - Telephonou para a casa de mamãe?
B - **Telephonei, sim, senhora.** (A.G., 1925)

As respostas em (156-158) são proferidas pela empregada aos patrões. A marca de formalidade parece restringir-se na segunda parte da resposta, em que se tem o emprego da partícula **sim**, seguida do pronome de tratamento. A

resposta de tipo verbal a um interlocutor tratado por *Senhor* também pode vir desacompanhada da partícula *sim*:

159 A - Ah! Você resolveu agora?
B - **Resolvi**. (G.T., 1918)

160 A - Vamos a saber: a menina gosta ou não gosta do Adelino?
B - **Gosto**... (A.G., 1925)

Tem-se apenas uma resposta com a partícula *sim*:

161 A - Chamaram-me?
B - **Sim**. Tire as botas daquela 'miss'...(G.T., 1918)

Considerando-se a tarefa que (B) atribui a seu interlocutor (A), empregado do hotel, a partícula não é um indicativo de tratamento formal, pelo contrário, de desprezo.

As respostas verbais acima sugerem que o fator formalidade não incide mais no tipo de resposta curta às interrogativas polares constituídas de IP: tem-se a generalização da resposta de tipo verbal para o tratamento informal (*tu e você*) e o tratamento formal (*senhor*).

No entanto, verificam-se ainda respostas com a partícula *sim*. Esta, porém, não parece estar associada ao traço formalidade dos pronomes de tratamento com os quais o emissor da resposta trata o seu interlocutor, dado que em (162) tem-se a referência a uma segunda pessoa do discurso e em (163-168) tem-se o pronome de tratamento formal. Note-se que à partícula *sim* segue-se sempre um comentário, o que não ocorre com a resposta de tipo verbal. Veremos, na próxima seção, que este é o contexto em que se tem a emergência da cópula *É*, como resposta a interrogativas IP:

162 A - Queres matar-te?
B - **Sim**, Jeremias! Não posso mais sofrer por tua causa. (G.T., 1918)

163 A - Ponha-se lá fóra si não quer que eu a estrangule aqui mesmo. Está ouvindo?
B - **Sim**, meu amor! (A.G., 1922)

164 A - Ama-a?
B - **Sim**, deve ser isso. Nem ousou pensar em separar-me dela. (G.T., 1918)

165 A - A senhora não quer ir vê-lo?
B - **Sim**, vou daqui a pouco. (G.T., 1918)

166 A - O senhor não se recorda?
B - **Sim, sim**...Quem desaparece é o marido. (A.G., 1922)

- 167 A - O senhor não acabou de me dizer que sua senhora nunca esteve doente?
B - **Sim...** a não ser agora. É a primeira vez. (A.G., 1925)
- 168 A - Querem ver o quarto?
B - **Sim**, queremos. (G.T., 1918)

O contexto das respostas acima sugere que o emprego da partícula assertiva *sim* parece estar vinculado a outros fatores que não a formalidade expressa pelo pronome de tratamento. Fatores como dramaticidade (162/163), dúvida (184), indiferença (165/166), hesitação (167) e formalidade situacional (no hotel, por exemplo, caso de (168)) acarretam o emprego do elemento assertivo profrástico.

Portanto, no que diz respeito às respostas a interrogativas IP, o PB do início do século emparelha-se com o PE contemporâneo: em ambos, tem-se o emprego exclusivo do verbo; o emprego da partícula *sim* é vinculado a fatores pragmáticos.

No entanto, do exame dos textos desta primeira metade de século verifica-se que a cópula *É* começa a ser empregada também nas respostas a interrogativas IP:

- 169 A - O George Walsh? O senhor confunde o Farnum com o George Walsh?
B - **É**, eu confundo tudo. (A.G., 1922)
- 170 A - O senhor quer que eu dê o fóra?
B - **É**...
A - Então, vou lá para dentro. (A.G., 1925)

É possível que nestas interrogativas sobressaia-se o foco estreito. Assim, em (169) o foco pode ser [o Farnum com o George Walsh]; em (170) pode equivaler a [o fóra].²⁷

Embora a cópula *É* tenha uma manifestação bastante reduzida (em número de duas), parece-me sintomático o fato de o seu aparecimento ocorrer nas respostas a interrogativas em que se tem o registro da marca da pessoa do discurso: na primeira resposta, o personagem (B) trata o seu interlocutor (A) pelo pronome de tratamento *senhor*, enquanto que na segunda, (B) trata seu interlocutor pelo pronome de tratamento *você*. Isto quer dizer que a cópula *É* nas respostas não está associada a marcas de formalidade no tratamento dos interlocutores.

A generalização da resposta de tipo verbal na primeira metade do século XX sugere que formalidade e informalidade no tratamento dos

²⁷ Poucas foram as perguntas formadas por uma clivada e 'tag' que têm como resposta a cópula *É*:
A - Foi ele que me deu este palácio! Não foi?
B - Foi. (J.C., 1932)

interlocutores deixam de ser fatores que condicionam a resposta às interrogativas totais. É neste contexto de neutralização de fatores sociais como condicionadores do tipo de resposta curta que surge o emprego da cópula *É* como resposta às interrogativas polares.

O quadro a seguir esquematiza os tipos de frases assertivas existentes na primeira metade do século:

Quadro 3.2 Frases assertivas na primeira metade do século XX

	CONFIRMAÇÃO	RESP./FOCO LARGO	RESP./FOCO ESTREITO	ASSENTIMENTO
SIM (Sr.)	X	X	X	X
SIM (Sr.) VERBO		X		
VERBO SIM (Sr.)		X		
É ISSO MESMO	X			
É MESMO	X			
LÁ ISSO É VERDADE	X			
ISSO É VERDADE	X		X	
É VERDADE	X			
LÉ ISSO É	X			
É ISSO	X			
É	X	X	X	X
VERBO MESMO/JÁ				X

O quadro sugere que a partícula *sim* e a cópula *É* comportam-se semelhantemente, pois respondem a todos os tipos de frases. O verbo, anteposto ou posposto à partícula *sim* é empregado apenas como resposta a interrogativas de foco largo, ao passo que o verbo seguido de *mesmo* e *já* é usado como assentimento. As expressões em que se tem a cópula e o pronome demonstrativo são usadas como confirmação de frases declarativas.

Em relação ao quadro do século XIX, percebe-se uma maior variação das expressões *isso é verdade* e *é isso mesmo* e a perda de expressões com o advérbio anteposto à partícula *sim* e ao verbo como em: *pois sim* e *bem o sei*. Fica apenas o advérbio *lá*:

- 112 A - O seu mestre tem os olhos fechados e não vê o que se faz por cá.
B - Lá isso é verdade! (G.T., 1935)

Na seção seguinte, apresento os dados referentes às expressões de confirmação e às respostas curtas encontrados nos textos da segunda metade do século XX.

3.3.3 Frases assertivas no PB: segunda metade XX

A segunda metade do século XX não introduz nenhuma inovação no que diz respeito ao tipo de resposta curta a interrogativas polares e ao tipo de confirmação de uma asserção.²⁸ Caracteriza-se pela intensificação das propriedades encontradas na primeira metade do século: as respostas curtas são realizadas por meio do emprego do verbo contido já na pergunta e, em alguns casos, por meio da cópula *É*, que pode ser empregada em todos os casos de confirmação de uma asserção anterior.

A partícula assertiva *sim* não aparece mais na função de assentimento a uma frase imperativa. Outros elementos aparecem neste contexto: o verbo e a cópula *Está*. No que tange as interrogativas de foco largo, tem-se, majoritariamente, a resposta do tipo verbal. No entanto, detectei ocorrências do emprego da cópula *É* neste contexto.

A seguir, inventario alguns dos exemplos encontrados nos diferentes textos para cada fator observado.

3.3.3.1 Assentimento a uma frase imperativa

Na segunda metade do século XX, tem-se as seguintes formas de assentimento: a cópula *Está* em (171-173), o verbo performativo em (174), o verbo antecedido pelo sujeito pronominal (175), o verbo seguido da partícula *sim* (176) e a repetição do verbo para respostas denegativos:

- 171 A - Traga o Olímpio depois da missa.
B - **Está bem.** (J.A., 1955)
- 172 A - Não vamos pedir nada a eles.
B - **Está certo.** (J.A., 1955)
- 173 A - Não nos esqueçamos do seu convite.
B - **Está certo.** (A.P.A., 1956)
- 174 A - Prometa que nem isso você fará.
B - **Prometo!** (J.A., 1955)

²⁸ Utilizei-me das seguintes peças teatrais para a análise das respostas da segunda metade do século XX: Jorge de Andrade (1955) *A Moratória em Marta, a Árvore e o Relógio*, Ed. Perspectiva, SP representada pela primeira vez em 1956.

Abílio Pereira de Almeida (1956) *Moral em Concordata*, Revista de Teatro, Mar/Abr 1957, n.296, representada em 1956 pela primeira vez.

Gianfrancesco Guarnieri (1978) *Eles não usam black-tie*, Civilização brasileira, RJ..

Gianfrancesco Guarnieri (1973) *Botequim ou Céu Sobre Chuva*, Ed. Monções SP.

Millôr Fernandes (1994) *É... em Teatro Completo*, L&PM, PA, representada em 1977 pela primeira vez.

Millôr Fernandes (1995) *Hamlet*, tradução, L&PM, PA.

- 175 A - Procure compreender, papai.
B - **Eu compreendo.** (J.A., 1955)
- 176 A - Venha almoçar.
B - **Venho, sim.** (J.A., 1955)
- 177 A - Não diga isso. O senhor é injusto.
B - **Digo. Digo.** É a pura verdade. (J.A., 1955)

3.3.3.2 Confirmação de uma frase declarativa

A confirmação de uma declarativa precedente não comporta nenhuma novidade na segunda metade do século XX. Não há nenhuma ocorrência da partícula *sim* neste contexto. Tem-se:

a. o emprego da cópula *Está* quando se quer dar razão ao interlocutor:
(= condescendência)

- 178 A - Você espairoseu lá pelas roças, isto sim.
B - **Está certo.** Não sei fazer nada. (J.A., 1955)
- 179 A - Estou em minha casa. Discuto quanto queira.
B - **Está certo.** Estou apenas lembrando. (J.A., 1955)
- 180 A - Descascado. Também sei distinguir as coisas.
B - **Está certo,** minha velha. (J.A., 1955)

b. o emprego da cópula *É* seguida do pronome demonstrativo neutro e do adjetivo *mesmo*, quando se quer, após a repreensão do interlocutor, reconfirmar o que já foi enunciado:

- 181 A - Mentira!
B - Lucília!
A - **É isso mesmo.** (J.A., 1955)
- 182 A - Não se pode estragar o que já está estragado.
B - Minha filha!
A - **É isso mesmo.** (J.A., 1955)

c. o emprego do demonstrativo neutro e do adjetivo *mesmo* como exortação:

- 183 A - Não entrego minha fazenda sem lutar até o fim.
B - **Isso mesmo,** papai. (J.A., 1955)

d. como confirmação da asserção precedente tem-se: *isso mesmo, é mesmo, pois é, É*. Em (184), dá-se a razão ao interlocutor; em (185), tem-se uma espécie de 'conscientização' por parte de (B) do conteúdo do enunciado

de (A) e em (186), tem-se condescendência com o enunciado do interlocutor:

- 184 A - Defesa. Roubar é uma coisa. Defender é outra.
B - **Isso mesmo**, Chico. (A.P.A., 1956)
- 185 A - Se o Marcelo aumenta o ordenado do Raul, já você não precisa trabalhar de noite, costurando prá fóra.
B - **É mesmo**. (A.P.A., 1956)
- 186 A - Se não gostasse não casava com êle.
B - **Pois é**. (A.P.A., 1956)

Como denegação da frase declarativa negativa tem-se o emprego do verbo seguido da partícula assertiva *sim*:

- 187 A - Eu sou brasileira.
B - Mas não é vigarista.
A - **Sou, sim**. (A.P.A., 1956)
- 188 A - Deixa o Raul. Não tem importância.
B - **Tem, sim senhora**. (A.P.A., 1956)

Apesar da variedade de expressões de confirmação como se verificou acima, o emprego da cópula *É* parece se constituir na expressão de confirmação de uma frase declarativa por excelência (189-200):

- 189 A - Você se aclimatou bem com a Rosario, hein, seu maganão!
B - **É...** Não tenho queixa. (A.P.A., 1956)
- 190 A - Ninguém pôde falar de ninguém. Não falo da irmã dele, falo? Mas tem muita gente que fala.
B - **É**. Ninguém pôde falar de ninguém. Você tem razão. (A.P.A., 1956)
- 191 A - O Raul é homem como os outros. Se topar uma pequena pela frente...
B - **É...** Vai ver que é assim mesmo. (A.P.A., 1956)
- 192 A - Descanso de palhaço é fogo no circo...
B - **É**. Tudo isso é piada. (A.P.A., 1956)
- 193 A - Bom na tua opinião. Tá estourando o mundo lá fora.
B - **É**. Chove um pouco. (G.G., 1973)
- 194 A - Deve tá desabando o mundo.
B - **É**. Fim de período. (G.G., 1973)
- 195 A - Agora que a senhora falou, eu acho certo!
B - **É**. Tem razão, sim. (G.G., 1973)

- 196 A - Os mortos não são nada. Pior os vivos, dona! Poucos sabem onde ir!
B - **É**. Nem todos tem a proteção de um boteco. (G.G., 1973)
- 197 A - A força de uma mulher jovem e bonita como Ludmila é irresistível. E depois seria uma ofensa imperdoável!
B - **É**... Mas eu não aceito, Oto. (M.F., 1977)
- 198 A - Quantos anos você me dá?
B - Cinquenta ou, quase.
A - **É**. (M.F., 1977)
- 199 A - Quando começa assim, acaba desbarrancando tudo.
B - **É**. (G.G., 1973)
- 200 A - Coisa estranha, nós dois, aqui.
B - **É**. (M.F., 1977)

Note-se que, com exceção de (198/200), após a cópula **É** tem-se o proferimento de um comentário (189-197), exatamente o que ocorria com as respostas *sim* (162-168) na primeira metade do século XX.

3.3.3.3 Respostas a interrogativas de foco estreito

Verifica-se aqui o mesmo comportamento encontrado nas frases afirmativas: o emprego da cópula **É** é a estratégia identificada como resposta a interrogativas que focalizam constituintes diferentes de IP:

- 201 A - A ladainha de Nossa Senhora?
B - **É**. (J.A., 1955)
- 202 A - Não fui eu quem arruinou seu pai.
B - Sei disto. Mas podia ter evitado.
A - Eu?!
B - **É**. A senhora mesma. (J.A., 1955)
- 203 A - Veja que beleza! **É** daquela jabuticabeira que parecia doente.
B - Aquela do fundo do quintal?
A - **É**. Eu sabia que ela ia arribar. (J.A., 1955)
- 204 A - Viagem?
B - **É**, viagem, viagem! (G.G., 1973)
- 205 A - Crua como? Muito sexo?
B - **É**. Muito palavrão. (M.F., 1977)

- 206 A - Como é o nome dela?
B - Ludmila.
A - Ludmila Sakarov Triana?
B - **É.** (M.F., 1977)
- 207 A - Pois é, rapaz, a coisa não tá fácil. Eu e Ludmila andamos discutindo, analisando, pensando como resolver nosso problema.
B - O do filho?
A - **É.** (M.F., 1977)
- 208 A - Não sei o que está acontecendo com você, minha filha!
B - Comigo?
A - **É.** (J.A., 1955)
- 209 A - De monogamia?
B - **É.** (M.F., 1977)

3.3.3.4 Respostas a interrogativas de foco largo

Nos textos da segunda metade do século XX, evidencia-se o emprego exclusivo da resposta de tipo verbal.

- 210 A - São muitas dívidas?
B - Infelizmente **são.** (J.A., 1955)
- 211 A - O Olímpio não trouxe mesmo novidade nenhuma?
B - **Trouxe.** (J.A., 1955)
- 212 A - Sairam da cozinha também?
B - **Sairam.** (J.A., 1955)
- 213 A - Deste lado está bom?
B - **Está.** (A.P.A., 1956)

Não foi identificada nenhuma ocorrência da partícula *sim* para marcar formalidade. Quer o interlocutor seja tratado por *você* quer seja tratado por *senhor*, tem-se sempre a resposta de tipo verbal. As frases (214-218) são exemplos de respostas a interlocutores tratados por *você*; as frases (219-222) são exemplos de respostas a interlocutores que recebem o tratamento *senhor*:

- 214 A - Diga D. Helena, não sei escolher um presente?
B - **Sabe.** (J.A., 1955)
- 215 A - O senhor ainda acredita nisto?
B - **Acredito.** (J.A., 1955)

- 216 A - E eu, não estava te dando boa vida? Você tem queixa?
B - **Estava**. Mas porque hei de viver à sua custa...embora seja de boa vontade...porque? (A.P.A., 1956)
- 217 A - A senhora é irmã aqui da dona, não é?
B - **Sou**. Mas não ajudo nas despesas. (A.P.A., 1956)
- 218 A - Mário, você se lembra da última vez em que estivemos aqui, tem um mês, e pouco?
B - **Lembro**. (M.F., 1977)
- 219 A - Não vai rezar a ladainha comigo?
B - **Vou**. (J.A., 1955)
- 220 A - O senhor veio da cidade?
B - **Vim**. (J.A., 1955)
- 221 A - Compreende agora?
B - **Compreendo**. (J.A., 1955)
- 222 A - Posso experimentar o vestido?
B - **Pode**. (J.A., 1955)

Os fatos descritos até aqui evidenciam que no PB a partícula *sim* desapareceu dos seguintes contextos sintáticos: nas respostas a interrogativas de foco estreito e largo e na confirmação de uma frase declarativa precedente. A partícula *sim* aparece apenas posposta ao verbo para enfatizar o conteúdo da frase interrogativa:

- 223 A - Você tem espelho?
B - **Tenho, sim**, já vou buscar. (A.P.A., 1956)
- 224 A - Foi daqui que chamaram o encanador?
B - **Foi sim**. (A.P.A., 1956)
- 225 A - E você acha que sua irmã vai continuar costurando e passando roupa?
B - **Vai, sim**. (A.P.A., 1956)

Excetuando-se o emprego de *sim* como proposição nuclear (Acho que *sim*), como substituto de VP em contextos anafóricos (O João não fala inglês, mas a Maria *sim*) que todas as línguas românicas apresentam, o PB conserva apenas a partícula *sim* em construções enfáticas (223-225) acima e nas construções denegativas (187):

- 187 A - Eu sou brasileira.
B - Mas não é vigarista.
A - **Sou, sim**. (A.P.A., 1956)

3.3.4 Considerações finais

Em uma pesquisa de cunho variacionista, Kato e Tarallo (1992) elaboraram a análise de um corpus de 951 respostas curtas afirmativas no PB obtidas graças a um questionário de 40 perguntas apresentado a 40 pessoas. Destas 951 respostas afirmativas, 307 (32,3%) foram feitas com a partícula *sim*; 644 casos (67,7%) resultavam de verbos, auxiliares, advérbios e expressões ilocucionais. Se se considera que a coleta de dados foi efetuada de forma experimental, de forma a controlar o uso linguístico monitorado pelos informantes, a ocorrência de *sim* deve, segundo os autores, sofrer ulteriores decréscimos. Concluem que a partícula *sim* é empregada como marcador estilístico e não como marcador sintático da polaridade positiva nas respostas curtas do PB.

Conquanto a sua ocorrência seja ainda limitada, pelo menos no que concerne os textos tomados em exame, cumpre salientar que o emprego da cópula *É* está deixando de ser condicionado por fatores estritamente pragmáticos (do tipo *hesitação*, *dúvida*) para se tornar um marcador de polaridade positiva:

- 226 A - Veio esperar Estrela?
B - *É*. D.Rosario disse para eu vir. (A.P.A., 1956)
- 227 A - Viu o que aconteceu com a cunhada do encanador?
B - *É*. Nem me fale! Vigarista brasileira é assim mesmo. (A.P.A., 1956)
- 228 A - Mas você ainda tem que passar tôda esta roupa?
B - *É*. Mas isto eu passo num instante. (A.P.A., 1956)
- 229 A - Ele vai nos dizer o significado daquela cena?
B - *É*, ou de qualquer cena que você fizer. (M.F., 1995, trad. de *Hamlet*)
- 230 A - Então você se amigou comigo só por causa dela, não é, sua vigarista de uma figa?
B - **Foi**, sim. (A.P.A., 1956) ²⁹
- 231 A - Você está falando de casamento?
B - *É*. (M.F., 1977)
- 232 A - Vocês pagaram o aluguel da incubadeira, ou o quê?
B - *É*. (M.F., 1977)

²⁹ O peso da construção 'tag' parece ser irrelevante na substituição da resposta verbal pela cópula *É*, pois a resposta de tipo verbal também está associada à construção 'tag': *Ele não veio, veio? Veio.*

- 233 A - Como é, pegaram o temporal no caminho?
 B - Foi. (G.G., 1973)

Nas respostas a interrogativas IP, a cópula *É* aparece seguida de comentário (226-230) ou não (231-233). Lembre-se que o último contexto em que aparecia a partícula *sim* como resposta a interrogativas IP, na primeira metade do século XX, era constituído de um comentário (162-168).

No caso das respostas com a cópula *É* acima não é claro se o elemento focalizado é o verbo flexionado ou um outro componente como o complemento ou o adjunto adverbial. O problema da focalização do verbo flexionado ou não e a escassez de respostas com a cópula *É*, em confronto com a farta presença de respostas de tipo verbal, depõem, à vista desarmada, contra a afirmação de que a cópula *É* possa configurar-se em elemento de polaridade positiva nas respostas a interrogativas polares. No entanto, o exame de respostas a 81 perguntas dirigidas aos universitários (ver seção seguinte) faz presumir que a cópula *É* está em vias de se transformar em um marcador de polaridade positiva no PB.

O seguinte quadro esquematiza as frases assertivas encontradas na segunda metade do século XX:

Quadro 3.3 Frases assertivas na segunda metade do século XX

	CONFIRMAÇÃO	RESP./FOCO LARGO	RESP./FOCO ESTREITO	ASSENTIMENTO
VERBO		X		X
VERBO SIM (Sr.)	X	X		X
SUJ VERBO				X
VERBO VERBO				X
ESTÁ CERTO	X			X
ESTÁ BEM				X
É ISSO MESMO	X			
ISSO MESMO	X			
É MESMO	X			
POIS É	X			
É	X	X	X	

Desaparece o advérbio *lá* que antecedia a cópula. O único advérbio que permaneceu é *pois* (uma só ocorrência). Permaneceram apenas os advérbios e adjetivos pospostos à cópula.³⁰ Verifica-se também o desaparecimento da partícula *sim* e a especialização das respostas: o verbo é usado como resposta a interrogativas de foco largo e como assentimento. A cópula *É* só não é empregada como assentimento com uma frase imperativa. Neste contexto, tem-se a cópula *Está*, que já aparecia nos textos do século XIX.

³⁰ Alguns advérbios ainda permanecem no PB, mas aparecem em construções fossilizadas:

Lá vem/vai ele!

ou em construções resultantes da clivagem: *Bem que eu vi.*

O quadro a seguir dá o número de ocorrências para algumas das frases assertivas mais frequentes no PB através dos séculos:

Quadro 3.4 Frases assertivas mais frequentes através dos séculos

	CONFIRMAÇÃO			INTERROGATIVAS						ASSENTIMENTO		
				FOCO LARGO			FOCO ESTREITO					
	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX
ISSO É VERDADE	22	14	-	5	2	1	1	-	-	-	-	-
VERBO	-	4	-	20	53	47	-	-	-	-	4	5
VERBO SIM	-	-	2	4	2	9	-	-	-	-	1	-
VERBO SIM SENHOR	-	1	1	1	5	1	-	-	-	-	-	-
SIM	14	12	-	5	11	-	17	20	1	3	7	-
SIM SENHOR	3	3	-	7	-	-	4	-	-	14	8	-
É	2	14	21	-	2	5	1	7	13	-	1	-

No que diz respeito à confirmação de frases declarativas, note-se o decréscimo da expressão *isso é verdade* e a perda do *sim* na segunda metade do século XX, compensada pelo crescimento do emprego da cópula *É*.

Em relação às respostas a interrogativas de foco largo, tem-se o crescimento das respostas verbais no século XX, em detrimento da resposta do tipo *sim senhor*.

No que concerne às interrogativas de foco estreito, tem-se o decréscimo do emprego de *sim* e o crescimento do emprego da cópula *É*. No que tange, por sua vez, o assentimento a uma frase imperativa, tem-se a perda da partícula *sim* ou *sim senhor*, em favor do emprego só do verbo, no caso de um verbo performativo (ex. *prometo*), e do sujeito anteposto ao verbo (segunda metade XX).

Acho possível estabelecer uma correlação entre a perda das respostas do tipo [*sim senhor*] e de [*verbo + sim senhor*] e o incremento da resposta [*verbo + sim*], na segunda metade do século XX. Ou seja, esta última estrutura seria derivada do desuso do emprego do pronome de tratamento *senhor* na resposta curta:

Tenho *sim senhor* > Tenho *sim*

tanto nas frases enfáticas

- 234 A - Ah, bebedeira. Por falar nisso vou tomar mais um. Aceita, D. Olga?
B - **Aceito sim**, mas faça questão de pagar. (G.G., 1973)

quanto nas frases denegativas

- 235 A - Não estou examinando nada.
B - **Está sim**. (J.A., 1955)³¹.

³¹ No dialeto baiano, segundo Vicente Cerqueira (com.pessoal), as respostas *Verbo + sim* não são nem enfáticas nem necessariamente denegativas:

No caso das frases de assentimento, não se registrou nenhum response do tipo *verbo + sim senhor*, no entanto, a perda da resposta *sim* e *sim senhor* parece ser acompanhada pelo desenvolvimento da resposta de tipo verbal. No capítulo 05, verificaremos a construção *Sujeito + verbo* como assentimento a frases imperativas. Avento a hipótese de que o sujeito tem a função de dar ênfase à realização do evento expresso pelo verbo, asseverando o seu conteúdo, assim como acontece com as partículas assertivas pospostas ao verbo, nas frases enfáticas e denegativas.

Se concentrarmos a atenção nos três tipos de respostas e concordância ilocucional mais frequentes (*sim*, verbo e a cópula *É*) no PB desde o século XIX, obtemos os seguintes quadros evolutivos:

I/largo = Respostas a interrogativas de foco largo

I/estrito = Respostas a interrogativas de foco estreito

Quadro 3.5 Frases assertivas mais frequentes no século XIX

	I/LARGO tu / você	I/LARGO senhor	I/ESTREITO	CONFIRMAÇÃO	ASSENTIMENTO
SIM	---	X	X	X	X
VERBO	X	---	---	---	---
É	---	---	---	X	---

Quadro 3.6 Frases assertivas mais frequentes na primeira metade do século XX

	I/LARGO tu/você	I/LARGO senhor	I/ESTREITO	CONFIRMAÇÃO	ASSENTIMENTO
SIM	---	---	X	X	X
VERBO	X	X	---	---	---
É	X	X	X	X	---

Quadro 3.7 Frases assertivas mais frequentes na segunda metade do século XX

	I/LARGO tu/você	I/LARGO senhor	I/ESTREITO	CONFIRMAÇÃO	ASSENTIMENTO
SIM	---	---	---	---	---
VERBO	X	X	---	---	X
É	X	X	X	X	---
(ES)TÁ	---	---	---	---	X

A - Vim saber primeiro se vosmincê quer falar com êle.

B - Quero sim.

assim como a resposta Verbo + não não é enfática:

A - Falar em Janaina, sabe do caso do sujeito que se encontrou com a Mãe d'Água?

B - Sei não.

(Odorico, *o Bem-Amado ou Uma Obra do Governo*, in Dias Gomes (1962), Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1.ª representação em 1962.

Verifica-se a perda da partícula *sim* em todos os contextos e o avanço da cópula *É* em quase todos os contextos, exceção feita para o assentimento a frases imperativas, que no PB atual é feito ou com a estrutura Sujeito + Verbo ou com a cópula (*Es*)*tá*.

Na próxima seção, apresento algumas peculiaridades da cópula *É* empregada nas respostas curtas às interrogativas totais do tipo IP.

3.3.5 Características do elemento assertivo *É*

O rastreamento das expressões que constituem a classe de forças positivas (*asseveração, assentimento e confirmação*) no PB desde o século XIX mostrou que a partícula *sim* deixou de constituir um marcador sintático de polaridade positiva em todos os contextos acima identificados. A cópula *É* passou a cobrir a função de confirmar a frase declarativa precedente e o conteúdo da interrogativa de foco estreito.

As interrogativas polares constituídas de IP são respondidas com o verbo contido na própria interrogativa. No entanto, conforme sugerem os exemplos (226-233), a cópula *É* começa a aparecer nas respostas às interrogativas IP.

Assumindo a hipótese de Kato & Tarallo (1992) de que o marcador sintático de polaridade positiva é um elemento que apresenta o traço [+ flexão], parto da suposição de que a cópula *É* só pode ser considerada um marcador de polaridade positiva se asseverar o conteúdo de uma interrogativa IP. Temos, portanto, que perseguir as trilhas que possam indicar o emprego da cópula *É* nas respostas às interrogativas IP.

A depuração dos dados em uma experiência semelhante à de Kato e Tarallo elaborada por mim mostrou que a partícula *sim* é usada no PB em um registro estritamente formal.³² Um terço das respostas escritas a um questionário de 81 perguntas a 20 universitários comportava a profrase afirmativa, embora eu tivesse, repetidas vezes, solicitado que dessem a resposta mais usada por eles.³³ Um controle oral posterior das mesmas perguntas com as mesmas pessoas mostrou que a resposta preferida era o verbo, o advérbio *e*, em alguns casos, a cópula *É* (além, naturalmente, das respostas ilocucionais). Não houve nenhuma ocorrência da partícula *sim*.

Construídas para averiguar a presença ou não do sujeito fonologicamente realizado, as 81 interrogativas IP dirigidas aos universitários acabaram por trazer à luz a presença da cópula *É* como resposta a

³² K&T (1992) chegam à mesma conclusão.

³³ É provável que o desinteresse por um questionário escrito ou a preocupação pelo tempo empregado na elaboração das respostas tenham levado os entrevistados a privilegiarem a resposta com a partícula afirmativa *sim*.

determinadas interrogativas IP.³⁴ Algumas perguntas propostas apresentavam a focalização de um sintagma, outras eram acompanhadas de meias-respostas, como um complemento pronominal do caso reto ou um advérbio sentencial, de modo a considerar o peso destes elementos na presença ou não do sujeito.

A diferença de resposta entre 236 e 237/238 sugere que o emprego da cópula *É* é vinculado à focalização do elemento nominal:

- 236 A - Você viu o meu irmão abraçando a Paula?
B - Vi.
- 237 A - Você viu O MEU IRMÃO abraçando a Paula?
B - *É*.
- 238 A - Você viu O MEU IRMÃO?
B - *É*.

e pode ser traduzido por fatores pragmáticos de dúvida ou incredulidade.

As diferentes respostas acima poderiam constituir um forte argumento para vetar a atribuição do estatuto de marcador de polaridade positiva à cópula *É*. No entanto, a possibilidade de se ter este verbo nas respostas abaixo alimenta a minha hipótese de que a cópula *É* está em vias de se tornar um marcador de polaridade positiva no PB, pois o elemento focalizado é o próprio verbo flexionado:

- 239 A - Eu te disse, não disse?
B - *É*... bem que você me avisou. (resposta de um entrevistado).
- 240 A - E aí, ela foi e disse que quem mandava era ela?
B - *É*. Ela acabou com ele. (resposta de um entrevistado)
- 241 A - Ele pegou e fugiu?
B - *É*. Deu no pé. (resposta de um entrevistado)³⁵

³⁴ Estas perguntas tiveram, na maior parte, a resposta de tipo verbal. No entanto, se se considera o fato de que o questionário é uma situação de teste que tende à resposta incisiva SIM/NÃO as ocorrências a cópula *É*, apesar de serem pouco frequentes, são bastante significativas. Além disso, há de se levar em conta a dificuldade que os alunos demonstraram para responder às perguntas (239-241), que se achavam misturadas às demais: o tempo empregado para responder a estas questões era visivelmente mais longo: os alunos reclamavam que as perguntas não tinham sentido ou que não era possível respondê-las. Esta hesitação ou dificuldade em responder às questões (239-241) é uma evidência de que a prófrase afirmativa não é mais atuante e que a resposta de tipo verbal não dá conta do significado expresso na pergunta. A escassa presença da cópula *É* parece se explicar pelo fato de o questionário ter sido escrito.

O emprego da cópula *É* por Millôr Fernandes na frase

— Ele vai nos dizer o significado daquela cena?

— *É*. Ou de qualquer cena que você quiser. (M.F., 1995)

na tradução de *Hamlet* assinala que a cópula *É* é um elemento assertivo que começa a ter uma atuação marcante em todos os contextos que levantamos (exceção feita para os casos de função intencional).

³⁵ Em entrevistas feitas no programa *Aqui e Agora* é comum a repetição da pergunta como resposta, sem a cópula *É*:

A avaliação do comportamento das respostas a interrogativas totais IP constituídas de locuções verbais pode conferir ulterior confirmação à hipótese de que a cópula *É* está se tornando um marcador de polaridade positiva no PB. As locuções verbais podem ser de três tipos diferentes e apresentar respostas diferenciadas:

a. se o verbo flexionado apresentar marca de aspecto, a resposta se faz por meio deste mesmo verbo:

242 A - A Paula está estudando?
B - **Está.**

243 A - Você tem visto o José?
B - **Tenho.**

b. se ao verbo flexionado seguir uma oração reduzida de gerúndio, a resposta também se faz por meio do verbo flexionado:

244 A - O Paulo falou dormindo?
B - **Falou.**

c. se o verbo flexionado for do tipo leve, formando com o verbo principal ou temático um complexo verbal, a resposta pode ser dada por meio da cópula *É*:

245 A - Ele chegou dizendo que estava cansado?
B - **É.** Ele disse.

O emprego da cópula *É* nas respostas a estes tipos de complexos verbais é um mecanismo de que o locutor dispõe para evitar que a resposta recaia apenas no verbo flexionado. A cópula *É* incide na confirmação da realização do evento dos dois verbos em uníssono. Note-se que para (246) só a resposta com a cópula *É* é possível:

246 A - Ela veio porque pensou que o Miguel estava aqui?
B - * Veio.
B - * Pensou.
B - **É.** / Foi.

A seguir, apresento as interrogativas IP que tiveram como resposta a cópula *É*:

247 A - Ela veio pensando que o Miguel estava aqui?
B - **É.** Senão ela nem vinha.

A - Ela pegou e fugiu?
B - Ela pegou e fugiu.

- 248 A - Ela saiu dando o telefone pra tudo quanto é menino?
B - *É*, meu! Mo' galinha. Agora não pára de tocar.
- 249 A - Você acabou lendo o livro?³⁶
B - *É*. Fazer o quê, né?
- 250 A - Ela entrou xingando o marido no meio da reunião?
B - *É*, foi uma baixaria só.
- 251 A - Ele veio dizendo que nunca tinha visto ela?
B - *É*, cê viu?
- 252 A - Ela sentou cruzando as pernas?
B - *É*, ela cruzou só pra chamar a atenção de todo mundo.
- 253 A - Ela começou ameaçando o Pedro que ia contar pra mãe dele?
B - *É*! Ele ficou desesperado!
- 254 A - A professora andou dizendo que o meu trabalho estava uma droga?
B - *É*. Ela disse.
- 255 A - Ele sumiu correndo?
B - *É*, correndo.

A cópula *É* como resposta nestes casos sugere que este verbo está se tornando um marcador de polaridade positiva no PB, pois nestas perguntas tem-se a focalização de um elemento flexional contido no complexo verbal. Note-se, porém, que a cópula segue-se um comentário.

No capítulo seguinte, analiso do ponto de vista teórico os dados apresentados até aqui. Tomo como ponto de partida a proposta da projeção de Sigma (Laka, 1990, 1993; Martins, 1994) para alocar os elementos que incidem na asseveração.

³⁶ O verbo *acabar* neste contexto não significa término de uma ação. É um verbo privo de um valor aspectual e parece ter uma função discursiva, podendo ser traduzido por "e aí":

E aí, você leu o livro que eu te emprestei?

Uma resposta possível para a pergunta formada por um complexo verbal reside no emprego do segundo verbo acentuado ou acompanhado pelo sujeito:

__ *Li*.

__ *Eu li*.

A resposta com o primeiro verbo torna a sentença inaceitável: ?? *Acabei*.

CAPÍTULO 4

INTERPRETAÇÃO TEÓRICA DOS FATOS DESCRITOS

"While in answers the inflection seems to be used by the child as a finite/aspectual element with an assertive function (which it is), in non-answers it receives an additional agreement function".
(Kato, 1994:147)

4.1 Estudos sobre o sujeito nulo no PB

Os estudos sobre o parâmetro do sujeito nulo têm buscado uma correspondência inter-lingüística sistemática entre as propriedades morfológicas e as condições de licenciamento e identificação do sujeito nulo. A recuperação dos aspectos da referência do sujeito nulo por meio do elemento concordância, nos moldes da riqueza 'pronominal' (Rizzi, 1982, 1986), é questionada por Huang (1984) para quem a hipótese da identificação do referente não pode estar associada à riqueza flexional dado que o chinês, língua que exhibe sujeito nulo, tem um paradigma verbal que não apresenta flexões.

A necessidade de dar conta da propriedade do sujeito nulo em línguas que apresentam riqueza pronominal ou flexional e em línguas que não exibem morfologia flexional levou à postulação da condição da "uniformidade morfológica" (Jaeggli & Hyams, 1987; Jaeggli & Safir, 1989):

"...a paradigm is uniform if all its forms are morphologically complex or if none of them are. If the paradigm is mixed, that is, if some of its forms are morphologically divisible into stem+affix while other forms, on the other hand, are bare stems, then it is not uniform" (Jaeggli & Safir 1989:30).¹

A condição da uniformidade morfológica, no entanto, é objetada com a análise do francês antigo e do russo moderno. No que diz respeito ao russo, Benedicto (apud Speas, 1994) aponta para a obrigatoriedade do sujeito pleno apesar de esta língua exibir morfologia de concordância diferenciada para todas as pessoas. Em relação ao francês antigo, Roberts (1993) mostra que o seu paradigma flexional exibia a desinência 0 na primeira pessoa do singular ao mesmo tempo em que exibia o sujeito nulo.

A polêmica em torno do licenciamento e da identificação do sujeito nulo é acentuada com a análise de línguas que manifestam a possibilidade de sujeitos nulos e plenos em contextos sintáticos específicos como o *hebraico*, o *espanhol caribenho* e o *português brasileiro*.

¹ Portanto, em uma língua que apresenta um paradigma morfológicamente uniforme, o sujeito é licenciado. Se este paradigma for constituído de formas derivadas (se possuir desinências de número, pessoa, etc.), o sujeito nulo é identificado por meio da concordância. Por outro lado, se for constituído de formas simples, i.e., morfológicamente não divisíveis em raiz-afixos, a identificação do sujeito é realizada pela correferência do sujeito com um elemento nominal em posição A ou A'. Uma língua que apresenta um paradigma morfológicamente misto - formas divisíveis e não divisíveis - não licencia o sujeito nulo: é o caso das línguas inglesa e francesa.

No âmbito da exploração da mudança em progresso na gramática do PB, tem-se dado especial atenção à questão do sujeito nulo em função da hipótese de esta língua ser caracterizada por apresentar uma morfologia defectiva (Tarallo, 1986, 1990; Duarte, 1993, 1995; Figueiredo Silva, 1994). Duarte sustenta o caráter residual do sujeito nulo. A perda do sujeito nulo, que considera ter o estatuto categorial *pro*, está vinculada à perda do princípio *Evite Pronome* (Chomsky, 1981; Jaeggli, 1982).

Para Figueiredo Silva, o sujeito nulo no PB é o resultado dos diferentes modos de se identificar uma categoria vazia com traços pronominais. Partindo do pressuposto de que no PB a identificação do sujeito nulo² depende de um referente explícito, seja em estruturas frasais raízes e encaixadas seja em construções de ilhas sintáticas, Figueiredo Silva propõe a existência de dois tipos de sujeito nulo³: o de tipo ‘variável’ e o de tipo ‘anafórico’⁴.

² A identificação de *pro*, para Figueiredo Silva, depende do tipo de argumento que encerra:

- nos casos de estruturas não-argumentais ou quase-argumentais, *pro* é legitimado e identificado na posição de sujeito;
- se *pro* argumental tiver a interpretação [-def] pode ser legitimado e identificado por Agr que deve ter o traço de número sistematicamente representado;
- se *pro* tiver a interpretação [+def], *pro* argumental pode ser licenciado, mas não identificado por Agr, porque falta-lhe a representação sistemática do traço de pessoa.

³ A solução encontrada para a identificação do sujeito nulo de tipo ‘variável’ (= dependência A’) estaria no seu deslocamento para uma posição mais alta para que recebesse interpretação com um elemento dentro do discurso, conforme configuração abaixo:

1 *pro* comprei um carro.
 [_{CP} *cv*_j [_{AGRSP} *t*_j [_i comprei...]]

em que a própria categoria movida tem papel de operador. Ao contrário do sujeito nulo “variável”, onde se supõe que o sujeito nulo se desloca para uma posição mais alta para ser identificado, não se pode apelar para o movimento para explicar a identificação do sujeito nulo encaixado com correferência anafórica, haja vista a gramaticalidade do sujeito nulo em ilhas como:

2 A Maria_i olha pro chão toda vez que *cv*_j fala com o José.

Considerando que a interpretação anafórica do sujeito nulo encaixado é feita através da mediação do sistema CP, Figueiredo Silva advoga que Agr-pessoa move-se para C^o a fim de entrar em relação com Agr da matriz estabelecendo aí a correferencialidade entre o sujeito da matriz e o da encaixada.

Tomando como premissa as considerações de Galves (1991,1993) de que o verbo no PB não possui a especificação de pessoa, Figueiredo Silva assume que, na encaixada, o sujeito nulo livre em referência não pode ser identificado:

3 *A Maria_i disse que *cv*_j canto bem.

O movimento de Agr-pessoa para C^o não salvaria a estrutura dado que a interpretação anafórica é excluída. Em síntese, a identificação do sujeito nulo no PB é, para Figueiredo Silva, subordinada ao movimento da categoria vazia para a primeira posição do constituinte frasal e ao movimento do elemento funcional Agr-pessoa para C^o, responsável pela relação anafórica. Para dar conta da impossibilidade de referência livre do sujeito na encaixada, Figueiredo Silva recorre à hipótese de que o verbo no PB tem o morfema de pessoa enfraquecido. A hipótese do empobrecimento da morfologia verbal no PB, no entanto, é questionável. Além disso, há inúmeros casos em que se pode contestar a agramaticalidade de estruturas encaixadas cujo sujeito tem referência livre.

A hipótese da perda do paradigma flexional responsável pelo licenciamento e identificação (Rizzi, 1986) do sujeito nulo é contestada por Nicolau (1995) e por Negrão & Muller (apud Duarte), que rejeitam a hipótese de mudança. Para Nicolau, o sujeito nulo tem o estatuto categorial *pro*. Apesar de contestar a hipótese do enfraquecimento da morfologia, a autora sustenta que, para além da “flexão rica”, há a necessidade de se propor um mecanismo que possa dar conta do licenciamento formal do sujeito nulo no PB: o núcleo T com traço-D forte.

Negrão & Muller declinam a hipótese de que o enfraquecimento da concordância tenha levado ao preenchimento do sujeito, uma vez que há mais sujeitos plenos de primeira e segunda pessoas. O fato de estas apresentarem uma morfologia distintiva (pelo menos no que concerne a primeira pessoa) seria uma contra-evidência da relação entre morfologia empobrecida e sujeito pleno. Considerando que a terceira pessoa é a que apresenta maior número de sujeitos nulos, as autoras propõem que o sujeito nulo seja identificado por meio de um sintagma nominal antecedente.

De acordo com Borer (1989), na língua hebraica, o sujeito nulo de 1ª e 2ª pessoas ocorre em qualquer estrutura frasal (raízes e encaixadas) desde que o verbo apresente marcas flexionais de tempo passado e futuro, ao passo que o sujeito nulo de 3ª pessoa é circunscrito às encaixadas. Por outro lado, o sujeito nulo não é licenciado em nenhuma pessoa e em nenhuma estrutura frasal, se o verbo estiver no tempo presente.

Segundo Toribio, em decorrência da redução do quadro flexional, o espanhol do Caribe denuncia uma proliferação de formas pronominais. Entretanto, faz notar a autora, que o pronome não é empregado com a função única de compensar a perda da morfologia de concordância, uma vez que

“mesmo as formas verbais que permanecem distintas em relação a número e pessoa são acompanhadas do pronome-sujeito”.
(Toribio, no prelo:9)

As considerações a respeito da relação entre marca morfológica e sujeito nulo no espanhol caribenho e no hebraico sugerem, a meu ver, que é problemática a explicação do sujeito nulo em termos de propriedades de um paradigma (Speas, 1994). Conquanto eu adote a posição de Duarte e de Figueiredo Silva no que diz respeito à mudança em progresso do PB, divirjo das mesmas por não atribuir ao enfraquecimento do paradigma verbal a *causa* do progressivo preenchimento do sujeito. Advogo tese contrária: é o

⁴ Duarte salienta que nas completivas, adjuntas e raízes pospostas, em que não há barreiras para anaforicidade, tem-se a preferência no PB pelo sujeito pleno (70%). Portanto, “uma proposta que se apoie num tipo de ‘controle’ anafórico dependente da estrutura de CP para permitir o sujeito nulo não dá conta do fenómeno”. (Duarte, 1995:130)

progressivo preenchimento do sujeito que *pode* levar à perda das marcas flexionais distintivas⁵.

4.1.1 Concordância fraca: argumentos fonológicos e morfo-sintáticos

Antes de tecer as considerações que levam a falsear a hipótese da fragilidade do morfema de concordância no PB como causa do preenchimento do sujeito, passo a discorrer a respeito da hipótese de enfraquecimento da morfologia verbal, do ponto de vista da argumentação fonológica e morfológica.

Naro e Lemle (1977), ao analisarem a frequência da concordância verbal no PB, sugerem que a neutralização da alternância entre singular e plural nas formas *eles fala* leva ao preenchimento do sujeito; este teria a função de marcar a pessoa do verbo. Esta hipótese é corroborada por Tarallo (1990) ao constatar o preenchimento progressivo do sujeito ao longo dos séculos:

"Uma explicação assaz plausível para o maior preenchimento de sujeito no português do Brasil contemporâneo pode (e deve) ser buscada na flexão, e assim sendo, através do encaixamento no sistema lingüístico em variação". (Tarallo, 1990:140)

Segundo Tarallo, o enfraquecimento da flexão verbal no PB estaria levando à re-organização do sistema: o PB estaria perdendo a possibilidade de deixar o sujeito fonologicamente nulo.

Em um trabalho de (1994), Pagotto apresenta alguns argumentos de ordem fonológica que depõem contra o empobrecimento da morfologia.⁶ O autor observa que no paradigma flexional do PB não se registra nenhum caso de discordância verbal, isto é, o sistema de quatro pessoas (Duarte, 1993) não é resultante da quebra do sistema flexional. Diferentemente do francês do século XVII (Roberts 1993), não se verifica no PB nenhum tipo de erosão fonológica no verbo que teria favorecido o enfraquecimento da sua morfologia e uma posterior reorganização na estrutura sintática.

Para Pagotto, seria possível insistir na erosão fonológica das formas verbais do verbo somente em relação ao tempo presente, com a perda de *-s*,

⁵ Esta proposta vai contra um dos cânones da teoria de Principios e Parâmetros: o de que a variação paradigmática se lexicaliza nas categorias funcionais.

⁶ Nicolau (1995) também contesta a hipótese do empobrecimento flexional do verbo no PB. Além disso, propõe que o sujeito nulo no PB não está em processo de rarefação.

de *-mos* e da *nasalidade*. Esta erosão acarretaria a simplificação do paradigma verbal para apenas duas formas distintas, dada a existência em alguns registros da forma *eles canta*:

canto (1a. pessoa singular)
canta (para todas as outras pessoas).

No entanto, a análise do paradigma verbal do pretérito perfeito simplificado em:

cantei (1a. pessoa singular)
cantou (para todas as outras pessoas)

torna patente que a pressuposta redução da morfologia verbal, ao contrário do que se verificou no latim (Farallo, 1993) e no francês (Roberts, 1993), não se sustenta no PB através do expediente da erosão fonológica (Naro & Lemle, 1977): a passagem de *cantaram* (3ª plural) para *cantou* (3ª singular) não se dá via erosão fonológica.⁷ Tem-se aí um processo de substituição de formas. Portanto, o sistema verbal do PB tem suas formas intactas, quer dizer, estas não sofrem alterações do ponto de vista fonético.

Inspirando-se na noção de “riqueza funcional” (Roberts, 1993), Duarte (1993, 1995) propõe que o paradigma flexional no PB

“evoluiu de um sistema com seis formas distintivas, mais dois sincretismos - representados pela segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa - para um paradigma que apresenta quatro formas, graças à perda da segunda pessoa direta” (Duarte 1993:110).⁸

⁷ A forma coloquial pode ser também “cantaru”.

⁸ Assim, tem-se a passagem do paradigma I: (Duarte 1993:110).

	Singular				Plural		
1ª	2ª	3ª		1ª	2ª	3ª	
canto	cantas (Direta) canta (Indireta)	canta		cantamos	cantais (Direta) cantam (Indireta)	cantam	

para o paradigma II:

	Singular				Plural		
1ª	2ª	3ª		1ª	2ª	3ª	
canto	-----	canta canta (Indireta)		cantamos	-----	cantam cantam (Indireta)	

Além do paradigma simplificado acima, o PB apresenta, na fala dos jovens, um terceiro paradigma, com apenas três formas distintas, dado que a primeira pessoa plural é substituída pela expressão *a gente* que exibe a forma verbal da terceira pessoa singular: Paradigma III:

	Singular				Plural		
1ª	2ª	3ª		1ª	2ª	3ª	
canto	-----	canta canta (Indireta)		canta	-----	cantam cantam (Indireta)	

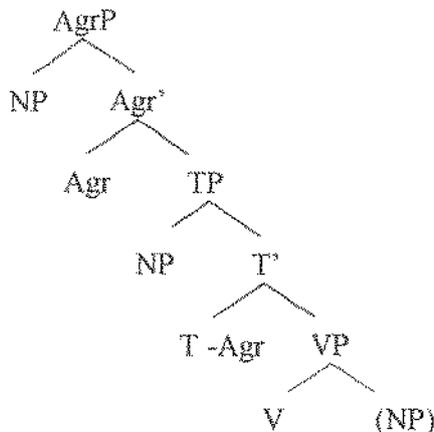
A simplificação do paradigma flexional, resultado da perda do Princípio “Evite Pronome”, teria como “causa última a redução do paradigma pronominal” (Duarte, 1995:32). Esta simplificação teria tido um reflexo direto na sintaxe com a exibição do sujeito pronominal, estabelecendo aí uma relação de natureza funcional entre morfologia e sintaxe.

O enquadramento feito por Duarte (paradigma de quatro formas) é interpretado por Pagotto como

“um fenômeno de mudança circunscrito ao quadro do sistema pronominal sujeito que acarreta o emprego de formas verbais idênticas. Ou seja, poderíamos dizer que no sistema verbal há uma manutenção das formas, elas não sofrem quebra, nem de natureza fonética.” (Pagotto, 1994:3)⁹

Os estudos sintáticos oriundos da hipótese da simplificação do paradigma flexional apontam para uma relação de ordem formal extremamente abstrata entre sintaxe e morfologia. Galves re-interpreta formalmente o preenchimento progressivo do sujeito no PB apontado por Tarallo (1985), entendendo como fraca a “concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático” (1993:395). A oposição binária +pessoa/-pessoa deixa de ser discursivamente articulada e passa a ter uma função estritamente sintática. O enfraquecimento do morfema de concordância teria levado à dissociação entre este e o núcleo Agr. Como corolário da dissociação entre o núcleo Agr e o morfema Agr, ter-se-ia a destituição de Agr como núcleo funcional responsável pela identificação de uma categoria vazia em posição de sujeito. Galves propõe que o morfema de concordância fraco é gerado como um afixo a T:

Configuração 1:



⁹ A interpretação que depreendo da proposta de Pagotto é que, morfologicamente, o sistema não está alterado.

A autora advoga que o sujeito nulo referencial [+def] torna-se rarefeito no PB por decorrência do não-alçamento do verbo para o núcleo funcional Agr:

"O enfraquecimento da flexão tem portanto como efeito a reorganização da oração, em que o sujeito, no sentido tradicional do termo, se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte. Com efeito, o verbo encontra em T todos os seus elementos flexionais, não tendo mais nenhuma razão de subir para Agr, e o sujeito (*pro*) recebe o nominativo na posição de especificador de T. O especificador de Agr pode assim ser o lugar de geração de um outro sintagma nominal, interpretado como sujeito cujo predicado é a oração..." (1993:398).

Na seção seguinte, apresento argumentos morfo-sintáticos que podem contestar a tenuidade do morfema de concordância no PB.

4.1.2 O contexto da proliferação dos pronomes

Apoiando-me no processo de personalização do infinito pessoal no português descrito por Maurer (1968),¹⁰ sustento que, em relação ao PB atual, a proliferação do sujeito pronominal não é decorrente do enfraquecimento das marcas morfológicas de pessoa.

Tomando a explicação dada por Maurer ao surgimento do infinito flexionado no português pelo avesso, argumento que a consubstanciação da estrutura [*Sujeito pleno + Verbo*] *pode forçar* o enfraquecimento do paradigma flexional no PB e não o inverso.

Segundo Maurer, as desinências pessoais do infinito flexionado derivam da personalização do infinito em estruturas preposicionais, especialmente com valor circunstancial, em que ao infinito invariável era anteposto o sujeito nominativo, como por exemplo nas subordinadas finais: *para eu estudar*:

"... a formação da oração infinitiva com sujeito próprio no nominativo foi certamente a inovação fundamental que determinou o aparecimento do infinito flexionado no português..." (Maurer, 1968:77)

O emprego do sujeito nominativo diante do infinito torna-o pessoal.¹¹ A propagação do emprego do sujeito nominativo diante de verbos no infinito

¹⁰ Agradeço a Mary Kato pela indicação da tese de Maurer para sustentar a hipótese aqui trabalhada.

¹¹ Nas demais línguas românicas, a ausência de flexão deriva da ausência de pessoalidade do infinito.

nas finais para outras estruturas (condicionais, concessivas, temporais) teria levado à flexão do infinito com base no paradigma flexional do futuro do subjuntivo:

“Nas línguas românicas, em maior ou menor grau, surge um infinito pessoal, que vai associar-se mais intimamente às formas pessoais finitas da conjugação, ficando exposto a influências analógicas novas, que podem acabar por dar-lhe flexão. Temos, pois, primeiro um fenómeno sintático - o infinito assume uma nova função ou, melhor, entra em uma construção nova - . só mais tarde, e como consequência dessa inovação, pode ele tornar-se flexionado”. (Maurer, 1968:78)

O autor salienta que o processo *sintático* de personalização do infinito é gradual, penetrando primeiro nas construções finais antes de atingir as demais construções. É só após a criação do infinito pessoal que se dá a transferência analógica das desinências pessoais das formas finitas do verbo ao infinitivo, nos contextos em que se verificava a presença de um sujeito no nominativo.

Apesar de contestar a hipótese do enfraquecimento da morfologia no PB, há de se convir que o contexto sintático em que aparecem os pronomes pessoais - adjacência ao verbo - dá origem à redundância dos traços *phi* (pessoa, número e caso) contidos nos pronomes e no verbo e *podem acarretar* a perda das marcas flexionais no verbo.

Duarte (1985) mostra que o PB apresenta um sistema defectivo de sujeitos nulos: há mais sujeitos nulos de 3ª (39%) pessoa do que de 1ª (28%) e 2ª (11%) pessoas; há mais sujeitos nulos no pretérito perfeito (39%) do que no presente (26%) e há mais sujeitos nulos quando SpecCP está vazio (35%) do que quando SpecCP está ocupado (10%). (Dados extraídos de Duarte, 1995). Se o paradigma flexional fosse de fato enfraquecido, não haveria como explicar o caráter defectivo do sujeito nulo. A concordância fraca teria atingido, igualmente, estruturas com SpecCP preenchido ou não e não teria como explicar o fato apontado por Negrão & Müller de que a primeira pessoa tem uma marca distintiva, ao passo que a terceira não.

É por este motivo, talvez, que faz sentido a afirmação de Negrão & Müller (apud Duarte, 1995) de que no PB assiste-se à coexistência de sujeitos nulos e sujeitos pronominais. As autoras, no entanto, declinam a hipótese de substituição do sujeito nulo pelo sujeito pleno. Sustentam que o que se verifica no PB é a especialização no uso de cada uma das formas, sem que isto provoque uma mudança.

A meu ver, as formas ‘especializadas’ constituem um importante contexto sintático para a análise do caráter do sujeito pleno no PB. Neste

sentido, tem razão Duarte em afirmar que a 'especialização' das formas é um indício de mudança.¹²

Um dos contextos em que o sujeito nulo é mais resistente diz respeito à presença de clíticos e advérbios entre Spec IP e I^o. Há, quando da presença de elementos clíticos entre IP e I^o, 36% de sujeitos nulos, ao passo que quando da ausência de elementos clíticos, tem-se 28% de sujeitos nulos: (Duarte, 1995: 73)

- 1 Não agüentou o tranco. (M2f, 741)
- 2 Se atirou de peito aberto. (H2f, 782)
- 3 Já trabalhava (1^a sg) naquela época. (M1k, 1549)

Tomando como premissa a tese de que fatores fonológicos têm um papel relevante nos processos de mudança, podendo motivá-la ou retardá-la (Adams, 1987; Galves&Galves, 1994), Duarte atribui aos elementos acima o caráter de

"condicionamento prosódico, como se o elemento clítico e o sujeito pronominal fossem intercambiáveis." (Duarte, 1995:74)

- 4 Por exemplo, nós éramos meninas: __ não éramos casadas (M1i, 1305,1306)
(Duarte, 1995:74, frase 83)

Conquanto uma explicação prosódica para a comutação¹³ entre sujeito pronominal e elementos clíticos para as frases acima seja inquestionável, é necessário recorrer a um outro fator que possa dar conta do fato de que o sujeito nulo também ocorre quando da presença de advérbios dissilábicos e polissilábicos:

- 5 __ sempre consegue o que quer.
- 6 __ raramente me telefona.

Vimos no capítulo 03 que os advérbios acima ocupam uma posição interna a IP e se diferenciam dos advérbios sentenciais por exibirem duas propriedades que, de uma certa maneira, estão correlacionadas com a flexão:

- a. favorecem o sujeito nulo¹⁴ ;
- b. aparecem como respostas curtas a interrogativas IP.

¹² Negrão & Muller sustentam que a gramática do PB não está em estágio de mudança..

¹³ Esta comutação constitui um dos contextos de resistência de sujeito nulo. No entanto, há de se relevar que a presença do advérbio não impede o preenchimento do sujeito.

¹⁴ INFL licencia e identifica o sujeito nulo.

Se se toma como premissa a comutação entre sujeito e os advérbios aspectuais¹⁵, pode-se supor que o preenchimento do sujeito tem uma função semelhante à do advérbio: incide na interpretação do conteúdo do verbo¹⁶. Os advérbios aspectuais exprimem a representação do processo expresso pelo verbo, ao passo que os pronomes pessoais dão 'ênfase' ao evento expresso pelo verbo. (Trato a questão da ênfase na seção 4.3.)

Apesar de incidirem na interpretação do conteúdo do verbo, pronomes e advérbios aspectuais apresentam uma diferença fundamental: o advérbio aspectual pode ocorrer como resposta curta no PB, o pronome não.¹⁷ Portanto, pronome e advérbio aspectual não são totalmente permutáveis do ponto de vista funcional. Na verdade, podem co-ocorrer: (ex. de Duarte, 1995:72)

- 7 A minha filha, quando era pequena, **ela sempre desceu**, sempre brincou lá.
(M2c,702)

A questão que se levanta é por que, mesmo que por processos diferentes, advérbios aspectuais e pronomes incidiriam no conteúdo do verbo. A resposta parece estar, em parte, e no que diz respeito ao PB, na adjacência destes elementos ao verbo. O advérbio aspectual, como vimos, acha-se interno a IP. Resta individuar a posição em que se encontra o sujeito pronominal.

Nas estruturas de sujeito reduplicado tem-se a adjacência entre sujeito pronominal e verbo, mesmo nos casos em que entre SN e sujeito pronominal há elementos intervenientes (8/9): (exemplos extraídos de Duarte, 1995:108/109)

- 8 Não vou falar de bermuda, porque **os alunos** hoje em dia no verão **eles vêm** assistir aulas com bermuda de qualquer tamanho... (H2h,1130)
9 **As minhas amigas**, que achavam ridículo véu e grinalda, hoje em dia **elas 'tão casando** de 'véu e grinalda. (M3a,129)

A reduplicação parece ser uma estratégia para reestabelecer adjacência S(ujeito) V(erbo). Portanto, a presença do adjunto parece ser o contexto

¹⁵ A presença dos clíticos pronominais como em (2) também cria um contexto de resistência ao preenchimento do sujeito. Este fato parece indicar uma correlação entre sujeito e complemento. Tarallo (1985) mostra que no PB o crescimento do preenchimento do sujeito (79,4%) nos textos de 1982 acompanha a queda do uso dos clíticos (18,2%). Embora não esteja ainda claro qual o fator subjacente aos dois fenômenos, o comportamento simétrico do preenchimento do sujeito e da perda do clítico no PB é inquestionável.

¹⁶ A idéia que subjaz a esta hipótese é a de que haveria um fator estrutural comum responsável pelo licenciamento desses advérbios e de *pro*.

¹⁷ Contudo, o francês antigo apresentava na resposta a uma interrogativa IP o pronome pessoal seguido do demonstrativo: *o il*. (ver capítulo 02).

sintático da proliferação dos pronomes no PB, mesmo que o advérbio aspectual apareça como elemento interveniente. O PB estaria, portanto, passando por uma organização extremamente rija no que diz respeito à posição do sujeito em relação ao verbo, tornando proeminente a relação de predicação sujeito-predicado.¹⁸

No que diz respeito ao italiano, porém, vimos no capítulo 03 que o emprego do pronome também dá ênfase ao evento expresso pelo verbo. Entretanto, as frases a seguir sugerem uma não adjacência entre pronome e verbo, com o qual o pronome está em relação de concordância:

10 *Io speriamo che me la cavo.* (Eu tomara que me saia bem.)

em aparente harmonia com a hipótese de Soriano (1989), de que o emprego de um pronome pleno em línguas em que *pro* é licenciado e identificado constitui um caso de duplicação pronominal e não de alternância entre pronome pleno e nulo:

11 *Io speriamo che pro me la cavo.*

Entretanto, se no PB o licenciamento e identificação do *pro* ainda são feitos por Agr, hipótese adotada neste trabalho, e se o pronome pleno (8-9) está em adjacência ao verbo, então o pronome pleno não constitui um caso de sujeito reduplicado, mas está em alternância com *pro*, ao contrário do que sugere Soriano.¹⁹

A diferença entre o PB e o italiano, no que tange o preenchimento do sujeito, estaria simplesmente no fato de que no PB verifica-se a adjacência entre pronome e verbo, ao passo que no italiano, o pronome pode deslocar-se mais livremente²⁰. Este comportamento independe da riqueza do paradigma flexional, mas parece estar correlacionado com a ordem dos constituintes: no italiano, tem-se a inversão VS, no PB não. (Berlinck, op. cit.)

¹⁸ Agradeço a Charlotte Galves por ter-me alertado para a relação de predicação.

¹⁹ Inspirando-se na hipótese da não-alternância entre pronomes fortes e fracos (ou nulos) no espanhol dada a recuperabilidade do sujeito por meio da morfologia flexional (Soriano, 1989), Duarte advoga que no PB o paradigma flexional enfraquecido leva à alternância entre pronome forte e fraco:

Você, quando viaja, 'cê passa a ser turista. (M3c, 369)

²⁰ A adjacência entre pronome e verbo no PB estaria, de alguma maneira, relacionada com o preenchimento pronominal.

4.2 O valor-verdade na frase declarativa

O paralelismo sintático - presença de *do-suporte* - entre construções negativas e construções enfáticas, salientado por Chomsky (1957) e retomado por Pollock (1989) é analisado por Laka (1990) como sendo decorrente da explosão da categoria funcional Sigma ("Speech Act").²¹ A negação e a afirmação enfática (Aff) seriam duas instanciações de uma só categoria funcional, em se considerando que as duas construções estão em distribuição complementar:

- 12 I didn't, as I had thought, go to the movies.
- 13 I **did**, as I had thought, go to the movies.
- 14 *I **did** not, as I had thought, go to the movies.

A subsunção das construções negativas e das afirmações enfáticas à categoria funcional mais abstrata Sigma é acolhida por Martins (1994) que estende a proposta de Laka para dar conta de todas as frases afirmativas, independentemente do fato de serem enfáticas ou não:

"Concebo pois ΣP como expressão sintática das operações de afirmação e de negação proposicional". (Martins 1994:332)²²

Tomando como premissa o fato de que a sentença tem o seu valor assertivo reforçado somente quando se verifica a especificação do sintagma Pos(itivo) por um dos advérbios relevantes (*pur, già, ben, sempre*), Belletti (1990) advoga que o sintagma Pos tem, em si mesmo, um conteúdo afirmativo neutro. Para Belletti, a distinção entre o núcleo Neg e Pos está em que o primeiro admite realização lexical por meio do elemento negativo *non*, ao passo que o segundo é apenas uma propriedade abstrata.

²¹ PosP para Belletti (1990), Polarity Phrase para Zanuttini, FP para Kato e Raposo (no prelo).

²² A proposta de Martins apóia-se nas considerações de Belletti (1990) a respeito da existência de um sintagma positivo. O emprego de advérbios (*pur, ben, già, sempre*) como reforço do valor assertivo de frases declarativas no italiano é indicio da existência de um sintagma positivo em contraposição ao sintagma negativo:

Maria non parlava *più/mai* di lui.

Neg

Maria ... parlava *pur/ben/già/sempre* di lui.

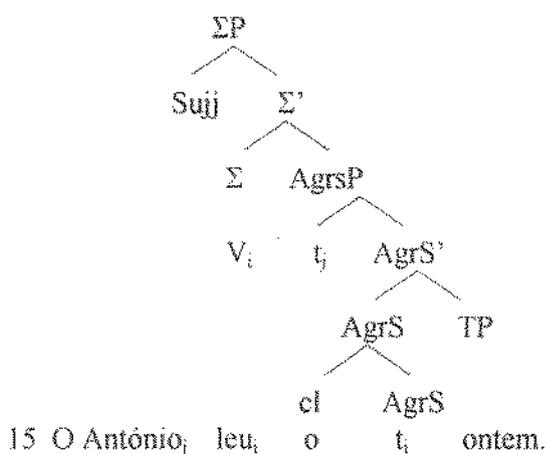
Os advérbios negativos ocupam [Spec,NegP], concordando com o núcleo NegP e os advérbios positivos ou assertivos ocorrem em [Spec,PosP] estabelecendo uma relação de concordância com o núcleo - abstrato - de PosP. O reforço do valor assertivo e do valor negativo é instituído pelos advérbios que têm esta função. Na sua ausência, tanto o sintagma positivo quanto o sintagma negativo têm um conteúdo neutro.

A necessidade de explicar a resposta de tipo verbal e a ênclise no PE leva Martins a contestar a afirmação de que só Neg pode ser lexicalizado. Para Martins, no PE, Af(irmativo) é lexicalizado por meio do verbo que se move para Σ . Assumindo o programa minimalista como hipótese de trabalho, sugere que, no PE, o valor afirmativo é realizado como um morfema abstrato associado ao verbo. O verbo, projetado do léxico como um complexo “radical + morfologia verbal”, contém traços de ‘afirmação’ que devem ser checados com os traços-V contidos no sintagma afirmativo, ou seja, em ΣP . (Recorde-se que AfP e NegP são instanciações de ΣP .)

No PE, os traços-V de ΣP são fortes, razão pela qual a checagem de traços deve ser feita na sintaxe visível, i.e., antes de Spell-out para que os mesmos sejam apagados, evitando-se assim, que os mesmos tenham acesso à LF, onde seriam considerados objetos ilegítimos porque ali não seriam interpretados. Nas demais línguas românicas, não se tem o traço-V forte: a checagem de traços é feita apenas na LF.

Na proposta de Martins, portanto, as frases declarativas do PE são caracterizadas por permitirem a subida do verbo para o núcleo de Sigma na sintaxe visível. Como decorrência do movimento do verbo para Σ tem-se a ordem enclítica:²³

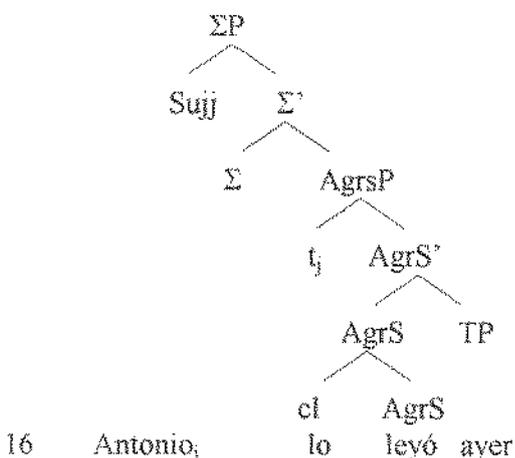
Configuração 2:



No espanhol e no italiano, sugere Martins, Sigma não tem traço-V forte, portanto, o verbo não é açado para Sigma na sintaxe visível e a ordem obtida é: Suj cl-V.

²³ Dado que os clíticos são intrinsecamente específicos - contêm traços fortes de especificidade que precisam ser verificados antes de "Spell-out" - eles devem ser movidos para fora de TP na sintaxe visível. Martins adota a proposta de Belletti (1990) de que o nóculo AgrP encontra-se em uma posição mais alta do que TP.

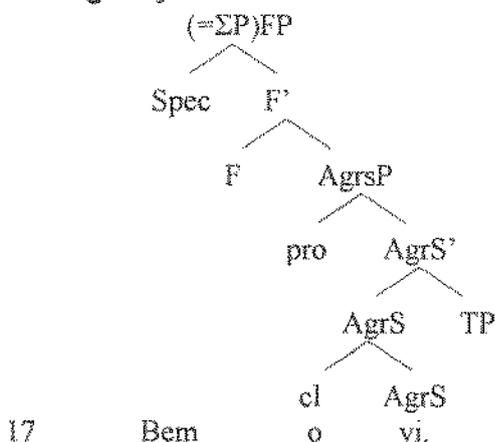
Configuração 3:



Martins não explica por que o sujeito move-se para [Spec, ΣP] no espanhol. É provável que a subida do elemento *non* para o núcleo Σ na frase negativa e a anteposição do sujeito a *non* tenham-na levado a optar pelo movimento do sujeito também na frase afirmativa. Entretanto, esta hipótese não se sustenta dentro do Programa Minimalista, uma vez que é o verbo que tem o morfema abstrato do valor afirmativo/negativo. Martins não acena à possibilidade de Σ ter traços-N fortes ou não.

A necessidade de explicar a próclise em construções onde se verifica a presença de advérbios positivos e de quantificadores leva a autora a considerar que Sigma, além de acolher elementos positivos ou negativos abstratos ou lexicais, pode alocar o foco. Na presença de um advérbio, Sigma torna-se um sintagma focalizador, FP. Seguindo a proposta de Belletti de que os quantificadores e os advérbios positivos ocupam uma posição de especificador, Martins sugere que estes ocupam [Spec, FP]. Para ela, a projeção do sintagma focalizador impede o movimento do verbo. De modo que teríamos:

Configuração 4:

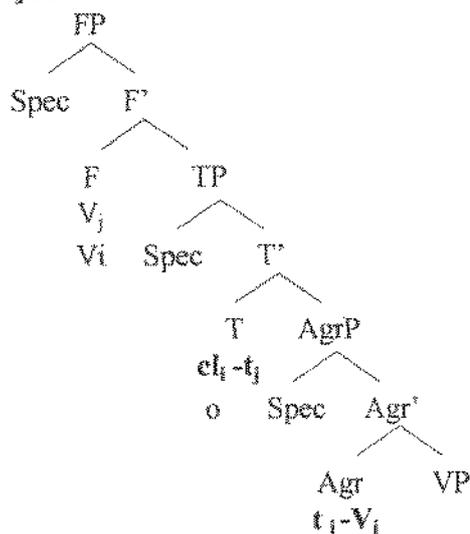


O PE teria a peculiaridade de ter a partição de Sigma em ΣP e FP. O primeiro alocaria, com o movimento do verbo para Σ , a resposta curta de tipo verbal (ver seção 4.4) e as declarativas com ênclise; o segundo obtém-se com o movimento do advérbio positivo para [Spec,FP]. A ativação deste bloqueia a subida do verbo: é o caso das declarativas em que se tem a próclise.

Kato & Raposo (no prelo), em consonância com a hipótese de Martins, mas usando apenas FP, notam que a presença dos *operadores afetivos* (termo dado aos quantificadores, advérbios positivos e sintagmas negativos, exclamativos e enfáticos) determina a próclise no PE: o verbo não sobe para o núcleo F^0 . Entretanto, a constatação de que a ênclise ocorre na ausência de um operador afetivo leva-os a declinar a necessidade de se postular a projeção Sigma.

Partindo da premissa que o PE, independentemente da presença do operador afetivo, tem uma matriz morfológica abstrata, F, que é sempre projetada na sintaxe, consideram que a ênclise é derivada da subida do verbo para F^0 para o licenciamento morfológico, deixando o clítico em T^0 :

Configuração 5:



18 Vi-o.

Em relação ao PB, afirmam que a próclise é independente da presença de um operador afetivo na posição inicial de frase, uma vez que esta língua não manifesta uma matriz morfológica abstrata, F, que faria desencadear o movimento do verbo para o licenciamento morfológico.

Falta dar conta das duas outras características consideradas conservadoras no português: VP nulo e resposta curta. Na próxima seção, trato dos pronomes fracos e fortes e, na seção seguinte, analiso a resposta curta em função da tipologia dos pronomes e das considerações a respeito de Sigma e Foco aqui tratados.

4.3 Pronomes fracos e fortes: posição e função

Por inúmeras vezes, eu me referi ao termo ‘ênfase’ que o pronome pessoal estaria atribuindo ao verbo. Adoto a posição de Horvath (1981) de que ênfase não se relaciona com foco. Apesar do fato de um elemento enfatizado e um elemento focalizado poderem ser acentuados, nem sempre o que é acentuado é ‘novo’ ou contrastivo. Além disso, o foco tem a ver com a alternância ênclise vs próclise no PE (Martins, 1994; Galves & Galves, 1995; Kato & Raposo, no prelo), ao passo que a ênfase não. A existência de ênfase é confirmada com a frase (19):

19 Ele é o professor de química.

em que o artigo atribui ênfase ao SN professor de química, que por sua vez é o foco marcado.

A diferença entre ênfase e foco pode ser vislumbrada por meio das frases abaixo:

20 A - A Luisa convidou o Paulo.

B - (Fui) **eu** (que) convidei! (Kato & Raposo, no prelo)

21 A - Será que a Maria sabe que a reunião foi antecipada?

B - Lógico que sabe! **Eu** (mesma) dei o recado.

Na frase (20) o pronome *eu* tem função de foco, ao passo que na frase (21) o pronome *eu* tem a função de ênfase.

No response que constitui uma denegação, além da resposta do tipo verbal seguida da partícula *sim*, tem-se o pronome enfático:

22 A - Não mexe aí!

B - Mexo sim / **Eu** mexo.

B' - ***Eu** (que) mexo.

23 A - Você não vai sair!

B - Vou sim / **Eu** vou.

B' - ***Eu** (que) vou.

O pronome com a função de ênfase também aparece em construções em que o verbo no infinitivo é repetido em sua forma finita, quando o sujeito é animado:

24 A - Mas você num disse nada?

B - Bem, dizer **eu** disse: Bonito dia, não? (A desinibida do Grajaú, mini-série televisiva)

- 25 A - Tomara que ela passou! (na faculdade)
 B - Estudar **ela** estudou, né? Vamos ver o que acontece.

Cardinaletti & Starke (1994) sugerem a tripartição da série pronominal em: clíticos, fracos e fortes, respectivamente em²⁴:

Non	* a lui	dirò mai	* a lui	tutto	a lui
Non	* a loro	dirò mai	loro	tutto	* loro
Non	gli	dirò mai	*gli	tutto	*gli

(Não a ele/a eles direi nunca tudo)

Os autores fazem notar que os pronomes fracos não podem coordenar sujeitos de um mesmo verbo e não podem ser modificados por um advérbio:

- 26 *Egli / Lui e la ragazza del bar sono gli unici ad apprezzare tutto questo.
 (Ele e a moça do bar são os únicos a apreciar tudo isso.)

- 27 Solo *egli / lui è bello. (Só ele é bonito)

A inaceitabilidade dos pronomes fracos na coordenação é explicada com base na proposta de Wilder (1994, apud Cardinaletti & Starke) que só os CPs podem coordenar. A não focalização dos pronomes fracos é explicada pelo fato de que os elementos adverbiais, que têm a função de focalizar, modificam uma estrutura de frase plena, seja ela nominal ou verbal, e nunca uma sub-parte da frase:

- 28 [only that it is so cold down there] bothers me.
 29 *[that only it is so cold down there] bothers me.

²⁴ Para os autores, os pronomes fracos têm menos morfemas do que os fortes:

Non regalerò loro tutto *loro. (Não presentarei a eles tudo)
 Non regalerò *a loro tutto a loro.

O marcador dummy *a* está correlacionado com a coordenação e *c*-modificação (= focalização):

Ho parlato *loro e loro. (Falei com eles e eles) Ho parlato *solo loro. (Falei só com eles)
 Ho parlato *a loro e loro. Ho parlato *a solo loro.
 Ho parlato a loro e a loro. Ho parlato solo a loro.

O marcador dummy *a* é sempre o núcleo funcional nominal mais alto; assemelha-se ao complementizador (Starke, 1993):

forte: parlare [XP a [YN loro
 fraco: parlare [YN loro

Considerando que o DP tem dois conjuntos de traços (traços phi e traços referenciais), os autores propõem duas projeções funcionais diferentes (informação de concordância e informação de referência, obtida por meio do dummy *a*), como se tem proposto para CP:

[CP that {θ, +/- wh} {IP {0}
 [DP a {θ, +/- range, +/- human} {IP {0}

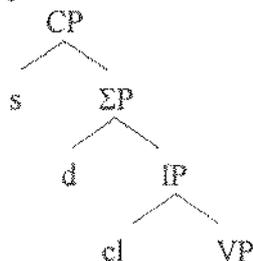
Para os autores, a preposição funcional *a* é um complementizador nominal. O pronome fraco não tem o índice referência e não pode ocupar a posição CP. Como não tem índice de referência, para ser interpretado tem que estar associado a um antecedente, através da correferência.

A realização morfológica de *C*, a preposição funcional *a*, é um marcador de caso. *C* contém especificação de caso, mas como os pronomes fracos não ocupam *C*, eles não têm caso. Os pronomes fracos têm que aparecer, na Estrutura-S, em uma estrutura local como um núcleo funcional relevante para caso: Agr.

A impossibilidade de os pronomes fracos coordenarem ou serem focalizados deriva do fato de que o pronome fraco, ao contrário do forte, não ocorre em CP, mas em uma outra projeção funcional. Os autores sugerem que a série fraca tem que ocorrer em alguma projeção funcional do seu predicado.

Inspirando-se nas observações de Laka (1990), de que no serbo-croata os prefixos verbais têm traços de polaridade e de ênfase, correspondendo à categoria funcional localizada entre C e I, Sigma Σ ²⁵, Cardinaletti & Starke (1994) propõem que os pronomes fortes (s) alocam em CP, os pronomes fracos (d) em Σ P e os clíticos (cl) em IP:

Configuração 6:



O emprego do pronome enfático parece compor, a meu ver, a série de pronomes fracos no PB (Cardinaletti & Starke, 1994). Aplicando-se os testes de coordenação e de focalização propostos por Cardinaletti e Starke chega-se à diferenciação dos pronomes:

- 30a A Maria, a Lígia e **também eu** decidimos ir pra Europa. (foco)
 30b *A Maria, a Lígia e eu **mesma** decidimos ir pra Europa. (ênfase)
- 31a **Só ele** é bonito! (foco)
 31b ***Ele mesmo** é bonito! (ênfase)

O PB teria, então, duas séries de pronomes pessoais homófonas, uma série forte (30a/31a) e uma série fraca (30b/31b). A série fraca é a que tem substituído o *pro*, uma vez que é o *pro* que entra em alternância com o pronome fraco (Cardinaletti & Starke, 1994; Kato et alii).

A adjacência do sujeito pronominal ao verbo a que me referi na seção (4.3) leva-me a adotar a representação dos pronomes acima para o PB. Portanto, os pronomes fracos nesta língua ocupam [Spec, Σ P]²⁶ e têm a função de marcar o valor-verdade, além de serem responsáveis pela ênfase

²⁵ Σ é o lugar dos traços de acentuação não-lexical e dos traços de polaridade. A distinção entre pronomes fracos e fortes está em que o primeiro não contém o traço funcional que o segundo encerra: C^0 .

²⁶ Kato et alii alocam o pronome em [Spec, IP], pois interpretam-no como clítico.

dada à realização do evento expresso pelo verbo. O valor-verdade advém do fato de os pronomes ocuparem ΣP , o locus dos operadores de valor-verdade.

Se se considera que o pronome fraco alterna com *pro* (Cardinaletti & Starke) e que os traços de *pro* [+referencial] são checados em [Spec, TP]²⁷, pode-se hipotetizar que a ênfase que o pronome pleno dá à realização do evento esteja correlacionada com a redundância dos traços *phi* (pessoa, caso e número) encontrados no pronome pleno e na flexão verbal, tanto no italiano quanto no PB, independentemente, portanto, do fato de o pronome estar adjacente, ou não, ao verbo.

A hipótese de que a ênfase resulta da redundância de traços é ancorada nas observações apontadas por Laka (1990) sobre a existência de três prefixos no servo-croata: a forma reduzida ou clítica *sam* (*eu sou*) tem os seus equivalentes marcados em *jesam* e *nisam*. Na forma *jesam*, o prefixo *je-* é um marcador enfático ou expletivo e na forma *nisam*, o prefixo *ni-* é interpretado negativamente: (cfr. C & S)²⁸

sam ga pio ('clítico')
jesam ga pio (enfático, expletivo)
nisam ga pio (negativo)
yes/no-am it drank (= I didn't drink)

O elemento *je-* é um morfema de suporte como o *do-support* do inglês e pode ser enfático ou expletivo. Cardinaletti & Starke estendem a análise de Laka para incluir todos os morfemas de suporte, distinguindo, assim, advérbios fortes e fracos, pronomes fortes e fracos, etc.

A minha sugestão é recuperar a distinção feita entre pronomes fortes e fracos e propor que os últimos contribuem para enfatizar a realização do evento expresso pelo verbo, tornando visível a predicação sujeito-verbo. A função da ênfase é evidenciada nos *seísmos* bastante comuns no PB: *para se conseguir, para se fazer, para se também chegar a um acordo...* Neste caso, o chamado *se Sarney* (Duarte, com. pessoal)²⁹ é usado para uma auto-afirmação. É possível, portanto, que o maior preenchimento do pronome pessoal sujeito tenha se originado com essa função e, pouco a pouco, foi perdendo a conotação de auto-afirmação,³⁰ passando pela ênfase na realização do evento e venha a se gramaticalizar, de modo que o PB venha a ter a configuração de línguas de sujeito pleno.

²⁷ Nos termos da abordagem paramétrica, *pro* é licenciado e identificado por INFL. (Rizzi, 1982, 1986)

²⁸ O basco comporta-se de maneira idêntica.

²⁹ Agradeço a Duarte por ter-me feito notar a presença e a função do *se Sarney*.

³⁰ Galves (com. pessoal) lembrou-me que, em geral, as pessoas que têm o uso produtivo do *sim* também usam sujeito nulo.

A assimetria entre asserção proposicional afirmativa e asserção proposicional negativa como em (32-33) seria remediada com o emprego do pronome³¹ que, por ocupar a posição de Sigma, o lugar dos operadores de valor-verdade, atribui o valor-verdade à frase:³²

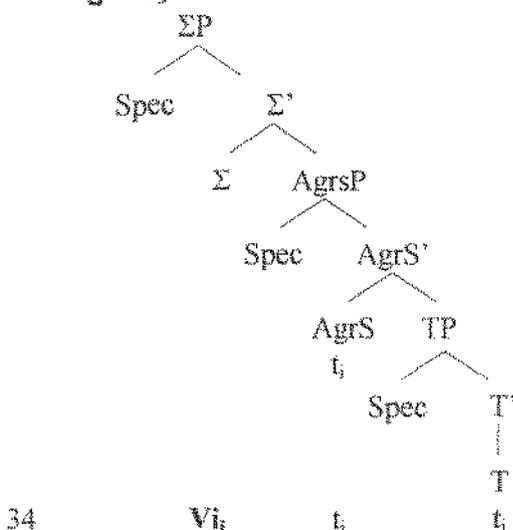
- 32 Eu (af) comprei sorvete.
 33 Eu não comprei sorvete.

Na próxima seção, analiso as respostas curtas em função dos fatos aqui descritos.

4.4 Respostas curtas e sujeito pleno

No caso das respostas curtas, Martins sugere a mesma operação observada para as frases declarativas: os traços-V fortes de Σ no português europeu fazem desencadear o movimento do verbo para Σ na sintaxe visível para a checagem de traços. Assim, à pergunta *Viste a Maria?* tem-se a resposta:

Configuração 7:



³¹ Esta proposta merece estudos mais abrangentes para dar conta de como, em termos semânticos, o pronome poderia atribuir valor verdade à frase. Além disso, há de se convir que *enfase* não é uma função semântica de valor-verdade.

³² No inglês, a assimetria entre asserção proposicional afirmativa e asserção proposicional negativa é remediada com a adjacência do sujeito ao verbo com morfema de tempo flexional preso:

I bought an ice cream.
 I didn't buy an ice cream.

No italiano, não se tem uma marca morfológica para a diferença entre afirmação e negação. Parece-me, porém, que esta diferença é feita a nível prosódico. Deixo a questão em aberto.

(af) ho comprato un gelato.
 Non ho comprato un gelato.

No espanhol e italiano, Σ não tem traços-V fortes. Portanto, o movimento do verbo é encerrado em AgrS. Nestas línguas, a falta de movimento do verbo para Σ teria desencadeado a reanálise do advérbio *si/sì* como núcleo lexical de Σ ³³.

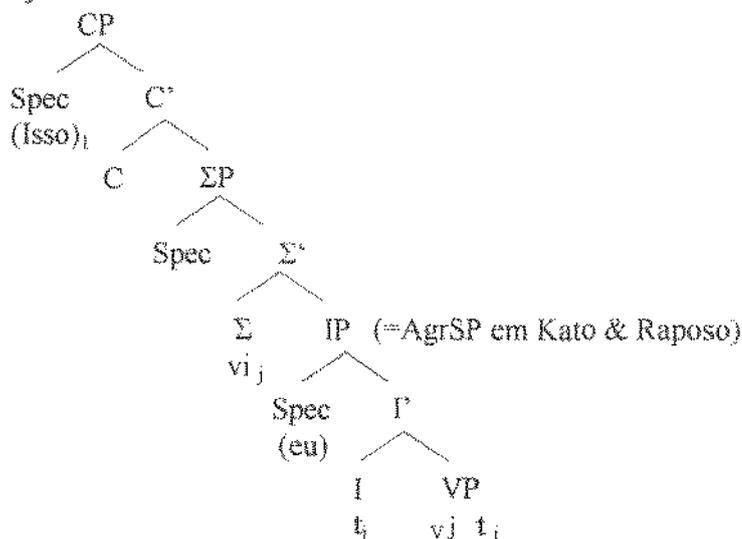
Segundo Martins, a propriedade gramatical que subjaz à ênclise e à resposta curta é a construção de VP nulo, que seria associada a uma categoria funcional com traços fortes: no português, os traços-V fortes de Σ legitimam o VP nulo; no espanhol, Σ não tem traços-V fortes, daí a não legitimação do VP nulo nesta língua.³⁴

A confirmação de uma asserção proposicional anterior e a resposta de tipo verbal no PE e no PB (do século XIX) teria uma configuração como (35a'), em que se tem um prossintagma nulo (*isso*) em primeira posição e seu vestígio dentro de VP. Esta estrutura é derivada de frases em que o sujeito definido pós-verbal é interpretado como foco não-marcado (35a). Essa representação recupera de forma mais simples a proposta de Raposo (1986) de que o objeto nulo no PE é uma variável ligada a um elemento no discurso.

35a O chocolate comeu a Maria.

35a' Isso vi eu.

Configuração 8: 35a'



³³ A hipótese da reanálise da partícula *si* no italiano e no espanhol é, no entanto, problemática, se se leva em consideração que:

a. Σ é fraco nestas línguas;

b. no PE, a "força" de Σ não pode ser satisfeita pela partícula *sim*.

³⁴ A legitimação de *pro* se faz por intermédio da relação especificador-núcleo (Chomsky 1993:10); Martins estende esta proposta para dar conta da legitimação do VP nulo. Dado que propõe [Spec, Σ P] como posição para o sujeito quando este for tópico da frase, esta posição não poderá, estando ocupada pelo sujeito, ser o alvo do VP nulo. Propõe que o mesmo seja adjungido ao [Spec, Σ P] para que se dê a relação de concordância entre o VP nulo e Σ .

O pronome tônico demonstrativo (*exopro* de Kato, 1993; *forte* de Cardinaletti & Starke, 1994) pode subir para CP e o verbo sobe para Σ . Uma vez que nas respostas curtas, o demonstrativo é um nulo, o verbo *vi* é o único elemento do enunciado, sendo, portanto, o elemento que recebe acento focal. Temos, então, o foco sobre o valor-verdade, que é justamente o que veicula uma resposta curta. (Barbara, 1975, Kato, 1995b)

A proposta da dupla série de pronomes de Cardinaletti & Starke é aqui recuperada com o pronome *isso*. Para os autores, o pronome forte ocupa Spec de CP (Tópico para Kato & Raposo). Esta proposta recupera também o tratamento do inglês *it* em construções em que este pronome antecede o CP (Rothstein, 1995): *it* é um pronome referencial que tem a função de sujeito de CP. (ver cap.02)

Levando em conta que no PB a perda da inversão VS (Berlinck, 1989) impede a realização do sujeito como foco não-marcado (ao contrário do PE, Kato & Raposo, op.cit.), podendo o NP definido anteposto receber foco marcado, pode-se supor que a configuração (35a') atribuída à confirmação de uma declarativa precedente e a uma resposta curta constitui um arcaísmo no PB e, por isso mesmo, é um dos contextos de resíduo do sujeito nulo nessa língua, resultado da inversão VS.

Vimos no cap.03 que a cópula *É* substituiu a partícula *sim* nas respostas a interrogativas de foco estreito e nos responses de confirmação e está avançando nas respostas a interrogativas de foco largo. Normalmente, a cópula segue-se um comentário que constitui a resposta alargada no PB:

36 *É*. Eu *vi*.

36' *É*. Isso eu *vi*.

Estes fatos levam-me a duas hipóteses: a frase assertiva com a cópula *É* seria o resultado de uma re-estruturação sintática ou a consolidação da frase assertiva com a cópula teria levado (e ainda leva) à acomodação da sintaxe no PB? No meu entender, a segunda hipótese é a que mais se amolda aos fatos descritos no capítulo 03: aliada à perda da inversão (Berlinck, op.cit.), a substituição da partícula assertiva *sim* pela cópula *É* estaria 'forçando' a adjacência entre sujeito e verbo. (ver mais adiante)

Sendo a cópula o único verbo que ainda aparece em construções de inversão S(ujeito) V(erbo) como em

37 Onde estão os meninos?

38 Qual é o teu nome?

levanto as seguintes questões: se o PB perdeu a inversão VS e a resposta do tipo verbal é uma construção conservadora, por que a resposta de tipo verbal

começa a ser substituída pela cópula *É*? Seria ele o único verbo a mover-se, como acontece com os auxiliares no inglês? Seria lícito afirmar que Σ tem projeção se a cópula *É* não move?

Frases como as (39-40) sugerem que Σ tem projeção:

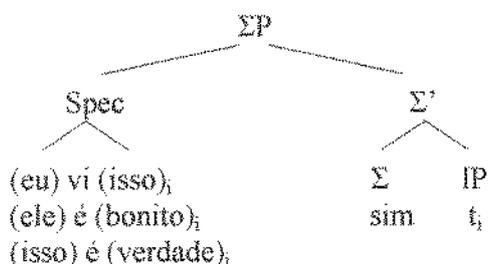
- 39 Eu vi sim.
40 Falei com ele hoje sim.

Assumo a hipótese de Kato (1993), de que a cópula com sujeito referencial também não sofre movimento, ao contrário do inglês. Assim, na sentença (41) o NP definido seria um deslocado e o sujeito seria um *pro* em posição pré-verbal, posição dos pronomes no PB:

- 41 Onde *pro* estão os meninos?

Se a cópula não move³⁵, por que a cópula está se tornando um marcador de polaridade? A diferença fundamental entre as respostas de tipo verbal e as respostas constituídas pela cópula é que nas primeiras o sujeito é [+referencial] e no caso da cópula o sujeito é um expletivo. Outros verbos, além da cópula, podem formar respostas curtas com sujeito expletivo: *parecer, precisar, poder, depender*, etc. Estes são os únicos verbos que podem vir a manter a capacidade de checar Σ . São os verbos que constituem o resquício do sujeito nulo na linha de Adams (1987) que mostra que *pro* está ligado a sujeito posposto. Poderia se pensar, portanto, que a cópula *É* seria um tipo de verbo que ainda segura a categoria funcional Σ :

Configuração 9:



Supondo-se que a cópula é o que sobra da elipse da frase *Isso é verdade*, obtém-se que a cópula acha-se, como os adjuntos, em uma posição externa à frase-comentário. O preenchimento do sujeito seria, portanto, uma consequência do aparecimento de Σ em uma posição mais alta, como no caso dos adjuntos à esquerda, conforme os dados de Duarte (1995), tornando visível a predicação sujeito-predicado. (ver seção 4.3)

³⁵ Uma outra possibilidade seria assumir que a cópula é o único verbo que se move no PB, assim como acontece no inglês. A resposta curta realizada pela cópula seria o resíduo da construção de movimento e constituiria o único contexto de sujeito nulo.

Se se considera a estrutura frasal do PB em que o NP definido anteposto ao verbo pode receber foco marcado como em:

42 A Maria comeu o chocolate.

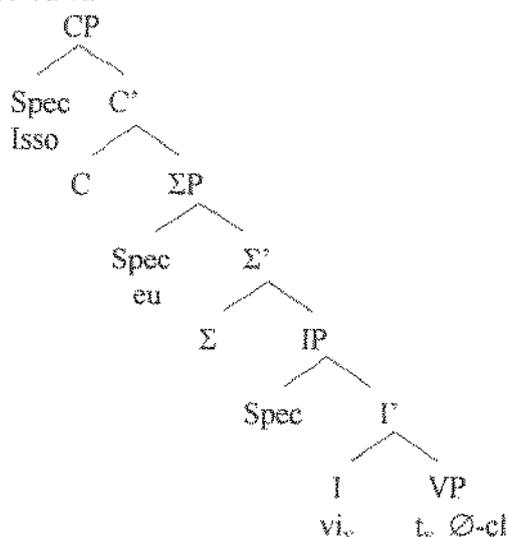
pode-se obter a seguinte estrutura frasal assertiva longa, estrutura paralela em termos de ordem dos constituintes à de (42):

43 Eu vi.
Eu vi_v [VP t_v isso]

em que se verifica o apagamento do VP, constituído do vestígio do verbo e do prossintagma tônico³⁶, ou pode-se obter o response, com elipse de VP contendo o prossintagma clítico e adjunção do pronome demonstrativo tônico a IP:

Configuração 10:

42 Isso eu vi.



Nos dois casos observados, seja com o apagamento do prossintagma tônico seja com a sua adjunção a IP, verifica-se que o PB manifesta o preenchimento do sujeito.

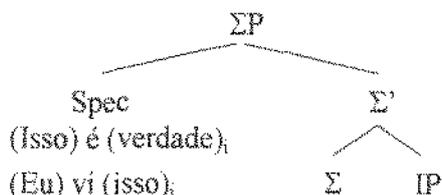
O único contexto em que se verifica o emprego da partícula *sim* no PB é o das respostas enfáticas ou das denegações. Nestas estruturas, tanto o PE como o PB apresentam a peculiaridade de a partícula *sim* aparecer em posição final de estrutura de frase

43 Falei com ela hoje *sim*.

³⁶ Lembre-se que o PB é uma língua de objeto nulo (Cyrino, 1994), portanto, quando falo em apagamento de VP, estou considerando a presença de um pronome demonstrativo nulo.

como afirmação enfática, logo, o *sim* do português tem traço [+ ênfase] e o elemento que vai para o Spec teria também que ter esse traço. As construções de confirmação enfática e de denegação teriam a representação abaixo, em que *toda a frase* sobe para Spec ΣP :³⁷

Configuração 11:³⁸



Ao contrário de Martins (1994) que aloca o *sim* em adjunção a ΣP por não o considerar um elemento nuclear, dada a sua não ocorrência em respostas curtas, advogo que a partícula *sim* no PE e no PB é um elemento nuclear, mesmo que tenha desaparecido de todas as respostas curtas no PB. O seu emprego como proposição nuclear e como confirmação enfática e denegativa é evidência de que *sim* é núcleo de afirmação e de ênfase no português.

4.5 Considerações finais

Os trabalhos alicerçados na noção de morfologia rica fazem parte da tradição gerativista que, a partir da teoria de Princípios e Parâmetros, passa a lidar com a comparação das línguas para detectar elementos que possam constituir uma constante nas línguas:

"...the fundamental goal of the program [the new comparative syntax] is not to account for the development of languages (...), but to account for a cognitive object, the knowledge of language that speakers share, and the acquisition of this knowledge".

(Rizzi 1988:1)

Para que se possa descobrir qual o papel da experiência e qual o papel dos mecanismos mentais pré-codificados

"... it becomes crucial for us to know what can vary and what remains constant across languages." (Rizzi 1988:1)

³⁷ Agradeço a Charlotte Galves pela sugestão de mover toda a frase para a posição superior ao núcleo *sim*.

³⁸ Ambas as respostas (resposta de tipo verbal e resposta com cópula) ocorrem no PB. Suponho que no PB, as respostas de tipo verbal tenham a configuração idêntica à configuração da confirmação enfática em que toda a frase sobe para Spec Σ .

Com o estabelecimento das categorias substantivas e funcionais (Fukui & Speas, 1986), passou-se a ver a variação das línguas com base na distinção destas últimas. Os trabalhos de Pollock (1989) e Belletti (1990) permitiram o germinar de novas categorias funcionais, como a bifurcação da categoria INFL (flexão) em - AgrP - concordância e - TP - tempo, além da expansão do núcleo Agr em AgrS (para a concordância do verbo com o sujeito) e AgrO (para a concordância do verbo com o objeto).

A terceira versão do Programa Minimalista (Chomsky, 1995) refuta a hipótese da projeção de Agr (tanto de AgrS quanto de AgrO), que passa a ser apenas uma relação de concordância Spec-head, em considerando que o verbo é extraído do léxico já com a sua morfologia. As categorias funcionais passam a ser encaradas como feixes de traços que sustentam a estrutura sentencial. Este estado de coisas faz com que a noção de riqueza morfológica seja re-dimensionada na teoria. Embora o Programa Minimalista seja extremamente “morfológico”, há de se levar em conta que a atenção é deslocada para a existência ou não do traço forte das categorias funcionais e não para as marcas flexionais.

A nova abordagem leva, a meu ver, a uma nova angulação no modo de encarar a aquisição da linguagem. A criança se serviria, não já da pretensa riqueza morfológica de uma língua, mas de determinados elementos que podem ocupar uma função-chave na sentença, determinando a ocorrência ou não de sujeito nulo, por exemplo.

Kato, em um estudo da aquisição de respostas curtas no PB, mostra em relação à presença do nóculo INFL na fala da criança que a

“consciência da flexão finita como um elemento cumulativo da concordância, entretanto, parece ser um pouco posterior, pois a co-ocorrência do pronome com o morfema de concordância não aparece de imediato” (Kato, 1995b:182)

A marcação de um parâmetro não depende da aquisição de toda a morfologia existente em uma língua, ou seja, a criança não se fundamentaria no paradigma verbal para determinar o valor positivo ou negativo em relação à realização fonológica do sujeito em sua língua, mas no uso que se faz do pronome pessoal. A experiência provocadora estaria restrita a contextos sintáticos (Lightfoot, 1989) e a poucos elementos funcionais, os quais, justamente por serem restritos, seriam previstos pela GU.³⁹ A individuação destes elementos pela criança tornaria a tarefa de adquirir uma língua menos complexa.

³⁹ Defendo uma hipótese contrária a de Lopes (mimeo) para quem “o dado acionador não tem limites, está presente na totalidade da experiência lingüística da criança através dos elementos morfológicos de sua língua”. (Lopes, 1994:10)

Estas considerações levam-me a conjecturar que as respostas curtas de tipo verbal (_ *Faço*) a interrogativas polares (_ *Você me faz isso?*) (Kato, 1995b) e os responses que configuram uma confirmação enfática ou uma denegação (_ *Faço sim*) e os que configuram assentimento a um ato de comando indireto (_ *Eu faço*), constituem o input provocador do emprego do sujeito pronominal no PB. O sujeito nulo é possível quando o verbo sobe para uma posição mais alta no constituinte frasal (resposta curta, em que o verbo está em Σ) e quando pode ser seguido de um elemento que modifica (negando ou asserindo: o verbo está no Spec ΣP e a partícula *sim/não* está em Σ) o seu conteúdo asseverativo (confirmação enfática ou denegação); o sujeito pleno ocorre quando o verbo não apresenta elementos que modifiquem o seu conteúdo asseverativo (assentimento), ou seja, quando o verbo não sobe para uma posição mais alta: Σ .

Portanto, é nas três expressões acima que a criança individualiza a possibilidade de a representação do sujeito ser nula ou não no PB. O uso cada vez maior de *É*, no lugar do verbo finito, pode levar a criança a presumir que a língua comporta um expletivo nulo, mas não um *pro* referencial⁴⁰. De fato, a resposta de tipo verbal (_ *Faço pro*) tem um *pro* referencial, enquanto que a resposta com a cópula *É* tem um pronome expletivo nulo.

Aliada à perda da profrase *sim*, tomo como ponto basilar para a discussão da mudança do parâmetro do sujeito nulo no PB fatores como:

- a. a inversão da ordem VS (Berlinck, op. cit.) e o fato de o PB não apresentar o NP definido posposto ao verbo como foco não-marcado, ao contrário do PE em que o verbo sobe para F(oco) (Kato & Raposo, no prelo);
- b. o aflorar da cópula *É* nas frases afirmativas e em algumas respostas curtas de tipo verbal, decorrente, talvez, da existência de um expletivo nulo como sujeito ou da mudança na fixação da ordem SVO: o pronome demonstrativo nulo que ocupa a posição o especificador de CP, com função de complemento do verbo contido na interrogativa, torna-se sujeito quando a resposta é realizada com a cópula *É*;
- c. a preferência pela adjacência do sujeito ao verbo, decorrente da perda da ordem VS e do desaparecimento dos elementos adverbiais vazios (ver cap.3);
- d. o movimento do verbo no PB é ainda permitido para a posição nuclear de Sigma nas respostas a interrogativas polares, mas está em vias de desaparecer também neste contexto.
- e. no caso das construções de denegação e confirmação enfática, tem-se a anteposição de uma oração inteira, sendo que a partícula *sim* permanece como núcleo de Sigma.

⁴⁰ Segundo Rizzi, teríamos só licenciamento em PB, mas não identificação, em que licenciamento envolve F(oco) ou Σ .

f. o ponto (e) faz presumir que a cópula *É* pode ser o resultado de adjunção. A sua presença favoreceria o preenchimento do sujeito na frase inferior (no comentário), uma vez que as adjuntas constituem o contexto de proliferação dos pronomes no PB.

O exame particularizado destas construções no PB foi motivado pela necessidade de se ter uma descrição do input ao qual a criança brasileira está exposta ao adquirir esta língua. Dado que o PB é uma língua de objeto nulo, a diferenciação entre as respostas curtas em que há sujeito nulo e as frases declarativas em que o sujeito é pleno parece ser a única propriedade superficial na qual a criança pode se apoiar para determinar o parâmetro do sujeito nulo nesta língua. A mudança nas frases assertivas seria evidência de que o sujeito nulo está em vias de desaparecer no PB.

A descrição do PB permitiu evidenciar a 'importância' da cópula *É* para que a diferenciação seja notada pela criança. O fato de a cópula *É* introduzir uma frase confirmativa é indício de que posterior à frase assertiva não se pode ter uma denegação, mas apenas uma asserção proposicional. Nesta, a visibilidade do sujeito é quase obrigatória para tornar proeminente a predicação.

Em outras palavras, a singularização da cópula *É* como resposta curta a interrogativas IP e como frases confirmativas é uma evidência de que a criança se serve para aperceber-se de que em sua língua não é permitido o movimento do verbo para posições mais altas nas declarativas; portanto, o sujeito na sentença declarativa deve ser lexicalizado.

No Capítulo IV, procederemos à análise dos dados de aquisição de quatro crianças brasileiras.

CAPÍTULO 5

RESPOSTAS CURTAS E AQUISIÇÃO

A - Cê vai levá um tombo!

C - ...

A - Vai sim!

C - Vai xim não!

A - Vai sim, sim!

C - Vai xim, xim, não!

A - Vai sim, sim, sim!

C - Vai xim, xim, não!

A - Vai sim!

C - Vai xim não.

(Luciano, 2 anos de idade)

5.1 Introdução

Neste capítulo, descrevo as respostas curtas afirmativas e o preenchimento do sujeito do ponto de vista da aquisição do PB e do italiano apoiando-me na análise da fala de cinco crianças brasileiras (*Raquel, Luciano, Isadora, Armando e Carolina*) e quatro crianças italianas da região toscana (*Guglielmo, Martina, Raffaello, Diana*) e de uma criança romana (*Francesco*).

Os dados das crianças Raquel e Luciano pertencem ao banco de dados do Projeto de Aquisição da Unicamp-IEL, coordenado por Claudia G. de Lemos. Os dados da criança Isadora foram colhidos por Vicente Cerqueira e os dados relativos a Armando e Carolina foram colhidos por mim.

Em relação ao italiano, sirvo-me dos dados de Francesco, pertencentes ao Istituto di Psicologia do CNR (Consiglio Nazionale di Ricerca) de Roma, dirigido por Virginia Volterra. Os dados das demais crianças italianas, colhidos pelo Istituto Stella Maris do CNR de Pisa, foram extraídos do projeto CHILDES (Child Language data Exchange System) coordenado por Brian MacWhinney e Catherine Snow.

A descrição das respostas curtas de uma das crianças (Carolina) será feita em uma seção separada pelo seguinte motivo: a coleta de dados tem sido feita por mim, o que facilita o controle das respostas curtas que pretendo analisar. No caso das demais crianças (Raquel, Luciano, Isadora e Armando), além de não ter o contexto explícito do enunciado da criança, não posso controlar todas as formas que me interessam para este trabalho.

Procuro, na medida do possível, extrair pelo menos um exemplo da fala de cada criança para ilustrar a aquisição das frases assertivas e do sujeito pleno. Antes, porém, de passar para a descrição dos dois fenômenos acima, apresento alguns conceitos a respeito da teoria da aquisição aqui adotada.

5.1.1 A teoria da aquisição: modelo de princípios e parâmetros

A teoria da aquisição¹ da linguagem alicerçada no Modelo de Princípios e Parâmetros propõe explicar porque a linguagem² é adquirida de

¹ Reforço a idéia de de Lemos (1986) de que é necessário abstrair a literalidade do termo *aquisição*, que impõe a interpretação da existência da linguagem como um objeto fora do indivíduo, para dar conta do desenvolvimento lingüístico na fala da criança.

forma relativamente regular, isto é, seguindo estágios similares, de língua para língua. Esta teoria prevê um mecanismo de aprendizagem composto de um conjunto estável de princípios e um conjunto de opções de parâmetros da GU que devem ser fixados - ou preenchidos - através da experiência direta com a língua à qual a criança está exposta.

Apesar de a criança ter a tarefa única de fixar os valores dos parâmetros que já lhe são disponíveis graças aos pré-requisitos inatos da GU, o modelo que prevê a passagem de um estado inicial - Gramática Universal - para um estado terminal da aquisição de uma língua-L, não mais pressupõe a idealização de um processo instantâneo de aquisição da linguagem.

Os estudiosos têm-se voltado para o problema da aquisição em tempo real, ao tentar elucidar como, através da investigação das fases intermediárias e em base a quais evidências, são fixados os parâmetros. Em outras palavras, o modelo salienta o problema evolutivo da aquisição da linguagem, visando explicar a razão pela qual a linguagem é adquirida de modo uniforme e sistemático, de língua para língua, isto é, seguindo etapas relativamente homogêneas na ordem de aquisição.

Ao centrar a atenção no problema evolutivo, o modelo de aquisição deve dar conta das condições externas que possibilitam o crescimento e maturação de capacidades relativamente fixas. Duas correntes se distinguem pela maior ou menor importância atribuída aos dados lingüísticos primários na aquisição da linguagem: hipótese da continuidade e hipótese da maturação.

De acordo com a hipótese da continuidade do desenvolvimento gramatical, a passagem de um estágio ao outro da gramática é motivada por elementos do contexto lingüístico, i.e., pelo "trigger".³ São estes elementos

² A teoria seletiva prevê que a faculdade da linguagem é estruturada internamente. A presença de um sistema inato e estruturado, independente do contato com o mundo exterior, descarta a idéia de aprendizagem no sentido lato. Nesta abordagem, a experiência externa é limitada, pois só pode agir e adequar-se a um sistema previamente estruturado no organismo.

³ A regularidade do desenvolvimento gramatical é inferida da suposição de que os princípios formais da gramática estão desde sempre disponíveis para a criança (Pinker 1987). A presença destes princípios restringe as gramáticas intermediárias construídas pela criança no decorrer da aquisição de tal maneira que o desenvolvimento da linguagem, ou melhor, da gramática se dá através de um processo contínuo, onde cada estágio é autorizado pelos princípios da GU.

O processo de aquisição, tal qual as primeiras teorias dentro da hipótese da continuidade propuseram, requer da criança um esforço mínimo, uma vez que para que se dê a aquisição são necessários apenas: o estabelecimento inicial do parâmetro - tido como um valor default - e o input que a criança automaticamente receberá de seu ambiente lingüístico. A tarefa atribuída à criança é simplesmente aquela de cotejar os valores estabelecidos inicialmente para um determinado parâmetro com os dados de seu ambiente lingüístico e, depreendida alguma incoerência, providenciar a substituição do valor inicial para o mesmo parâmetro. (Hyams 1986, 1988)

A hipótese de Hyams é contestada em alguns pontos:

1. a criança tem a sua disposição, desde o seu nascimento, um input completo da sua língua, no entanto, a aquisição não é instantânea. Além disso, como explicar que o elemento acionador (disponível no input da criança) do parâmetro alternativo não leva à mudança do valor paramétrico mais cedo?
2. o input, apesar de completo, é frequentemente, do ponto de vista da performance, 'degenerado e deficiente'

provocadores que favorecem à criança a condição necessária para que esta fixe os parâmetros da GU⁴ (Hyams 1986,1988; Clahsen,1989).

Kato (1995b), por exemplo, considera que os princípios da GU estariam latentes na criança e seriam ativados com a aquisição do vocabulário, na linha de Wexler & Manzini, 1987; Nishigauchi & Roeper, 1987. Afirma, por exemplo, que não tem sentido falar em ligação, se a criança não adquiriu anáforas e pronomes.

Os lingüistas que não aceitam a Hipótese da Continuidade correlacionam a evolução da gramática aos fatores maturacionais. As críticas que infligem à hipótese que prevê a presença constante dos princípios no desenvolvimento da gramática da criança se sustentam em duas pautas: a biológica e a da teoria lingüística.

Do ponto de vista biológico, advogam os maturacionistas, a teoria continuísta é uma hipótese inatista 'fraca' pois, ao conceber que a linguagem evolui a partir de um conjunto fixo de conhecimento lingüístico, devolve para a aprendizagem a incumbência de desenvolver as estruturas lingüísticas: o desenvolvimento dos princípios da GU estaria na dependência de evidências que a criança obtém do input. O desenvolvimento gradual, constante e dependente dos dados da experiência tornaria o modelo indistinguível das teorias baseadas nos princípios gerais de aprendizagem, como no caso dos modelos cognitivos.

Do ponto de vista da teoria lingüística, a hipótese continuísta falha ao tentar modelar, dentro da teoria instantânea, processos que são claramente

(Chomsky 1965), podendo sugerir, no que diz respeito à fixação dos parâmetros, soluções opostas.

⁴ Hyams (1994) declina a hipótese inicial da re-marcação do parâmetro do sujeito nulo sustentada nos anos 80, para dar conta de dois problemas assinalados em seus primeiros trabalhos:

a. os dados desencadeadores da opção alternativa estão sempre disponíveis, no entanto, a criança permanece muito tempo com a opção errada do parâmetro (nas línguas de sujeito obrigatório) (Borer & Wexler 1987).

b. ao contrário das línguas de sujeito nulo, a criança não produz encaixadas com sujeito nulo nas línguas que requerem a presença de sujeito lexical (Valian 1991).

Apesar de abandonar a hipótese da re-marcação do parâmetro, Hyams mantém-se fiel à abordagem continuísta da aquisição da linguagem, ao reafirmar que a criança é portadora das categorias funcionais desde a idade mais tenra.

Para Hyams (1994), a sintaxe da criança apresenta duas características que parecem estar estritamente correlacionadas: a ausência do morfema de tempo [+ finito] nas sentenças matrizes (Rizzi 1994; Wexler 1994) e a ausência dos determinantes. A gramática da criança parece, portanto, não ser marcada nem quanto à especificidade temporal (= 'finitude') nem quanto à especificidade nominal (= 'definitude'). Advoga que a gramática da criança contém todo o conjunto de categorias funcionais, no entanto, os núcleos destas categorias podem estar subespecificados. Subespecificação da categoria funcional é a ausência dos traços de concordância e de tempo e não da categoria funcional em si mesma. A ausência dos traços de concordância é responsável pela falta de alinhamento das formas não finitas, na sintaxe da criança. Decorre daí que a realização do sujeito nulo na gramática de crianças de língua inglesa, por exemplo, não é resultado da escolha do valor paramétrico errado, mas da opção da subespecificação de I.

A diferença entre a gramática da criança e a gramática do adulto estaria, portanto, na especificação ou não dos núcleos funcionais.

não-instantâneos. Não explica, por exemplo, dada a inexistência de input ordenado, por que algumas opções paramétricas são ativadas em um determinado momento e não em outro (antes ou depois) além de não explicar por que apenas certos dados da experiência (e não outros) guiam a escolha do parâmetro. O modelo de aquisição seria reduzido a uma hipótese de testagem, onde, em função de um substrato lingüístico fixo, a criança recorreria a processos de correção baseando-se em novos dados.

Para remediar os problemas apontados na teoria continuísta, os maturacionistas propõem que nem todos os princípios acham-se disponíveis no estágio inicial da aquisição da linguagem. Sugerem que o início da aquisição é marcado pela presença de alguns aspectos específicos da competência gramatical aos quais são acrescentados outros aspectos guiados especificamente pelo programa biológico subjacente (Wexler & Borer, 1987).

A redução do desenvolvimento da competência gramatical ao programa biológico subjacente é ponto de discórdia entre os próprios sequazes da hipótese maturacional. Surgem duas concepções: uma que se convencionou chamar de concepção 'forte' (Felix, 1988; Wexler & Borer, 1987) que aposta na maturação dos princípios e outra etiquetada de concepção 'fraca' que sustenta a maturação das categorias funcionais⁵ (Guilfoyle and Noonan, 1988; Radford, 1990, 1992; Lebeaux, 1990; Tsimpli, 1991).⁶

A teoria maturacionista, ao concentrar na bagagem biológica o desenvolvimento da linguagem menosprezando a experiência lingüística, deixa em obscuridade pelo menos duas questões:

- a. não explica por que motivo a criança desenvolve a gramática da língua à qual está exposta e não a gramática de outra língua qualquer;
- b. não dá conta de explicar de que modo a criança descobre os valores dos parâmetros que caracterizam a língua alvo.

⁵ A concepção 'forte' toma como pressuposto a associação dos parâmetros com os princípios da GU (Chomsky, 1986). Assume-se que a criança não dispõe de todos os princípios e que, conseqüentemente, constrói gramáticas 'intermediárias' incompatíveis com a GU (Felix 1984, 1988). Apostando na maturação dos princípios da GU, obtém-se que o que matura é a própria Gramática Universal. Esse postulado, que subentende a inexistência da gramática universal em certos estágios, tem como corolário indesejável a exclusão das gramáticas infantis do rol das línguas humanas possíveis.

A concepção maturacional 'fraca' procede da hipótese aventada por Borer (1984) (acolhida por Chomsky, 1988 e Pollock, 1989), segundo a qual os parâmetros são associados, não aos princípios da GU, mas aos itens lexicais individuais. Considerando-se que são os elementos flexionais, ou seja, as categorias funcionais que estão sujeitas à variação, supõe-se que são as categorias funcionais que maturam e não os princípios da GU. Os princípios estão todos disponíveis para a criança, o que acarreta que as gramáticas 'intermediárias' são desenvolvidas segundo um programa determinado pela GU, i.e., são compatíveis com a Gramática Universal.

⁶ Rizzi (1992) sustenta a hipótese de que a gramática da criança não tem representação puramente lexical. É necessário postular a existência de alguns núcleos funcionais para que se possa dar conta da análise morfológica e dos fenômenos de ordem. Para ele, no estágio inicial da aquisição, a criança tem uma estrutura truncada da sentença. Ou seja, a criança não tem proposições plenas, mas fragmentos de proposições: a criança pode ter desenvolvido TP (Assumindo Belletti, 1990) e não ter desenvolvido AgrP e CP ou ter desenvolvido TP e AgrP, mas não CP.

Em síntese, a diferença entre as duas teorias esboçadas acima reside no fato de que para os continuistas as categorias funcionais estão sempre disponíveis para a criança que, com base na experiência lingüística, deve apenas ativá-las com a aquisição do léxico e de suas propriedades (Clahsen, 1989). Para os maturacionistas, é a própria categoria funcional que deve maturar, de acordo com o programa biológico. O papel da experiência lingüística na abordagem maturacional da aquisição da linguagem é, portanto, drasticamente reduzido em favor de uma visão fortemente inatista.

5.1.2 A experiência lingüística

Como se viu na seção precedente, a experiência lingüística tem sido o eixo em torno do qual giram as teorias da aquisição da linguagem dentro da abordagem de Princípios e Parâmetros.

Os lingüistas que conferem um papel relevante à experiência lingüística têm tentado estabelecer qual o tipo de experiência é acessível para a criança. A constatação de que os dados lingüísticos primários apresentam-se, quanto ao aspecto da performance, de modo degenerado e deficiente (arranques em falso, truncamentos, reformulações), leva a supor que nem tudo o que está presente na língua da comunidade pode funcionar como 'trigger' (i.e., experiência provocadora) do desenvolvimento da gramática.

A necessidade de analisar a qualidade dos objetos lingüísticos de que a criança se serve leva Lightfoot (1989) a propor o seguinte modelo explanatório:

experiência provocadora (genótipo > fenótipo)

O esquema acima sugere que a experiência provocadora não consistiria de um elemento qualquer extraído aleatoriamente do total da experiência lingüística, mas seria prevista pelo genótipo. Obtém-se daí que a criança não precisa estar exposta à totalidade de informação a que tem acesso para fixar o parâmetro de sua língua e que o processo de descoberta dos valores paramétricos não é afetado pelos erros de performance que ela constantemente ouve.⁷

⁷ Concentrando a atenção na fala dos adultos dirigida à criança como input para o desenvolvimento lingüístico desta, Brown (1977) afirma que a fala dos adultos não é um modelo degenerado, mas um modelo bem sintonizado com a capacidade psicolingüística da criança. Opõe a visão AS \Rightarrow CS (adult speech para child speech) à posição AS \Rightarrow BT \Rightarrow CS (adult speech para baby talk para child speech). Em outras palavras, a fala dirigida à criança é diferente da fala dirigida aos adultos. A meu ver, há uma diferença entre caracterizar os processos clarificação e expressividade do baby talk (Brown, 1977) e fala degenerada. Acredito que a fala degenerada também ocorra no baby talk.

Considerando que os processos sintáticos obedecem às restrições de localidade, Lightfoot sugere que a descoberta dos valores a serem atribuídos aos parâmetros da língua alvo é realizada a partir de dados robustos encontrados na oração principal (degree-0 learnability). O grau-0 de Lightfoot, baseado nas restrições de localidade que afetam os processos gramaticais, limita-se à sentença matriz 'mais alguma coisa', i.e., o item que encabeça a sentença encaixada:

"A further defining property of new parameter settings, if my central hypothesis is along the right lines, is that they occur in response to shifts in unembedded data only. They [children] are not sensitive to changes or continuities in embedded domains."
(Lightfoot, 1991:196)

Ao compor estas considerações, Lightfoot sugere que a experiência provocadora pode estar nas estruturas simples. A plausibilidade desta delimitação está em que Lightfoot contempla o conjunto de enunciados em um contexto apropriado:

"The trigger consists of nothing more than a haphazard set of utterances in an appropriate context. In fact, we can restrict things further. The trigger is something less than the total linguistic experience. Neither the occasional degenerate data that a child hears nor idiosyncratic forms necessarily trigger some device in the emergent grammar which has the effect of generating those forms." (Lightfoot 1989:324)

A restrição da experiência provocadora ao conjunto de enunciados em um contexto apropriado é a 'abertura' de que necessitam os gerativistas para lidar com a fala do adulto dirigida à criança e conceder um espaço maior à empiria na questão da aquisição. Neste sentido, a proposta de Lightfoot poderia aproximar-se dos modelos de aquisição, cujo objeto de estudo não é um enunciado particular, contextualmente desvinculado, mas o diálogo.

Os estudos que dão primazia ao diálogo criança-adulto (Ochs et al., 1979; Scollon, 1979; de Lemos, 1981, 1986; de Castro, 1992, entre outros) têm mostrado que a sintaxe frasal da criança é formada a partir da extração ou incorporação de partes do enunciado do adulto em uma espécie de sintaxe dialógica ou vertical.⁸

De Lemos afirma que não é suficiente

⁸ Isto quer dizer que as partes que, em um momento precedente, eram turnos dialógicos ordenados verticalmente, isto é, cobertos por interlocutores diferentes (adulto e criança), formam um único turno horizontal com a incorporação de parte do enunciado do adulto, permitindo o acoplamento de dois elementos, i.e., a estruturação sintática.

"recorrer ao diálogo enquanto recorte empírico nem à comunicação enquanto processo, que nele se dá. Em vez disso, seria necessário recuperá-lo enquanto interação e na sua oralidade." (De Lemos, 1986:10)

A importância dada à oralidade do diálogo surge da assunção de que este está imbricado na atividade que o produz: o diálogo é recobrado como inter-ação ou atividade conjugada e é estruturalmente construído por meio da incorporação de segmentos da fala do interlocutor. A este processo, de Lemos dá o nome de especularidade.

A aquisição das frases assertivas passa, a meu ver, pelo processo de especularidade, como mostram os exemplos a seguir:

- 1 A - Cê vai levá um tombo!
 C - ...
 A - Vai sim!
 C - Vai xim não!
 A - Vai sim, sim!
 C - Vai xim xim, não!
 A - Vai sim sim, sim!
 C - Vai xim xim, não!
 A - Vai!
 C - Vai xim não. [cada vez mais enfático] (L / 2;00)

A criança incorpora o verbo e a partícula assertiva *sim* contidos na fala da mãe e acrescenta, por meio do processo de especularidade diferida, a partícula negativa *não*. Note-se que quando a mãe volta a enunciar apenas o verbo, a criança continua usando a partícula assertiva, como se esta fizesse parte da veracidade do verbo que a criança continua a negar.

No caso a seguir, a produção da proposição nuclear é feita mediante a incorporação de parte do verbo *acho* produzido pela mãe e o acréscimo da partícula assertiva *sim*, possibilitando a expansão gradativa do enunciado. A criança só não produz o complementizador:

- 2 A - Será que tem? [menino de óculos na revista]
 C - Tem.
 A - Eu acho que não.
 C - **As sim.** [= acho (que) sim]
 A - Ahn?
 C - **Assi im.**
 A - Cê acha que sim?
 C - Assu. (R / 1;09.08)

Na linha da especularidade de de Lemos, mas dentro da pauta gerativista, Kato (1995a) mostra que a criança responde às interrogativas

polares do adulto extraindo não só o verbo, mas elementos que a criança interpreta como elemento focal (ver cap.01).

Enunciados como o que se segue confirmam que é na instanciação dialógica que a criança instaura o exercício metalingüístico do qual, a meu ver, depende a aquisição do vocabulário funcional (Kato, 1995a), ou melhor, do leque de traços funcionais:

- 3 A - O dedo ficou enroscado? Eu acho que não é por aí que põe, não!
 C - É.
 A - Não é mesmo!
 C - É.
 A - Não é, não.
 C - É.
 A - Não é.
 C - É.
 A - Cê tá teimando. (R / 1;10.23)

Para além da 'teimosia' da criança em querer colocar a calça pelo lado errado, tem-se o processo metalingüístico em torno do verbo *ser* contido na fala do adulto desconfirmando a asserção da criança. Caso semelhante para a expressão da negação é apontado por de Castro (1992) nas sequências abaixo:

- 4 C - Aaabo". (brincando com latas que se encaixam)
 A - Caboo.
 C - Tem. (negando com a cabeça)
 A - Num tem?
 C - Tem. (negando com a cabeça)
 A - Não? Tá balançando a cabeça dizendo que não? dizendo "n tem"?
 C - Tem. (intonação descendente de resposta positiva)
 A - Não tem mais? (R / 1;6.6)
- 5 A - Vamos ver se tem cavalo?
 C - Tem.
 A - Não tem.
 C - Tem. (nivelado médio)
 A - Tem? Tá bom.
 A mãe mostra os animais nomeando um a um.
 A - Não tem cavalo, não tem. Será que tem?
 C - Tem. (negando com a cabeça)
 A - Não tem mesmo. (R / 1;6.6)

Segundo a autora, a incompatibilidade entre forma verbal e gesto, quando a criança (R) afirma que tem e faz o gesto de cabeça negativo, estabelece um jogo de oposição que constitui um exercício metalingüístico em torno do elemento positivo ou negativo. A propósito do jogo de oposição, de Castro afirma:

"Os significantes *tem* e gesto de cabeça abrem lugares, mostram a criança como participante no diálogo, marcam posições, encenam oposições. Seus efeitos parecem levá-la além daquilo que se poderia entender intuitivamente como "suas intenções", isto é, além do reconhecimento das diferentes perspectivas que os enunciados positivo e negativo instauram.

O processo que o jogo verbal/gestual entre os polos opostos e complementares implica parece possibilitar uma fase de reorganização na construção dos enunciados negativos." (de Castro, 1992:147)

De fato, a reorganização na construção dos enunciados positivos e negativos, como efeito dos jogos de oposição ou exercício metalingüístico, parece depender da aprendizagem do uso adequado das partículas assertivas e negativas que se faz por meio do princípio da negociação conversacional instaurada na instanciação dialógica. Veja-se a respeito a sequência:

- 6 A - Põe o bracinho aí, põe.
 C - Não.
 A - Põe o braço sim.
 C - **Eu vou sim.** (I / 2;04.11)

A sequência acima ilustra a negociação conversacional em torno da partícula assertiva como confirmação da intenção de realizar uma ação.

A assunção de que a aprendizagem do uso adequado das partículas assertivas tem um papel fundamental na estruturação sintática da fala da criança e a hipótese de que tal aprendizagem está vinculada à instanciação dialógica vêm de encontro à hipótese de Kato (1995b) de que as respostas curtas constituem experiência provocadora para a criança. Adiciono à hipótese de Kato os 'responses' que configuram a confirmação de uma asserção anterior e o assentimento a uma frase imperativa anterior. Quanto à confirmação, vimos ser dependente da negociação conversacional. Passemos à análise do assentimento.

5.1.3 A fala do adulto X a fala da criança

A criança requisita ação em benefício próprio de seu interlocutor adulto através do emprego do imperativo. O adulto, por sua vez, emite uma expressão de compromisso com o ato ilocutivo de comando proferido pela criança. No PB, esta expressão é constituída apenas do verbo ou do sujeito + verbo, exatamente o que se verificará na resposta da criança ao ato de comando do adulto: (mais adiante)

O assentimento pode ser realizado por meio do verbo e constituiria uma evidência do sujeito nulo no PB:

- 7 C - Azuda.
A - **Ajudado**. Cê não tá conseguindo? (R / 1;10.23)
- 8 C - Tila // u sapatu.
A - **Tiro**. (R / 1;11.03)
- 9 C - Fica bava fica. Fica bava.
A - **Fico brava** com a Carla? (L / 2;00)
- 10 C - Espera.
A - **Espero**. (A / 2;3.11)

O assentimento na fala do adulto pode ser uma expressão formada pelo verbo precedido de sujeito lexicalmente visível:

- 11 C - Tila.
A - **Eu tiro**. Tirar a blusinha dela? (R / 1;08.25)
- 12 C - Pocê põe.
A - **Eu ponho?** Tá bom! (R / 1;10.23)
- 13 C - Pontaa pontaa ponta.
A - **Eu vou apontar**. Vai lá que eu já vou. (I / 2;04.11)
- 14 C - Faz ponta.
A - **Eu vou fazer**. Espera um minutinho, deixa só a mamãe acabar aqui.
(I / 2;04.11)

A sequência seguinte mostra a diferença entre a resposta a uma interrogativa e o response a uma frase imperativa: a primeira é feita apenas com o verbo, a segunda com sujeito + verbo. A criança, não convencida da resposta dada pelo pai à sua pergunta, emite uma frase imperativa, retrucada pelo pai com o sujeito pleno. É só aí que a criança deixa de requisitar a compra do bombom, como se a presença pronominal instaurasse um ato de promessa:

- 15 C - Pai, compra bombom?
A - Compro.
C - Pai, cê compra bombom pa mim?
A - Compro.
C - Compra?!
A - **Eu compro**. (A / 2;04:08)

Em consonância com os responses proferidos pelo adulto (11-14), a criança enuncia por meio da estrutura [Suj + V] a execução imediatamente anterior de um movimento-ação dela mesma, como se estivesse esperando a permissão do adulto, que é dada também no imperativo:

- 16 C - **Eu vou descer.**
A - Desce, ué. (R / 2;00.05)
- 17 C - **Eu vô pô eleaa nuu...são.**
A - Põe. (R / 2;00.05)
- 18 C - **Eu vô passá.**
A - Passa. (R / 2;00.05)
- 19 C - **O vô pegá biquedo.**
A - Tá, vai pegá brinquedo. (A / 2;03.11)
- 20 C - **O passá batom.**
A - Não, não vai passar batom, não. (A / 2;03.11)

5.2 A questão dos elementos funcionais

Assim como se verificou a necessidade de dissociar a experiência provocadora da totalidade da experiência lingüística, observa-se que tanto aqueles que assumem a hipótese da continuidade quanto aqueles que optam pela maturação das categorias funcionais têm uma tarefa não menos árdua: estabelecer o que significa adquirir uma categoria funcional. Há duas possibilidades a este propósito:

- a. a aquisição de uma categoria funcional está relacionada ao uso correto dos morfemas flexionais, no sentido de concordância sujeito-verbo. Neste caso, a aquisição de uma dada categoria funcional está condicionada à aprendizagem das flexões;⁹
- b. a aquisição de uma categoria funcional não está associada ao uso correto dos morfemas flexionais, portanto, independe da aquisição do conjunto total destes morfemas.

A hipótese da continuidade tem, em última análise, levado o item (b) acima às últimas conseqüências: a aquisição de uma dada categoria funcional não está vinculada à aquisição de todos os morfemas flexionais que a caracterizam.

A meu ver, a hipótese da continuidade é a que mais se aproxima do Programa Minimalista, uma vez que este prevê, de um lado, categorias funcionais abstratas constituídas de um feixe de traços morfológicos e, de outro lado, os itens lexicais constituídos de radical + morfema flexional. Em outras palavras, um item lexical não é inserido na sintaxe de modo

⁹ Para Brown (1973), a concordância sujeito-verbo começa assim que a criança adquire as flexões necessárias.

composicional, mas como uma palavra cujos componentes são checados durante a sua derivação¹⁰.

Na linha do Programa Minimalista, eu diria que, tomando por base a hipótese da continuidade, a falta de concordância entre sujeito e verbo não é indício da não-aquisição de uma categoria funcional, mas de sua forma fonética (Kato, 1995b).¹¹

Esta hipótese aproxima-se da tese de Bottari et alii (1992) de que a emergência das categorias funcionais é detectada pela manifestação de suas propriedades sintáticas e não meramente fonéticas. O argumento usado pelos autores é o de que, na fala inicial da criança, a posição do determinante, por exemplo, é geralmente preenchida por segmentos vocálicos, antes mesmo do aparecimento dos itens morfológicos específicos que realizam tal categoria.

Os segmentos vocálicos ou proto-morfemas são entidades essencialmente correlacionadas com a sintaxe e só secundariamente com a morfologia. Não são meramente imitações ou tentativas de reprodução de seqüências lingüísticas, dado que aparecem em posição não canônica, como, por exemplo, diante de demonstrativos.

O uso destes elementos depende da extração (a partir da experiência fonética) de generalizações sobre a organização estrutural das seqüências lingüísticas. O que a criança imita ou tenta reproduzir é uma estrutura padrão abstrata. Os proto-morfemas são a manifestação da conscientização da existência de posições estruturais a serem preenchidas.¹² Só mais tarde, quando a sua competência em relação às regras sintáticas e morfológicas aumentar, a criança poderá preencher aquela posição com o elemento funcional apropriado.

Os autores apresentam alguns dados em que os segmentos vocálicos aparecem antepostos a verbos intransitivos e a verbos transitivos cujo argumento interno é lexicalmente realizado:

- | | | |
|----|---------------------|--------------------------------|
| 21 | [e] piangono | ([e] choram) |
| 22 | [e] porta i caffè | ([e] leva o café) |
| 23 | [e] levo peli Titta | ([e] tiro os cabelos de Titta) |

Segundo os autores, não se pode hipotetizar nenhum valor proto-morfêmico para os segmentos vocálicos que antepõem os verbos acima. Um

¹⁰ Por outro lado, o Programa Minimalista, com a sua hipótese de inserção plena, também parece favorecer a hipótese de que o uso de flexões em palavras é independente da aquisição de categorias funcionais, que poderia ser efetuada apenas mais tarde.

¹¹ Para Kato, a criança possui as formas finitas em termos de traços sintáticos e semânticos. O que lhe falta é uma matriz fonológica, pois esta depende da morfologia de tempo e pessoa.

¹² Os proto-morfemas parecem sustentar a hipótese da continuidade.

candidato possível seria o sujeito pronominal. No entanto, o segmento vocálico é bastante frequente na fala inicial da criança, contrastando com a língua italiana do adulto, em que o sujeito lexical é empregado em circunstâncias específicas. Além disso, a presença de sujeitos lexicais pospostos ao verbo como em

24 [e] toma Giulio ([e] volta Giulio)

25 [e] viene qui Pinocchio # [a] viene qua ([e] vem aqui Pinóquio # [a] vem cá)

elimina a possibilidade de se atribuir ao segmento vocálico a função de sujeito.¹³ Bottari et alii deixam em aberto a questão, salientando apenas que o segmento vocálico deve ser considerado como "some sort of active intervention of the child has made on the input". (Bottari et alii, 1992:93)¹⁴

A proposta desenvolvida por Bottari et alii vai ao encontro da teoria da "GU forte" (Wexler 1992): a criança não só conhece a GU que subjaz à flexão mas também conhece todas as propriedades da gramática que está desenvolvendo, com exceção de um conjunto particular de formas morfológicas que expressam as propriedades flexionais.

A imposição estritamente sintática de Wexler implica que a aquisição de uma determinada categoria não está sujeita à aquisição de todo o seu conjunto de variantes morfo-fonêmicos, mas é anterior a esta.

Na seção seguinte, pretendo mostrar que a criança conhece as estruturas sintáticas das diferentes formas de expressão assertiva: assentimento a uma frase imperativa, confirmação de uma asserção anterior, asseveração de uma frase interrogativa anterior e de uma declarativa introduzida no discurso.

5.3 Aquisição da resposta curta afirmativa: PB

5.3.1 Primeiros passos: Carolina

Pude identificar três fases distintas na aquisição das respostas curtas negativas e positivas em Carolina. Na primeira, tem-se a oposição *não X nome*, sendo que ambos aparecem com intonação ascendente que caracteriza uma frase interrogativa; na segunda, tem-se a oposição *não X verbo*, sendo que o primeiro aparece com intonação descendente e o segundo com intonação ascendente; na terceira fase, permanece a oposição *não X verbo*, com a diferença que ambos aparecem com intonação descendente.

¹³ Vide Santos (1995) que analisa os preenchedores do ponto de vista rítmico e sintático. Para a autora, um mesmo fenômeno (o uso dos preenchedores) assume, em momentos diferentes, funções diferentes.

¹⁴ A presença dos proto-morfemas nos casos das frases (24/25) poderia também ser explicada por motivos fonológicos.

FASE 1

Todas as formas são pronunciadas com intonação ascendente de uma frase interrogativa. A resposta negativa é feita pela introdução do elemento negativo *não*; a resposta positiva é feita com a retomada do elemento nominal contido no enunciado do adulto:

- 26 A - Qué água?
C - Não? (C / 1;8.20)
- 27 A - Qué banana?
C - Não? (C / 1;8.12)
- 28 A - Qué água?
C - awa? (C / 1;8.20)
- 29 A - Qué chocolate?
C - kiate? (C / 1;8.20)

Em outras palavras, segmentalmente a resposta é afirmativa ou negativa. Do ponto de vista suprasegmental, a resposta é interrogativa.

Se a pergunta era produzida em ambiente diferente da cozinha, a criança corria para a cozinha e emitia o enunciado acima. Ou seja, o enunciado era produzido no lugar canônico como um meio de indicar o objeto desejado.

Após este período, permanece por mais de 15 dias sem responder negativamente. Usava a cabeça para negar ou então dizia:

- 30 C - Vai pá lá.
31 C - Vai mbóla.

Os dois primeiros enunciados com o acoplamento de dois vocábulos são:

- 32 A - Quéu áwa. (C / 1;8.20) (pronunciado com frequência baixa e destacado)
33 A - Num quéu. (C / 1;8) (pronunciado de modo incisivo e destacado, após a insistência da mãe em fazê-la comer)

sendo que (32) é proferido na cozinha, combinando o objeto solicitado com o espaço onde se encontra este objeto:

"But in so far as requesting involves not only indicating that you want, but indicating what you want, it also creates extraordinarily complex situations in which the child must combine the two basic formats, with indicating being superordinated to requesting."
(Bruner, 1981:51)

No enunciado de Carolina, a indicação do objeto é substituída pelo seu deslocamento para o lugar canônico do objeto. Assim, no enunciado concentra-se a solicitação.

Embora a criança ainda responda positivamente por meio do NP contido na interrogativa, o primeiro acoplamento que realiza sugere que ela já distingue estruturalmente a frase declarativa afirmativa (*verbo + complemento*) da frase declarativa negativa (*não + verbo*), concentrando a declaração no verbo. Este exemplo parece contrapor-se à hipótese de Bruner de que

"The child is indeed learning a heavily pragmatic set of discourse rules well before he can appreciate a grammar of sentence parts. It is as if the dynamics of language, in the sense of its sense or direction in speech acts, is being learned first in some preliminary way to guide the child in his construction of utterance."(Bruner 1981:52)

Ao contrário, a gramática parece acompanhar a aquisição das regras discursivas. O que a criança parece não possuir ainda é o vocabulário para explicitar a sua gramática.

FASE 2

Nesta fase, tem-se o retorno do elemento negativo, que a criança tinha deixado de usar, pronunciado com intonação descendente:

- 34 A - Qué awa?
C - Não. (C / 1;10.20)

Quanto à resposta afirmativa, a criança deixou de responder com o NP contido na interrogativa anterior, passando a responder de três maneiras distintas:

com o verbo (intonação ascendente de uma frase interrogativa)

- 35 A - Qué awa?
C - Qué? (C / 1;10.20)

com a repetição da interrogativa

- 36 C - Qué awa? (C / 1.11)

ou uma frase declarativa

- 37 C - Quéu awa. (C / 1.18)

A resposta com o verbo em (35) feita ainda com intonação ascendente parece indicar que a criança distingue a resposta afirmativa da frase declarativa.

FASE 3

Nessa fase, a criança responde afirmativamente com o verbo contido na interrogativa e, mais importante, na intonação descendente:

38 A - Qué água?
C - Qué. (C / 1;11.20)

39 A - O papai foi embora?
C - Foi. (C / 1;11.20)

A resposta negativa é feita com o elemento negativo (intonação descendente):

40 A - Qué naná?
C - Não. (C / 1;11.20)

Surgem as primeiras respostas a interrogativas *wh-*. Note-se que a estrutura das mesmas é a de uma frase declarativa em que aparece o sujeito expresso:

41 A - Cadê a D. Olga?
C - D. Oga num tá. (C / 1;11.23)

42 A - Cadê a Iraci?
C - Ea num tá. (C / 1;11.23)

43 A - Cadê a casa da Carol?
C - Tá lá. (C / 1;11.23)

44 A - Cadê a mamãe?
C - Mamãe ela lá. (C / 2;0.02)

A observação dos dados acima sugere que não só o valor mas também a estrutura da assertiva negativa e da assertiva positiva são adquiridos antes do surgimento dos pronomes pessoais e da morfologia flexional. Em outras palavras, a primeira noção estruturada na gramática da criança parece ser o valor positivo ou negativo da resposta a uma interrogativa polar e da frase declarativa.

Até a fase observada para a criança (Carolina), a declarativa afirmativa (32) apresenta o *verbo + complemento*; a declarativa negativa (33) apresenta o elemento *negativo + verbo*. Como a criança ainda não adquiriu os

pronomes pessoais, a solicitação de um objeto se faz por meio do *nome* (*pega* = *chupeta*) ou do *verbo* + *complemento* (*quero pega*).

Excetuando-se os casos idiossincráticos, pode-se dizer que a aquisição da frase imperativa é posterior à aquisição da resposta afirmativa à interrogativa polar:

- 45 C - Pega! (após jogar um brinquedo no chão)
A - Pego não.
C - Pega tim.
A - Pego não.
C - Pega tim.
A - Pega você. (a criança desce do sofá, pega o brinquedo para jogá-lo novamente e reativar o turno conversacional. C / 2;1.20)

Até o momento observado, a criança não adquiriu a cópula *É* que configura a expressão de confirmação de uma frase declarativa precedente e não adquiriu os pronomes pessoais. Refere-se a si mesma com o próprio nome. Anuncia o que vai fazer ou o que está fazendo empregando o próprio nome: *Calol vai passá / Calol tá dançando*.

Kato (1995a), seguindo Longobardi (1994), propõe que nomes próprios são protocategorias D da criança. Este seria, portanto, o degrau necessário para a aquisição dos pronomes. Resta a pergunta: por que função se dá a aquisição dos pronomes? Como se verificará ao final desta seção, a função de atribuir ênfase ao evento expresso pelo verbo surge imediatamente antes da função contrastiva ou focal. É possível, portanto, que a necessidade de atribuir ênfase ao evento seja a ponte entre o uso do NP e dos pronomes.

Ao analisar a transição de enunciados performativos para enunciados constativos, Gruber (1975) afirma:

"The child utilizes an innately possessed knowledge of the universal characteristics of language: such characteristics as are present in adult language as well as in the child's, although, as it will be seen, they are manifested as surface structure in the early stages of child language while usually exist only as underlying structure in the later stages and in the language of the adult. Even though there is a change in the utterance types of the child, there is a continuity in the fact that underlyingly the child, like the adult, always generates all those characteristics of an utterance that are universally obligatory." (Gruber: 1975:513)

Conquanto os enunciados que passaremos a tratar não sejam performativos, acho possível que o emprego do pronome com a função de enfatizar o evento expresso pelo verbo ocorra em um processo paralelo ao que descreve Gruber, ou seja, na fala da criança, a ênfase aparece a nível superficial para depois ficar restrita a um nível subjacente.

Passemos agora a analisar os dados de outras crianças.

5.3.2 As respostas afirmativas em três sujeitos

5.3.2.1 A cópula *É*

A cópula aparece como resposta afirmativa toda vez que a interrogativa, proferida pelo adulto, retoma o enunciado da criança:

- 46 C - Ense.
A - Enche?
C - *É*. (R / 1;8.25)
- 47 C - Abô.
A - Quebrou o balde, filha?
C - *É*. (R / 1;8.25)
- 48 C - O grito.
A - Você vai dar o grito pro papai?
C - *É*. Ai eu vou dar risada assim. (1 / 2;3.00)
- 49 C - Ai! Tá machucadinha.
A - Tá machucadinho?
C - *É*. Machucou. Ele caiu, machucou. (1 / 2;4.11)
- 50 C - Nenê intá.
A - Nenê vai brincar?
C - *É*. (L / 2;0)
- 51 C - Boa.
A - Ele foi embora?
C - *É*. (L / 2.0)

A cópula *É*, no PB do adulto, constitui a confirmação de uma frase declarativa anterior ou de uma interrogativa de foco estreito. O emprego da cópula *É* (46-51) pela criança parece, de um lado, ter a função de confirmar o seu primeiro enunciado composto de um foco estreito e de uma frase declarativa, e, de outro, parece constituir uma resposta à interrogativa do adulto formada sobre o seu enunciado. A resposta com a cópula configuraria uma estrutura do tipo clivada: *É* [brincar (que) o nenê vai].

Considerando que é no processo da aquisição que a criança analisa as estruturas da língua que ouve e fixa os valores dos parâmetros fornecidos pela GU, ambigüidades como as que assinala em relação às respostas com a cópula podem levar a criança a reanalisar a cópula *É* como resposta curta generalizada para todos os tipos de verbos.

5.3.2.2 As expressões de compromisso

No caso das expressões de compromisso com um ato ilocutivo de comando anterior, verifiquei um paralelismo entre a rejeição do compromisso e o assentimento. No primeiro caso, tem-se o emprego do elemento negativo anteposto ao verbo; no segundo, o emprego do pronome pessoal anteposto ao verbo.

Rejeição:

A rejeição a uma ordem positiva se faz por meio do elemento negativo *num* e do verbo:

- 52 A - Ah, tira. [a chupeta do gravador]
C - **Num tilu.** (R / 1;9.8)
- 53 A - Conta a estorinha pra mamãe.
B - **Num contu.** (R / 1;10)
- 54 A - O sapo também. E o popô? Põe no outro popô.
B - **Num ponho.** Só u sapu! (R / 2;00.05)

Uma das crianças (Isadora) acrescenta o pronome pessoal. Note-se, porém, a sua idade mais avançada, em relação à idade das outras crianças:

- 55 A - Ó aqui, ó ó 1,2,3,4, 5. Conta!
C - **Eu não conto.** (I / 2;3:00)

Há dois casos do emprego da partícula assertiva *sim*, posposta ao verbo para rejeitar compromisso com a ordem emitida na asserção negativa anterior:

- 56 A - Não, num mexe aí.
C - **Mexo xim.** (L / 2;01)
- 57 A - Não vai sigurá não.
C - **Eu vo xim.** (L / 2;01)

Assentimento:

Tem-se a presença de um protosintagma ou do pronome pessoal diante do verbo, em harmonia com a fala do adulto recheada de pronomes (ver seção 5.3):

- 58 A - Fica aí, que eu vou pegar a revistinha, fica.
C - **O ficu.** (R / 1;9.8)
- 59 A - Fecha senão entra vento, né?
C - **É, eu fecho.** (R / 2;0,20)

- 60 A - Come logo, prá gente acabar de contar a estorinha.
C - **Eu como.** (R / 2;01.16)
- 61 C - Ó! Caiu o ritato.
A - Então pega senão vai quebrar!
C - **Eu pego.** Discupa, né? (I / 2;3.00)
- 62 A - Vai ver quem é, Isadora.
C - **Eu vou ver,** ver quem é. (I / 2;3.00)
- 63 A - Pega!
C - **Eu pego.** (L / 2;01)

O assentimento ao compromisso é efetuado, na maior parte das vezes, com o emprego do sujeito e do verbo. Nos dados da criança (R), encontrei apenas dois casos de resposta verbal sem sujeito, em acordo com a gramática do adulto com quem reveza o turno conversacional (ver seção 5.3):

- 64 A - Pega no papel, assim.
C - **Pego.** (R / 2;01.16)
- 65 A - Segura!
C - **Cheguloo!** (R / 2;01.16)

5.3.2.3 Respostas a interrogativas IP

Ao contrário das expressões de compromisso, no caso das respostas afirmativas a interrogativas IP, tem-se um maior número de ocorrências do emprego só do verbo, exatamente como ocorre na fala do adulto:

- 66 A - Cê conta?
C - **Conto.** (R / 1;9.8)
- 67 A - Cê viu?
C - **Viu.** (R / 1;10)
- 68 A - Cadê a menina e o cachorro? Estão no colchãozinho?
C - **Tão.** (R / 1;10.23)
- 69 A - Cê sonhou, Isadora?
C - **Sonhou.** (I / 2;3.00)
- 70 A - Você acha Aldaísa bonita, é?
C - **Acho.** (I / 2;4.11)

- 71 A - Você quer uma revista?
C - **Qué.** (I / 2;4.11)
- 72 A - Você sabe limpá ?
C - **Sabe.** (L / 2;00)
- 73 A - O Luciano ficou bravo?
C - **Ficô xim.** Ficô xim, manhê! (L / 2;00)

Nas respostas plenas (74/80) a seguir, tem-se a presença do sujeito lexicalmente visível. Comportam-se como frases declarativas, na medida em que retomam toda ou quase toda a estrutura da interrogativa. Assemelham-se ao comentário que segue a cópula *É* na resposta a uma interrogativa IP, como vimos no cap.03:

- 74 A - Você sabe cantar?¹⁵ [a criança já estava cantando]
C - **Eu sabo.** (I / 2;5.20)
- 75 A - Você sabe limpá?
C - Sabe.
A - Hum?
C - **Eu sabe.** (I / 2;5.20)
- 76 A - Conversa com ela [a boneca]. Vê se ela quer ir no zoológico com você, hoje à tarde.
C - **Qué?** Não. Ela não qué.
A - Não?
C - Não.
A - Vai deixar a boneca em casa, então?
C - **Eu vou.** (I / 2;5.20)
- 77 A - Ela não quer ir no zoológico?
C - **Ela não quer ir.** (I / 2;5.20)
- 78 A - Cê vai visitar a Carla?
C - **Eu vô.** (L / 2;01)
- 79 A - Cê vai na escola hoje?
C - **Eu vô.** (L / 2;01)
- 80 A - Você brinca de massinha na escolinha?
C - **Eu brinco.** (L / 2;01)

¹⁵ O foco neste caso recai sobre o verbo.

Com exceção de (74/75) que expressam dúvida, as interrogativas acima possibilitam o foco estreito *Você brinca de massinha na escolinha?* ou clivado como: *É de massinha que você brinca na escolinha?*

O sujeito é preenchido justamente nas respostas a interrogativas de foco estreito, i.e., no mesmo contexto em que se verifica o emprego da cópula *É* no PB (ver cap.03). Isto quer dizer que é possível que haja uma correlação entre sujeito pleno e resposta com a cópula *É*.

Além dos casos acima, a denegação de uma asserção negativa contida em uma interrogativa se faz com o emprego do pronome *sujeito + verbo*, exatamente como se dá na fala do adulto:

81 A - Esse daqui é pra trás. Viu como você não sabe? Hum?
C - **Eu sabo.** (I / 2;5.20)

82 A - O que mais? Ah, jacaré você num viu?
C - **Eu vi!** (L / 2;03)

No capítulo 3, vimos que a denegação, bem como a confirmação enfática, era constituída de *V+sim*. Conquanto não tenha verificado nos dados diacrônicos a estrutura *Suj+V* para denegação e confirmação enfática, o response dado pela criança em (81/82) constituído de *Suj+V* é uma estrutura possível na língua do adulto do PB. Isto significa que *Suj+V* tem um estatuto semelhante ao da estrutura *V+sim*, i.e., o sujeito tem uma função similar a do advérbio *sim*: ambos enfatizam o verbo.¹⁶

5.3.2.4 Frases declarativas

As frases declarativas apresentam-se como as respostas alargadas acima. Tem-se o preenchimento do sujeito e o objeto nulo, que configuram a estrutura sintática do PB:

83 A - Olha o que tem aí, dois Yakult que a D. Emília trouxe.
C - **Eu vô pôr na geladeira.** (R / 2;0.05)

84 A - Ah! Mas eu vi uma coisa nesse peixeiro.
C - O quê?
A - Uma coisa que chama perereca.
C - **Peleleca. Ela pula.** (R / 2;02.02)

¹⁶ Note-se que pela proposta da propagação do foco sugerida por Cinque (1993) *sim* poderia ter a função de focalizar o verbo. No caso do sujeito nominativo, que no PB ocupa a posição pré-verbal, não se pode apelar para a hipótese da propagação do foco. A diferença substancial entre *eu* e *sim* parece, portanto, residir na posição que estes elementos ocupam.

- 85 C - **Eu choleiva.**
 A - Quando?
 C - **Quando eu fui pesqueiro pescá.**
 A - Quando você foi no pesqueiro pescar? Por que que você chorava?
 A - Porque que o peixinho caiu? Ou porque você ficou com medo da perereca?
 C - **Eu fiquei com medo.** (R / 2;02.02)
- 86 A - Que é que você ia contar pra mamãe?
 C - **Eu qué batata.** (I / 2;3.00)
- 87 A - Olha que boneca linda, não?
 C - **Eu não tenho.**
 A - É, você não tem.
 C - **Eu tô de short.**
 A - Isso. Ela tá de calça comprida, você tá de shorts. Então é só ela que tem.
 C - **É.** (I / 2;5.20)
- 88 A - Que que você viu lá ?
 C - **Eu vi echanti.** (L / 2;03)
- 89 A - O que mais que você viu?
 C - **A coba eu num vi!** (L / 2;03)

O enunciado da criança em (89) sugere que o complemento deslocado constitui um foco estreito criado pela criança. Tem-se aí um paralelismo entre resposta a interrogativa com foco estreito (76-80) feita por meio da estrutura *Suj+V* e frase declarativa com um sintagma focalizado feita por meio da mesma estrutura *Suj+V*.

Mais uma vez, se se considera que a cópula *É* surge no contexto de confirmação de um sintagma com foco estreito, tem-se uma correlação entre o emprego da cópula *É* como frase assertiva e sujeito pleno.

O desenvolvimento das frases declarativas na criança (R) passa pelas seguintes evoluções:

- 90 C - **Passá.**
 A - Passa! (R / 1;8.25)
- 91 C - **A le. A vô lê.** (R / 1;9.8)
 C - **A vu sintá aqui.** (R / 1;9.8)
- 92 C - **A vô deitá .**
 A - Então deita! (R / 1;10.23)
- 93 C - **Eu vou descer.**
 A - Desce, ué. (R / 2;00.5)

O primeiro enunciado declarativo (90) na fala de Raquel constitui-se de verbo no infinitivo (*passá*) que é mais proeminente do ponto de vista prosódico (é o elemento focalizado na construção *vou passar*) e do ponto de vista semântico. Segundo Kato (1995a), este tipo de enunciado em uma resposta não é evidência da inexistência de Agr na criança. Para a autora, uma vez que Agr é uma propriedade que varia nas línguas deve ser adquirido com base no input; Agr depende do input para fazer parte da estrutura da frase da criança. No que diz respeito a tempo (TP), Kato associa os enunciados não-finitos como o de (90) às formas finitas contidas no enunciado do adulto:

“Uma vez que a criança contrasta formas não-finitas, claramente com intenção de expressar aspecto ou modalidade e que essas formas não finitas aparecem associadas às formas finitas na sintaxe vertical de perguntas e respostas através do auxiliar, podemos supor que elas existem no léxico da criança, pelo menos em termos dos traços sintáticos e semânticos, mas ainda sem uma matriz fonológica clara, dado que esta depende da morfologia de tempo e pessoa”. (Kato, 1995a:180)

Conquanto (90) constitua uma frase declarativa e não uma resposta curta, a hipótese de Kato mantém-se válida se se considera a tese da especularidade diferida defendida por Lemos (1986). De fato, em dois enunciados do adulto proferidos pouco antes do enunciado de Raquel, consta o verbo *vai*, ausente em (90).

Assim que a criança adquire o pronome pessoal, este passa a preceder qualquer tipo de verbo:

94 C - **Eu** posso vê ito aqui? (R / 2;00.5)

95 A - Qual a calcinha que você vai pegar?

C - **Eu** perdi. (R / 2;00.5)

O emprego contrastivo do pronome pessoal é imediatamente posterior:

96 A - Cê que conta hoje?

C - **Eu** que tonto hoze. (R / 2;02.20)

97 C - **Eu** sou mamãe.

A - Você é mamãe? Huum. Por que você é a mamãe? Hum? (R / 2;02.20)

98 C - Agola fica que **eu** vô econdê. (R / 2;01.23)

Daqui em diante, a presença do pronome torna-se uma constante na fala da criança (R).

Em síntese, a análise dos dados de crianças brasileiras desvelou que os valores positivo e negativo são desde cedo estruturados na frase declarativa. No caso das frases declarativas negativas tem-se: *não + verbo*; no caso das frases afirmativas tem-se: *verbo + complemento*.

Os dados das crianças mostraram que a cópula *É* é empregada como confirmação de que o entendimento do enunciado da criança pelo adulto está correto: instaurando um processo metalingüístico. A aquisição dos pronomes pessoais parece ser posterior ao da cópula *É*. O pronome aparece também em estruturas de denegação, o que parece sugerir que a função do pronome assemelha-se à da partícula *sim* em construções denegativas e de confirmação enfática. Com a aquisição dos pronomes, a frase declarativa que inicialmente constitui-se de *V+Complemento* é substituída pela estrutura *Sujeito+V*. A troca do complemento pelo sujeito está de acordo com a estrutura da fala do adulto, uma vez que o PB se configura como uma língua de objeto nulo (Galves, 1989a, 1989b; Kato, 1993a; Cyrino, 1994).

O pronome pessoal é inicialmente empregado para dar ênfase ao evento expresso pelo verbo. O seu emprego contrastivo é imediatamente posterior, o que leva a inferir que no PB o pronome pleno é vinculado a fatores sintáticos.

O exercício metalingüístico em torno do verbo *poder* mostra que a criança aprende os dois valores do verbo *poder* (permissão/possibilidade) por meio da negociação conversacional:

- 99 A - Pode, uai!
 C - Podi?
 A - É. Calça grande!
 C - A vô sentá.
 A - Senta, uai!
 C - Podi sentá aqui?
 A - Podi!
 C - Podi?
 A - Pode!
 C - Podi na /pã/subi aqui?
 A - Pode!
 C - Podi tamei?
 A - Pode! Pode também.
 C - Num podi. Podi cai? Podi cai?
 A - Não pode.
 C - Podi?
 A - Se cair, machuca. (R / 1;11.03)

À diferença dos demais verbos, o verbo *poder* como permissão aparece, normalmente, na terceira pessoa com sujeito arbitrário; como possibilidade, o verbo *poder* é conjugado em todas as pessoas. Através da negociação conversacional, a criança (R) adquire esses dois valores do verbo *poder*. A

aprendizagem do uso de ambos os valores é anterior à aprendizagem da morfologia flexional.¹⁷ Da mesma forma, hipotetizo que a aquisição da sintaxe e do uso das frases declarativas e das respostas a interrogativas IP é anterior à aquisição da concordância cumulativa (cfr. também Kato, 1993b).¹⁸

Tomando como premissa que o movimento do verbo para INFL ocorre antes da aquisição da concordância (*Você vai? Vai*), ao passo que a aquisição dos pronomes pessoais é posterior à exibição da concordância (*Você vai? Vou*), pode-se dizer que as categorias funcionais interpretáveis estão sempre atuantes (Kato, 1995a).

Não importa aqui estabelecer se a categoria que domina a frase declarativa e a resposta curta é Flexão, Foco ou Sigma (que adotamos para a descrição estrutural das diversas frases no capítulo precedente), mas salientar que há uma posição funcional mais alta do que a estrutura argumental proposta por Radford (1992).

5.4 FRASES ASSERTIVAS NA LÍNGUA ITALIANA

5.4.1 A fala do adulto

Como salientamos no segundo capítulo, no italiano usa-se a partícula *sì* para todos os tipos de frases. A diferença entre as diferentes funções de *sì* faz-se por meio da intonação ou da posição que esta partícula ocupa na frase. Na frase de assentimento, a partícula ocupa a posição inicial e pode ser reduplicada:

- | | | |
|-----|--|--|
| 100 | C - <i>Mi apí?</i> | (Abre pra mim?) |
| | A - <i>Sì, tí apro, te l'apro.</i> (M / 1;11.02) | (Sim, te abro, to abro.) |
| 101 | A - <i>Dìgli: lo posso prendere?</i> | (diga-lhe: posso pegá-lo?) |
| | C - <i>pendere?</i> | (pegar?) |
| | A - <i>Sì, sì.</i> (M / 1;10.29) | (Sim, sim) |
| 102 | C - <i>Bbere.</i> | (Beber) |
| | A - <i>Ora te lo vado a prendere.</i> | (Agora te + o vou pegar) |
| | C - <i>Bbere.</i> | (Beber) |
| | A - <i>Sì, bevi bevi, guarda, intanto, te guarda questo librino qui.</i> (M / 1;10.29) | (Sim, bebe bebe, olha, enquanto (isso), tí (=você) olha este livrinho aqui). |

¹⁷ Para Bloom et alii, a aprendizagem lexical e gramatical faz-se por meio de um processo complementar: "The learning of rules for verb inflection appears to be facilitated by the semantics of the verb and the syntax of the sentences that children learn". (Bloom et alii, 1980: 410)

¹⁸ A criança parece saber a diferença entre V e auxiliar, só não sabe a morfologia verbal, que é cumulativa. Lightfoot (1991) relata que a aquisição do movimento obrigatório do verbo para a segunda posição no alemão é anterior à aquisição do movimento obrigatório do auxiliar para C (V2 residual) pela criança que está adquirindo o inglês.

No caso seguinte, em que a partícula ocupa posição final de frase, tem-se uma confirmação e não o assentimento. Equivale a: *Mas eu estou tranquilo!*

- 103 C - Stai tranquillo. (Fica calmo.)
 A - Io sto tranquillo, sì. (D/ 2;6.0) (Eu estou calmo sim.)

como acontece nos exemplos seguintes:

- 104 A - Dov'è la Martina? (Cadê a Martina?)
 C - Ione. (cadeirão)
 A - sul seggiolone, sì. (M/ 1;7.18) (no cadeirão, sim)
- 105 C - Rotto. (Quebrado)
 A - È rotto sì. Te ce l'hai con quello lì. (M/ 1;8.2)
 (Está quebrado sim. Ti (ce=partícula) o tem (=cismou) com aquilo ali)
- 106 C - Mamma là c'è. (Mamãe ali está)
 A - C'è la mamma sì. (M/ 11.02) (Está (ci= advérbio lugar) mamãe sim)

No caso da rejeição enfática de uma asserção anterior, tem-se o acréscimo de *che (=que)* e repetição do verbo contido na asserção. Este é o único caso em que se faz necessária a retomada do verbo:

- 107 A - C'è qui l'omino sopra la scala? (Está aqui o homenzinho na escada?)
 C - No. Eccolo! (Não. Ei-lo)
 A - Ah, allora c'è. (Ah, então está aqui)
 C - Ecco. (Eis)
 A - **Sì che c'è.** (M/ 1;10.29) (Sim que está aqui)
- 108 C - Mettilo te. Non liescio, non liescio. (Coloque-o você. Não consigo, não consigo.)
 A - **Sì, sì che riesci.** (Sim, sim que consegue)
 C - No liescio, madonna santo. (D/ 2;5.1) (Não consigo, minha nossa.)

Das frases assertivas, a confirmação de uma frase declarativa anterior e a resposta a uma frase interrogativa anterior não parecem constituir a experiência linguística provocadora para a descoberta das propriedades paramétricas da língua italiana por admitirem só o emprego da partícula *sì*.¹⁹ Entretanto, é por meio destas estruturas que a criança aprende que a língua italiana não possui frases assertivas curtas, mas longas. Ao contrário, o assentimento a uma frase imperativa e a confirmação enfática, junto com a

¹⁹ Foco estreito e foco largo têm o mesmo tipo de resposta, *sì*, portanto, a resposta com a partícula não é reveladora de estruturas particulares. Na verdade, este tipo de resposta revela que não existe uma estrutura diferenciada para foco estreito e foco largo.

denegação, constituem a experiência provocadora para a criança italiana dada a informação suplementar que ocorre após a partícula *sì*.

5.4.2 A fala da criança

As frases assertivas das crianças são, todas elas, idênticas às frases do adulto. A partícula *sì* com a função de assentimento aparece no início da frase e pode ser reduplicada (112). Se houver retomada do verbo, este aparece precedido pela partícula (113):

- 109 A - Piange, Raffaello, dagliela, vai! (Chora, Raffaello, dá-lha, vai!)
C - **Sì**. (R / 1;10.20) (Sim.)
- 110 A - Fai il caffè. (Faz o café.)
C - **Sì**. (M / 1;8.2) (Sim.)
- 111 A - Ma questi ci stanno dentro. Prova un po'!
(Mas estes aí estão dentro (= cabem.) Tenta um pouco!)
C - **Sì**. (Sim)
A - **Sì?** [incrédula] (Sim?)
C - Provo. (Tento)
A - Prova. (Tenta)
C - Provo. (G / 2;3.7) (Tento)
- 112 A - Guglielmo, mi vai a prendere le forbici di cucina di mamma?
(Guglielmo, vai me pegar a tesoura de cozinha da mamãe?)
C - **Sì sì**. (G / 2;3.7) (Sim sim.)
- 113 A - Vieni qua! (Vem aqui!)
C - **Sì**, viego. (M / 1;11.2) (Sim, vou.)

A confirmação enfática ou a denegação faz-se pela partícula *sì* seguida de *che*, uma estrutura do tipo clivada com elipse da cópula *È*, e do verbo contido na asserção imediatamente anterior:

- 114 A - Ma il ferro non si mangia. (Mas o ferro não se come!)
C - **Sì che** si mangia. (D / 2;00.17) (Sim que se come.)
- 115 A - Ma questo lo guardi più?
(Esse aqui cê não vai ver mais?)
C - **Sì che** lo guardo. (D / 2;6.00) (Sim que o olho (=vou ver)).
- 116 C - Oh me lo plendi un attlo pane? (Pega um outro pão pra mim?)
A - Ma non ce n'è. (Mas não tem (ne=de pão) mais)
C - **Sì che** ce n'è i pane. (D / 2;6.13) (Sim que tem (ne = de pão) os pão.)

As respostas a interrogativas com foco estreito e com foco largo (IP) são feitas com a partícula em posição inicial de frase também na fala da criança:

- 117 A - Un puffo uomo? (Um smurf homem?)
 C - Sì, perché io sono un uomo. (G / 2;11.14) (Sim, porque eu sou um homem)
- 118 A - Si è rotto? (Quebrou-se?)
 C - Sì. (M / 1;7.18) (Sim)
- 119 A - Ma Papà Natale a te ti porterà qualche regalo?
 (Mas Papai Noel a ti te trará algum presente?)
 C - Sì. (Sim)
 A - Sì? (Sim?)
 C - Sì. (Sim)
 A - Credi? (Achas?)
 C - Sì. (G / 2;11.14) (Sim)
- 120 A - È una macchina? (É um carro?)
 C - Sì, è. (G / 2;9.6) (Sim, é.)

Veja-se, por fim, o uso adequado da partícula *sì* para denegar a asserção negativa contida na frase interrogativa:

- 121 A - La bimba, te la ricordi chi è? (A menina, te + a lembrás quem é?)
 C - No. (Não)
 A - No? (Não?)
 C - No. (Não)
 A - Non è la Sara? (Não é a Sara?)
 C - Sì. (M / 1;7.18) (Sim)

Os exemplos ilustrados acima sugerem que a criança italiana emprega corretamente a partícula assertiva *sì* em todas as frases estudadas: assentimento, confirmação, denegação e asseveração. O uso adequado da partícula *sì* é um indício da atuação da categoria funcional que a ela corresponde e pode, desde cedo, indicar à criança que não há subida do verbo.

5.4.3 Considerações finais

Como salientamos na seção anterior, é nas respostas curtas e nos responses do adulto que a criança encontra o dado provocador para estabelecer se a língua a que está exposta é de sujeito nulo e se tem clíticos. Compare-se o quadro das respostas da criança e do adulto no PB e no italiano:

Quadro 5.1 Respostas Curtas e Responses de crianças e adultos no PB e no italiano

ASSERÇÃO REATIVA	CONFIRMAÇÃO	ASSENTIMENTO	DENEGAÇÃO / CONFIRMAÇÃO ENFÁTICA
conto	é	eu conto	conto sim eu conto
sì	sì	si, te l'apro si, si	si che te l'apro te l'APRO, si

Todas as respostas acima parecem constituir a experiência lingüística de que se serve a criança para descobrir as propriedades sintáticas de sua língua. Com a asserção reativa (= resposta à interrogativa polar), a criança pode aprender que a língua permite movimento do verbo (PE e PB). A resposta com a partícula *sì* seria evidência de que o verbo fica mais baixo.

Com a frase confirmativa, a criança descobre a saliência do foco estreito e do foco largo. (ver a seguir)

Na expressão de assentimento tem-se a evidência de sujeito pleno e ordem *S(ujeito) V(erbo)* para o PB e de sujeito nulo para o italiano; a inexistência de clíticos no PB e a sua atuação no italiano. Na expressão de denegação e confirmação enfática, tem-se a evidência da construção focal. No PB, o foco (em **negrito**) não aparece em posição pós-verbal, ao contrário do italiano:

- 122 A - Cadê o bolo?
B - **A Maria** comeu.
B' - L'ha mangiato **Maria**.

Note-se que nas frases acima tem-se uma interpretação focal (= de identificação) e não contrastiva. Contudo, há contextos no PB que a interpretação focal intercala-se com a interpretação contrastiva:

- 123 A - Quem comeu o bolo?
B - **A Maria** (que) comeu.

A interpretação contrastiva no italiano requer uma construção distinta. O sujeito aparece em posição inicial de frase e tem intonação marcada:

- 124 B - **MARIA** l'ha mangiato.

A evidência da posição do elemento focal parece advir da construção denegativa, em que se tem o foco estreito:

- 125 A - Você não comeu o bolo, né?
 B - **Comi** sim.
 B' - Si che l'ho mangiato.

O mesmo se dá com a construção afirmativa enfática, i.e., quando se tem a confirmação de um foco estreito como em:

- 126 A - Você comeu o bolo, hein!
 B - **Comi** sim.
 B' - Si che l'ho mangiato.

No PB, o elemento focal aparece em início de frase como em (122b) e no italiano aparece em posição final de frase como em (122b').

No caso das frases imperativas, o foco estreito recai no verbo:

- 127 A - **Come** o bolo!

A frase de assentimento à imperativa (127) apresenta o foco na predicação e não no pronome. O sujeito pronominal em (127) não recebe nem a leitura focal nem a contrastiva:

- 127 B - **Eu** como!

No primeiro capítulo, coloquei em relevo o fato de que a fala da criança italiana passa por uma fase em que é frequente o preenchimento do sujeito para depois retomar o curso da língua italiana, que tem a peculiaridade de privilegiar o sujeito nulo. Vimos no capítulo 03 que em situações limite (acusação, defesa, intimidade) tem-se uma maior pronominalização na fala do adulto e que o pronome, para além da função contrastiva, tem a função de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo. Na seção seguinte, mostro que a fala da criança apresenta estas mesmas características.

5.4.3.1 Sujeito pleno na fala da criança italiana

Nesta seção, ilustro alguns casos de sujeito pleno na fala da criança com a finalidade de mostrar que o emprego do pronome tem a função de dar ênfase ao evento:

- 127 C - Lolo pezzo. (Quero pedaço/peixe)
 A - Guarda un po'. (Olha um pouco)
 C - **Io volo quello**, quello o pettio. (M / 1;8.2) (Eu quero este, este o peixe)

- 128 A - Guardiamo questo bel libro? Mettiamo qui?
(Olhamos este lindo livro? Colocamos aqui?)
C - Ahia, ah. (Ai ai, ah)
A - Dove lo mettiamo? Questi piedi! (Onde o colocamos? Estes pés!)
C - E gambe, ahia. (E pernas, ai ai)
A - Ahia, le gambe! (Ai ai, as pernas!)
- C - **Ah, io leggo, titta, ecco. E io leggo e io leggo!** (M / 1;10.29)
(Ah, eu leio, quieta, eis. E eu leio e eu leio)
- 129 A - Eh non si beve!
C - Beve.
A - Bevi la casa?
C - No. **E io bevi.** (D / 1;8.5)
- (Eh, não se bebe!)
(Bebe)
(Bebes a casa?)
(Não. E eu bebes (=bebo))
- 130 C - **Io accendo.**
A - Che fai tu?
C - **Io accendo.** [sem ênfase] (F / 2;02.26)
- (Eu acendo)
(O que faz você?)
(Eu acendo)
- 131 C - **Qui e io tonno.** [correndo para a cozinha] (Aqui e eu volto)
A - Ah! Torni? Dove vai? (F / 2;00.29) (Ah! Voltas? Onde vais?)
- 132 C - **E io potto una cattella.**
A - Tu porti una cartella. E dove vai? (F / 2;2.17)
(E eu levo uma pasta)
(Tu levas uma pasta. E onde vais?)
- 133 A - Sei sveglio oppure li tieni chiusi quando sei a letto?
C - **Quando sto a letto io l'apri.** (G / 2;05.17)
(Estás acordado ou os tens fechados quando estás na cama?)
(Quando estou na cama eu o abres)
- 134 A - Ma ti piacerebbe avere un cavallone?
C - Sì.
A - E cosa ci faresti?
C - E un cavallino e sci vojo montare perché o troppo piccolo o un cavallone
io ci cado. (G / 2;5.17)
(Mas gostarias de ter um cavalo?)
(Sim)
(E o que (ci = com ele) farias?)
(E um cavalo e (sci = nele) quero montar porque o muito pequeno o um cavalo eu (ci = nele) (cado= caio ou vado = vou?))
- 135 C - Tai femmo! Ahia pappagallo **te sei scemo!** (D / 2;6:00)
(Fica parado! Ai ai papagaio tí (= tu) és bobo!)
- 136 C - **Io li cambio i ppanolino** sennò i ci po. (Eu as troco as fraldas senão i ci po)
A - È bagnata eh! Sennò prende freddo. (Está molhada hein! Senão pega frio)
C - **Io li chiudo** se no vene lafflettole. (D / 2;6:00)
(Eu os fecho senão vem resfriado)

A aquisição do pronome com função contrastiva parece se dar concomitantemente ou imediatamente após a sua aquisição com função de ênfase:

- 137 C - **O pigli te, o pij io?** (M / 1;11.2) (O pegas ti (=tu), o pego eu?)
- 138 A - Gira, gira. (Vira, vira)
 C - **Io giro! io!** Via. [tira a mão da mãe] (Eu viro! eu! Sai)
 A - Scusa eh! (Desculpa, né?)
 C - **Giro io!** (M / 1;11.02) (Viro eu)
- 139 C - **Io votto, io votto.** [a criança quer voltar as páginas ela mesma] (F / 2;00.29)
 (Eu viro, eu viro.)
- 140 C - **Io pendo. Pendo io etto.** (F / 2;00.29) (Eu pego. Pego eu este)
- 141 C - A detto di no, **pettino io. Io, io, ti pettino!** (F / 2;2.17)
 (Disse que não, penteio. Eu, eu te penteio!)
- 142 C - **E te tu?** [lo levi tu?] (D / 1;8.5) (E te tu? = o pegas tu?)

A função contrastiva é realizada por meio da inversão *VS* (137/138/140/141/142), da intonação (138) e da repetição do pronome ou do pronome e sujeito (139/141), exatamente como se dá na fala do adulto.

Se se considera que o emprego do pronome com função contrastiva e focal (=identificação) configuram-se como os únicos casos de obrigatoriedade do preenchimento do sujeito no italiano, então é plausível que a criança italiana ao adquirir esta função percebe o valor +/- obrigatório do uso dos pronomes e passe a não mais preencher o sujeito no caso da ênfase. O pronome com função de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo será acionado em condições limites (acusação, defesa, etc.).

Assiste-se, assim, à passagem espontânea do preenchimento do sujeito para o sujeito nulo. Após a descoberta das várias funções do pronome, a criança italiana restringe o seu uso aos contextos obrigatórios. A este propósito, vale lembrar a afirmação de Karmiloff-Smith em relação ao desenvolvimento dos sistemas representacionais:

"Once the child becomes aware of the various distinctions to be indicated, he must first work at each one separately in a juxtaposed fashion - hence the need for separate, external markers, be they linguistic or other forms of representation. Gradually, this tangible external marking is replaced by integration into a more abstract plurifunctional system. Then the system itself can draw benefit from the plurifunctional status of its elements."
 (Karmiloff-Smith, 1979:115)

A criança italiana é, portanto, levada a abandonar os pronomes com função de ênfase. A criança brasileira, ao contrário, tem evidências que o pronome com função enfática é sintaticamente estruturado e, portanto, a sua presença é obrigatória.

CONCLUSÃO

"Mas a luta em direção ao sujeito pleno continua".
(Duarte, 1995:142)

6.0 Conclusão

Este trabalho objetivou investigar as frases assertivas nas línguas românicas do ponto de vista diacrônico e da aquisição partindo do pressuposto que as mudanças lingüísticas se pautam na análise que a criança faz da experiência lingüística a que está exposta a partir de sua gramática interna, ou seja, na relação entre a Língua-E dos adultos e a Língua-I da criança.

A análise das frases assertivas partiu da hipótese de Kato (1995) de que nas respostas curtas encontra-se toda a estrutura de que a criança precisa para marcar os valores do parâmetro da sua língua-alvo. O fato de o PB estar em processo de mudança no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo (Tarallo, 1986; Duarte, 1993,1995) e o fato de o sujeito ser nulo nas respostas curtas de tipo verbal a interrogativas polares constituem, para além do input degenerado em termos de performance, um input, no mínimo, contraditório. Este estado de coisas estimulou-me a examinar a aquisição das respostas curtas e das frases declarativas simples no PB para averiguar se a criança distingüia os dois tipos de frases. Sendo o italiano uma língua de sujeito nulo, urgia comparar a aquisição desta língua pela criança italiana com a aquisição do PB pela criança brasileira.

Tomando como premissa a hipótese de que a experiência lingüística provocadora para a aquisição da linguagem é ancorada em dados simples e robustos (Lightfoot, 1989) e que estes dados *não* fazem parte de um conjunto de enunciados considerados *aleatoriamente*, o estudo das frases assertivas exigia um recorte empírico: a contextualização na instanciação dialógica.

Do ponto de vista diacrônico, fazia-se também necessário investigar o sujeito nulo no PB em um contexto dialógico, razão pela qual servi-me exclusivamente de peças de teatro. Este procedimento permitiu comparar as mudanças ocorridas nas frases assertivas com a ordem da aquisição destas mesmas frases.

A a resposta a interrogativas de foco estreito e a confirmação de um NP é o contexto em que se verificou a primeira ocorrência da cópula *È*, em substituição à partícula *sim*, atestado em fins do século XIX, mas produtivamente usado na primeira metade do século XX. Surpreendentemente, este é o contexto em que aparece o primeiro emprego da cópula *È* nos dados de aquisição. A aquisição das respostas a

interrogativas de foco largo se dá em seguida. Estes fatos estão em conformidade com a proposta de Galves & Galves (1995) de que, apesar de a Forma Fonológica depender da sintaxe, a prosódia é adquirida primeiro, uma vez que foco largo e foco estreito se diferenciam essencialmente pela prosódia.

O emprego da cópula *É* é generalizado para a confirmação de asserção proposicional na primeira metade do século XX, exatamente no período em que Duarte (1995) verificou a inversão numérica a favor de sujeitos plenos na primeira e segunda pessoas.

Em relação às respostas a interrogativas de foco largo, verificou-se a generalização da resposta de tipo verbal na primeira metade do século XX. Até o século XIX, este tipo de resposta era correlacionado com a forma de tratamento. A interlocutores tratados por *tu* e por *você* respondia-se com o verbo; a interlocutores tratados por *senhor* respondia-se com a partícula *sim*. Esta diferenciação no tipo de resposta, de um lado, apontava para a mudança do pronome de tratamento *você* em pronome pessoal e, por outro lado, apontava para o enrijecimento da formalidade entre *tu / você* e *senhor*.

Duarte mostra que com a perda do pronome *tu* na primeira metade do século tem-se o salto de 69% de nulos (1918) para 25% de nulos (1937) no que diz respeito à segunda pessoa indireta. Como a autora não distingue o pronome *você* do pronome *senhor*, fica difícil avaliar se o preenchimento se dava segundo os critérios de formalidade. De qualquer maneira, uma vez que se perde o traço formalidade na resposta, suponho que este traço não estivesse mais atuando nas declarativas e interrogativas.

No início do século XX, verifica-se o emprego da cópula *É* também nas interrogativas IP, no entanto, é possível que estas tivessem sido pronunciadas de modo a marcar o foco estreito, o que justificaria a resposta com *É*. Na segunda metade do século a cópula reaparece como resposta a interrogativas IP quando estas são formadas por um verbo leve + verbo principal (*andar dizendo, acabar dizendo, etc.*). Sustento, na linha de Roberts (1993), que este constitui um dos *passos* que pode levar à mudança do tipo de resposta verbal.

A resposta com a cópula seria, portanto, um indicio de que o sujeito nulo referencial está prestes a desaparecer também nas respostas curtas, último reduto de sujeito nulo categórico. Desde Adams (1987), tem-se vinculado sujeito nulo a inversão. A análise diacrônica trouxe à baila respostas e confirmações de asserções proposicionais em que se tinha a estrutura [*Isso vi eu*], mostrando, portanto, a inversão do sujeito. A perda da inversão VS (Berlinck, 1989) parece, portanto, estar associada ao

aparecimento da cópula *É* no PB. Com o emprego da cópula, pode-se vir a ter o desaparecimento do sujeito referencial nulo, permanecendo o sujeito expletivo nulo, assim como ocorre com outros verbos como *parecer*, *poder*, *precisar* que apresentam o expletivo nulo.

A análise das frases de assentimento mostrou a perda da partícula *sim*, em favor de [*Suj + V*], nos casos em que se tinha o ato ilocutivo de comando indireto, e em favor da cópula (*es)tá*, nos casos do ato ilocutivo direto. O exame das afirmativas enfáticas e a comparação com as negativas revelou ser este o único contexto em que se tem o emprego da partícula *sim* como resposta *quero sim* alternando com a estrutura de assentimento [*Suj+V*]. Esta alternância levou-me a interpretar o pronome pleno como de valor enfático do evento, ao contrário das respostas assertivas em que o foco incide sobre o valor-verdade: tempo.

A partícula *sim* no fim da estrutura de frase (*A Maria é bonita sim*) e a resposta (*é sim*) a uma interrogativa de foco estreito (*Bonita?*) (com contorno entoacional marcado) denunciam que a cópula *É* e a partícula *sim* não ocupam a mesma posição: a cópula parece ocupar uma posição externa à frase, enquanto *sim* ocupa a posição nuclear, estando sujeita à checagem do valor positivo quando presente.¹

O maior preenchimento do sujeito quando da presença de um adjunto anteposto ao verbo (Duarte, 1995) faz presumir que este é o contexto que leva à proliferação dos pronomes. Aparecendo em posição de adjunção, a cópula, proposta como sentença elíptica, explicaria a inversão numérica do preenchimento do sujeito na primeira metade do século XX, pois a cópula começa a ser empregada nas repostas curtas e na confirmação de frases declarativas justamente neste mesmo período.

Resta explicar por que o preenchimento é maior na segunda pessoa.

Apoiando-me na tripartição dos pronomes em forte, fraco e clíticos, proposta por Cardinaletti & Starke (1994), sugiro que o pronome pleno no PB é do tipo fraco, uma vez que está substituindo *pro*. Este pronome, tendo o valor enfático, ocupa a posição de especificador de Σ , como na proposta de C&S, e é responsável pelo valor-verdade da frase. A interpretação enfática se deve à redundância de traços *phi* entre o pronome pessoal e o verbo flexionado, em um processo de ‘side effect’.

A comparação do manuscrito de 1938 com a edição de 1945 da peça *O Juiz de Paz da Roça* de Martins Pena, mostrou que as variantes de autor

¹ Há a possibilidade, não levada em consideração neste trabalho, de que a partícula *sim/não*, e não a cópula *É*, ocupa a posição externa à frase: *é sim / não é, não*.

constituem um campo interessante de trabalho: 39 sujeitos plenos foram excluídos da edição de 1945. Paralelamente, observou-se a eliminação de alguns poucos advérbios de conteúdo semanticamente vazio. Estes fatos levaram-me a descartar a hipótese de enfraquecimento da flexão, uma vez que esta tem sido interpretada como uma característica da segunda metade do século XX.

Assumo, portanto, que, apesar da alteração no sistema pronominal, o PB manifesta flexão rica. Seguindo Maurer (1968), sugiro portanto que, em termos de flexão, 'ganhos e perdas morfológicas', termos de Tarallo (1990), dependem de um contexto sintático. Esta interpretação parece estar em consonância com a terceira versão do Programa Minimalista: concordância é uma relação Spec-head. O contexto das adjuntas antepostas ao verbo pode, portanto, vir a se tornar o ambiente para a perda da flexão.

No que diz respeito ao italiano, a análise dos dados de aquisição mostravam a presença de um número maciço de pronomes plenos, esvaziados em uma fase posterior, em contextos em que se esperava encontrar sujeito nulo. Esta constatação levou-me a analisar uma amostra de modalidade escrita, formada por cartas pessoais e uma peça de teatro, e uma amostra de modalidade oral, a transcrição de três diálogos televisivos, relativos ao julgamento de causas menores. As amostras foram compostas de modo a levantar fatores pragmáticos que propiciassem o preenchimento do sujeito.

Desta análise, resultou que o sujeito pleno no italiano é permitido e usado nos contextos que eram previstos como sendo de nulo obrigatório: sequências de independentes e estrutura de sujeito encaixado correferente com o sujeito da matriz. Estes fatos justificam a presença dos pronomes na fala da criança italiana.

A análise dos pronomes plenos nos dados dos adultos e das crianças desvelou que, para além do emprego contrastivo e focal, o pronome era preenchido quando o locutor queria acentuar a realização do evento expresso pelo verbo, ou seja, o pronome tinha valor enfático. Há maior preenchimento do sujeito de primeira e segunda pessoas. Este fato confirma a hipótese de que o preenchimento do sujeito no PB não se deve à tenuidade de seu paradigma flexional, mas ao emprego enfático dos pronomes que está 'se gramaticalizando', devido à re-organização do sistema de assertividade.

O exame dos dados de aquisição do italiano revelou ainda que o primeiro pronome a surgir parece ser o de tipo enfático. Logo a seguir, apareciam os pronomes contrastivos e focais. O posterior apagamento dos pronomes referia-se, portanto, aos de caráter enfático, que estão em

alternância com *pro*. Os pronomes plenos reaparecem na fala do adulto quando da atuação de vários fatores pragmáticos.

Em termos de input, as frases assertivas revelaram ser um contexto apropriado para a marcação dos valores dos parâmetros. Além de serem bastante produtivos na experiência lingüística, são de fácil processamento e, fundamentalmente, integram o conjunto de estruturas da língua-alvo.

Enfim, a interface pragmática-sintaxe e prosódia-sintaxe fornece instrumentos valiosíssimos para o estudo das mudanças lingüísticas e da aquisição da linguagem. Investir nestas duas interfaces em línguas de sujeito nulo e pleno, como o hebraico que não admite sujeito nulo no tempo presente, traria grandes contribuições para o estudo do sujeito nulo/pleno. É provável que o fator ênfase seja um condicionante lingüístico aqui também. O sujeito nulo em línguas como o chinês, que não apresentam flexão, poderia estar associado ao valor enfático ou um traço semelhante no Tópico, uma vez que esta língua se caracteriza por ser uma língua de tópico.

Vale ainda despende algumas palavras a respeito da integração de estudos diacrônicos e estudos no âmbito da aquisição. A comparação da amostra da Língua-E contida nos textos em diacronia e nos textos sincrônicos com a amostra da Língua-E do adulto nos dados de aquisição pode contribuir para a busca das propriedades da Língua-I e para apontar os passos da mudança (Roberts, 1993), uma vez que a forma não independe do significado: na aquisição, a criança leva em conta não apenas a forma, mas o significado que depreende do contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. (1987) *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*, PH.D.dissertation, University of California.
- ANTELMÍ, A. (1993) *L'ipotesi Maturazionale nell'acquisizione del linguaggio - Osservazione dallo studio longitudinale di una bambina italiana*. Tese de Doutorado, Università degli Studi di Padova.
- AUSTIN, J.L. (1990) *Quando dizer é fazer*, Artes Médicas, Porto Alegre.
- BARBARA, L. (1975) *Sintaxe transformacional do modo verbal*, Ática, São Paulo.
- BATES & MACWHINNEY (1979) "A functionalist Approach to the Acquisition of Grammar" in OCHS, E. & SCHIEFFELIN (eds.), *Developmental Pragmatics*, Academic Press, NY, p.167-211.
- BENINCÀ, P. (1990) "Top and SpecCP in Medieval and Modern Romance", paper presented at the First Diachronic Syntax Conference, York University.
- BENINCÀ, P. (1991) "Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law, 1991", in A. Battye e I. Roberts (orgs.), no prelo.
- BENINCÀ, P. (1993) "Sintassi", in Sobrero A. (eds.) *Introduzione all'italiano contemporaneo*, Ed. Laterza, Roma.
- BERLINCK, R. (1989) "A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem". In F.Tarallo (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Ed. Portes, Campinas.
- BERRETTA, M. (1993) "Morfologia", in *Introduzione all'italiano Contemporaneo*, Ed. Laterza, Roma-Bari.
- BOLINGER, D. (1977) *Meaning and Form*, Longman, London.
- BLOOM, L, LIFTER, K. and HAFITZ, J. (1980) "Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language", in "Language", vol.56, n.2, p.386-412.
- BLOOM, P. (1990) "Subjectless Sentences in Child Language", in "Linguistic Inquiry", vol.21, n.4, p.491-504.
- BORER, H (1984) *Parameter Syntax*, Foris Publications, Dordrecht.
- BORER, H. & WEXLER, K. (1987) "The Maturation of Syntax", in *Parameter Setting*, ed. by Roeper and Williams, D.Reidel Publishing Company, Dordrecht.
- BORER, H. (1989) "Anaphoric AGR", in O.Jaeggli & K.J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht:Kluwer, p. 69-110.
- BOTTARI, P et al. (1992) "Proto-Syntactic Devices", in "GenGenP", Univ. de Genève, vol 0, n.1-2.
- BROWN, R. (1977) "Introduction" in Snow, C., Ferguson, C. (eds.) *Talking to Children: Language Input and Acquisition*.
- BRUNER, J. (1981) "The Pragmatics of Acquisition", in Werner Deutsch, Rudolph Schaffer (eds.) *The Child's Construction of Language*, Academic Press, Glasgow.
- CALABRESE, A. (1986) "Pronomina: some properties of the Italian pronominal system". In N.Fukui, T. Rapaport & E.Sagey (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 8.

CARDINALETTI, A & STARKE, M. (1994) "The Typology of Structural Deficiency, On the Three Grammatical Classes", trabalho apresentado no Linguistic Symposium on Romance Languages (Los Angeles, March 1994), ms.

CHAO, W. (1987) *On Elipsis*, Garland Publishing, New York.

CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Mass., The MIT Press.

CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris (2a. ed. 1982)

CHOMSKY, N. (1982) *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

CHOMSKY, N. (1986) *Knowledge of Language: its nature, origin and use*, New York, Praeger.

CHOMSKY, N. (1992) "A minimalist program for linguistic theory", *MIT Working Papers in Linguistics*, n.10.

CHOMSKY, N. (1993) "Bare Structures", MIT, ms.

CINQUE, G. (1993) "A Null Theory of Phrase and Compound Stress", in "Linguistic Inquiry", 24/2, p.239-297.

CHOMSKY, N. (1995) "Language from an Internalist Perspective", ms.

CLAHSEN, H. (1989) "Constraints on parameter setting", ms.

CRESTI, E. (1993) "Dalla linearizzazione alla formazione del predicato", in Cresti, E. & Moneglia, M. (orgs.) *Ricerche sull'acquisizione dell'italiano*, Bulzoni, Roma.

CYRINO, Sonia (1994) *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo diacrônico*. Tese de doutorado, UNICAMP.

De CASTRO, M. Fausta (1992) "Entre aquele(a) que diz SIM e aquele que diz NÃO: Questões sobre a negação na construção da linguagem", in "DELTA", 8, vol. especial, p. 125-151.

DE LEMOS, C. (1978) "Algumas observações sobre a utilização do modelo piagetiano em recentes estudos de aquisição da linguagem", in "Cadernos de Estudos Linguísticos", 1, p.51-63.

DE LEMOS, C. (1981) "La specularità come processo costitutivo nel dialogo e nell'acquisizione del linguaggio", in (org.) CAMAIONI, Luigia, *La teoria di Jean Piaget, Recenti sviluppi e applicazioni*, Giunti Barbèra, Roma, p. 64-74.

DE LEMOS, C. (1986) "Interacionismo e aquisição da linguagem", in "DELTA", vol2, p.213-248.

DE LEMOS, C. (1986) "A sintaxe no espelho", in "Cadernos de Estudos Linguísticos", N.10, p.5-15.

De OLIVEIRA, M. (1995) "Sujeito nulo, uma propriedade sempre disponível para crianças de língua italiana?", in "ABRALIN", n.17.

DOBRINESCU, G. (1978) *Gramática da Língua Romena*, coleção Linguagem 4, Presença Editora da USP, São Paulo.

- DUARTE, E. (1986) *Varição e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português Brasileiro*, tese de mestrado, PUCSP.
- DUARTE, E. (1992) "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas QU- no português do Brasil", in "DELTA" 8, N. especial:37-52.
- DUARTE, E. (1993) "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português brasileiro" in Roberts, I. & Kato, M. (org.) *Português Brasileiro*, ed. Unicamp.
- DUARTE, E. (1995) *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- DUCROT, (1977) *Princípios de Semântica Linguística: Dizer e Não Dizer*. (trad. por C.Vogt, R. Ilari e R.A., figueira), Ed. Cultrix, São Paulo.
- FELIX, S. (1987) *Cognition and Language Growth*, Dordrecht: Foris.
- FERRARI, B. (1992) *Sviluppo della Lingua Materna: Italiano e Tedesco a Confronto*, Tese de Doutorado, Università di Bergamo.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1994) *La position sujet en Portugais Brésilien (dans les phrases finies et infinitives)*, Tese de doutorado, Université de Genève.
- FRIEDEMANN, M. "The underlying position of External Arguments in French", in "GenGenP", Université de Genève, vol 0, n. 1-2, 1992.
- FUKUI, N. & SPEAS, M. (1986) "Specifiers and Projection", in *Papers in Theoretical Linguistics*, vol.8, p.128-172.
- GALVES, C. (1987) "A Sintaxe do Português Brasileiro". *Ensaio de Linguística*, 13, p.31-50.
- GALVES, C. (1989a) "O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17, p.65-90.
- GALVES, C. (1989b) "Objet nul et structure de la proposition en portugais brésilien", *Revue des Langues Romanes*, 93, p.305-336.
- GALVES, C. (1990) "V-Movement, Levels of Representation and the Structure of S". Versão revisada da comunicação no 13º GLOW, ms. UNICAMP.
- GALVES, C. (1991) "Agreement and Subjects in Brazilian Portuguese", ms. UNICAMP.
- GALVES, C. (1993) "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In I.Roberts & M.Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, p.387-408.
- GALVES, A. & GALVES, C. (1995) "A case study if prosody-driven grammar identification - from Classical Portuguese to European Portuguese", ms. UNICAMP.
- GRUBER, J. (1967) "Topicalization in Child Language", in "Foundations of Language 3, p.37-65.
- GRUBER, J. (1975) "Performative-Constative Transition in Child Language Development", in "Foundations of Language", vol.12, n.4, p. 513-525.
- GUASTI, T. (1992) "Verb Syntax in Italian Child Grammar", in "GenGenP", Université de Genève, vol 0, n.1-2.

- GUILFOYLE, E. (1984) "The Acquisition of Tense and the Emergence of Lexical Subjects in Child Grammars of English", in "McGill Working Papers in Linguistics", vol 2, n. 1.
- HORVARTH, J (1981) *Aspects of Hungarian Syntax and the Theory of Grammar*, Doctoral dissertation, UCLA, Los Angeles.
- HOWE, C. (1981) *Acquiring Language in a Conversational Context*, Academic Press, Oxford.
- HUANG, C.T. James (1984) "On the distribution and reference of the empty categories". "Linguistic Inquiry", 15, p.531-574.
- HUANG, C.T. James (1989) "Pro-Drop in Chinese: A Generalized Control Theory", in O.Jaeggli & K.J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, p.185-214.
- HYAMS, N. (1986) *The Acquisition of parametrized grammars*, Unpublished PhD Dissertation, Cuny.
- HYAMS, N. (1987) "The Theory of Parameters and Syntactic Development", in Roeper and Williams (eds.) *Parameter Setting*, D.Reidel Publishing Company, Dordrecht.
- HYAMS, N. (1988) "Morphological Uniformity and the Setting of the Null Subject Parameter", in "Proceedings of NELS", 18, p.235-253.
- HYAMS, N. & Wexler, K (1993) "On the Grammatical Basis of Null Subjects in Child Language", mimeo.
- HYAMS, N. (1994) "The Underspecification of Functional Categories in Early Grammar", Talk presented at the Great Britain Child Language Seminar, Bangor, Wales.
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in Romance Syntax*, Foris, Dordrecht.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (1989) "The null Subject Parameter and Parametric Theory", in Jaeggli, O. & Safir, K.J. (eds) *The Null Subject Parameter*, Kluwer Academic Publisher.
- KAISER, G. (1994) "More about INFL-ction and Agreement. The Acquisition of Clitic Pronouns in French", in Meisel, J. (ed.) *Bilingual First Language Acquisition, French and German Grammatical Development*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1979) "Micro- and Macrodevelopmental Changes in Language Acquisition and Other Representational Systems", in "Cognitive Science" 3, p.91-118.
- KATO, M & TARALLO, F (1984) "Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: Its Correlation with Invisible Clitics and Visible Subjects", monografia.
- KATO, M. (1993) "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica", in I.Roberts & M.A. Kato(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed.da UNICAMP, Campinas.
- KATO, M. (1993) "Word Order Change: the Case of Brazilian Portuguese Wh-Questions", International Congress of Historical Linguistics, mimeo 1993.
- KATO, M. (1993) "Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito", Comunicação apresentada no seminário de "Aquisição da Linguagem", UNICAMP.
- KATO, M. & TARALLO, F. (1992) "Sim: respondendo afirmativamente em português", in M.Sofia Z. de Paschoal & M.Anonieta A. Celani (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinas*, Educ, São Paulo.
- KATO, M. (1994) "A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar", in Tracy, R. & Lattey, E. (eds) *How tolerant is Universal Grammar?*, Max Niemeyer, Tübingen.

- KATO, M. (1995a) "Gramática Infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias funcionais?", *Anais da 47a. Reunião Anual da SBPC*.
- KATO, M. (1995b) "Functional Categories and the Full Competence Hypothesis", mimeo.
- KATO, M. (1995c) "Tendências atuais na psicolinguística: o "input" desencadeador na aquisição", CELSUL, Florianópolis, mimeo.
- KATO, M. & RAPOSO, E. (no prelo) "European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions", in Parodi et alie (eds) *Romance Linguistics in Los Angeles*, Washington: Georgetown U. Press.
- KRAMER, Irene (1993) "The Licensing of Subjects in Early Child Language", "MIT Working Papers in Linguistics" 19.
- LAKA, I. (1990) *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Cambridge, Mass.: MIT Working Papers in Linguistics.
- LAKA, I. (1993) "Negative Fronting in Romance: Movement to E", in *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- LEBEAUX, D. "The Grammatical Nature of the Acquisition Sequence: Adjoin-a and the Formation of Relative Clauses", in *Language Processing and Acquisition*, Kluwer, Dordrecht 1990.
- LE BIDOIS, G. & LE BIDOIS, R. (1968) *Syntaxe du Français Moderne, ses fondements historiques et psychologiques*, Éditions A. et J. Picard et Cie, Paris.
- LIGHTFOOT, D. (1989) "The Child's trigger experience: Degree-0 learnability", in "Behavioral and Brain Sciences", 12:2, p.321-334.
- LIGHTFOOT, D. (1991) *How to Set Parameters*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- LLORACH, E.A. (1970) *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Editorial Gredos, Madrid.
- LONGOBARDI, G. (1994) "Reference and proper names", in "Linguistic Inquiry", 25,4, p.609-665.
- LOPES, R. (1994) "Input, Seleção e Sintaxe Mínima", 46a. Reunião Anual da SBPC, em Vitória-ES, mimeo.
- LOPES, R. (1994) "O que a criança não nos diz - o lugar da empiria no modelo chomskyano", Encontro de Aquisição de Linguagem, Porto Alegre, RS, mimeo.
- MACWHINNEY, B. (1991) "The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk", Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, Hillsdale, New Jersey Hove and London.
- MANCARELLA, G. (1978) *Linguística Romanza*, Zanichelli, Bologna.
- MARTINS, A.M. (1994) *Clíticas na História do Português*, Tese de Doutorado, Lisboa.
- MAURER, T. (1968) *O infinito flexionado português*, EDUSP, São Paulo.
- MIGLIORINI, B. & BALDELLI, I. (1985) *Breve Storia della Lingua Italiana*, Sansoni Ed., Firenze (1964).

- MONEGLIA, M. & CRESTI, E. (1993) "Formazione dell'atto linguistico complesso e intonazione: l'ontogenesi delle relazioni informative in italiano", in Cresti, E & Moneglia, M. (orgs.) *Ricerche sull'acquisizione dell'italiano*, Bulzoni, Roma.
- NARO, A.J. & LEMLE, M. (1977) Syntactic diffusion, in *Ciência e Cultura* 29 (3), p. 259-268.
- NICOLAU, E. (1995) *As Propriedades de Sujeito Nulo e Ordem VS no Português Brasileiro*, tese de doutorado, UNICAMP.
- NISHIGAUCHI, T. & ROEPER, T. (1987) "Deductive Parameters and the Growth of Empty Categories", in Roeper, T. & Williams, E. (eds), *Parameter Setting*, op cit. p.91-121.
- NUNES, J. (1990) *O Famigerado Se*, dissertação de mestrado, UNICAMP.
- OCHS, E., SCHIEFFELIN, B and PLATT, M (1979) "Propositions across utterances and speakers", in Ochs, E. and Schieffelin, B. (eds) "Developmental Pragmatics", p. 251-268. New York: Academic Press.
- OUHALLA, J. (1991) *Functional Categories and parametric Variation*, Routledge, Londres.
- PAGOTTO, E. (1994) "A mesa está posta - A comida sem tempero - Falta uma história social do Português do Brasil", mimeo, UFSC.
- PIZZUTO, E. & CASELLI, M.C. (1993) "L'acquisizione della morfologia flessiva nel linguaggio spontaneo: evidenza per modelli innatisti o cognitivisti?", in Cresti, E. & Moneglia, M. (orgs.) *Ricerche sull'acquisizione dell'italiano*, Bulzoni, Roma.
- PIZZUTO, E. & CASELLI, M.C. (1992) "The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development", in "Journal of Child Language", 19, p. 491-557.
- POLLOCK, Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP", in *LI*, vol. 20, n.3.
- POSTAL, P. & PULLUM, G. (1988) "Expletive Noun Phrase in Subcategorized Positions", *Linguistic Inquiry*, 19, p.633-670.
- RADFORD, A. (1986) "Small Children's Small Clauses", in *Research Papers in Linguistics*, Department of Linguistic, University College of North Wales, Bangor, n. 1.
- RADFORD, A. (1990) *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*, Blackwell, Cambridge.
- RADFORD, A. (1992) "The Grammar of 'Missing Arguments' in Early Child English", in R. Tracy, *Who Climbs the Grammar-Tree*, Tübingen, Niemeyer.
- RAJAGOPALAN, K. (1982) *Negation ad Denial*, Tese de doutorado, PUC/SP.
- RAPOSO, E. (1986) "On the null object in European Portuguese", in Jaeggli, O. e Silva-Corvalán, C. (eds.) *Studies in romance Linguistics*, Foris Dordrecht.
- RENZI, L. & VANELLI, L. (1983) "I Pronomi Soggetto in alcune varietà romanze", in "Studi Pellegrini".
- RENZI, L. (1991) *Grande Grammatica italiana di consultazione*, (org. Renzi, L.), il Mulino, Bologna.
- RIBEIRO, I. (1995) *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de doutorado, UNICAMP.

- RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- RIZZI, L. (1986) "Null Objects in Italian and the Theory of Pro", in "Linguistic Inquiry" 17.
- RIZZI, L. (1988) "The new comparative syntax: principles and parameters of univesal grammar", mimeo.
- RIZZI, L. (1992) "Early Null Subjects & Root Null Subjects", in "GenGenP", Université de Genève, vol 0, n.1-2.
- RIZZI, L. (1994) "Some notes on linguistic theory and language developement: The case of root infinitives", mimeo, SISSA, Trieste.
- ROBERTS, I. (1993) *Verbs and Diachronic Syntax*, Kluwer, Dordrecht.
- ROBERTS, I. (1993) "O Português brasileiro no contexto das línguas româncias", in I. Roberts & M.Kato (orgs.) *Português Brasileiro*, Ed. UNICAMP, Campinas, p.409-421.
- ROHLFS, G. (1969) *Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi Dialetti, Sintassi e formazione delle parole*, Einaudi, 1969, Torino.
- ROEPER, T & WESSENBORN, J. (1990) "How to Make Parameters Work: Comments on Valian", in *Language Processing and Language Acquisition*, Kluwer, Dordrecht.
- ROEPER, T. & ROHRBACHER, B. (1994) "True Pro-Drop in Child English and the Principle of Economy of Projection", Workshop on the L1- and L2-Acquisition of Clause-Internal Rules, University of Berne, January 22.
- ROEPER, T & WILLIAMS, E. (1987) *Parameter Setting*, D. Reidel, Dordrecht.
- ROSSI, M.A. (1993) "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil", in Roberts, I. & Kato, M. (eds) *Português Brasileiro*, Editora da Unicamp.
- ROTHSTEIN, S. (1995) "Pleonastics and the Interpretation of Pronouns", in "Linguistic Inquiry", 26/3, p.499-529.
- SALVI/G. & VANELLI/L. (1992) *Grammatica Essenziale di Riferimento della Lingua Italiana*, Istituto Geografico De Agostini, Le Monnier, Firenze.
- SANTOS, R.S. (1995) *Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de sons preenchedores da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição da linguagem, tese de mestrado*, UNICAMP.
- SCOLLON, R. (1973) "A Real Early Stage: an Unzippered Condensation of a Dissertation on child Language". *Working Papers in Linguistics* 5(6), p.67-81.
- SEARLE, J. (1981) *Os actos de fala*, Livraria Almedina, Coimbra.
- SHIELDS, M. (1976) "Yes and No: A Study of Negation and Affirmation in Discourse of Children between three and five", in "Proceedings of the 4th International Congress of Applied Linguistics", Hochschul-Verlag, Stuttgart, p.451-465.
- SORIANO, O.F. (1989) Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle. In P.Branigan et alii (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 11, p.228-239.

- SPEAS, M. (1994) "Null Arguments in a Theory of Economy of Projection", in *Functional Projections*, UMOF 17, p.129-208.
- STOEL-CAMMON, C. & SCLAR CABRAL, L. (1976) "Emergence of the Reportative Function in Child Speech", in "Proceedings of the 4th International Congress of Applied Linguistics", Hochschul-Verlag, Stuttgart, p.389-398.
- STOWELL, T. (1981) *Origens of phrase structure*. PhD Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass.
- STOWELL, T. (1983) "Subjects across categories", *The Linguistic Review*, 2, p.285-312.
- STROIK, T. (1990) "Expletive Nps in Object-Position", in *Canadian Journal of Linguistics*, 35(1), p.13-27.
- TARALLO, F. (1986) "Creole Located in Time and Space", LSA Institute, CUNY, Nova Iorque, 1986, in I. Roberts, I & Kato, M. (orgs.), trad. V. Cerqueira, "Sobre a Alegada origem crioula do Português Brasileiro" in *Português Brasileiro*, Ed. da UNICAMP, Campinas, p.35-68.
- TARALLO, F. & ALKMIN, T. (1987) *Falares Crioulos*, Línguas em contato, Ática, São Paulo.
- TARALLO, F. & KATO, M. (1989) "Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralinguística", in "Preedição", 5, Unicamp, Campinas, p.315-353.
- TARALLO, F. (1990) *Tempos Linguísticos*, Ática, São Paulo.
- TARALLO, F. (1993) "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX", in I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*, Ed. da UNICAMP, Campinas, p.69-105.
- TEKAVCIC, P. (1980) *Grammatica Storica dell'italiano*, Morfosintassi II, Il Mulino, Bologna.
- TORIBIO, J. (no prelo) "Dialectal variation in the licensing of Null Referential and Expletive Subjects", in *Proceedings of the LSRL XXIV*.
- TORRES MORAES, M. A. (1993) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil, in I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Ed. da UNICAMP, Campinas, p.263-306.
- TORRES MORAES, M. A. (1995) *Do Português Clássico ao Português Moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- TSIMPLI, I. (1991) "On the Maturation of Functional Categories: Early Child Speech", mimeo.
- TURCO, E. (1979) "Grammatica e storia di Sì/No", in *La Grammatica, Aspetti Teorici e Didattici*, Bulzoni, Roma.
- URIAGEREKA, J. (1995) "An F Position in Western Romance", in K. É Kiss (ed), *Discourse Configurational Languages*, Oxford University Press, Oxford.
- VALIAN, V. (1986) "Syntactic Categories in the Speech of Young Children", in "Developmental Psychology", vol.22, n.4, p. 562-579.
- VALIAN, V. - (1990) "Null subjects: A problem for parameter-setting models of language acquisition", in *Cognition*, 35, p.105-122.
- VALIAN, V. (1990) "Logical and Psychological Constraints on the Acquisition of Syntax", in *Language Processing and Language Acquisition*, Kluwer, Dordrecht.

VALIAN, V. (1991) "Syntactic subjects in the early speech of American and Italian children", in *Cognition*, 40, p.21-81.

VANELLI, L. RENZI L. & BENINCA, P. (1985) "Typologie des pronoms sujets dans les langues modernes". "Actes du XVIIe Congrès International de Linguistic et Philologie Romaines". Vol.3, p.163-176.

WANG et Al. "Null Subject VS. Null Object: Some Evidence from the Acquisition of Chinese and English", *s/d*.

WEXLER, K & MANZINI, M (1987) "Parameters and learnability", in Roeper, T. & Williams, E. (eds) *Parameter Setting*. Dordrecht: D. Reidel.

WEXLER, K. (1992) "Optional Infinitives, Head Movement and the Economy of Derivations in Child Grammar", in D.Lightfoot & N.Hornstein (eds.) *Verb Movement*. Cambridge; Cambridge U.Press.

ZINGARELLI ,N. (1985) *Vocabolario della lingua italiana*, Zanichelli, Bologna.